

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LUIZ FELIPE COSTA CARVALHO

**O(s) perfil(is) dos pesquisadores em Educação Ambiental e suas trajetórias de pesquisa:  
um estudo a partir do banco de dados do Projeto EArte**

Ribeirão Preto  
2023

LUIZ FELIPE COSTA CARVALHO

**O(s) perfil(is) dos pesquisadores em Educação Ambiental e suas trajetórias de pesquisa:  
um estudo a partir do banco de dados do Projeto EArte**

**Versão original**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Departamento de Educação, Informação e Comunicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Profa. Dra. Clarice Sumi Kawasaki

Ribeirão Preto  
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Carvalho, Luiz Felipe Costa.

O(s) perfil(is) dos pesquisadores em Educação Ambiental e suas trajetórias de pesquisa: um estudo a partir do banco de dados do Projeto EArte / Luiz Felipe Costa Carvalho; orientadora: Clarice Sumi Kawasaki. – 2023.

238p.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2023.

1. Pesquisa em Educação Ambiental – 2. Perfil dos pesquisadores – 3. Trajetórias dos pesquisadores.

Nome: CARVALHO, Luiz Felipe Costa

Título: O(s) perfil(is) dos pesquisadores em Educação Ambiental e suas trajetórias de pesquisa:  
um estudo a partir do banco de dados do Projeto EArte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de  
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo para obtenção do  
título de Mestre em Educação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profa. Dra. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

À minha mãe, com todo o meu coração.!

## AGRADECIMENTOS

À Sumi, pelos ensinamentos, confiança, dedicação e paciência ao longo dessa jornada pela pesquisa.

Aos pesquisadores entrevistados, por cederem seu tempo e toparem participar da construção desta investigação.

Aos colegas de Pós-Graduação, especialmente Érica e Reinaldo, companheiros em todos os momentos desde o início deste trabalho.

Aos integrantes do Projeto EArte, em especial ao 'Grupo do Funil', por serem enormes pesquisadores e os melhores exemplos que um mestrando poderia ter.

À minha família, pelo apoio e suporte em todas as ocasiões.

Aos meus alunos, por renovarem sempre a minha vontade em seguir trilhando encontros pelas salas de aula.

Muito obrigado!

*“Água de beber  
Bica no quintal  
Sede de viver tudo  
E o esquecer  
Era tão normal que o tempo parava  
Tinha sabiá  
Tinha laranjeira  
Tinha manga rosa  
Tinha o Sol da manhã  
E na despedida  
Tios na varanda  
Jipe na estrada  
E o coração lá”*

*(Nelson Ângelo e Milton Nascimento)*

## RESUMO

CARVALHO, Luiz Felipe Costa. **O(s) perfil(is) dos pesquisadores em Educação Ambiental e suas trajetórias de pesquisa**: um estudo a partir do banco de dados do Projeto EArte. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2023.

Ao longo das últimas quatro décadas, e especialmente a partir da década de 2000, observamos um progressivo aumento das pesquisas realizadas em Educação Ambiental (EA). Assim, esse campo vem acumulando conhecimento produzido na forma de teses e dissertações e é nesse cenário que se encaixa este trabalho. A presente pesquisa está inserida no âmbito do Projeto EArte - Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil, e tem como objetivo traçar um perfil (ou perfis) dos pesquisadores em Educação Ambiental. Para tal, buscamos conhecer suas características pessoais, de formação inicial e continuada, profissionais, bem como suas trajetórias para e durante a pesquisa em EA. Para essa investigação, fizemos um levantamento dos pesquisadores que mais orientaram trabalhos presentes no banco, respeitando um parâmetro de, ao menos, 15 trabalhos orientados. Realizamos, posteriormente, sete entrevistas e estas constituíram o nosso objeto de análise. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que utilizou as técnicas de Análise de Conteúdo na leitura e estudo dos documentos obtidos. Após a exploração do material, construímos as nossas categorias: ‘memórias’, ‘trabalho’ e ‘concepções’. Apresentamos e discutimos os resultados a partir de trechos das falas dos pesquisadores e dos referenciais teóricos escolhidos, caracterizando o campo da EA e da pesquisa em EA e retratando aspectos que constituíram a trajetória e a carreira dos pesquisadores. Observando a pluralidade do campo, demonstramos, inicialmente, entre os entrevistados, três distintas formações iniciais, realização do doutorado na área da Educação e vínculos com instituições públicas de ensino superior. Apresentamos os processos de aproximação e identificação dos pesquisadores com a temática ambiental, os caminhos para institucionalização e a efetiva atuação como pesquisador, temas privilegiados e trabalhos desenvolvidos na área que caracterizam suas trajetórias enquanto pesquisadores, bem como suas concepções a respeito da questão ambiental, da pesquisa e do pesquisador em EA. Notamos, também, um forte engajamento e indissociabilidade entre a escolha da carreira e hábitos cotidianos, a importância do entendimento dos motivos e razões pelos quais atingimos o atual cenário de degradação ambiental e a busca por caminhos para uma justiça socioambiental. Dessa forma, procuramos delinear esse perfil, detalhando-o a partir das práticas e percepções dos pesquisadores e qualificando essa multiplicidade que caracteriza o campo.

Palavras-chave: Pesquisa em Educação Ambiental. Perfil dos pesquisadores. Trajetórias dos pesquisadores.



## ABSTRACT

CARVALHO, Luiz Felipe Costa. **The Profile(s) of Environmental Education Researchers and Their Research Paths: A Study Based on the EArte Project Database.** 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2023.

Over the last four decades, and especially since the 2000s, we have observed a progressive increase in the research carried out in Environmental Education (EE). Thus, this field has been accumulating knowledge produced in the form of theses and dissertations and it is within this scenario that this work fits. This research is set in the context of the EArte Project - State of Art of Research in Environmental Education in Brazil - and aims to draw a profile (or profiles) of researchers in Environmental Education. To this end, we sought to understand their personal characteristics, the characteristics of their initial and continuing training, and their professional characteristics, as well as their trajectories towards and during their EA research. To develop this investigation, a survey was carried out of the researchers who supervised the most work present in the bank, respecting a parameter of at least fifteen supervised works. We carried out, subsequently, seven interviews, which constituted our object of analysis. This is a qualitative research that used Content Analysis techniques to read and study the documents obtained. After exploring the material, we built our categories: 'memories', 'work' and 'conceptions'. We presented and discussed the results based on the exposition of excerpts taken from the researchers' interviews and from the chosen theoretical references, characterizing the field of EA and research in EA, and portraying aspects that constituted the trajectories and careers of the researchers. Observing the plurality of the field, we initially demonstrated, among the interviewees, three different initial trainings, completion of a doctorate degree in the area of Education and links with public higher education institutions. We presented the researchers' processes of moving toward and identifying themselves with the topic of the environment, the paths that led them to their current positions in their institutions and to their actual performances as researchers, the work they have developed in the area and their favored themes that characterize their trajectories as researchers. as well as their conceptions regarding EE research, researchers, and the issue of the environment. We also noted a strong engagement and inseparability between one's career choice and one's daily habits, the importance of understanding the reasons why we have reached the current scenario of environmental degradation and the importance of searching for paths to socio-environmental justice. In this way, we seek to outline this profile, detailing it based on the practices and perceptions of researchers and qualifying this multiplicity that characterizes the field.

Keywords: Research in Environmental Education. Profile of researchers. Researchers paths.

## LISTA DE SIGLAS

ANPPAS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EA	Educação Ambiental
EArte	Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
EPEA	Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental
ES	Ensino Superior
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FIOCRUZ	Fundação Osvaldo Cruz
GE	Grupos de Estudos
GT	Grupos de Trabalho
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IC	Inteligência Competitiva
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IES	Instituição de Ensino Superior
IFSP	Instituto Federal de São Paulo
LP	Linhas de Pesquisa
ONGs	Organizações não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
PPG	Programa de Pós-Graduação
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SciELO	Scientific Electronic Library Online
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEPB	Universidade Federal da Paraíba
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIFEI	Universidade Federal de Itajubá
UNIMEP	Universidade Metodista de Piracicaba
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>PESQUISAS SOBRE O(S) PERFIL(IS) DE PESQUISADORES E OUTROS SUJEITOS DE PESQUISA.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1</b>	<b>Trabalhos sobre o perfil de pesquisadores.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2</b>	<b>Trabalhos sobre trajetórias de pesquisadores.....</b>	<b>26</b>
<b>3</b>	<b>OS CAMINHOS DA PESQUISA.....</b>	<b>32</b>
<b>3.1</b>	<b>Abordagem qualitativa da pesquisa educacional.....</b>	<b>32</b>
<b>3.2</b>	<b>A pesquisa sobre o(s) perfil(is) dos pesquisadores autores das teses e dissertações do Banco EArte.....</b>	<b>35</b>
<b>3.3</b>	<b>A pesquisa com orientadores das teses e dissertações do Banco EArte.....</b>	<b>36</b>
<b>3.3.1</b>	<b>Entrevistados e entrevistas.....</b>	<b>36</b>
<b>3.3.2</b>	<b>Análise das entrevistas.....</b>	<b>38</b>
<b>4</b>	<b>O PROJETO EARTE E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....</b>	<b>40</b>
<b>4.1</b>	<b>A pesquisa em Educação Ambiental no Brasil.....</b>	<b>40</b>
<b>4.2</b>	<b>O campo da pesquisa em Educação Ambiental.....</b>	<b>42</b>
<b>4.3</b>	<b>O Projeto EArte – Estado da Arte da pesquisa em Educação Ambiental.....</b>	<b>44</b>
<b>5</b>	<b>O CAMPO DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O SUJEITO ECOLÓGICO.....</b>	<b>47</b>
<b>5.1</b>	<b>A noção de campo e de habitus na perspectiva de Pierre Bourdieu.....</b>	<b>47</b>
<b>5.2</b>	<b>O ‘sujeito ecológico’ e a Educação Ambiental.....</b>	<b>50</b>
<b>6</b>	<b>O(S) PERFIL(IS) DOS PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUAS TRAJETÓRIAS DE PESQUISA.....</b>	<b>54</b>
<b>6.1</b>	<b>Os pesquisadores autores de teses e dissertações do Banco do Projeto EArte.....</b>	<b>54</b>
<b>6.2</b>	<b>Os orientadores de teses e dissertações do Banco do Projeto EArte.....</b>	<b>58</b>
<b>6.2.1</b>	<b>“Memórias” .....</b>	<b>60</b>
<b>6.2.2</b>	<b>“Trabalhos” .....</b>	<b>68</b>
<b>6.2.3</b>	<b>“Concepções” .....</b>	<b>80</b>
<b>7</b>	<b>ALGUMAS CONCLUSÕES.....</b>	<b>87</b>
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS E IMPLICAÇÕES PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....</b>	<b>90</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>82</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>96</b>

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	96
APÊNDICE B – Roteiro semiestruturado para entrevista.....	98
APÊNDICE C – Transcrição das entrevistas.....	99

## 1 INTRODUÇÃO

O desenfreado modelo de crescimento tecnológico e industrial e a, dele decorrente, sociedade de consumo, apresentam-se como responsáveis por diversas modalidades de agressões e alterações ao ambiente natural e aos ambientes construídos pelo homem. Este cenário, desenvolvido ao longo de um processo histórico, coloca fortemente a natureza como fonte de recursos a serem explorados.

Segundo Tozoni-Reis (2008, p. 1), a atividade transformadora do homem em sua relação com a natureza mostra-se cada vez mais predatória. A autora aponta que a década de 1960 pode ser considerada como referência para a origem das preocupações com a degradação do ambiente e é a partir desse momento que o movimento ambientalista começa a se estruturar. Nas últimas décadas, sobretudo, testemunhamos desdobramentos decorrentes dessa conflituosa relação entre homem e natureza, em um modelo que, de forma desproporcional, mais traz problemas do que aponta soluções. São situações marcadas pelo conflito, destrutividade e esgotamento, que se expressam no desejo ilimitado e exponencial de crescimento econômico. No Brasil, apesar das iniciativas do movimento ambientalista na décadas de 1950 e 1960, é a partir de 1970 que eles surgem com maior expressão, acompanhando uma tendência de crescimento presente também em outros países (Junqueira, 2016). Entre diferentes fases e perspectivas nesse movimento, Gonçalves (1990), ao falar sobre algumas bandeiras do movimento ambientalista, pontua sua participação em diversas lutas, tais como:

[...] extinção de espécies, desmatamento, uso de agrotóxicos, urbanização desenfreada, explosão demográfica, poluição do ar e da água, contaminação de alimentos, erosão dos solos, diminuição das terras agricultáveis pela construção de grandes barragens, ameaça nuclear, guerra bacteriológica, corrida armamentista, tecnologias que afirmam a concentração do poder, entre outras (Gonçalves, 1990, p. 12).

Os espaços de combate alertados pelo autor ajudavam a descrever, há mais de trinta anos, o cenário de emergência ambiental que atravessávamos, e é desolador concluir que, apesar de avanços, as colocações e as batalhas da época soam tão atuais.

No Brasil, podemos apontar o desenvolvimento da Educação Ambiental (EA) a partir das décadas de 1970 e 1980. Influenciada por movimentos ambientalistas nacionais e internacionais, surge como um campo complexo, plural e diverso, composto por um arcabouço de atores e setores sociais que, direta ou indiretamente, exerceram influência em seus rumos como: os organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e

organismos financeiros associados; os sistemas governamentais de meio ambiente nas esferas federal, estadual e municipal; as associações, os movimentos e as Organizações não Governamentais (ONGs) ambientalistas representantes da sociedade civil organizada; as instituições científicas, educacionais ou religiosas; e as empresas de algum modo envolvidas com o financiamento ou desenvolvimento de ações educativas voltadas ao meio ambiente. Sabe-se, no entanto, que essas influências não se exerceram de modo homogêneo nem com a mesma intensidade em diferentes países. No caso brasileiro, foram, sobretudo, decisivas no primeiro momento de sua constituição, as pressões dos organismos internacionais sobre o governo para instituir órgãos e políticas públicas ambientais, a ação da sociedade civil por intermédio de movimentos sociais e das ONGs e as iniciativas pontuais e pioneiras de escolas e educadores inspirados por essa motivação renovadora (Lima, 2009).

É nessa convergência entre movimentos ambientalistas e articulação política que emerge a Educação Ambiental (EA). De acordo com Carvalho (2004, p. 51)

[...] a Educação Ambiental é parte do movimento ecológico. Surge da preocupação da sociedade com o futuro da vida e com a qualidade da existência das presentes e futuras gerações. Nesse sentido, podemos dizer que a EA é herdeira direta do debate ecológico e está entre as alternativas que visam construir novas maneiras de os grupos sociais se relacionarem com o meio ambiente.

Para enfrentar a crise ambiental que se agrava a cada dia, são necessários esforços para aquisição de novos conhecimentos e sua disseminação, para que assim ocorra uma mudança de pensamentos, posicionamentos, atitudes e hábitos. Propostas e ações de desenvolvimento que superem desigualdades não apenas materiais, mas também sociais e ambientais urgem em serem buscadas nas mais diversas esferas da sociedade. Nesse contexto, é permanente a procura de alternativas educacionais que busquem o entendimento e o desenvolvimento da questão ambiental de forma mais ampla, procurando agregar práticas que auxiliam no entendimento de limites e possibilidades de melhoria na qualidade do ambiente e, conseqüentemente, na qualidade de vida (Carvalho *et al.*, 2016).

Em um modelo de produção e desenvolvimento que deteriora o ambiente como um todo, é essencial entender e problematizar as causas que criam esse cenário. Assim, é possível pensar em transformar comportamentos e minimizar o alarmante quadro de degradação ambiental que vivemos. De acordo com Carvalho (2000), encontrar uma harmonia, um equilíbrio, entre estilos de vida e os limites do suporte e da regeneração do ambiente é um dos grandes desafios atuais.

Em um contexto econômico que exige mudanças, a educação é um importante veículo. Através dela, podemos desenvolver e promover valores, ideias, sensibilidades e atitudes

favoráveis à preservação do meio ambiente. Processos educativos são considerados como detentores de grande potencial ao instigar mudanças e colaborar para a transformação desse histórico e atual quadro de degradação ambiental, buscando construir relações que valorizem a vida. Por meio da educação, busca-se, então, promover uma socialização pró-ambiente, com o intuito de explorar suas funções de reprodução cultural naquilo que a herança cultural valoriza: a vida humana, social e natural, e de transformação cultural daqueles aspectos da tradição e da cultura dominantes que produzem processos de degradação da vida social e ambiental (Carvalho, 2006; Lima, 2009).

Propostas em Educação Ambiental podem influenciar diretamente na percepção sobre como todos estamos conectados ao ambiente. A mudança na relação sociedade-natureza demanda um trabalho contínuo para entendermos que somos a natureza e não apenas parte dela. A recusa em compreender que a nossa sobrevivência ocorre em conjunto com as outras espécies, coabitando o planeta, apenas mantém essa dicotomia, agrava esse cenário e adia soluções. Assim, a degradação ambiental de maneira desenfreada reflete claramente a nossa própria degradação.

Compreender e discutir esses impactos, buscando uma conscientização cada vez maior, implica reflexões sobre a relação sociedade-natureza e, sobretudo, ações. Ações em diferentes espaços sociais, incluindo, naturalmente, o contexto educativo. Observa-se que a Educação Ambiental compreende um espaço pedagógico multidimensional, abordando a constituição de relações entre indivíduo, sociedade, natureza e educação. Assim sendo, análises e aportes teóricos mais elaborados foram sendo desenvolvidos a partir da complexidade desse universo (Layrargues; Lima, 2014).

A Educação Ambiental apresentou e segue apresentando um crescimento no país, acompanhado também pelo avanço da pesquisa nessa área de conhecimento, sobretudo a partir da década de 2000. A pesquisa em EA cresce a partir de debates envolvendo questões ambientais e a discussão que se estabelece entre aspectos e atores envolvidos nesse campo. O surgimento e a ampliação de periódicos especializados, encontros de pesquisa, grupos de trabalho em congressos marcam, também, esse desenvolvimento. O processo de consolidação e institucionalização da Educação Ambiental no país contribui, assim, para uma série de atividades em educação formal e educação não formal, em contextos escolares e não escolares, e também na pesquisa, não acadêmica e acadêmica, a última, em especial, com relevante avanço nas últimas duas décadas. Neste contexto, construímos esta investigação.

De acordo com Carvalho (2015, p. 15) a “pesquisa em EA vem se consolidando em diferentes regiões e países”. Assim, “podemos considerar que, hoje, temos já uma produção



bibliográfica significativa, tanto do ponto de vista numérico quanto de sua diversidade temática, epistemológica, metodológica, e [...] geográfica” (Carvalho, 2015, p. 15).

Em meio a essa crescente e significativa produção, Sato (2002), ao tratar sobre a pesquisa em EA, já levantava a questão de que “precisamos definir a identidade de quem atua na área da educação ambiental” e que “não temos dúvidas de que a EA exige um debate sobre suas bases de sustentação, com aberturas epistemológicas que confirmam seu alto poder de diversidade e interfaces que a sua própria natureza requer” (Sato, 2002, p. 24).

Como anteriormente apontado, a origem da EA nos movimentos ambientalistas nas décadas de 1960 e 1970, passando por diferentes fases, consolidando-se em termos legais a partir da década de 1990, e as recomendações e estratégias traçadas nas conferências intergovernamentais sempre em caráter interdisciplinar e pluridimensional, certamente convergem para tornar múltiplo esse campo e para que ele apresente, naturalmente, múltiplos autores e atores. Diante do fato de a Educação Ambiental se constituir como um campo de pesquisa interdisciplinar com uma produção bibliográfica significativa abarcando uma grande diversidade de temas, e oriundas de variadas áreas do conhecimento e saber, torna-se relevante indagar: *quem são e como atuam os agentes que produzem esses conhecimentos?*

Assim, o objetivo principal dessa pesquisa é traçar um perfil (ou perfis) dos pesquisadores em Educação Ambiental, buscando conhecer suas características pessoais, de formação inicial e continuada, profissionais, bem como suas trajetórias para e durante a pesquisa em EA, observando memórias, motivações e concepções no intuito de compreender o “como” e o “porquê” desses pesquisadores trilharem estes percursos.

Caracterizar o perfil do pesquisador em Educação Ambiental não é tarefa fácil. Porém, a multiplicidade de contextos e sujeitos que estão presentes e atuando nessa área de pesquisa, torna este trabalho instigante e desafiador.

Na empreitada em ouvir os pesquisadores, sistematizar algumas de suas ideias e construir este texto, me identifiquei em certos momentos com diferentes falas. Ouvindo sobre suas trajetórias e caminhos, sempre permeados de escolhas, naturalmente, foi ficando mais concreto em mim o entendimento de que a Biologia e, posteriormente, a escola, foram os caminhos escolhidos para que eu pudesse me conectar com algo que ecoava internamente, ou seja, a ideia de um futuro profissional e pessoal no qual eu estivesse sempre em contato com outras pessoas, ouvindo, conhecendo, escutando e promovendo trocas, a partir de uma ciência que agrega e converge aspectos pelos quais sempre me interessei, como, por exemplo, a temática ambiental. Dessa forma, passei pelos aprendizados da graduação e, desde então, pelo universo das salas de aula. Nelas, muita coisa construí e continuo buscando caminhos.

O pesquisador, no entanto, que ao longo dessa jornada foi crescendo em mim, teve uma breve vivência de iniciação científica e grupo de pesquisa, mas logo após o diploma, escondeu-se e permaneceu assim por alguns anos. Porém, acordou, por assim dizer, a partir de inquietações que a rotina na escola ajudou a formular, mas não ajudou a responder. Ainda não sei dizer, no entanto, se tenho tais respostas, mas entendo que agreguei muitos aspectos importantes para esclarecimentos mais aprimorados e apropriados. Na pesquisa em si, entendo que foi um presente do universo poder realizá-la a partir de conversas com pesquisadores. Agora, quando disser que ‘gosto de gente’, expressão que frequentemente utilizo quando questionam o porquê escolhi ser professor, posso, inclusive, completar dizendo que isso faz tão parte de mim que até na pós-graduação fui ‘fazer pesquisa pesquisando pesquisadores’. Não soa belo, mas tudo bem. A beleza está mesmo nas pessoas, nas suas imperfeições, incompletudes e que como tudo isso se combina entre nós e com o mundo. Se, como disseram, ‘a vida é a arte do encontro embora haja tanto desencontro pela vida’, que você que lê este texto se encontre aqui de alguma maneira, com a proposta, com a temática, com os pesquisadores, ou, simplesmente, com mais uma entre tantas leituras.

Nesta introdução, apresentamos o contexto geral relacionado à temática na qual está inserida a nossa investigação, apontando caminhos e motivações para a pesquisa, bem como, a questão norteadora e os objetivos que traçamos para este trabalho.

No segundo capítulo, “Pesquisas sobre o(s) perfil(is) de pesquisadores e outros sujeitos de pesquisa”, realizamos uma revisão da literatura sobre o objeto de estudo em questão.

No terceiro capítulo, “Os Caminhos da Pesquisa”, apresenta-se o percurso metodológico desta pesquisa que se situa em uma investigação qualitativa na pesquisa em Educação, além dos procedimentos metodológicos adotados no recorte documental escolhido, nas entrevistas e sujeitos escolhidos para esta pesquisa, bem como os procedimentos de análise à luz de referenciais teóricos.

No quarto capítulo, “O Projeto EArte e a Pesquisa em Educação Ambiental”, apresentamos os aspectos que marcam tal campo de pesquisa, sua construção, crescimento e seu movimento de consolidação. Nesse contexto, situamos o Projeto EArte, no qual a pesquisa está inserida.

No quinto capítulo, “O campo da pesquisa em Educação Ambiental e o Sujeito Ecológico”, são apresentados os referenciais teóricos de análise desta pesquisa, desenvolvendo as ideias de campo científico de Bourdieu (1983a; 1983b; 2003; 2006) e de sujeito ecológico de Carvalho (2001a; 2004; 2005).

No sexto capítulo, “O(s) perfil(is) dos pesquisadores em Educação Ambiental”, discutimos os resultados do levantamento realizado com autores de teses e dissertações e, em seguida, as entrevistas com os principais orientadores de teses e dissertações do Banco EArte.

Por fim, as conclusões sobre os resultados são apresentadas no sétimo capítulo, enquanto as considerações finais e implicações desta pesquisa para a pesquisa em EA constam no último e oitavo capítulo.

## **2 PESQUISAS SOBRE O(S) PERFIL(IS) DOS PESQUISADORES E OUTROS SUJEITOS DE PESQUISA.**

### **2.1 Trabalhos sobre perfil de pesquisadores**

Distintos campos de conhecimento também têm realizado pesquisas desse tipo que, dentre seus objetivos mais gerais, procuram identificar e realizar um mapeamento de aspectos que caracterizam os sujeitos que produzem conhecimentos em seus respectivos domínios.

Em relação a esses estudos na área da EA, elencamos três trabalhos que nos auxiliaram a escolher os critérios na busca por traçar o perfil de pesquisadores (Kawasaki; Matos; Motokane, 2006; Carvalho; Schmidt, 2008; Silva, 2011). Estas pesquisas observaram os pesquisadores inscritos em eventos de pesquisa na área, tais como o Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA) e a Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Entretanto, as pesquisas supracitadas apresentam objetivos diferentes e procedimentos distintos de busca por características, diferenciando naturalmente aquelas escolhidas para mapear os sujeitos.

Em Kawasaki, Matos e Motokane (2006), a investigação buscou caracterizar o perfil do pesquisador em Educação Ambiental, realizando a investigação a partir dos participantes envolvidos no I EPEA. As informações foram obtidas a partir dos formulários de inscrição e também dos currículos presentes na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). No trabalho, as principais características analisadas foram gênero, formação acadêmica, atuação profissional, atuação em pesquisa, distribuição geográfica e faixa etária. A pesquisa demonstrou que não há um perfil único para o pesquisador em EA, mas apresentou alguns destaques: há um predomínio de pesquisadores do sexo feminino, da Região Sudeste, especialmente do estado de São Paulo, na faixa etária entre 20 e 30 anos. Em relação à graduação, predomina a formação em Ciências Biológicas e, para a atuação profissional, predomina a atuação como docente.

Silva (2011), em pesquisa similar, analisou os anais dos eventos da ANPEd Nacional e da ANPEd Sul realizados entre 2004 e 2008, buscando investigar os autores e a incidência dos trabalhos de pesquisa em Educação Ambiental, além de identificar os autores mais citados nas bibliografias dos artigos contidos nos anais dos referidos eventos e, ainda, identificar correntes ambientalistas abordadas nos trabalhos e os focos temáticos dos artigos e a sua relação com as correntes de EA. A partir do levantamento dos trabalhos, os artigos foram posteriormente categorizados segundo os objetivos já expostos. Foram mapeadas 15 diferentes correntes como,

por exemplo, naturalista, sistêmica, científica e moral/ética. Em relação aos focos temáticos, a pesquisa encontrou cinco, entre eles, formação de professores e currículos e programas.

Já Carvalho e Schmidt (2008), em pesquisa também semelhante, buscaram traçar o perfil do pesquisador em Educação Ambiental realizando uma investigação a partir dos seguintes eventos acadêmicos: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa Ambiente e Sociedade (ANPPAS) e os já citados ANPED e EPEA, entre 2001 e 2006. A pesquisa caracterizou os autores dos trabalhos apresentados segundo gênero, titulação, vínculo com Instituição de Ensino Superior (IES) e região do Brasil dessas instituições. O levantamento dos trabalhos foi realizado com base nos anais dos referidos eventos e a análise posterior trouxe os resultados a seguir: a investigação constatou uma presença predominante de doutores e doutorandos sobre mestres e mestrandos; do gênero feminino sobre o masculino; maior vinculação das instituições públicas de ensino superior sobre as instituições privadas e, por fim, maior incidência de pesquisadores das regiões Sudeste e Sul em relação a outras regiões do país.

Os três estudos citados descrevem os pesquisadores a partir de categorias como gênero, formação e atuação profissional. Apenas um deles, no entanto, utiliza a plataforma Lattes como fonte para obtenção dos dados. Em relação aos pesquisadores participantes da pesquisa, os estudos apresentam em comum o fato de analisarem encontros de pesquisa como o EPEA e o ANPED. Nos resultados, observamos dados que demonstram um perfil plural e diverso, o que, pelas investigações já realizadas, caracteriza a área.

Estas investigações trazem importantes contribuições para a Educação Ambiental, realizando um mapeamento da produção acadêmica, ampliando discussões acerca da pesquisa em EA e aprofundando temas nesse campo, trazendo perspectivas nas quais nos apoiamos para a realização deste trabalho.

Buscando pesquisas em outras áreas, realizamos um levantamento a partir do termo “perfil dos pesquisadores” em títulos e resumos, utilizando a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), e também o portal *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), observando dezenas de trabalhos. Após a leitura dos títulos e a exclusão de trabalhos que tratavam sobre “o perfil da pesquisa”, selecionamos 36 trabalhos envolvendo diferentes áreas do conhecimento. Tal revisão da literatura permitiu conhecer os objetos, questões de pesquisa, abordagens metodológicas e resultados dessas pesquisas, que permitiram um delineamento maior desta pesquisa.

Há uma diversidade de publicações que visam descrever e analisar o perfil dos pesquisadores nas mais diversas áreas de estudo. Alguns, por exemplo, avaliam aspectos

sociodemográficos, enquanto outros utilizam variáveis atreladas ao processo de formação. Para isso, fazem uso de inúmeras técnicas e instrumentos de coleta de dados, principalmente a análise documental por meio da avaliação do currículo Lattes dos pesquisadores. A seguir, serão apresentados estudos de relevância acerca da temática em questão. Essa breve revisão traz trabalhos que investigaram o perfil dos pesquisadores em diferentes áreas, utilizando diferentes metodologias, como análises a partir do currículo Lattes, questionários ou obtenção de informações junto à própria instituição.

O trabalho desenvolvido por Estevam (2007) buscou traçar um perfil dos pesquisadores a nível de pós-graduação, considerando egressos do programa de Pós-Graduação (PPG) em Educação Escolar nível Mestrado e Doutorado da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (UNESP), da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara (SP). Para levantar os dados e traçar tais perfis, foram utilizadas informações obtidas junto à própria Instituição. O estudo possibilitou apreender que, do total dos sujeitos incluídos, 21 (58%) são mestres e 15 (42%) são doutores; 31 (86%) são do gênero feminino e apenas cinco (14%) do gênero masculino, o que revela predomínio do gênero feminino. As idades dos sujeitos variam entre 24 a 64 anos, num total de oito solteiros, 23 casados, três divorciados e dois separados. Quanto a sua origem, a maioria vem de cidades do estado de São Paulo, o que, provavelmente, se deve a localização mais próxima da Universidade. Atualmente, dos que trabalham, 19 o fazem em instituições públicas e 12 em instituições de natureza privada, enquanto três destes sujeitos encontram-se desempregados. No que se refere à trajetória acadêmica considerando o Ensino Fundamental (EF), Ensino Médio (EM) e Ensino Superior (ES), observa-se que a maioria frequentou escolas públicas, apenas dois estudaram em escola privada no EF, oito no EM e nove no ES. Estes dados são extremamente relevantes, uma vez que a escola pública na trajetória de estudo do EF e EM desses indivíduos concretamente cumpriu a sua função em nossa sociedade, promovendo o êxito e o ingresso destes sujeitos na Pós-Graduação. Em relação aos egressos do Doutorado, é significativo o percentual de sujeitos que optou pelo mesmo para se tornar pesquisador, o que remete à ideia de que as pessoas desejam e buscam trabalhar sobre conhecimentos fundamentados na pesquisa, o que é um dos valores que emergem nos nossos dados (Estevam, 2007).

Em pesquisa semelhante, Estevam e Guimarães (2011) realizaram uma investigação no intuito de conhecer o perfil dos alunos egressos do PPG em Educação *stricto sensu*, nível Mestrado, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), observando os impactos na formação docente. Para tal, desenvolveu-se um estudo a partir de uma pesquisa populacional com informações obtidas junto à própria Instituição. Assim, participaram 39 sujeitos, dos quais 31

(79%) são do gênero feminino e apenas oito (21%) do gênero masculino. Em relação à inserção no mercado de trabalho, 25 o fazem em instituições públicas, 16 em instituições privadas e dois destes sujeitos são autônomos. Já sobre o seu processo formativo, 23% dos sujeitos obtiveram sua formação em Instituições particulares, enquanto 77% em instituições públicas, sendo que 3% caracterizam sua formação em esfera filantrópica, 8% estadual e 66% federal. No que se refere aos cursos de Pós-Graduação nível *lato sensu* (especialização), 25 egressos possuem algum tipo de pós-graduação, alguns com mais de três, sendo que a maioria dos cursos está ligada à área da educação. Em relação ao objeto de estudo do curso de Mestrado, a maioria gasta cerca de dois anos para concluí-lo. De acordo com os autores, percebe-se que quando uma profissão, disciplina ou curso se “feminiza”, passa a ocupar um lugar menos privilegiado que outras profissões. Este é o caso da educação, aceita como uma extensão do trabalho feminino. Isto se deve, em parte, à sociedade que, como se sabe, é enraizadamente patriarcal, portanto, enquanto tendência histórica, os homens ocupam as posições e as profissões mais distintas e privilegiadas social e economicamente (Estevam; Guimarães, 2011).

A pesquisa desenvolvida por Job (2006) buscou investigar o perfil dos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano (PPGCMH) da Escola de Educação Física (EsEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), observando as linhas de pesquisa nas quais atuam e também suas respectivas graduações. Os dados foram obtidos através de um questionário enviado aos professores, tendo como base a lista fornecida pela secretaria do PPGCMH. O questionário foi respondido por 13 dos 16 professores do quadro. Para completar as informações sobre os grupos de pesquisa e formação acadêmica buscou-se o sítio do CNPq, o Currículo Lattes e o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil. Destaca-se a predominância das linhas de pesquisas de atividade física e *performance* (31%) e atividade física e saúde (26%). Juntas, representam 57%, revelando a predominância de projetos de pesquisas relacionados ao movimento humano, seus efeitos preventivos, de reabilitação de doenças, com aprendizagem, treinamento e *performance* motora. A linha de pesquisa voltada à formação de professores e prática pedagógica é a de menor representação, com apenas 4%. O resultado da aplicação do questionário indicou que, dos 16 professores do PPGCMH, a maioria (13) concluiu a graduação em licenciatura em educação física; enquanto um cursou medicina, um psicologia e um engenharia. Do total, 14 realizaram o mestrado e dois não, mas cursaram o doutorado. Os 16 professores realizaram o doutorado, mas, curiosamente, nenhum sob a denominação “educação física”. Realizar tais estudos possibilita visualizar quais as disciplinas que realmente contribuíram para a formação dos pesquisadores e que, conseqüentemente, são

formadoras do campo. Ainda, demonstram um componente interdisciplinar do grupo analisado (Job, 2006).

Em estudo realizado por Hannel (2008), o intuito foi traçar o perfil dos pesquisadores doutores na área de Ciência da Computação da UFRGS. Para coletar os dados, foram utilizados 12 currículos Lattes, no formato XML, de pesquisadores da referida instituição, identificados pelo conjunto {P1, P2, ..., P12}. Em síntese, foram extraídas dos currículos Lattes informações como: “Formação Acadêmica” (três pós-doutorados, 12 doutorados, 11 mestrados, uma especialização e 14 graduações); “Publicações” (17 livros, 26 capítulos de livros, 79 journal e 701 proceeding); “Disciplinas Ministradas” (67 para mestrado e doutorado, cinco para especialização e 132 para graduação); “Orientações Concluídas” (21 em pós-doutorado e doutorado, 10 em especialização e 127 em graduação) e “Projeto de Pesquisa” (22 como coordenador e 47 como colaborador) (Hannel, 2008).

Na mesma perspectiva, Coury e Vilella (2009) realizaram uma investigação para caracterizar o perfil do pesquisador fisioterapeuta com doutorado, em relação às instituições nas quais realizaram a graduação. Para tanto, foram consultados individualmente todos os currículos dos pesquisadores da área, disponíveis na Plataforma Lattes do CNPq, assim como as estatísticas sobre produção científica disponíveis em páginas do site do CNPq. O sistema de busca de currículos da Plataforma Lattes possui um recurso que permite efetuar buscas aplicando-se um filtro por formação acadêmica de graduação. Dessa forma, pode-se apreender que os pesquisadores titulados realizaram seus cursos de graduação principalmente na região Sudeste do país, sobretudo na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) (71), na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) (46), na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) (35) e na UNESP (31). As demais instituições apresentaram valores inferiores a 25. Já na região Sul, os doutores obtiveram a graduação, sobretudo, na Universidade Estadual de Londrina (UEL) (41) e na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (24). Na região Nordeste, os doutores graduaram-se em Fisioterapia, principalmente na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (15) na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) (25) e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) (9). Os pesquisadores formados tiveram como principal local de atuação as universidades privadas (50% dos pesquisadores) e públicas (37,2%). Uma pequena quantidade se fixou em hospitais (1,5%) ou órgãos públicos (0,7%), e nenhum em instituto de pesquisa. Isso sugere que existe um grande mercado de trabalho potencial a ser explorado pelos fisioterapeutas titulados (Coury; Vilella, 2009).

Ainda acerca do perfil dos pesquisadores brasileiros, o estudo de Oliveira *et al.* (2011) teve como objetivo descrever as características demográficas e a produção acadêmica dos



pesquisadores bolsistas em Medicina do CNPq, cuja principal área de atuação seja centrada em Nefrologia ou Urologia. Para o desenvolvimento da investigação científica, foi utilizada a relação dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq (PQ), na área de medicina, com bolsas ativas no triênio de 2006 a 2008. Após a identificação dos mesmos, foram consultados os currículos Lattes de todos os pesquisadores para cada uma das categorias existentes no CNPq: 1 A, 1 B, 1 C, 1 D e categoria 2. De um total de 411 pesquisadores em Medicina registrados como bolsistas de produtividade científica do CNPq, 39 (9,5%) foram identificados como da área da Nefrourologia, dos quais apenas 3 (0,73%) foram identificados como pesquisadores na área de Urologia. Dentre as 30 áreas de atuação identificadas, a Nefrourologia foi responsável pelo maior percentual. Entre os 39 pesquisadores, houve uma predominância do gênero masculino (74,4%) e de bolsistas na categoria 2 (56,4%). Não houve diferença significativa na distribuição de categorias entre os gêneros ( $p = 0,52$ ). Três estados da federação são responsáveis por aproximadamente 90% dos pesquisadores: São Paulo (28; 71,8%), Rio Grande do Sul (4; 10,3%) e Minas Gerais (3; 7,7%). Em relação à instituição de origem, os pesquisadores da Nefrourologia se distribuem por 13 diferentes instituições no país, porém, quatro instituições são responsáveis por aproximadamente 70% dos pesquisadores: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) (14; 36%), Universidade de São Paulo (USP) (8; 20,5%), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (3; 7,7%) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (3; 7,7%) (Oliveira *et al.*, 2011).

Já o estudo de Minowa (2016) objetivou conhecer o perfil dos grupos de pesquisa que tratam da Promoção da Saúde no Brasil, buscando traçar um panorama da pesquisa nessa área. Para tal, inicialmente, realizou-se a busca a partir dos dados disponíveis no Diretório de Grupos de Pesquisa CNPq. Dessa forma, foi possível apreender que as duas regiões que concentraram a maioria dos grupos de pesquisa foram Sudeste e Nordeste. Na primeira, está quase metade dos grupos da amostra, sendo que cerca de 20% do total está apenas no estado de São Paulo. As instituições que se destacaram foram a Fundação Osvaldo Cruz (FIOCRUZ), no Rio de Janeiro, e a USP, em São Paulo, sediando 11 e dez grupos de pesquisa, respectivamente. No Nordeste, o estado do Ceará abriga quase metade dos grupos de pesquisa da amostra da região, sendo seis somente na Universidade Federal do Ceará (UFC). Os estados de Pernambuco e Bahia apareceram em seguida em número de grupos, respectivamente com cinco e quatro grupos de pesquisa. Foram identificadas 51 instituições diferentes que abrigam os grupos de pesquisa da amostra. Dessas instituições, 38 são de natureza pública (25 universidades federais, 12 universidades estaduais e uma fundação de caráter federal) e 13 são de caráter privado (10 universidades, dois centros universitários e uma faculdade). Observou-se, também, que a

maioria dos líderes de grupos (72%) está vinculada a universidades, com a mesma ordem de proporção (federal, estadual e privada). Neste estudo também foi possível identificar uma predominância da área da Saúde Coletiva, seguida pela Enfermagem. Pelo fato de concentrarem a maior parte dos grupos de pesquisa da amostra, as regiões Sudeste e Nordeste, conseqüentemente, apresentaram a maioria dos grupos nas subáreas: metade dos grupos de Saúde Coletiva (26) estão na região Sudeste, e outros 14 grupos dessa temática na região Nordeste; com a temática da Enfermagem, ambas regiões apresentam, cada uma, nove grupos de pesquisa, ou seja, a maioria dos grupos da amostra nessa subárea. A maioria dos grupos de Educação Física também se encontra na região Sudeste (Minowa, 2016).

Em outro estudo, realizado por Amaral *et al.* (2016), investigou-se o perfil do pesquisador em Inteligência Competitiva (IC), através da sua formação. Utilizando, de forma automatizada, a Plataforma Lattes, identificou-se 1.434 currículos, dados referenciais de 223 de artigos e 26 projetos de pesquisa em andamento, por meio de técnicas de análise bibliométrica e de conteúdo. Nota-se a significativa concentração desses pesquisadores nas regiões Sudeste e Sul. Quanto à formação, em números absolutos, foi possível identificar as dez áreas mais representativas nos níveis de graduação, especialização, mestrado e doutorado. Para as áreas de formação mais representativas na amostra, no nível da graduação observou-se que 30% delas são relacionadas à Administração, sendo 13% da Computação, 10% da Economia, 4% das Ciências Contábeis e 4% da Comunicação. Na formação em nível de especialização, identificou-se, também, a área de Administração como a mais frequente com 25%, Inteligência Competitiva 10%, Educação 9%, Marketing 9%, Computação 8%, Ciência da Informação 5%, Gestão de Projetos e Finanças com 3% cada, Qualidade e Gestão de Pessoas com 2% cada. Em relação ao nível de mestrado, a Administração se manteve em primeiro lugar com 32% da amostra, Engenharia de Produção 15%, Ciência da Informação 13%, Computação 7%, Comunicação 4%, Educação 3%, Economia 3%, Gestão do Conhecimento, Engenharia Mecânica e Engenharia Elétrica com 2% cada. Por fim, no Doutorado, a área de Administração também foi classificada com a maior concentração, 25%, Engenharia de Produção 21%, Ciência da Informação 13%, Tecnologia 7%, Comunicação 6%, Educação 4%, Ciências Sociais, Economia, Engenharia Civil e Engenharia Mecânica com 2% cada. Em relação ao percentual de pesquisadores titulados nas três áreas mais representativas que atuam em IC no Brasil, a Ciência da Informação destacou-se pelos valores alcançados, quase metade (46,4%) dos pesquisadores doutores em Ciência da Informação atua em IC (Amaral *et al.*, 2016).

Nos estudos acima expostos, percebemos semelhanças e diferenças. Dois deles, Estevam (2007) e Estevam e Guimarães (2011), analisaram o perfil de pesquisadores egressos

de específicos programas de pós-graduação, sendo que ambos coletaram informações na própria instituição.

Outras quatro pesquisas, Job (2006); Hannel (2008); Coury e Vilella (2009) e Amaral (*et al.*, 2016), analisaram o perfil dos pesquisadores buscando olhar a sua formação. A primeira entre os docentes de um PPG; a segunda em uma específica área de uma única universidade; e as últimas duas investigando uma área de atuação profissional, buscando dados no currículo Lattes, tal qual proposto para o presente trabalho. Também a partir de análise em currículo Lattes, foi realizada a pesquisa de Oliveira *et al.* (2011), porém, esta se caracteriza como a única ao investigar dados de bolsa de produtividade em pesquisa. Um único estudo, sendo o de Minowa (2016), mostra uma análise diferente, dessa vez buscando traçar o perfil de grupos de pesquisa em uma específica área. Todos os trabalhos trouxeram importantes contribuições para a presente investigação.

Entre os trabalhos analisados, percebemos o uso frequente de ferramentas objetivas no levantamento de dados, como dados pessoais e profissionais, relacionados à formação, ao trabalho e à carreira, buscas a partir dos currículos, entre outros. Nestes trabalhos que buscaram traçar perfis, entretanto, a utilização de entrevistas não foi uma tônica. Assim, buscamos também olhar para trabalhos que analisavam trajetórias de pesquisadores na tentativa de encontrar paralelos com a nossa investigação.

## **2.2 Trabalhos sobre trajetórias de pesquisadores e outros sujeitos de pesquisa**

Com modelo semelhante de busca, utilizando novamente a BDTD, procuramos por trabalhos com abordagem sobre trajetórias de pesquisadores. Selecionamos, a partir das buscas, cinco pesquisas, sendo três teses de doutorado e duas dissertações de mestrado, que entendemos que poderiam contribuir de alguma forma com a investigação que propusemos. São pesquisas com temáticas semelhantes, mas em diferentes áreas do conhecimento. Neste tópico, apresentaremos um resumo destes trabalhos.

No âmbito da participação das mulheres na Ciência, o trabalho desenvolvido por Raimundi (2019) objetivou analisar as trajetórias profissionais de mulheres cientistas que atuaram e atuavam em cargos de chefia em uma Instituição Pública Federal de Ciência e Tecnologia. A pesquisa foi realizada na sede principal de um Instituto Público de Pesquisa na área da Ciência e Tecnologia, situado na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, interior do Estado de São Paulo.

Trata-se de um estudo biográfico-narrativo, de abordagem qualitativa, que permitiu conhecer os sentidos atribuídos por mulheres cientistas quanto à ascensão a cargos de chefia em Ciência e Tecnologia. Nesse tipo de estudo é importante a narrativa enquanto processo de contar a própria história, que remete às questões relacionadas com a experiência, pois sua característica principal é compreender a interpretação que os indivíduos fazem dos acontecimentos que vivem e que os afetam, transformando-os. Para isso, a autora realizou entrevistas com oito cientistas, sendo que todas apresentavam média de tempo de carreira acima de 20 anos com formação na área das Ciências Exatas e da Terra e Engenharias. Os dados narrativos coletados foram transcritos e organizados de forma esquemática a fim de viabilizar as análises (Raimundi, 2019).

Durante o processo formativo, o Mestrado foi considerado como uma sequência natural da graduação para todas elas, pois a continuação dos estudos se faz necessária para a inserção na pesquisa. Muitas delas já seguiram para o Doutorado após o término do Mestrado. Conciliar as tarefas profissionais e pessoais sempre foi um grande desafio para as mulheres e, portanto, também para elas. Os incidentes críticos comuns identificados nas trajetórias iniciam-se pelas escolhas em uma área (Ciências Exatas e da Terra e Engenharias) ainda considerada “masculina”, por haver maior participação dos homens nesse campo de atuação. Destaca-se, ainda, o casamento e a maternidade, que fizeram parte do caminho percorrido por todas elas e que, apesar das dificuldades de se conciliar a pesquisa com as responsabilidades pessoais e domésticas, não as fizeram desistir. Ao longo desse percurso, todas conquistaram a confiança de seus pares e tornaram-se chefes. Atuaram e dedicaram-se ao trabalho praticamente na mesma Instituição, sentem-se orgulhosas e realizadas profissionalmente (Raimundi, 2019).

O número de cientistas que ocuparam ou ocupavam cargos de chefia ainda é minoria no contexto institucional, as dificuldades na questão de gênero na atuação em grandes áreas, com muitos subordinados, necessitam de provas constantes de suas capacidades intelectuais e de liderança nas chefias. A superação de desafios e a conquista de reconhecimento em suas áreas de atuação são as formas encontradas por essas cientistas de continuarem na carreira que escolheram, enfrentando obstáculos diários em benefício da Ciência e da pesquisa brasileira, fortalecendo a participação feminina pouco a pouco no âmbito científico. Apesar dos entraves vivenciados, as mulheres continuam buscando seu espaço em diversas áreas do conhecimento, inclusive aquelas com predomínio masculino. Essa dinâmica vem se transformando e abrindo oportunidades de atuação na área científica, em especial nas Ciências Exatas e da Terra, bem como nas Engenharias (Raimundi, 2019).

Novamente acerca do percurso profissional, a pesquisa de Macias (2017) objetivou analisar a trajetória de formação e a produção científica de professores de Ginástica do ensino superior. Para tal, foram selecionadas oito professoras com graduação em Educação Física, com atuação no ensino superior e que tiveram alguma produção no campo da formação de professores em ginástica no período de 2000 a 2014. Assim, realizou-se a busca de informações nos Currículos inscritos na Plataforma Lattes e no Banco de dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq.

Os caminhos percorridos pelas docentes na Graduação convergem no que diz respeito ao curso escolhido, no qual a formação experimentada se diferenciou por conta das diversas configurações curriculares concebidas em momentos históricos nos quais a conclusão do curso foi efetivada. Essas vivências, por sua vez, podem ter determinado diferentes problemas e temáticas na produção científica delas. No que diz respeito à Especialização, duas das oito docentes não fizeram opção por esse nível de formação, passando imediatamente para o Mestrado, enquanto duas vivenciaram dois Cursos de Especialização, cada uma. Em relação à experiência no Mestrado, das oito protagonistas dessa pesquisa, uma não vivenciou essa etapa da formação e outra professora cursou Mestrado Profissionalizante na área da Psicologia. Portanto, apenas seis docentes passaram pela experiência do Mestrado Acadêmico (75%). Essas pesquisadoras percorreram as áreas da Educação, da Educação Física e da Ciência do Movimento Humano. A fase de consolidação na pesquisa foi concluída por quatro docentes na década de 1990, outras quatro professoras terminaram essa etapa de escolarização nos anos 2000. Os títulos foram obtidos nas áreas da Educação, da Educação Física, da Psicologia Educacional e da Filosofia. Em suma, as professoras apresentaram em comum a iniciativa de continuação da escolarização, as oito chegando ao doutorado, sendo que duas seguiram para o estágio pós-doutoral e, dessas, uma à livre-docência. Assim, o desenho de todo o percurso de escolarização das docentes é escrito de diversas formas nas vivências individuais; seja pela escolha dos cursos de pós-graduação, das instituições, do tempo de intervalo para realizar cada nível de escolarização, ou pelos interesses de pesquisas (Macias, 2017).

A análise da realidade da atuação profissional das professoras indica que três começaram a ministrar aulas no Ensino Superior apenas com o curso de Graduação nos anos de 1974, 1977 e 1985. Outras três iniciaram nos anos de 1985, 1995 e 1996, possuindo o título de especialista e somente duas ingressaram na docência do Ensino Superior, em 1996 e 1999, com Mestrado e Doutorado. Tal constatação indica que seis docentes desenvolveram sua formação acadêmica durante o exercício da profissão, enquanto duas já possuíam o título de mestrado e doutorado ao iniciarem a docência no ensino Superior (Macias, 2017).

Assim, percebe-se que a escolha da ginástica enquanto conhecimento nas aulas de Educação Física escolar, juntamente com o trato dado a ela, ou a sua exclusão, dependem das múltiplas relações experimentadas pelos professores de Educação Física e como estes as significam conforme sua visão de mundo, de ser humano, de sociedade e de educação, entre outras. As docentes revelaram que os cursos de formação de professores não dão conta de preparar os profissionais para atuar no esporte de alto rendimento e direcionam suas investigações no sentido de propor um curso de formação de técnicos para atender ao mercado esportivo em expansão (Macias, 2017).

Nessa mesma perspectiva, Costa (2016) realizou um estudo cujo objetivo era compreender as trajetórias de consolidação das carreiras dos pesquisadores sênior do CNPq vinculados à área da educação. Desse modo, desenvolveu-se um estudo bibliográfico e documental. Nesse sentido, tomando como referência a Nova História para a produção das fontes, foram selecionadas teses, dissertações, livros, artigos publicados em eventos e periódicos, diretório de grupos de pesquisa do CNPq, acesso a sites institucionais do CNPq, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), portal da SciELO, blogs e, principalmente, o currículo Lattes dos pesquisadores, por entender que esse espaço contém informações detalhadas das produções e das atividades dos profissionais docentes.

Em suas análises, o autor conclui que as produções dissertadas pelos pesquisadores não estão atreladas à força da demanda do mercado, mas seguem outra lógica, a do atendimento das exigências institucionais que a profissão lhe acarreta. Nesse sentido, traz ideia de campo constituído por Bourdieu ao dizer que produções científicas resultam de sujeitos membros de uma microestrutura, a comunidade científica, que constroem um conhecimento científico a partir das epistemologias que elaboram de maneira franca, de quem desenvolve uma prática própria aliada à categoria que pertence. A consolidação da pesquisa desenvolvida pelo pesquisador não é desinteressada e há uma vontade pessoal envolvida nesse investimento, na possibilidade, também, de se tornar autoridade em uma determinada área. A carreira de pesquisador faz parte da construção da identidade de sujeito social. O profissional que se dedica à carreira investigativa no campo científico é um sujeito que faz parte de uma sociedade, muito embora, à medida que vai atingindo níveis elevados da formação comece a participar de outro gênero social, neste caso da comunidade científica, mesmo assim ele está sempre ligado a um grupo social. Nesse caso, ele não é um sujeito isolado, depende da atmosfera existente no contexto da comunidade a que está vinculado. Por isso, publicar, como condição da ação comunicativa, é o mínimo que se pode fazer para garantir vida ativa nesse universo acadêmico científico (Costa, 2016).

Considerando a importância da trajetória de vida-científica, a pesquisa de Oliveira (2019) objetivou compreender como as trajetórias de vida-científica dos cinco pesquisadores com Bolsa de Produtividade em Pesquisa/PQ da Educação Musical vêm se configurando. Para tal, utilizou-se o Currículo Lattes como fonte documental, no qual foram captadas as primeiras informações para traçar as trajetórias de vida-científica dos pesquisadores. Em sua investigação, o autor pontua que, para que ocorra a compreensão do mundo da vida-científica do pesquisador, é necessário compreender uma perspectiva de campo e seus objetos de estudo. A partir dessas trajetórias de vida-científica, foi possível compreender como os cinco pesquisadores consolidaram suas carreiras, como, por exemplo, através de estudos no Brasil e no exterior; busca por excelência acadêmica; publicações contínuas de artigos, capítulos de livros e livros que são referências bibliográficas nos estudos da área na graduação e em programas de Pós-Graduação no Brasil.

O que emerge dessas trajetórias de vida-científica revela como a área vem se delineando ao longo de sua história. Ajuda, ainda, a enxergar os processos de formação intelectual e profissional tanto individual quando coletivo que se mesclam com outras áreas do conhecimento, mostrando a importância da visibilidade das trajetórias de vida-científica dos pesquisadores (Oliveira, 2019).

A pesquisa de Soares (2019) analisou o *habitus* do campo acadêmico da Política Educacional no Brasil, a partir do estudo da trajetória coletiva de pesquisadores integrantes das Linhas de Pesquisa (LP) relacionadas ao referido campo. Foram analisados, na época da pesquisa, 174 Programas de Pós-Graduação no Brasil, dos quais 117 LP neste campo. Participaram da pesquisa 148 docentes, e os resultados indicaram predominância do gênero feminino, do vínculo com instituições federais e da distribuição dessas instituições na região Sudeste do país.

A autora, ao abordar o conceito de campo em Pierre Bourdieu, pontuou que há uma demarcação entre um campo e outro. No caso em questão, foram consideradas as LP relacionadas à Política Educacional para estudar o campo acadêmico específico, destacando, no entanto, que o limite entre os campos não está claro nas LP. O campo da Política Educacional, de acordo com a pesquisadora, aparece de forma interdisciplinar no conteúdo dos títulos e das descrições das linhas. Por um lado, as linhas selecionadas têm relação com a Política Educacional e, portanto, há agentes que pertencem ao campo acadêmico da Política Educacional que trabalham vinculados a essas linhas, mas, por outro lado, as linhas são também relacionadas a outros campos acadêmicos e científicos, dividindo espaço, por exemplo, com a Gestão Educacional, a Sociologia do Trabalho e Educação e Trabalho. Conclui a autora que a

Política Educacional apresenta características que podem ser interpretadas como constituintes de um campo específico, como a função de analisar os impactos das políticas educacionais na sociedade civil, seja pelo viés do trabalho ou da prática da gestão (Soares, 2019).

Na análise da trajetória coletiva dos agentes do campo científico da Política Educacional no Brasil, a autora indica que está no *habitus* dos pesquisadores em Política Educacional no Brasil pesquisar prioritariamente sobre políticas ou programas específicos e reformas educacionais. Com uma boa intensidade, há espaço para pesquisas sobre reflexões teóricas em políticas educacionais; trabalho docente; relação público-privado; legislação educacional; gestão escolar ou educacional; políticas para etapas ou modalidades de ensino. O *habitus* sobre os objetos de estudo da Política Educacional está ajustado à estrutura das políticas educacionais no Brasil. A cada mudança de governo, as políticas educacionais reconfiguram-se ou mudam de nomenclatura por meio de programas e de reformas educacionais. Isso faz com que a demanda por estudo de programas e reformas educacionais se multiplique. Esse *habitus*, como forma unificadora do campo acadêmico, foi identificado a partir da definição de Política Educacional, os objetos de pesquisa da Política Educacional, autores nacionais que exercem/exerceram influência nos objetos de estudo, referencial teórico ou perspectiva epistemológica e autores de referência das escolhas epistemológicas (Soares, 2019).

Novamente, a leitura de diferentes trabalhos trouxe contribuições e certas confirmações, por assim dizer, para esta pesquisa. Os trabalhos, mesmo com diferentes abordagens, mostram que o levantamento dos dados a partir do Currículo Lattes proporciona uma importante fonte para análises e, também, o potencial de entrevistas para compreender caminhos e trajetórias desses pesquisadores em suas carreiras pela pesquisa. O referencial do campo de Bourdieu, assim como o de *habitus*, que traremos nos próximos capítulos, também apareceram em outras investigações tal qual buscamos utilizá-los aqui.



### 3 OS CAMINHOS DA PESQUISA

Essa investigação teve início no âmbito do Projeto EArte – estado da arte da Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil, grupo de pesquisa interinstitucional que será melhor apresentado posteriormente. Em um primeiro momento, para atingir o principal objetivo proposto, delineamento do perfil dos pesquisadores em EA, foi levantada uma amostra a partir dos autores de teses e dissertações presentes no acervo do banco de dados do referido projeto. Com o intuito de trazer maior solidez para este trabalho, apresentaremos como o levantamento foi realizado, quais os critérios utilizados, como os dados foram coletados e tabulados, além de alguns resultados.

A partir da realização dessa primeira etapa, faríamos entrevistas com alguns desses autores em busca de uma análise mais detida e aprofundada para a constituição do, ou dos, perfis. No entanto, no período do Exame de Qualificação, e após conversas a partir de sugestões da banca avaliadora, decidimos mudar o foco e mirarmos nos orientadores desses trabalhos contidos no banco. Na nossa avaliação, o trabalho alcança um patamar mais significativo, coletando dados e levantando aspectos a partir de depoimentos de sujeitos que participaram e participam efetivamente da construção e consolidação desse campo de pesquisa.

Importante dizer que o banco do Projeto EArte representa o recorte investigativo para essa pesquisa no intuito de delinear perfis de pesquisadores em EA. Este é o recorte escolhido, pois o banco se remete a identificar e catalogar trabalhos classificados como pesquisa em Educação Ambiental. Existe, no banco, um caráter acadêmico, ao ser estabelecido como fonte de dados, o que justifica a nossa escolha. Como o título do trabalho aponta, o levantamento é realizado a partir de pesquisadores autores de teses e dissertações com trabalhos desenvolvidos no contexto da pós-graduação *stricto sensu*. No entanto, sabemos que não está mapeada toda a pesquisa em EA. Aqui não são abordadas pesquisas desenvolvidas em programas de pós-graduação *lato sensu*, trabalhos de conclusão de curso, artigos ou mesmo pesquisas governamentais e não governamentais não vinculadas a um contexto acadêmico.

Nos tópicos a seguir, trazemos, então, estes caminhos para o levantamento e tratamento dos dados, escolha e contato com os entrevistados, realização, leitura e análises das entrevistas, bem como os referenciais metodológicos utilizados na pesquisa.

#### 3.1 Abordagem qualitativa da pesquisa educacional

O presente trabalho traz uma abordagem qualitativa, pois reúne características desse tipo de estudo. Ludke e André (1986, p. 12) definem:

- Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrição de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrição de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos. [...]
- O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. [...]
- A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Nessa abordagem, o pesquisador busca interagir com os sujeitos de forma natural e não-intrusiva para que sua presença não cause significativas mudanças no comportamento e atividades que os sujeitos apresentam na ausência do investigador. Em uma pesquisa qualitativa, o objetivo dos pesquisadores é de compreender da melhor forma o comportamento e experiência humanos. Assim "tentam compreender o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e descrever em que consistem estes mesmos significados" (Bogdan; Biklen, 1994, p. 70).

Similarmente, as contribuições de Martins (2004) são de grande importância. A autora pontua sobre questões éticas, muito presentes em pesquisas qualitativas, especialmente pela proximidade que pode existir entre pesquisador e pesquisados. A tarefa do pesquisador deve ser a de realizar um exame intensivo dos dados, com amplitude e profundidade. A autora também alerta que as análises são feitas com um olhar aberto para a realidade social afim de melhor aprendê-la e compreendê-la (Martins, 2004). Além disso, pelos próprios caminhos identitários que constituem o campo da EA e a trajetória dos agentes nesse campo, há também ressalvas importantes no intuito de que, compartilhar de um mesmo ideal, não seja sinônimo de distorção para com a leitura e interpretação das entrevistas. A preocupação se justifica pois é frequente que a investigação seja realizada com grupos com alguma afinidade política com o pesquisador. Segundo a autora

Neste caso, temos que estar constantemente alertas, especialmente quando usamos metodologia qualitativa, para que, em vez de cientistas, não nos transformemos em militantes de uma causa ou de um movimento, que olham e procuram entender a realidade não como ela é, mas como gostaríamos que ela fosse (Martins, 2004, p. 296).

Para a realização das entrevistas, que serão mais bem descritas a seguir, realizamos um estudo piloto, exploratório, a partir de um roteiro semiestruturado. Com mudanças para melhor adequação do roteiro, partimos para as entrevistas com os pesquisadores. Com os documentos

formados a partir da transcrição das falas dos pesquisadores, o processo metodológico adotado foi a “Análise de Conteúdo”, de Bardin. Segundo a autora

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimento relativo às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2016, p. 42).

Com os documentos prontos, a autora aponta três importantes etapas que configuram a análise de conteúdo: pré-análise; exploração do material e, por fim, tratamento e interpretação dos resultados.

A primeira etapa consiste, inicialmente, na organização do material. Uma das atividades desta etapa consiste na ‘leitura flutuante’ e familiarização cada vez maior com o material. Essa leitura permite “conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações” (Bardin, 2016, p. 126). Ainda, essa hipótese auxilia na elaboração de critérios para análise, formulação de hipóteses e correspondências com os referenciais teóricos. Na segunda etapa, de exploração do material, é necessário um estudo mais aprofundado do material, orientado por hipóteses e critérios estabelecidos anteriormente. A terceira etapa, para interpretação do material, caracteriza-se, então, por tratar os dados de maneira a torná-los significativos e válidos (Bardin, 2016).

A Análise de Conteúdo é um método que incorpora um conjunto de procedimentos que incluem, por exemplo, a classificação e codificação dos conceitos, a categorização, entre outros. Nessa pesquisa, optamos pelo procedimento da ‘Análise por Categorias’, segundo qual "a categorização tem como primeiro objetivo fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos" (Bardin, 2016, p. 148). O critério para a categorização pode ser sintático, léxico, expressivo ou semântico, sendo este composto por categorias temáticas. A nossa categorização, como foi realizada a *posteriori*, como pontua a autora, de modo que as categorias surgem após a análise e não estão pré-estabelecidas (Bardin, 2016).

O critério adotado foi o semântico e, para construir as categorias, seguimos as propostas da ‘Análise Temática’. Realizar uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e que podem trazer significados para o objetivo escolhido, no nosso caso, traçar perfis. O tema, como unidade de registro, é um recorte do sentido e não da forma. De acordo com a autora

O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. As respostas a questões abertas, as entrevistas (não diretivas ou mais

estruturadas) [...] podem ser, e são frequentemente, analisadas tendo o tema por base (Bardin, 1991, p. 106).

Seguindo esses pressupostos, na posição de intérpretes do material, nossa análise definiu três categorias, as quais serão demonstradas mais adiante.

### **3.2 A pesquisa sobre o(s) perfil(is) dos pesquisadores autores das teses e dissertações do Banco EArte**

Neste tópico iremos apresentar os estudos iniciais que motivaram e auxiliaram na definição do objeto de estudo desta pesquisa. Esses estudos e dados obtidos foram realizados por um grupo de pesquisadores, no âmbito do Projeto EArte, e estão descritos no relatório enviado à agência de fomento que financiou, nos últimos anos, o projeto.

A partir das pesquisas em Educação Ambiental constantes do Banco de Dados do Projeto EArte, no período de 1981 a 2019, foi selecionada uma amostra com os 539 registros que constituíram o corpus documental. Para esta seleção, o procedimento utilizado foi a “amostragem estratificada aleatória proporcional”, na qual a estratificação consiste na divisão da população em estratos, segundo uma ou mais características conhecidas de seus elementos, sendo que a quantidade de elementos selecionados será proporcional à população de cada estrato, garantindo, assim, a representatividade da população (Bolfarine; Bussab, 2005).

A escolha da amostra foi realizada dessa maneira no intuito de preservar, a cada determinado período, como será esclarecido abaixo, o volume da produção de trabalhos de pesquisa em Educação Ambiental. Sendo a produção crescente, décadas mais recentes apresentam número de trabalhos muito superior às décadas anteriores, como nos anos de 1980 ou 1990. Com os estratos, os dados levantados conseguem demonstrar, também de forma coerente, a busca por esse perfil, integrando à análise todos os momentos nos quais esses pesquisadores podem ser mapeados.

O número total de trabalhos disponíveis, 6142 registros, foi dividido em estratos (decênios referentes às defesas das teses e dissertações constantes no Banco EArte no período de 1981 a 2019, a saber: 1981 a 1989; 1990 a 1999; 2000 a 2009 e 2010 a 2020), e adicionados em planilhas criadas no software Microsoft Excel. Após esse procedimento, os registros de cada estrato foram randomizados para a seleção aleatória da amostra, que ficou estipulada em 10% para cada estrato, possibilitando estatisticamente a fidedignidade dos dados; ao final do processo obteve-se, então, o total de 615 pesquisas.

A partir da definição da amostra, uma nova planilha com a compilação dos dados foi elaborada utilizando o software supracitado, contendo as informações disponibilizadas pelo banco de dados do EArte e dados a serem coletados a respeito do gênero, da formação inicial (graduação) dos pesquisadores em Educação Ambiental, áreas de atuação profissional durante e após a obtenção da titulação e gênero, e o ano da última atualização do currículo. Entendemos que os critérios escolhidos demonstram que são esses pesquisadores, tanto com dados pessoais, como em relação aos caminhos escolhidos acadêmica e profissionalmente. Dessa forma, auxiliam na tarefa de buscar um perfil nesse abrangente campo de pesquisa. Para a obtenção desses dados, utilizou-se a Plataforma Lattes do CNPq para a busca dos currículos de cada pesquisador. Com consultas aos currículos, buscamos obter informações que vão ao encontro das escolhas e critérios da investigação na busca por traçar perfis e que são referendadas pelos próprios pesquisadores. Ainda, a escolha pelo currículo Lattes se deu por alguns motivos, tais quais: na plataforma está disponível grande parte dos dados necessários para qualificar um pesquisador; trata-se de um padrão de currículo brasileiro e é disponibilizado pelo CNPq no formato XML, o que facilita o processo de obtenção dos dados (Hannel, 2008).

### **3.3 A pesquisa com orientadores das teses e dissertações do Banco EArte**

Neste item, apresentamos os sujeitos dessa pesquisa e o percurso realizado para a escolha dos pesquisadores e realização de entrevistas, bem como o processo inicial de estudo das entrevistadas e a definição das categorias de análises escolhidas para a apresentação dos resultados e a discussão com os referenciais teóricos para a investigação.

#### **3.3.1 Entrevistados e entrevistas**

Para a definição dos sujeitos desta pesquisa, optou-se por aqueles pesquisadores que eram mais representativos do campo da pesquisa em EA, ou seja, os orientadores de teses e dissertações que possuíam o maior número de orientações nos trabalhos catalogados do banco EArte. A razão para esse recorte se justifica a partir do momento em que propusemos uma análise do perfil e do campo da pesquisa, visto que os autores de teses e dissertações não necessariamente permanecem na pesquisa em EA e formam, assim, um quadro menos representativo. Ao buscar os orientadores, conseguimos compor um quadro condizente com o desenvolvimento da pesquisa na área nas últimas décadas.

Para a seleção desses pesquisadores, utilizamos as planilhas do Projeto EArte nas quais os trabalhos estão catalogados. A partir de um recorte de, no mínimo, 15 trabalhos orientados, obtivemos um ‘top 30’, ou seja, os 30 pesquisadores que mais orientaram teses e dissertações presentes no banco. Definidos os pesquisadores, entramos em contato, explicamos sobre a pesquisa e estabelecemos os termos para a entrevista. Algumas preocupações iniciais mostraram-se relevantes, pois, de fato, não obtivemos todos os contatos, alguns pesquisadores já não estão mais em atividades profissionais e outros não nos responderam em tempo hábil. A amostra mais ampla mostrou-se acertada e totalizamos, no final, sete entrevistas. Nas trocas de e-mails anteriores aos encontros, expusemos os critérios para a seleção e alguns demonstraram surpresas em estarem nas posições iniciais desse ranking. Entre algumas mensagens, definimos os horários para os encontros e compartilhamos o link para a conversa via *Google Meet*.

Todas as entrevistas foram realizadas remotamente. Cada um dos entrevistados recebeu uma cópia assinada do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e todos os passos da pesquisa foram avaliados e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de São Paulo.

Como citado anteriormente, utilizamos para as entrevistas um questionário semiestruturado, primeiramente em um estudo piloto e, após algumas adequações, nas entrevistas que configuram o nosso material de análise. Segundo Bardin (2016), ao realizar entrevistas, "lidamos então com uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que uma pessoa - o entrevistado, orchestra mais ou menos à sua vontade. Encenação livre daquilo que a pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa" (Bardin, 2016, p. 93). Assim, o questionário previamente estabelecido, ainda que não necessariamente seguido à risca, nos auxiliou em coordenar a entrevista buscando os objetivos estabelecidos para a nossa investigação.

De acordo com Boni e Quaresma (2005, p. 75) “o pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal.” As autoras apontam que o entrevistador deve dirigir a discussão para o assunto de interesse, fazendo perguntas adicionais para esclarecer questões que não ficaram claras ou para retornar ao contexto, caso o entrevistado tenha se desviado do assunto (Boni; Quaresma, 2005).

Procuramos, nessa investigação, seguir alguns pressupostos colocados por Szymanski (2018), caracterizando o que a autora define como “Entrevista Reflexiva”. A reflexividade, nesse contexto, traz o sentido de refletir a fala do entrevistado. Isso é feito mostrando a compreensão desta fala pelo entrevistador e submetendo essa compreensão ao próprio

entrevistado, no intuito de aprimorar a fidedignidade dos relatos. Ao deparar-se com sua fala, o entrevistado pode, eventualmente, retomar uma questão discutida e articular de outra maneira caso ache necessário, em processo que lhe garante essa possibilidade. No decorrer da entrevista, o entrevistador vai, gradativamente, apresentando ao entrevistado sua compreensão daquele discurso. Ainda, procura oferecendo, periodicamente, sínteses para apresentar qual o quadro que está sendo traçado por ele, ou seja, como o entrevistador está acompanhando a fala do entrevistado. Assim, procura-se permanecer imerso no discurso do entrevistado e manter o foco nos temas desejados (Szymanski, 2018).

Aqui, divido rapidamente uma experiência muito satisfatória e reconfortante. Entrevistar pessoas que, para mim, são referências, algumas, até então, apenas referências bibliográficas, não era lá algo que me deixava super tranquilo e sempre gerava um leve nervosismo. No entanto, desde os primeiros contatos, todos foram extremamente solícitos e cordiais, colaborando da melhor maneira possível. Ao final das sete entrevistas que realizamos, todos agradeceram a oportunidade de poder lembrar e falar de memórias, trajetórias, trabalhos e outras coisas que lhe são muito caras. Foram ótimos momentos!

Com autorização dos pesquisadores entrevistados, todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. A transcrição ocorreu de forma integral com eventuais e pequenas modificações para facilitar a leitura e o entendimento do texto. Assim, as transcrições constituíram o '*corpus documental*' do trabalho para posteriores análises.

### 3.3.2 Análise das entrevistas

A partir da leitura dos documentos, as entrevistas e dos processos metodológicos utilizados para a análise, foram escolhidas, em função do seu padrão e regularidade presentes nas falas dos pesquisadores, três categorias: *Memórias*, *Trabalhos* e *Concepções*. Estas categorias se conversam, se relacionam e não são excludentes. A escolha caminhou no sentido de mapear de maneira mais objetiva aspectos que marcaram e até direcionaram a trajetória dos pesquisadores nas suas escolhas de carreiras e desenvolvimento de trabalhos. Ao longo das entrevistas, os pesquisadores trouxeram aspectos relacionados não apenas aos caminhos profissionais, mas também questões da infância, vida escolar, entre outras lembranças para além da graduação e pós-graduação. A trajetória de cada pesquisador é uma construção singular, específica e individual, como pontuaremos a partir de Bourdieu (2006). No entanto, embora a trajetória de cada um se constitua como história individual, diferentes aspectos mostram que ela também é uma história coletiva, vivida coletivamente, principalmente em relação aos

aspectos acadêmicos profissionais, mas também os históricos e sociais, que marcam o campo o qual esses cientistas integram. Ainda, inserimos na discussão dos resultados, aproximações entre os pesquisadores e os ideais do sujeito ecológico, que também serão apresentados na sequência.

A categoria ‘memórias’ surgiu a partir da leitura das entrevistas e a presença de diferentes relatos sobre lembranças e experiências que, de certa forma, aproximaram o pesquisador da temática ambiental e, por consequência, foram propulsoras para o futuro enquanto profissional e pesquisador na área. Já a categoria ‘trabalhos’ foi escolhida, pois todos descreveram diferentes pesquisas e outros trabalhos desenvolvidos na área ao longo de suas carreiras, além de como as abordagens foram se alterando, diferentes temas foram sendo privilegiados e como suas trajetórias enquanto pesquisadores foram constituídas. Finalmente, a categoria ‘concepções’ surgiu a partir das diferentes falas sobre aspectos relacionados aos temas de trabalhos, questões fundantes na relação com a temática ambiental, a inserção de aspectos do trabalho na vida e no cotidiano e concepções sobre a Educação Ambiental, a pesquisa e o pesquisador em EA. Todas serão mais profundamente explicadas a seguir.



## 4 O PROJETO EARTE E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

### 4.1 A pesquisa em Educação Ambiental no Brasil

Nota-se uma crescente produção acadêmica em Educação Ambiental desde a década de 1980, apresentando um grande aumento a partir dos anos 2000, conforme relatam Delizoicov e Lorenzetti (2008, p. 4)

Os dados apontam que a área de pesquisa em educação ambiental surge no Brasil a partir da década de 1980, mas somente tem sua produção consolidada na década seguinte e, mais especificamente, a partir de 2000, em que se observa um grande número de trabalhos produzidos.

Megid Neto (2009) aponta que, com o surgimento dos programas de Pós-Graduação em Educação, foram defendidas as primeiras dissertações de mestrado sobre Educação Ambiental. São quatro trabalhos, todos defendidos em 1981: dois realizados na USP, um na UFMG e um na UFRN. A primeira tese de doutorado na área, no entanto, foi defendida no ano de 1990. Desde então, sobretudo nas últimas duas décadas, a pesquisa em EA cresceu bastante, mesmo quando comparada com outras áreas do campo da Educação cujo desenvolvimento no âmbito da Pós-Graduação teve início significativamente antes, no final dos anos 1960 (Megid Neto, 2009).

Como marcos importantes para a consolidação do campo da pesquisa em EA, podemos citar algumas associações e suas datas de criação. Uma delas é a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, a ANPEd. Fundada em março de 1978, somente na década de 1990 passou a apresentar a temática ambiental em pesquisas nos diferentes Grupos de Estudos (GE) e Grupos de Trabalho (GT). Com uma crescente produção na área, em 2004<sup>1</sup> foi criado o GT 22 - Educação Ambiental, indo ao encontro da significativa participação dos pesquisadores dessa área e comprovando a produção e demanda do campo. Outra associação importante é a ANPPAS, criada em 2000 e que apresenta o GT 06 - Ambiente, Sociedade e Educação.

Carvalho (2015) nos mostra que esses grupos buscam promover o compartilhamento entre as pesquisas e a discussão dos conhecimentos adquiridos nos diferentes trabalhos. O autor também aponta a importância do debate sobre avanços na própria pesquisa em EA, representando espaços essenciais no processo de consolidação da pesquisa na área.

---

<sup>1</sup> Mais informações em <https://anped.org.br/grupos-de-trabalho/gt22-educa%C3%A7%C3%A3o-ambiental>.

A realização de eventos científicos é também um ponto interessante para observarmos o crescimento das pesquisas no campo. Por exemplo, podemos citar os Encontros Nacionais de Pesquisa em Educação em Ciências, o ENPEC, criado em 1997 e realizado de forma bienal, sendo que, em sua última edição, em 2021, contou com mais de 1500 inscritos. Em 2001, ocorreu a primeira edição do Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, o EPEA, evento, desde então, bastante relevante na área. O EPEA também é um evento bienal e, em 2023, apresentou sua décima primeira edição. O primeiro EPEA, realizado em Rio Claro (SP) culminou, por iniciativa da comissão organizadora desse encontro, no lançamento de um periódico específico, a revista *Pesquisa em Educação Ambiental*, em 2006 (Kawasaki; Carvalho, 2009).

Nesse contexto, os periódicos científicos especializados também assumem papel importante na consolidação da pesquisa em EA, pois são espaços direcionados para divulgação das pesquisas e compartilhamento da construção de conhecimento na área. Carvalho (2015), em sua tese de livre-docência, ao tratar sobre o crescimento e a consolidação da pesquisa na área, encontrou em suas buscas por bases eletrônicas, 18 periódicos internacionais e quatro nacionais. Segundo o autor, nota-se, então, o intuito de promover o encontro e a discussão de diferentes visões, ideias, julgamentos e a contribuição para a produção de conhecimentos e o fortalecimento da pesquisa em EA (Carvalho, 2015).

Assim exposto, podemos concluir que a ocorrência dos eventos científicos, a criação e estabelecimentos dos GT e a divulgação das pesquisas em periódicos especializados, segundo o autor, apontam a

[...] disposição da comunidade de pesquisadores e um alto grau de investimento de diversos grupos de ação e grupos de pesquisas, envidando esforços e construindo caminhos de consolidação e legitimação do campo da EA e da pesquisa em EA (Carvalho, 2015, p. 64).

O crescimento da área permite destacar a abrangência e a diversidade de temáticas, áreas do conhecimento, sujeitos envolvidos e abordagens teórico-metodológicas. A própria origem da EA no Brasil, a partir do movimento ambientalista e da convergência dos campos ambiental e educativo, sempre nos permitiu apontar esse caráter múltiplo (Kawasaki; Carvalho, 2009).

Megid Neto (2009) sugere que, quando um campo ou área de conhecimento chega a um nível de produção acadêmica considerável, mostra-se evidente a necessidade em realizar estudos e pesquisas sistematizadas e interdisciplinares, para um melhor conhecimento de suas características e tendências.

Carvalho (2015) demonstra que diferentes autores já se empenharam em produzir pesquisas sobre o que tem sido produzido no campo de pesquisa em EA no Brasil, como por

exemplo, Tomazello (2005); Lorenzotti e Delizoicov (2006); Kawasaki e Carvalho (2009); Rink e Megid Neto (2009) e Carvalho e Farias (2011). Tais pesquisas apresentam “muitas indagações necessárias, possíveis, pertinentes e instigantes em relação ao discurso que tem sido produzido em torno da Educação Ambiental e pela pesquisa nesse campo” (Carvalho, 2015, p. 16).

Nesse ínterim, o autor menciona que diferentes trabalhos identificaram que as áreas de conhecimento que contribuem para a construção de conhecimento no campo de pesquisa da EA são diversas, e que isso apresenta uma característica da EA, sendo transdisciplinar e interdisciplinar, salientando a riqueza de possibilidades de pesquisa que tal conjuntura oferece (Carvalho, 2015).

Confirmando essa multiplicidade de temática apontada por diferentes autores, Gallo (2021), em artigo recente, analisou diferentes grupos de pesquisa que participaram da 38ª Reunião Nacional da ANPEd, realizada em 2017 em São Luís do Maranhão. A partir de relatos de trabalhos enviados por 12 grupos de pesquisa participantes do GT Educação Ambiental. Segundo o autor, em torno da EA descortinam-se diversos focos de investigação, como, por exemplo,

conceitos e ações da ciência contemporânea; a comunidade aprendente; a escola como lugar da educação ambiental; as questões ecológicas no contexto de uma “sociedade digital”; os fundamentos filosóficos da educação e da prática ambiental; a educação ambiental como educação não formal; as questões jurídicas e o campo ambiental; as dimensões epistemológicas da educação ambiental; a atuação do educador ambiental nas escolas públicas e nos movimentos sociais; a formação de profissionais (tanto inicial quanto continuada) para educação ambiental; o desenvolvimento de políticas públicas no campo da educação ambiental; as questões curriculares no ensino superior e na educação básica concernentes à educação ambiental; a questão da ecologia da paisagem; a ecologia da resistência; os processos globalizados e a educação ambiental (Gallo, 2021, p. 16).

Percebe-se um amplo leque de tematização da EA que, de fato, é pensada em múltiplos aspectos. Essa característica interdisciplinar vem ao encontro da nossa proposta de investigação para conhecer os agentes que participaram e participam da construção e consolidação dessa área de pesquisa e desse campo.

## **4.2 O campo da pesquisa em Educação Ambiental**

Neste item, tentamos trazer uma leitura mais detida sobre a Educação Ambiental enquanto campo e também sobre o campo da pesquisa em EA. Naturalmente, o campo da pesquisa na área se configura a partir da própria EA e da construção da pesquisa nessa área. No entanto, preferimos separar este item para trazer brevemente uma discussão que vai além do

crescimento e estabelecimento da pesquisa nesse campo e dos importantes marcos na cronologia desse crescimento citados anteriormente.

Em artigo intitulado “*A configuração do campo de pesquisa em educação ambiental: considerações sobre nossos autorretratos*”, Carvalho (2009) trouxe elementos que auxiliassem na compreensão do campo da pesquisa em EA, naquele momento, à luz da teoria do sociólogo francês Pierre Bourdieu<sup>2</sup>. Segundo a autora,

Para Bourdieu (1976), o campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da autoridade científica, definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado (Carvalho, 2009, p. 128).

No decorrer do texto, a autora apresenta a tensão entre a autonomia e a heteronomia desse campo científico. Quanto mais autônomo um campo é, mais suas fronteiras são delimitadas e menos ele é atravessado por outros campos. Entretanto, se mais heterônimo, o campo é mais aberto e mais atravessado por outras ordens. Segundo a autora, o campo ambiental emergente e a EA enquanto sua esfera educativa apresentam características que se assemelham a de um campo heterônimo, pois demonstra produção acadêmica bastante aberta e com baixo perfil de definição (Carvalho, 2009).

Para melhor definir traços dessa heteronomia, a autora, ao usar exemplos como características de eventos e periódicos específicos da área, e a busca por critérios que delimitem um trabalho de pesquisa em EA, pontua que a natureza diversa dos eventos, dos circuitos de produção e de práticas pedagógicas refletem essa condição. Diante dessa diversidade, Carvalho pontua, naquele momento, a existência de um afã classificatório que reflete justamente o caráter emergente da área, o que leva os pesquisadores a se verem e se mostrarem, para eles mesmos e para os seus pares, em trabalhos feitos por educadores ambientais e para educadores ambientais.

De acordo com a autora, se pudéssemos reunir toda a produção realizada pelos pesquisadores em questão, em um desejo de compreender e classificar o fazer da EA, ainda pouco se sabe sobre o perfil do campo, pois

[...] o conjunto das pesquisas sobre a EA estaria mais próximo de compor um álbum de retratos que mais espelharia a diversidade dos pesquisadores do que propriamente a unidade de nosso objeto (Carvalho, 2009, p. 132).

---

<sup>2</sup> No capítulo 4 deste texto, trataremos o conceito bourdieuniano de campo como um referencial para a nossa análise.

A autora aponta o risco em normatizar e sugerir hegemonias em algo que ainda não apresenta um contorno definido e conclui dizendo que as diferentes tentativas de classificar a EA, felizmente, sempre escapam dos pesquisadores.

Mais de uma década mais tarde, como estaria esse cenário? Kawasaki (2019), em sua tese de livre-docência, “*Cartografando o Campo da Pesquisa em Educação Ambiental: convergências e controvérsias na construção de um território híbrido*”, também empreende uma análise sobre o tema. A partir das teorias de Bourdieu, um dos referenciais propostos para a análise, a autora busca caracterizar o campo da pesquisa em EA. A partir das discussões propostas, destacamos aqui alguns pontos.

Ao mapear 'correntes migratórias' para a constituição de uma comunidade de pesquisadores em EA, aponta, a partir de análises de teses e dissertações, que há uma pluralidade de áreas de conhecimento nessas pesquisas e que estas convergem para um lugar comum, os programas de pós-graduação. Afirma, assim, que essas pesquisas apresentam uma padronização, natural pelos mecanismos que regulam as programas, e que confluem para um campo acadêmico científico (Kawasaki, 2019).

### **4.3 O Projeto EArte – Estado da Arte da pesquisa em Educação Ambiental no Brasil**

Pesquisas de estado da arte buscam inventariar, sistematizar e avaliar a produção em determinada área do conhecimento. Ademais, como afirma Megid Neto (2009), esse tipo de pesquisa apresenta outra importante contribuição:

[...] trata-se de conhecer o que se sabe sobre determinada área de conhecimento, bem como o que se deve ou precisa saber para fazer avançar o campo, passado e futuro, com vistas ao planejamento e desenvolvimento do estado presente (Megid Neto, 2009, p. 97).

No intuito de construir um acervo acerca da produção acadêmica da Educação Ambiental no Brasil, desenvolveu-se o Projeto EArte, o qual tentamos traçar aspectos de sua origem e atuais configuração e demandas de trabalho.

Os estudos na linha do estado da arte da pesquisa em EA no Brasil tiveram a iniciativa do Prof. Dr. Hilário Fracalanza, a partir do Projeto de Pesquisa "O que sabemos sobre Educação Ambiental no Brasil: análise da produção acadêmica (dissertações e teses)", desenvolvido no período de 2006 a 2008, pelo Grupo FORMAR Ciências por meio do Centro de Documentação da Faculdade de Educação da UNICAMP, com apoio do CNPq.

Em decorrência dessa primeira pesquisa, foi possível obter os seguintes resultados: dimensionar os diferentes recortes da produção sobre Educação Ambiental realizada nas

diversas regiões do país; recuperar parte da produção acadêmica produzida no Brasil, elaborando um catálogo preliminar; organizar parte do acervo das pesquisas em EA em papel e no formato digital; propor alguns descritores da produção acadêmica em EA e identificar alguns dos focos de estudos do tipo estado da arte realizados através da produção e da discussão de textos de base.

A partir de 2008, contando com a participação de pesquisadores de três universidades, UNICAMP, UNESP – Rio Claro e USP – Ribeirão Preto, o projeto foi retomado e passou a se chamar Projeto EArte. Atualmente, no ano de 2022, pesquisadores de outras instituições universitárias passaram a fazer parte desse projeto, quais sejam: Instituto Federal de São Paulo (IFSP), campus Itapetininga; Universidade Federal Fluminense (UFF); Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI); Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

Com o objetivo de mapear a produção de pesquisa em Educação Ambiental no país e elaborar um catálogo das teses e dissertações relacionadas à temática, a equipe do projeto deu início à busca dos documentos para a constituição de um banco próprio, um inventário, principalmente a partir do Banco de Teses da CAPES. Com esse levantamento, buscou-se identificar os trabalhos de EA presentes nesse banco desde o início de suas inserções até o ano de 2009. Esse primeiro levantamento, após seleção baseada nos critérios de inclusão e exclusão elaborados pelos pesquisadores do projeto, 2150 documentos passaram a compor o banco como teses e dissertações em EA. Nas fases posteriores do projeto, novos trabalhos foram sendo classificados e incorporados ao banco, que atualmente apresenta 6142<sup>3</sup> trabalhos consolidados e catalogados, totalizando 40 anos de pesquisa em Educação Ambiental no país, de 1981 até o ano de 2020 (Carvalho *et al.*, 2021).

Dentre as várias frentes de trabalho do Projeto EArte, destacamos a continuidade do processo de identificação e categorização, inventariando a pesquisa em EA nos programas de pós-graduação no país, dessa vez com trabalhos realizados a partir de 2021. Ainda, permanece o trabalho em sistematizar os diferentes aspectos dessa produção, construindo quadros descritivos, panorâmicos e analítico-compreensivos dessa produção. Em relação aos quadros analíticos, destacamos um item dentre os objetivos específicos do projeto, sendo: Caracterizar e compreender os processos que marcam o desenvolvimento do campo da Pesquisa em EA no Brasil entre 1981 e 2020, a partir de focos específicos de interesse da equipe envolvida na proposta, considerando os seguintes focos de estudo: 1 – Tempo e “*Locus*” da Produção em

---

<sup>3</sup> Disponível em <http://www.earte.net/>.

Educação Ambiental e Perfil do Pesquisador; 2 - Referenciais da Pesquisa em EA – fundamentos ontológicos, epistemológicos e metodológicos; 3 – Contextos e Temáticas de Estudos da Pesquisa em EA (Carvalho *et al.*, 2021).

A presente pesquisa, inserida no âmbito do Projeto EArte, relaciona-se a esse objetivo. A caracterização do perfil do pesquisador justifica-se à medida que, para além dos textos das teses e dissertações em EA, há uma comunidade de pesquisadores, sendo os autores e também os orientadores dos trabalhos desenvolvidos nesta área. São os sujeitos dessa produção acadêmica, os quais precisamos conhecer de forma mais detida, se queremos desenvolver um estudo do estado da arte com maior profundidade e extensão. Sendo assim, a presente pesquisa busca dar continuidade ao que foi iniciado no grupo de pesquisadores do Projeto EArte, propondo-se a estendê-lo e ampliá-lo, buscando atingir os objetivos propostos e explicitados anteriormente.

## 5 O CAMPO DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O SUJEITO ECOLÓGICO

### 5.1 A noção de campo e de *habitus* na perspectiva de Pierre Bourdieu

Essa investigação foi realizada no intuito de constituir um perfil de pesquisadores em Educação Ambiental. Para nos auxiliar nas análises, utilizamos alguns dos conceitos de Pierre Bourdieu. No capítulo anterior, trouxemos autores que caracterizaram, a partir deste referencial, o campo da EA e da pesquisa em EA. Neste tópico, para além de configurar a concepção de campo, trazemos conceitos como *ethos* e *habitus*. Ao adotar Bourdieu como referencial para análise sobre um campo específico, entendemos que é importante apresentar uma construção objetiva e uma contextualização do espaço em que o objeto de estudo se insere, para posterior análise sobre a relação entre agentes, um grupo social e seu *habitus*. Por isso, trouxemos a princípio algumas colocações específicas para a Educação Ambiental.

Em relação às características gerais dos campos, Lahire (2017) nos ajuda a identificar as seguintes: *i*) campo é um microcosmo com certa autonomia em relação ao macrocosmo; *ii*) campo é um espaço de posições e de luta; *iii*) existe cumplicidade entre os agentes para que o campo continue existindo e *iv*) cada campo tem seu *habitus* próprio.

Em sua Teoria Geral dos Campos, Bourdieu (1983) detectou um jogo de dominação e reprodução de valores em diferentes esferas sociais, processos que culminam em formas de distinção e diferenciação social entre grupos. A noção de campo é uma ideia central na obra do sociólogo francês. Designa um espaço relativamente autônomo, em uma espécie de microcosmo dotado de disposições próprias que, no entanto, não escapam das imposições do macrocosmo social. Cada campo apresenta regras e desafios específicos, que não se configuram da mesma forma em outro campo. Caracteriza-se, entre outras questões, como um espaço de luta por um poder simbólico, reconhecimento e legitimado pelos agentes do campo. Um campo social se configura através da definição das disputas e dos interesses específicos desse espaço, compreendidos apenas por quem dele faz parte. Nele, os agentes disputam o poder de orientar os caminhos, como conservação ou mudanças no campo (Bourdieu, 1983). Bourdieu afirma que todo campo é um espaço social entre agentes ou grupos. Trata-se de um microcosmo, tem autonomia e apresenta leis regidas de acordo com os interesses do próprio campo. Quanto maior a autonomia, maior o poder de retraduzir a lógica do macrocosmo, ou seja, configurar disposições específicas do campo e, até certo ponto, independentes de uma macroestrutura social (Bourdieu, 2003).



Em um campo, segundo o autor, sempre existe relação de forças e interesses em comum. São características que, em um primeiro momento, parecem opostas e excludentes, mas se equilibram na configuração desse espaço social. Essa relação de forças, afirma Bourdieu (2003), é balizada pelo capital que cada agente do grupo detém, o que o torna, portanto, objeto de disputas, e sua consequente posse, legitima autoridade no campo. No entanto, ainda que em uma propriedade menos visível, todos os agentes engajados em um campo têm interesses fundamentais em comum, justamente o que está ligado à própria existência e constituição do campo. Assim, pontua o autor, tem-se uma cumplicidade entre os antagonistas e uma espécie de acordo sobre o que merece ser disputado.

Nesse ínterim, são importantes as palavras de Kawasaki, Matos e Motokane (2006, p. 137)

[...] é possível afirmar que há um campo de pesquisa em EA e que este resulta da confluência de diferentes campos: o ambiental, o educacional e o científico. Há tensões entre eles em torno de objetos em disputa, mas essas promovem embates produtivos e um movimento dinâmico no interior de um campo científico, no qual seus sujeitos se reconhecem e se identificam.

Nesse contexto, uma vez entendida como um campo científico, a EA apresenta suas regras inerentes ao campo e busca, a partir da atuação e produção de seus pesquisadores, obter um status de autoridade científica, premissa básica para a constituição de um campo.

Em meio a essa relação entre campo e os agentes sociais, temos outro importante conceito da teoria bourdieuiana: o *habitus*. Entende-se *habitus* como uma estrutura estruturante que norteia a ação dos sujeitos e que é estabelecida de acordo com as disposições sociais. Essas disposições guiam a percepção e a ação dos agentes como se estabelecesse limites à espontaneidade e subjetividade. Resultam de um processo que as institui, ao mesmo tempo, social e mentalmente, que faz com que se esqueça que provêm de todo um contexto histórico e social e, assim, pareçam naturais. O *habitus* direciona o modo de ação do sujeito, por exemplo, a partir da posição que ocupa dentro do campo, dos traços culturais que compõe as formas com que o agente interpreta o campo, e das escolhas pessoais permeadas por esse contexto histórico e social construído (Bourdieu, 1993).

De acordo com Wacquant (2017), esse conceito traz a praxiologia dos estudos de Bourdieu e supera a oposição entre subjetivismo e objetivismo. Segundo o autor, o *habitus*

[...] é uma noção mediadora que ajuda a romper a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar ‘a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade’, ou seja, o modo como a sociedade se torna depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis, ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados (Wacquant, 2017. p. 214).

É premissa do *habitus* fundamentar a condição em que o sujeito existe a partir da assimilação das estruturas existentes que geram suas práticas e ações e se estabelece como uma forma de senso que norteia o que se deve fazer em determinada situação. Ao olharmos o *habitus* como essa matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas, sabendo, no entanto, que apesar de um dispositivo durável, ele não é estático ou eterno, buscamos nessa investigação analisar também os aspectos que constituem um *habitus* para os pesquisadores em EA.

Setton (2002), em pesquisa sobre o *habitus* em trajetórias, a partir de Bourdieu, salienta que esse conceito busca recuperar a noção ativa dos indivíduos enquanto produtos da história de um campo social e da experiência acumulada ao longo de uma trajetória individual. Esse *habitus*, em uma visão individualizada, é construído a partir de condicionamentos e trajetórias diferentes, guardando, naturalmente, relações com os campos. Segundo Bourdieu (1983, p. 80) "podemos ver nos sistemas de disposição individuais variantes estruturais do *habitus* de grupo ou de classe". A constituição do *habitus* individual se dá a partir das estruturas, entre uma conjuntura mais ampla, e disposições individuais em constante interação com essas estruturas. É um movimento repetitivo entre passado, presente e também o futuro (Setton, 2002).

A constituição de um *habitus* ocorre a partir das diferentes esferas sociais que promovem valores e referência, como a escola e a família. Se ele é fruto de experiências passadas e tem ação estruturante no futuro, no contexto específico da nossa pesquisa a própria EA pode representar uma dessas esferas, pois é parte cotidiana, há anos, na carreira dos nossos pesquisadores entrevistados, apresentando, também, novas características ao longo do tempo. Assim, ao longo do tempo, as vivências e experiências no trabalho e na pesquisa em EA participaram da estruturação do *habitus* aqui analisado e constituíram, possivelmente, um *ethos*, uma questão de classe, nesses pesquisadores.

Com essa confluência a partir de campo e *habitus*, olhamos também para a trajetória profissional dos pesquisadores em EA. Novamente, nos apoiamos em Bourdieu para o conceito de trajetória. De acordo com o autor, não devemos pensar a trajetória apenas como uma sequência linear de acontecimentos, com início, meio e fim. Podemos analisar como uma narrativa que constrói e ressignifica percursos, acontecimentos, experiências e representações que se deslocam e se desviam o tempo todo baseadas nos espaços sociais ocupados pelos sujeitos (Bourdieu, 2006).

## 5.2 O ‘sujeito ecológico’ e a Educação Ambiental

Neste trabalho, utilizamos a definição e caracterização de sujeito ecológico desenvolvida por Carvalho (2001a, 2002, 2003, 2004, 2005). Este sujeito é pensado como um tipo ideal. Essa ideia deve ser compreendida através de Weber<sup>4</sup> (1969), como sendo um tipo puro, idealizado e que apresenta compromissos com valores. Para o autor, a compreensão do real se dá a partir das tensões entre expressões e ações reais e aquilo que é idealizado. O termo ideal, no entanto, não denota avaliação, mas, sim, um instrumento utilizado como parâmetro entre a construção ideal e o desenvolvimento real.

O sujeito ecológico pode ser definido como “um projeto identitário, apoiado em uma matriz de traços e tendências”, capazes de refletirem os ideais do campo ambiental (Carvalho, 2005, p. 6). É concebido a partir da ideia de tipo ideal, como “capaz de encarnar o sujeito ecológico dilemas societários, éticos e estéticos [...] tributário de um projeto de sociedade socialmente emancipada e ambientalmente sustentável” (Carvalho, 2005, p. 6).

Enquanto tipo ideal, o sujeito ecológico representa

[...] uma crença que move processos de identificação, organiza escolhas e tomada de decisões, configurando a internalização de uma orientação ecológica como princípio orientador da vida pessoal e instaurador de relações intersubjetivas onde se dá o reconhecimento pelos pares e a legitimação no campo ambiental (Carvalho, 2003. p. 284).

Sendo assim, o sujeito carrega a utopia de uma consciência ecológica plena e que detém essa consciência como princípio orientador de sua vida, escolhas e decisões. É um tipo idealizado e não uma realidade. Enquanto parâmetro, esse ideal pode ser incorporado concretamente pelas pessoas a partir de trajetória e experiências em níveis diferentes. Segundo a autora

Não se trata, portanto, de imaginá-lo como uma pessoa ou grupo de pessoas completamente ecológicas em todas as esferas de suas vidas ou ainda como um código normativo a ser seguido e praticado em sua totalidade por todos os que nele se inspiram. Em sua condição de modelo ideal, é, pois, importante compreender quais são os valores e crenças centrais que constituem o sujeito ecológico e como ele opera como uma orientação de vida, expressando-se de diferentes maneiras por meio das características pessoais e coletivas de indivíduos e grupos em suas condições sócio-históricas de existência (Carvalho, 2004, p. 67).

---

<sup>4</sup> Maximilian Carl Emil Weber (1864-1920) foi um jurista, economista e sociólogo, cofundador da Sociedade Alemã de Sociologia em 1909.

Ainda que de forma parcial, essa busca por um modo ideal de ser e viver pautado pelos princípios do ideário ecológico traduz uma aprendizagem de forma mais ampla, que vai além de um simples fornecimento de conteúdo e informações, e estabelece novas formas de ser, de compreender e de se posicionar para as crises e desafios do cotidiano. Ao pensarmos no perfil de um sujeito ecológico, a autora nos mostra que parte da resposta está em uma

[...] postura ética de crítica à ordem social vigente que se caracteriza pela produtividade material baseada na exploração ilimitada dos bens ambientais, bem como na manutenção da desigualdade e da exclusão social e ambiental. O mundo contra a qual a crítica ecológica se levanta é aquele do consumo desenfreado de bens e do modo organizado sobre a acumulação de bens materiais, no qual vale mais ter do que ser, no qual a crença na aceleração, na velocidade e na competitividade sem limites tem sido o preço da infelicidade humana, da desqualificação e do abandono de milhões de pessoas, grupos e sociedades que não satisfazem esse modelo de eficácia (Carvalho, 2004, p. 68).

Para a autora, contribuir para a constituição de uma atitude ecológica é uma das principais aspirações da Educação Ambiental. Nesse sentido, a análise das trajetórias e biografias dos sujeitos envolvidos nesse campo, como, por exemplo, os pesquisadores, nos trazem elementos para caracterizar esse perfil. O conhecimento sobre trajetórias é bastante importante, pois estas carregam em si todos os componentes humanos, éticos e sociais que fazem parte da formação do indivíduo em questão. Ao buscar por trajetórias e narrativas biográficas, o trabalho não fica restrito a um percurso factual de instituições. Procura-se, assim, uma constituição quase que artesanal na qual é possível observar, entrelaçadas, características da formação do campo, do sujeito ecológico ideal e também as trajetórias, sendo essas as expressões particulares e reais do sujeito ideal (Carvalho, 2005).

Para esses indivíduos que, ao longo da vida, assumem valores ecológicos, observa-se, então, um grau variável de identificação e adesão a esse grupo de valores e atributos que constituem o núcleo identitário que estamos tratando. Há, também, e principalmente, variação do grau de realização desses valores, ou seja, nem todos os indivíduos conseguem expressá-los de forma total em suas circunstâncias reais de vida (Carvalho, 2004).

Ao tratar do termo educador ambiental, a autora pontua que se refere à identidade de um profissional ligado à EA o qual, sobretudo, é "um mediador da compreensão das relações que os grupos com os quais ele trabalha estabelecem com o meio ambiente", atuando, nesses meios, "como um intérprete dessas relações, um facilitador das ações grupais ou individuais que geram novas experiências e aprendizagem" (Carvalho, 2001, p. 49).

Em trabalho desenvolvido a partir de entrevistas com educadores ambientais, Carvalho (2005) mostra-nos que partilhar dessa identidade ecológica estabelecida não é pré-requisito para

tornar-se educador ambiental. Esse educador é um caso particular do sujeito, ou seja, é parte de um identitário maior. O caminho pode ser o inverso, da EA para a identidade ecológica, ou mesmo simultâneos, simbolicamente falando, ainda que se estruturam em tempos cronológicos diferentes. Ainda, acrescenta que não há homogeneidade da identidade de educador ambiental, mas, ao contrário, é dinâmica e forma-se de acordo com a percepção histórica e ação de cada sujeito. Há um gradiente de intensidade ao olharmos para essa identificação, ela pode ser plenamente assumida, pode buscar alcançar algo, pode estar deixada de lado ou em negociação com outras escolhas. Dessa forma, é multidisciplinar e apresenta grandes margens entre esses gradientes de identificação. Atuações profissionais nesse campo, salvo aquelas com alta especialização, mostram até uma tendência de mudanças por partes dos autores ou mesmo o surgimento de novas modalidades e perfis.

A autora ressalta a identidade de um educador ambiental resultante de um processo sócio-histórico no qual se produzem formas de ser e compreender, relativos a um indivíduo em permanente abertura e troca reflexiva com o mundo, sendo a construção dessa identidade passível de desestabilizações e reconstruções. Esse sujeito, segundo a autora, encontra-se nesse local simbólico, no cruzamento entre sua condição singular enquanto indivíduo e sua relação com o outro, com o exterior, com a cultura e com processos de natureza social e histórica (Carvalho, 2005).

Nessa linha, Kawasaki (2001), em reflexões sobre sua própria trajetória como educadora ambiental, entende que essa formação não se dá no curso de graduação ou pós-graduação. A formação resulta de experiências na atuação profissional, política e cidadã. Ao partir da ideia em que diferentes situações colaboram para essa formação, a autora conclui que não há um único perfil para esse profissional, mas, sim, a possibilidade de diferentes perfis com condições que atuem, com suas especificidades, em trabalhos de natureza multidisciplinar (Kawasaki, 2001).

No tópico acima, trouxemos algumas reflexões sobre o conceito de *habitus*, a partir de Pierre Bourdieu, e apresentamos também essa ideia de dinamismo e reflexão, ou seja, algo previamente estruturado por razões sociais e históricas, mas suscetível a mudanças ao longo da trajetória e das experiências vividas. A partir dessas abordagens, buscamos traçar o perfil dos pesquisadores em EA.

A educação que busca ser plena é aquela que acolhe o indivíduo e todas as suas características, sem escolher quais aspectos da sua trajetória precisam ser deixados de lado. Ainda assim, dispõe amplo espaço para trocas, diálogos e construções para formar um sujeito aberto aos entrecruzamentos entre o humano, o social e o cultural. Como espaço de educação,

a EA também se utiliza de contextos históricos, políticos, sociais e ambientais de forma dialógica, transdisciplinar e que permite o encontro de saberes científicos com saberes humanitários, observando, nessa união de conjecturas, a formação de um sujeito ecológico e a sua manifestação nos indivíduos envolvidos com a Educação Ambiental.

## **6 O(S) PERFIL(IS) DOS PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUAS TRAJETÓRIAS DE PESQUISA**

Neste capítulo, apresentamos os resultados da pesquisa inicial desenvolvida pelo grupo de pesquisadores do Projeto EArte e da presente investigação. Em um primeiro item, mostramos alguns dados referentes ao levantamento com autores das dissertações e teses presentes no banco. Nos tópicos seguintes, explicitamos os resultados a partir do levantamento realizado em busca dos orientadores, bem como as análises das entrevistas que fizemos. Ao longo do texto, expomos trechos das falas dos pesquisadores construindo as relações com as categorias temáticas escolhidas e dialogando com os referenciais teóricos.

### **6.1 Os pesquisadores autores de teses e dissertações do Banco do Projeto EArte**

Os dados aqui apresentados foram extraídos do Relatório do Projeto EArte enviado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (Carvalho *et al.*, 2022), projeto esse o qual teve participação direta, sendo pesquisador integrante do grupo responsável pelos estudos do perfil dos pesquisadores a partir dos autores de teses e dissertações no banco. Como colocado anteriormente, trazemos aqui alguns resultados referentes aos trabalhos iniciais realizados com a equipe do Projeto EArte. Este pesquisador participou do desenvolvimento e da construção dessas análises e elas colaboraram fortemente para o despertar de um maior interesse que culminou na realização dessa pesquisa. Os dados abaixo demonstram alguns resultados do levantamento realizado, a partir da definição da amostra, com posterior coleta de dados na Plataforma Lattes. Foram registrados, como já citado, dados como gênero, formação inicial e demais formações, atuação profissional durante e após a obtenção do título. Estes e outros dados estão disponíveis no relatório do Projeto EArte enviado à FAPESP no final de 2022 (Carvalho *et al.*, 2022).

Em relação ao gênero dos pesquisadores, autores de teses e dissertações em Educação Ambiental, nesse estudo, observamos que a maioria é representada por pesquisadores do gênero feminino, com 67% dos registros, sendo 33% o percentual registrado para pesquisadores do gênero masculino. A Tabela 1, a seguir aponta esse resultado com o número absoluto dos registros.

Tabela 1 – Gênero dos autores de teses e dissertações do Banco EArte (1981-2020)

<b>Gênero</b>	<b>Total</b>	<b>Mestrado</b>	<b>Doutorado</b>	<b>Mestrado Profissional</b>
Feminino	411	319	54	38
Masculino	204	153	34	17

Fonte: Produzida pelos pesquisadores do Projeto EArte.

Em estudo realizado por Kawasaki, Matos e Motokane (2006), a partir dos participantes inscritos no I EPEA, realizado em 2001 na cidade de Rio Claro (SP), observamos resultados semelhantes. As informações foram obtidas a partir dos formulários de inscrição e também dos currículos presentes na Plataforma Lattes do CNPq. No trabalho, as principais características analisadas foram gênero, formação acadêmica, atuação profissional, atuação em pesquisa e também distribuição geográfica e faixa etária. Os autores relataram a predominância de mulheres no total de participantes inscritos. Na ocasião, a relação entre inscritos de gênero feminino e masculino era de 66% e 34% (Kawasaki; Matos; Motokane, 2006).

Em uma investigação com abordagem próxima, Carvalho e Schmidt (2008), ao buscarem traçar o perfil de pesquisadores em EA, realizaram estudo a partir dos seguintes eventos acadêmicos: ANPPAS, Reunião Anual da ANPEd e EPEA, entre 2001 e 2006. A pesquisa caracterizou os autores dos trabalhos apresentados segundo gênero, titulação, vínculo com IES e região do Brasil dessas instituições. O levantamento dos trabalhos foi realizado com base nos anais dos referidos eventos e a análise posterior concluiu que, em relação ao gênero, também há presença predominante do gênero feminino sobre o masculino (Carvalho; Schmidt, 2008).

Os trabalhos citados trazem importantes contribuições para a Educação Ambiental, realizando um mapeamento da produção acadêmica, ampliando discussões acerca da pesquisa em EA e aprofundando temas nesse campo. Alinhado a essa perspectiva, o presente trabalho, e a pesquisa no âmbito do Projeto EArte, da qual esta investigação faz parte, buscam, também, contribuir para a compreensão do perfil dos pesquisadores em EA e subsidiar sequentes análises acerca desse tema.

Em relação aos cursos de graduação realizados, em formação inicial ou posterior, a partir dos dados levantados nos currículos dos pesquisadores na Plataforma Lattes, foram registrados 98 diferentes cursos. O Quadro 1, a seguir, destaca os cinco cursos com maior incidência entre os realizados pelos autores de teses e dissertações que compõem essa amostra.



Quadro 1 – Principais graduações cursadas pelos autores de teses e dissertações do Banco EArte (1981-2020)

<b>Graduação</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Ciências Biológicas	173	23,6
Pedagogia	103	14,6
Geografia	68	9,3
Administração	35	4,8
Direito	30	4,1

Fonte: Produzido pelos pesquisadores do Projeto EArte.

Ciências Biológicas é a graduação mais cursada pelos pesquisadores em EA, totalizando 173 registros (23,6%). Na sequência, aparecem as graduações em Pedagogia, com 103 registros (14,6%) e Geografia, com 68 registros (9,3). As três principais graduações registradas, Ciências Biológicas, Pedagogia e Geografia, podem estar relacionadas aos aspectos explicitados posteriormente.

No caso das Ciências Biológicas, o vínculo apresentado entre diversos aspectos da temática e os conteúdos ligados a essa área, traz uma predominância entre os pesquisadores. Assim também apontaram Kawasaki, Matos e Motokane (2006), em pesquisa supracitada. Nesse estudo, na ocasião do I EPEA, 45,8% dos inscritos tinha formação em Ciências Biológicas.

Em relação ao curso de Pedagogia, Carvalho (2015) nos mostra que a EA resulta da convergência entre os campos ambiental e educacional, mantendo relações estreitas, o que pode explicar o grande número de pesquisadores graduados neste curso.

Sobre a graduação em Geografia, os estudos de Geografia Física, relacionados aos aspectos ambientais, tais como ecossistemas, dinâmicas climáticas, entre outros, também trazem uma natural aproximação com o tema. Essas duas graduações, sobretudo, se comparadas com a Pedagogia, apresentam números muito significativos, visto que essa última é a carreira que mais forma profissionais no país. De acordo com o Censo da Educação Superior em 2019, 1,2 milhão de pessoas se formaram naquele ano no Brasil. Dessas, quase 125 mil graduaram-se em Pedagogia, representando pouco mais de 10% dentre todos os diplomados no Ensino Superior.

Para os dados referentes à atuação profissional dos pesquisadores, autores de teses e dissertações analisados neste estudo, verificou-se que a maior parcela corresponde à atuação docente, representando 50,6% das atuações registradas durante a realização da pós-graduação

e 61,1% após a obtenção do título. A referida atividade profissional encabeça os registros em ambos os casos. A Tabela 2, a seguir, mostra estes registros e sistematiza os dados ‘durante’ e ‘pós’, fazendo referências aos diferentes segmentos da atividade docente, tais como Educação Básica, Educação Superior e Educação Profissional e Tecnológica.

Tabela 2 – Atuação profissional docente entre autores de teses e dissertações do Banco EArte (1981-2020)

<b>Atuação como Docente</b>	<b>Durante a realização</b>	<b>Após a obtenção do título</b>
Educação Básica	51%	36%
Educação Superior	44%	59%
Educação Profissional e Tecnológica	5%	5%

Fonte: Produzido pelos pesquisadores do Projeto EArte.

Em relação à Educação Básica, maior percentual entre a atuação analisada, é importante ressaltar a grande quantidade de postos de trabalho, seja em Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II ou Ensino Médio, ainda que exista falta de professores em diferentes contextos no país. Na maior parte dos registros, no entanto, não havia especificação sobre o segmento: 51% apenas relatavam atuação docente em escolas.

Ao compararmos os registros durante e após a realização da pós-graduação, observamos, também, uma diminuição no percentual para pesquisadores com atuação docente na Educação Básica durante a pós-graduação e após concluírem o curso, com redução de 51% para 36%. Por outro lado, nota-se um aumento no percentual de pesquisadores docentes que atuaram no Ensino Superior, aumentando de 44% para 59%. Sabe-se que o título de mestre e/ou doutor é exigido para a atuação em Instituições de Ensino Superior, o que pode ser um fator que explica esse aumento nos registros.

A análise inicial dos dados demonstra diferentes sujeitos que compõem este ou estes perfis, o que é natural ao tratarmos de um campo abrangente e em expansão. Os resultados apontam diferentes trajetórias com profissionais de diferentes áreas do conhecimento e egressos de diversos cursos de graduação. Existe uma predominância, no entanto, de profissionais do gênero feminino em relação ao masculino, em uma proporção de três para um, além de uma maioria de graduados em três diferentes cursos: Ciências Biológicas, Pedagogia e Geografia. Enquanto atuação profissional, o trabalho como docente é o predominante durante o desenvolvimento da pesquisa na pós-graduação e assim como após a obtenção do título.

Apresentamos, dessa maneira, múltiplos perfis e entendemos que as entrevistas vão possibilitar análises mais aprofundadas, para seguir buscando identificar estes diversos perfis e entender as motivações e escolhas feitas realizadas pelos pesquisadores em suas trajetórias de formação e de pesquisa. Assim, podemos melhor situá-los enquanto uma comunidade de pesquisadores no campo da pesquisa em Educação Ambiental.

## **6.2 Os orientadores de teses e dissertações do Banco EArte**

Neste tópico, apresentamos os pesquisadores que entrevistamos e os resultados obtidos para este trabalho. Em convergência com o que trouxemos dos estudos iniciais do Projeto EArte, apresentamos, nesse primeiro momento, características descritivas e objetivas dos pesquisadores entrevistados.

Dentre os sete orientadores, três são mulheres e, quatro, homens. Nos cursos de formação inicial, observamos diferentes cursos, sendo Ciências Biológicas, História e Filosofia como primeira graduação; e Pedagogia e Ecologia, em dois casos, como formação complementar. A pós-graduação, a nível de mestrado, foi realizada entre diferentes temáticas, mas seis realizaram o doutorado em Educação. Um dos pesquisadores realizou pós-doutorado na área. Nas falas, alguns espontaneamente citaram períodos como docentes de Educação Básica, ainda que essa não tenha sido uma questão diretamente realizada. Todos os pesquisadores foram ou são professores em Universidades Públicas e desenvolvem trabalhos na área há mais de 20 anos. Ao todo, a título de curiosidade, somam mais de 450 artigos publicados na área da Educação Ambiental. Brevemente, nos parágrafos abaixo, apresentamos os pesquisadores<sup>5</sup> com informações a respeito da formação, da atividade profissional desenvolvida e também sobre o envolvimento com a pesquisa em EA.

**Milton**, na graduação, licenciou-se em Ciências Físicas e Biológicas e possui bacharelado em Ecologia. Na pós-graduação, realizou o mestrado em Educação e o doutorado em Serviço Social. Atualmente é professor titular em uma universidade pública, no Programa de Pós-Graduação em Educação. Ainda, Milton coordena uma linha de pesquisa no referido programa e lidera um laboratório de pesquisa. Autor de diversos artigos na área, sendo o primeiro publicado em 1995 e o mais recente em 2022. Ao longo dos anos, trabalhou com diferentes temas na área da Educação Ambiental, desde Educação Escolar, Gestão Ambiental e Licenciamento Ambiental.

---

<sup>5</sup> Salienta-se que, a fim de preservar o anonimato dos entrevistados, foram adotados nomes fictícios para cada um deles.

**Gil**, na graduação, realizou a licenciatura em Ciências Biológicas, dando sequência, na pós-graduação, com o mestrado em Ecologia e o doutorado em Educação. É professor livre-docente e está credenciado em diferentes programas de pós-graduação na área da Educação Ambiental. Ainda, é editor de um periódico específico da área e participa do conselho editorial de outros cinco. Coordena um grupo de pesquisa e é membro da comissão organizadora de um evento na área. Seu mais recente artigo na área foi publicado em 2022, sendo o primeiro em 1999. Nos trabalhos desenvolvidos, os principais temas são Educação Ambiental, Pesquisa em Educação Ambiental, Educação Ambiental no Contexto Escolar, Formação de Professores e Ensino de Ciências e Biologia.

**Maria** possui graduação em História, mestrado em História, com foco em História do Brasil e Relações Internacionais, realizou o doutorado na mesma área e, posteriormente, o pós-doutorado em Educação. Possui três títulos de pós-doutorado sendo um deles na área de Educação, Política e Ambiente. Atualmente, é professora universitária, tanto na graduação quanto na pós-graduação em Educação, tendo trabalhado como docente em diferentes cursos de graduação e pós-graduação. Seu primeiro artigo publicado na área da Educação Ambiental data de 2001, sendo o mais recente publicado em 2019. Em seus trabalhos como pesquisadora, os principais focos são no Ensino de História e História da Educação, especialmente com os temas Educação Ambiental e História Ambiental.

**Gal** graduou-se em Ciências Biológicas e realizou mestrado e doutorado em Educação. Também na área da Educação, realizou pós-doutorado. Atualmente, é professora titular em uma universidade pública, tendo trabalhado em diferentes cursos de graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Ainda, participa de um grupo de pesquisa na área e lidera outro. Desenvolve pesquisa na área há mais de vinte anos tendo publicado o primeiro artigo em 2004 e, o mais recente, em 2022. No decorrer da carreira como pesquisadora, os temas de maior ênfase são Educação Ambiental, Ensino de Ciências e Biologia e Formação de Professores.

**Rita** é graduada em Filosofia e realizou o mestrado e o doutorado na área da Educação. Apresenta o título de pós-doutorado, realizado na área de Educação Ambiental e é professora livre-docente em uma universidade pública. Nessa instituição, atuou em cursos de graduação e atualmente é credenciada ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Ademais, participa de comissão organizadora de eventos e é editora em um periódico da área. Desenvolve pesquisa em Educação Ambiental há mais de vinte anos, com a publicação do primeiro artigo na área em 2001 e, o mais recente, em 2023. Na área, os temas de maior foco são a temática ambiental e o processo educativo e as concepções e práticas da EA.

**João** é graduado em Ciências Biológicas e em Pedagogia, tendo realizado o mestrado em Educação, assim como o doutorado. Possui diferentes títulos de pós-doutorado sendo um deles na área da Educação Ambiental. É professor livre-docente e durante trinta anos esteve vinculado a uma universidade pública, local onde coordenou um Laboratório de Pesquisa na área e atuou como docente na graduação e na pós-graduação. Atualmente, é professor visitante na pós-graduação em outra universidade pública e tem atuação também no Ministério do Meio Ambiente, como diretor de Educação Ambiental, em dois momentos: entre 2003 e 2008 e, novamente, a partir de 2023. Entre 2012 e 2014, foi assessor especial do Ministro da Educação para a construção na política ambiental nesse Ministério. Desenvolve trabalho na área há mais de trinta anos, com o primeiro artigo publicado em 1991 e o mais recente em 2022. Em seus trabalhos de pesquisa, apresenta ênfase nos temas Educação Ambiental e Políticas Públicas para cidades sustentáveis.

**Tim** é graduado em História e realizou mestrado e doutorado na área da Educação. Apresenta três títulos de pós-doutorado sendo um deles na área de Sociologia Ambiental. Atualmente, é professor titular em uma universidade pública, atuando na graduação e na pós-graduação, tendo coordenado o programa em duas oportunidades. Coordena um laboratório de pesquisa na área da Educação Ambiental e também realiza projetos de extensão na área. Foi, ainda, editor de um periódico específico dentro do campo e atua como parecerista em outro. Desenvolve pesquisa em EA há mais de vinte anos, com o primeiro artigo na área publicado em 2004 e, o mais recente, em 2022. Na pesquisa, os principais focos são gestão e políticas educacionais; conflitos urbanos e ambientais; e Educação Ambiental para justiça ambiental.

### 6.2.1 “Memórias”

Na categoria ‘*Memórias*’, apresentamos temas relacionados à infância, à juventude e à vida e trajetória escolar, como educação básica, também na graduação e pós-graduação ou mesmo em posterior atividade profissional. São temas, por vezes, marcados por grande afetividade e dos quais os pesquisadores falavam de forma muito carinhosa. Confesso que, em alguns momentos, eu me pegava ‘fugindo’ do papel de pesquisador e ‘entrando’ cada vez mais na condição de espectador para as histórias que estavam sendo contadas. Nem sempre foi fácil separar essas duas condições.

Nessa categoria, encontramos, por exemplo, falas relacionadas à infância, adolescência e também ao período escolar. Ainda, encontramos relatos sobre a percepção da desequilibrada relação sociedade-natureza e como isso pôde despertar nos pesquisadores a vontade de

contribuir de alguma forma para que essa relação fosse diferente, olhando para o próprio ambiente, para as pessoas e para a desigualdade social, por exemplo. Outras importantes falas que elencamos nessa categoria remetem a leituras e contato com textos que despertaram o interesse pela temática ambiental ou serviram como estímulo, alavanca para os nossos entrevistados em direção ao trabalho mais diretamente vinculado à Educação Ambiental.

Inicialmente, fizemos aos pesquisadores um pedido para que falassem sobre os caminhos que os levaram ao interesse pela temática ambiental e posteriormente pelo trabalho com a EA. De forma bem aberta, sem nenhum direcionamento muito específico, os entrevistados traziam diferentes relatos a respeito dessas lembranças. Em alguns casos apareciam, então, memórias da infância, em outros, da época escolar ou mesmo da graduação. Por outros, o relato caminhava também por experiências na pós-graduação. Após leituras e releituras, convenciamos caracterizar como 'memórias' os relatos anteriores ao período, de fato, no qual tenha se iniciado os trabalhos com o tema. A partir dessa conversão, palavra que inclusive apareceu em alguns relatos, e/ou das vias de acesso para o trabalho com Educação Ambiental, mudamos os relatos para a categoria 'trabalho'. Entendemos como importante fazer essa dissociação, pois essas lembranças divergem cronologicamente e estão em diferentes momentos da vida de cada um. No entanto, se equivalem e convergem quando pensamos na importância que têm para o desenvolvimento desses pesquisadores enquanto profissionais ligados à Educação Ambiental.

Ao tratar sobre a constituição de um educador ambiental, caso particular do sujeito ecológico, Carvalho (2005) entende ser necessário que o educador busque uma correspondência de posicionamentos, opções e atitudes coerentes como esse ideal, resultado de um processo de construção de identidade desse educador ambiental. Nesse caminho, houve momentos de identificação com 'o ambiental', sendo interessante saber “como se processa essa decisão pelo ambiental” e “quais as vias pelas quais se dá o acesso, a opção ou a conversão ao ambiental” (p. 55). Segundo a autora, essas lembranças podem ser definidas como “mito de origem”. Carvalho (2005, p. 55), diz

[...] remetem às passagens – enquanto ações simbólicas – que fundam a identidade narrativa do sujeito ecológico [...] Os mitos de origem integram um processo de reconstituição do sentido, isto é, a instauração de uma raiz remota da sensibilidade para o ambiental, reencontrada e ressignificada a posteriori.

Essa relação entre passado e presente carrega um forte sentido identitário, sendo apontada por alguns pesquisadores como importante fator na construção de cada um enquanto educadores ambientais. Como marcas dessas relações, João, por exemplo, aponta o momento em que a família se muda de São Paulo, capital, para uma cidade pequena, no interior do estado.

"[...] fomos morar no meio do mato. E aí trabalhar com a terra, plantar árvore e fazer as coisas". Maria, por sua vez, lembra do local onde nasceu e cresceu, em uma propriedade rural, na qual "atrás tinha uma grande floresta". Essa marca importante da infância, inclusive, se fez presente quando ela já estava na universidade, ainda que a percepção para 'o ambiental' não existisse na época. Nas palavras de Maria:

Nessa floresta tinha até rio, era uma floresta imensa. Mata Atlântica, claro. E aí, eu passei a minha infância brincando nessa floresta, porque era só levantar o arame da cerca e passar para outro. E então, quando criança, não, não tive essa percepção, tá? E nem quando eu fazia o ensino médio também, mas quando eu entrei na universidade, a primeira coisa, uma das primeiras coisas que eu me antenei, digamos assim, foi a questão da mata Atlântica, porque eu cresci ali (Maria).

Gal também apresenta relatos da infância, do local onde morava, da influência dos pais e, assim, da relação criada desde então com o ambiente. Relação essa que vai ganhando significado formal futuramente, também na universidade.

Nós nos criamos em uma espécie de uma chácara, que tinha... criava galinha, tudo né. Então, essa relação foi criada, desde cuidado com os animais; tínhamos cachorro. Então toda essa parte de respeito à vida já vem por parte dos meus pais. Então eu tive essa formação, meus irmãos também, todos pensam dessa forma. Só que na universidade a gente começa a ver mais cientificamente, né. (Gal)

Nesse contexto, trazemos o relato de Milton, no intuito novamente de exemplificar a construção dessa relação que converge, futuramente e a partir de diferentes aspectos, para o identitário do educador ambiental. No entanto, o relato aqui traz um componente distinto dos anteriores, pois já havia uma percepção do pesquisador, mesmo pré-adolescente, dos conflitos e das questões postas para o ambiente onde ele cresceu. Segundo Milton, desde novo, já estava inserido em um contexto de preocupação com as espécies nativas da ilha onde cresceu, a destruição do ambiente local e um debate sobre as condições da floresta na sua região.

Eu começo muito novo, né, garoto. Garoto mesmo assim, pré-adolescente, que eu fui criado na [região]. Então o processo de preocupação meu desde novo com as espécies nativas da ilha e a destruição que já era visível, né [...] Então, ali eu comecei era adolescente, era moleque, né, isso era antes de entrar na universidade, né. E aí, motivado por isso e também ali pela discussão da floresta, eu identifiquei assim, 'ah a minha questão é a questão ambiental, né'. E aí fui fazer Biologia, por causa disso, né, achando que a Biologia ia resolver o meu problema, né. (Milton)

Situação parcialmente semelhante foi relatada por João. Adolescente, com idade entre 15 e 16 anos, contou ter escrito uma carta, a partir de um convite para o público realizado por uma associação de proteção aos animais, em alerta sobre o processo de caça às baleias. A carta foi publicada em um jornal de boa circulação, lembra o pesquisador. Após a publicação, recebeu

cumprimentos e começou a se interessar mais pelo tema. Procurou por leituras e recebeu livros de uma instituição pública após entrar em contato. Na fala de João:

Em 1973 tinha uma associação, [nome da associação], que pediu pra, para as crianças, jovens, né? Eu devia ter, em setenta e três, eu devia ter 13 anos. Não, 16 anos ou antes, então, não sei. Eu sei que com 15 anos eu escrevi uma carta em defesa das baleias, contra a caça das baleias, a pedido, né, do pessoal da associação. E aí, a partir dessa carta, foi publicada no jornal. [...] Também era jornal para grande público, e aí saiu na coluna do leitor a minha carta. [...] Aí eu escrevi para FBCN, né? Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza e em setenta e quatro, setenta e cinco, eles mandaram vários livros, e uma cartinha do almirante [nome próprio], cumprimentando e incentivando a criar uma associação de proteção ao meio ambiente. (João)

Ao descrever modos de ser e viver orientados por princípios de um ideário ecológico, Carvalho (2004) entende que esses ideais vão se constituindo como parâmetros que orienta escolhas e decisões e vão sendo incorporados pelas pessoas que aderem a esses ideais.

Nesse ínterim, de forma similar, observamos também a constituição de um *habitus*, a partir da teoria de Pierre Bourdieu. De acordo com o autor, o *habitus* é adquirido, primeiramente, a partir das famílias. As condições do contexto familiar são fundamentais na produção das estruturas do *habitus* que, por sua vez, terá influência em percepções futuras (Bourdieu, 1983). Ademais, Bourdieu (1983) destaca, para além da família, a escola como geradora de um *habitus* também eficaz na criação de disposições que formarão essa matriz na leitura e apreensão das experiências que virão. Para ele, a escola propicia aos que se encontram sob sua influência, direta ou indiretamente, uma disposição geral que gera esquemas particulares para serem aplicados em diferentes campos do pensamento.

Para exemplificar a participação da escola na formação dos nossos entrevistados, trazemos falas que refletem a importância do contexto escolar nas futuras escolhas e inclinações para caminhos profissionais e a influência que professores apresentaram sob essas inclinações. João, por exemplo, cita uma professora de Biologia e um professor de História como inspirações. A primeira pelo encantamento com as aulas e participação na possibilidade de vislumbrar, "sonhar com um agir ambientalista". O segundo, por conta da indicação de leituras que foram preponderantes na sua formação.

Gil também cita seu período escolar com bastante carinho nas lembranças e nas falas. Segundo ele, foram também nas aulas de Ciências e Biologia que começou a nascer essa identificação com os temas ambientais e também com a relação sociedade-natureza, pois os assuntos envolvendo atividade humana também o chamavam a atenção. O fragmento abaixo demonstra parte dessa importância.



Fui muito inspirado por uma professora do Ensino Médio, que dava umas aulas de Biologia que eu ficava apaixonado. [...] Ela colocava questões da Biologia para gente pensar, e conversar, e discutir na sala de aula. [...] Acho que essa professora teve uma importância grande na definição do que eu iria fazer, mas sempre na ideia de professor. Queria ser professor. Aí fiz a opção por Ciências Biológicas. (Gil)

Ao buscar por lembranças que ajudaram a construir o caminho para o futuro profissional na Educação Ambiental, o contato com leituras também foi citado por alguns pesquisadores como um fator bastante relevante. Como descrevemos acima, no tópico ‘Conhecendo os pesquisadores orientadores’, todos trabalham na área há muitos anos. Ainda assim, citam especificamente um autor ou um texto como elemento chave para direcionamento na área ou mesmo ampliação da percepção sobre o tema. Para exemplificar essa importância, trouxemos alguns relatos.

João lembra-se perfeitamente de leitura de Emílio, obra do filósofo Jean-Jacques Rousseau, incentivada pelo professor de História. Ainda, cita importantes figuras que colaboraram para sua formação do ponto de vista filosófico, como Jesus, Buda e Maomé, que “hoje são chamados de religiosos, né”, pontua o entrevistado. Milton e Rita, por sua vez, apontam a leitura de Paulo Freire como valiosa contribuição em sua formação. Já Tim diz que a leitura das obras de Karl Max, inclusive sobre natureza e meio ambiente, também colaboraram na trajetória enquanto pesquisador em Educação Ambiental.

Para além das falas sobre infância e período escolar, alguns entrevistados apontaram parte dessa inclinação à temática ambiental em um momento cronológico distante desses descritos acima. Na conversão para o ambiental, encontramos também nos relatos dos pesquisadores questões relacionadas ao trabalho que, até então, não apresentava nenhum alinhamento com a temática ambiental. Essa conversão se deu no contexto do trabalho, mas a partir de algumas situações. Como explicamos anteriormente, aqui estamos elencando situações distintas, que, no entanto, apresentam uma característica em comum: aconteceram anteriormente à implementação da Educação Ambiental como objeto de trabalho e pesquisa na trajetória dos entrevistados.

Para Rita e Tim, a construção dessa identidade com ‘o ambiental’ se deu a partir de uma ou outra situação mais específica e não em vivências mais gerais como mostrados acima. Essa conversão, por assim dizer, ocorre tardiamente, quando comparada aos exemplos anteriores, e vem ao encontro de questões já presentes na trajetória e vida desses pesquisadores. Experiências na pós-graduação, no trabalho, ou mesmo a partir da leitura e contato com alguns autores, já em situação profissional, mas não ainda relacionada à temática ambiental, foram essenciais para

que ali emergisse um olhar e futuramente fossem construídos os trabalhos e as práticas na Educação Ambiental.

Tim, por exemplo, relatou que após um período de estudos fora do Brasil, ao retornar à universidade, teve contato com o autor francês Henry Lefebvre<sup>6</sup>. A obra do autor tem influência direta nas pesquisas e nos trabalhos desenvolvidos por Tim e, se não trata diretamente da Temática Ambiental, representa para o pesquisador um referencial muito importante na sua prática como educador ambiental. Graduado em História, Tim realizou o doutorado na área de políticas educacionais. Abaixo, um trecho de sua fala que mostra a inserção da questão ambiental em seus estudos. Segundo Tim,

Eu fui para Cuba, fiquei um ano fazendo atividades de formação lá e quando eu cheguei aqui em 2004, daí comecei a incluir na reflexão das políticas, é essa coisa chamada natureza, o ambiente físico. [...] e quando eu voltei de Cuba, uma professora da Geografia, e daí ela me convidou para fazer um papo sobre Cuba. E daí papo vai, papo vem, ela me apresentou o Lefebvre. (Tim)

Relata-nos o pesquisador que o trabalho de fato com a Educação Ambiental iniciou-se a partir de sua vinculação a um PPG na área. No entanto, como nos contou, a obra de Lefebvre foi de suma importância para os ideais de luta ao olhar esses aspectos da natureza, sobre os quais Tim refletia, e que caracterizariam sua atuação enquanto pesquisador. Ainda, permanecendo nesse contexto de conversão ao ambiental, uma experiência no pós-doutorado também foi significativa para o encaminhamento e posterior continuidade com estudos na área. O pesquisador relembra o trabalho, nesse pós-doutorado, com um orientador que lidava com comunidades ribeirinhas, de pesquisadores, e mediam impactos ambientais causados por empresas no intuito de enfrentar as medidas de impacto realizadas pelas próprias empresas em busca do licenciamento. “Eu diria que essa pesquisa, esse estudo, meio que orientou a minha reflexão no sentido de, não de alterar a relação sociedade-natureza, mas de incorporar essa questão dos conflitos e a questão da justiça ambiental”, relata.

No caso de Rita, que também não trouxe relatos sobre infância ou período escolar, foi uma leitura específica, já enquanto pós-graduada e docente universitária, que colaborou nessa convergência ao ambiental. Graduada em Filosofia, como mostramos, e tendo realizado a graduação durante o governo militar no país, a questão política já estava posta na vida de Rita bem anteriormente quando comparada à questão ambiental. A convergência, no entanto, para o ambiental e também para o processo educativo se deu através de leituras. "O Paulo Freire, ele era proibido de ser ensinado naquele tempo. Para você ter uma ideia, eu li a 'Pedagogia do

---

<sup>6</sup> Henri Lefebvre (1901-1991) foi um filósofo e sociólogo francês.

Oprimido' em espanhol”, relata. Freire e o filósofo Gerd Bornheim foram, para Rita, determinantes nessa conversão. Conta-nos a pesquisadora:

Eu recebi um periódico da revista filosófica Brasileira lá do Rio de Janeiro e eu folheando a revista, eu vi um artigo um do Gerd Bornheim, talvez você já tenha ouvido falar, que chama Filosofia Política Ecológica, e eu fiquei muito impressionada com o artigo. [...] Em 85 ele já falava, né? Depois dele, muita gente falou e nunca fez referência a ele, mas ele já falava que a questão ecológica, ele falava: a questão ecológica, é uma questão eminentemente política. [...] E tal como aconteceu com a temática ambiental, também para mim a Educação fez todo o sentido quando eu li Paulo Freire, que ele dizia que era os problemas da Educação são muito mais políticos do que pedagógicos. (Rita)

Como participante desse movimento de conversão, figuraram também nos relatos a participação em diferentes movimentos e ação de militância. Nas falas dos pesquisadores, não surgiram depoimentos a respeito dessas ações durante o trabalho enquanto professor pesquisador, ainda que, particularmente, acredito que existam. Com a oportunidade de entrevistá-los, é possível perceber algumas questões ainda que não estejam explicitamente colocadas. No entanto, para efeito de sistematização, relatos dessa natureza estão colocados nessa categoria, pois foi esse o contexto nos quais foram trazidos. São exemplos nas falas de Rita, Milton, Gil, Tim e João.

A primeira, por exemplo, desenvolveu no mestrado um estudo sobre o movimento estudantil nos tempos de governo militar no país. Tim, em seus depoimentos, também aponta a militância como importante traço nos futuros temas que iriam compor seu trabalho como pesquisador. Milton e João, em suas falas, trazem esses aspectos como fundantes, ainda que de forma não exclusiva, para a carreira e os trabalhos de desenvolveriam futuramente. Milton relata que tem toda a trajetória de vida ligada à Educação Ambiental e que o início do processo foi participando de organizações ambientalistas, quando, segundo ele, começava a se falar em EA. Essas vivências culminaram, inclusive, na organização, junto a um colega, de um movimento relacionado à temática:

Minha trajetória toda, né, é ligada à educação ambiental. Comecei adolescente, participando de algumas organizações ambientalistas e, na época, estava começando a se falar em educação ambiental. Isso é início dos anos 80, né? E ali a gente, começou a, enfim, a se identificar já como educador ambiental, como ambientalista, né? Participava aqui, como eu disse, de algumas organizações e aí passei a me envolver com isso e, ainda na graduação, eu organizei um projeto de extensão com amigo meu. [...] Foi um trabalho que deu bastante repercussão. (Milton)

Nas palavras de João, sobre o histórico pessoal com a temática:

E os caminhos que me levaram foi a militância ambientalista, foi a militância estudantil, de movimento estudantil, a sensibilidade para a problemática

ecológica nos anos setenta, do século passado, quando a gente percebia, né? A evolução da degradação ambiental, extremamente associada a um regime autoritário que governava o país nos anos setenta. A gente vivia plena ditadura militar e procurávamos expressar o nosso descontentamento e indignação com a degradação do meio ambiente, e fomos compreendendo a indissociabilidade entre a opção política, que é a opção ou a falta de opção política. (João)

E, na sequência, Gil:

Tendo a noção de que eu vou ficando adulto e que o mundo vai se apresentando com questões para a gente, as questões sociais sempre foram questões que faziam sentido para mim. As desigualdades sociais, a preocupação com qualidade de vida de grande parte da população, a questão da miséria. Então eu já, desde minha juventude, eu já participava de movimentos muito mais voltados para essa questão da desigualdade social e não tanto em pauta para mim as questões ambientais. Pois é, essa preocupação estava sempre presente, então já em movimentos mesmo, movimentos de jovens. Eu tive uma formação inicial muito religiosa, muito voltada para as questões muito vinculadas da Igreja Católica e aí os movimentos da Igreja, inclusive na época da ditadura militar, também de resistência, essa dimensão política. Mas de uma política sempre preocupada com as desigualdades sociais, que sempre tiveram presentes para mim. E quando eu me aproximo da questão ambiental, eu sempre fiz uma relação muito clara entre essas duas, esses dois movimentos. (Gil)

Na construção da identidade ecológica, Carvalho (2005) aponta que esta pode ocorrer antes do sujeito tornar-se educador ambiental, simultânea ou mesmo posteriormente, não sendo um pré-requisito. Nas nossas entrevistas, observamos momentos distintos que marcam o início dessa construção. Vimos relatos que remetem à infância, vivência escolar ou mesmo à pós-graduação ou outra atividade profissional. Segundo a autora, os acessos em direção ao ambiental são múltiplos e passam por diferentes caminhos, como relataram nossos entrevistados, seja no encontro com a natureza, seja em busca por caminhos profissionais, "de uma experiência pessoal/subjetiva para o ambiental; da luta contra ditadura para o ambiental; da engenharia para o ambiental; da educação popular para o ambiental, entre outros" (Carvalho, 2005, p. 10).

Essa multiplicidade de contextos caracteriza também a heterogeneidade do campo, traduzida, por exemplo, nas diferentes formações iniciais dos pesquisadores e também nos trabalhos desenvolvidos, como veremos a seguir.

A trajetória, para Bourdieu, é um dos elementos que explica as práticas do sujeito entendendo que as representações subjetivas construídas na origem não podem ser isoladas da posição objetiva do agente. Assim, as análises que traremos na sequência, sobre trabalhos na área e concepções sobre o tema, naturalmente encontram raízes nessa origem. As trajetórias individuais apresentam forte relação com os locais de origem ou experiências familiares, como observamos em algumas falas (Bourdieu, 1986). Essas e outras relações, como alguns relatos

presentes nas falas, que são construídas ao longo do tempo, se retroalimentam, e assim passam também, futuramente, a constituírem e caracterizarem o campo o qual esses agentes integram.

### 6.2.2 “Trabalhos”

A categoria ‘Trabalhos’ foi escolhida como um eixo temático de análise, pois todos os nossos entrevistados contaram sobre trabalhos desenvolvidos na área ao longo dos anos como pesquisadores e, eventualmente, em atividades profissionais anteriores. Aqui, a partir do que apresentamos acima, independentemente de quando ocorreu a conversão, todos apresentam, em suas trajetórias de pesquisa, trabalhos com Educação Ambiental e pesquisas em Educação Ambiental.

Sobre os trabalhos realizados, alguns os relatavam de forma mais ampla ou genérica; outros o fizeram de forma mais pontual e citavam, por exemplo, trabalhos específicos realizados. Dentre os relatos mais amplos, contextos que fizeram e fazem parte do que os pesquisadores realizaram ao longo da carreira. Por outro lado, algumas falas sobre o tema trouxeram trabalhos mais singulares, como se nos fosse narrado de forma mais circunscrita algumas situações de pesquisa. Em resumo, os relatos também ilustram diferentes esferas e a multiplicidade que, entendemos, retrata a área e também os seus pesquisadores.

Para ilustrar este ponto, recorreremos novamente ao banco de dados do Projeto EArte para acessar as informações sobre aspectos educacionais e profissionais destes pesquisadores, bem como, os temas/objetos de pesquisa orientados pelos sete entrevistados.

Dentre os mais de 150 trabalhos encontrados, os temas estudados são diversos. Como revelam os próprios depoimentos, há, também, pesquisas mais amplas e outras mais específicas. Pesquisas sobre fundamentos da EA, formação de professores, livros didáticos, análises e implementações de currículos e políticas públicas em EA, por exemplo, estão no rol do que já orientaram. Trabalhos com unidades de conservação, gestão ambiental, licenciamento ambiental e degradação ambiental também fazem parte da lista. Finalizando a breve, e plural, síntese, há diferentes estudos de caso, seja em escolas, universidades, comunidades tradicionais ou trabalhos de ONGs e empresas.

Em termos de participação e organização de eventos, são centenas de casos, assim como participação em bancas avaliadoras. Esses exemplos nos mostram que os pesquisadores entrevistados representam, em seu trabalho, diferentes setores ou ramos, que caracterizam esta área profissional e também o campo em que estão inseridos. Esses círculos, como programas

de pós-graduação, eventos na área e bancas avaliadoras são relevantes e sempre utilizados em diferentes pesquisas para descrever e exemplificar características de um campo de pesquisa.

Naturalmente, para ocuparem estas posições específicas, houve uma entrada, um ingresso. Se anteriormente discutimos a aproximação ao ambiental de forma mais ampla e não necessariamente pontual, aqui, podemos apresentar o que chamamos de institucionalização. Utilizamos esse termo pois alguns pesquisadores foram diretos ao sintetizar quando se iniciou o trabalho com a Educação Ambiental. Em alguns relatos, enquanto docente, em outros, apenas vinculados a um PPG.

Carvalho (2005), em pesquisa realizada com educadores ambientais e análise de suas trajetórias, identificou parte desses caminhos como “vias de acesso”. A autora diz que diferentes percursos na trajetória de educadores ambientais não são excludentes e podem, inclusive, se sobreporem e entrecruzarem (Carvalho, 2005). Para diferenciar do que exemplificamos como memórias, entendemos que as vias de acesso podem concretizar, em termos profissionais, um interesse pelo ambiental, que já existia nos pesquisadores. Relatamos, anteriormente, as origens e entendimentos desses interesses. Aqui, como eles tornaram-se, também, trabalhos. Por isso o uso do termo institucionalização.

Esse encaminhamento a partir de escolhas profissionais foram relatados, por exemplo, nas falas de Tim e de Gil. Tim conta-nos que, mesmo se apropriando sobre questões referentes à natureza em seus estudos, o trabalho enquanto pesquisador em EA veio a partir da vinculação a um PPG. Relembra:

[...] comecei a me inteirar dessa temática para quando terminasse o doutorado, entrar num programa de pós-graduação e comecei a me envolver um pouco mais é relacionado à questão da ecologia política, né? [...] eu terminei o doutorado e em [ano de término] eu entrei aqui no programa de pós-graduação em Educação Ambiental. (Tim)

Para Gil, a institucionalização ocorreu de forma mais ou menos semelhante. Estava vinculado ao Departamento de Ecologia, mas relatou sempre procurar, para as disciplinas, pontes com e para a questão humana, por exemplo, em disciplinas como Ecologia Humana e Ecossistemas Urbanos, oferecidas na época para a graduação. Surgiu então um convite que encaminhou os trabalhos com a Educação Ambiental.

E assim, eu fui me envolvendo um pouco com essas disciplinas, até que o chefe departamento vem para a gente e pergunta ‘olha, cada de vocês precisa oferecer uma disciplina optativa. Os alunos vão se formar o ano que vem e nós temos, desde o começo do ano, urgentemente, ter quadro de disciplinas optativas para esses alunos cursarem’. Eu devo confessar que nessa busca, aí eu já falava ‘bom, então essa é uma oportunidade de oferecer uma disciplina que faz essa ponte’, eu tenho que admitir que foi pouco inadvertidamente, assim. Eu não parei para pensar demais, como se aquilo que eu fosse oferecer

fosse já uma opção minha de trabalho, muito clara, muito objetiva, muito evidente para mim. Mas eu pensei, eu já tinha lido alguma coisa sobre a Educação Ambiental e não é à toa, evidentemente, que eu propus uma disciplina, então, sobre Educação Ambiental. (Gil)

Desde então e, futuramente, com grupos de pesquisa, orientações e publicações, a carreira seguiu e se desenvolveu na área.

Para Rita, esse início institucionalizado também veio com programas de pós-graduação. Já vinculada a uma universidade pública, mas trabalhando apenas com a graduação, um grupo de pesquisa recém criado, aulas na pós-graduação, primeiramente uma especialização e, posteriormente, um programa de mestrado, foram fatores determinantes para a sequência de trabalho com a EA. Rita, que realizou o doutorado em outra área, como mostramos anteriormente, foi se conectando cada vez mais com a temática ambiental.

Mas não tínhamos ainda a pós. E nós tínhamos um grupo de pesquisa, né? Que temos até hoje, o grupo de estudos e pesquisa [*nome do grupo de pesquisa*]. [...] E aí é em 2000, nós oferecemos uma especialização em Educação Ambiental. Que foi, na verdade, o embrião para o nosso mestrado, né? E nós tivemos uma recepção muito grande por parte dos alunos, principalmente porque era gratuito e a gente brigou muito para que fosse gratuito. [...] Mas eu fui entrando de cabeça nessa questão da Educação Ambiental, da temática ambiental. (Rita)

João, por sua vez, narrou o processo de forma mais direta. Através de experiências ao longo da vida e das escolhas pelos cursos de graduação, realizou mestrado e doutorado na área e trabalha com Educação Ambiental desde então. Para ele, o processo de institucionalização ocorreu anteriormente quando comparado aos exemplos de Tim, Gil e Rita, já que o trabalho na universidade, seja como professor ou pesquisador, não foi o ponto inicial para João, mas, sim, a realização da pós-graduação. De acordo com o pesquisador:

A gente vivia plena ditadura militar e procurávamos expressar o nosso descontentamento e indignação com a degradação do meio ambiente e a degradação socioambiental. E aí fui me envolvendo, né? Em setenta e sete nós criamos uma Associação para Proteção Ambiental de [*nome do município*], né? E nessa associação isso foi vivenciado de forma muito intensa, as lutas políticas e as lutas ambientalistas e os trabalhos de educação ambiental. Então aí já, não, estamos em setenta e sete, setenta e oito, setenta e nove, nós temos diversas atividades, né? [...] Eu fiz, eu iniciei uma graduação em biologia, depois iniciei em pedagogia. Naquela época, universidades federais permitiam fazer mais de um curso. Então, no fim, eu cursei as duas, me formei em pedagogia e em biologia. Depois mestrado e doutorado foram, né? No campo da educação ambiental. (João)

No caso de Milton, o processo ocorre na graduação, com um grupo de extensão e simboliza a institucionalização dos trabalhos com Educação Ambiental. Relatou-nos sobre a participação, quando adolescente, em algumas organizações ambientalistas, como trouxemos

no tópico anterior. Assim como no relato acima, de João, os trabalhos de mestrado e doutorado também foram realizados na área. Posteriormente, como pesquisador vinculado a um PPG, os trabalhos se consolidaram. Em sua fala:

E é nessa época [pós-graduação] que eu entro para a [universidade]. Mais ou menos uma trajetória comum a algumas pessoas, né, que vinham de movimento ambientalista, que depois entram na universidade. E logo que eu termino meu doutorado, em 2000, eu entro para o programa de pós-graduação e começo a efetivamente fazer uma pesquisa mais orientada. (Milton)

Em suas impressões, Milton relata uma trajetória que, em seu entendimento, é comum para outras pessoas. De fato, como estamos exemplificando a partir das falas dos pesquisadores entrevistados, os momentos os quais chamamos de institucionalização podem ocorrer na graduação, como aconteceu com Milton e João, e já enquanto docente universitário, como nos relatos de Gil, Tim e Rita. Nos exemplos a seguir, Gal e Maria contaram-nos sobre sua inserção a partir, respectivamente, de um projeto de extensão e posterior doutorado na área; além de pós-doutorado. Gal diz que o contato com a Educação Ambiental ocorreu, inicialmente, na primeira metade da década de 1990, no contexto da Rio-92. Assim, de acordo com a pesquisadora, a participação em um projeto de extensão nessa época já trazia alguns olhares para o tema. No entanto, a realização do doutorado foi o principal ponto-chave. Na fala de Gal:

Eu tinha um projeto de pesquisa realizado numa cidade aqui próxima, que é a cidade [nome da cidade], em que eu participava. Primeiro, participei como membro, como uma pessoa que estava compondo a equipe, o grupo. E em seguida, eu coordenei esse projeto, né? [...] O meu mestrado não foi trabalhando com as questões da educação ambiental, foi trabalhando com o Ensino de Ciências. [...] Então meu doutorado foi em 2000. A partir daí eu posso dizer assim: 'bem, agora eu comecei a pensar na educação ambiental'. (Gal)

Na trajetória de Maria, a realização da pós-graduação ocorreu em outras áreas. No entanto, foi após o segundo pós-doutorado e orientações que realizou na sequência, que ocorreu a institucionalização para a EA. “Depois eu fiz uma pós, um pós-doutorado na universidade de Coimbra, em Portugal. Daí esse, esse pós-doutorado, foi daí que eu entrei nessa área, né? É, é, esse pós-doutorado, ele foi na área da educação, história ambiental e sustentabilidade”, relatou.

Retomando a fala de Milton, as trajetórias observadas apresentam algumas semelhanças. Ainda, refletem também a proposta da pesquisa, visto que a realização de pós-graduação na área e/ou o credenciamento em um programa como orientador/orientadora foi o que possibilitou, ao longo da carreira, participar da realização de diferentes pesquisas em Educação Ambiental e, por consequência, figurarem entre os pesquisadores que mais orientaram trabalhos presentes no banco de dados utilizado como referência.



Em artigo publicado em 2009, Carvalho, Tomazello e Oliveira (2009) apontavam que diferentes pesquisadores estavam se debruçando sobre a produção da pesquisa em Educação Ambiental no Brasil e eram unânimes em caracterizar uma explosão vertiginosa destas pesquisas. Segundo os autores, a partir de estudos de Fracalanza (2004) e Fracalanza *et al.* (2005), a maioria dos trabalhos descritos nesses estudos foi realizada a partir do ano de 1995 (Carvalho; Tomazello; Oliveira, 2009). Ao olharmos os relatos trazidos pelos nossos pesquisadores, suas respectivas inserções em programas de pós-graduação e número de orientações desenvolvidas desde então, podemos perceber que o diagnóstico citado marcava, de fato, o início de um processo que cresceria em larga escala.

Em recente relatório publicado pelos pesquisadores do EArte, o tópico sobre distribuição temporal e geográfica nos ajuda a entender esse crescimento. Dados do relatório, a partir da análise dos trabalhos presentes no banco do projeto, mostram que a produção aumentou vertiginosamente nas últimas quatro décadas, sendo 17 pesquisas defendidas na área na década de 1980 e 283 pesquisas finalizadas na década seguinte. Em relação às duas últimas décadas completas, a década de 2000 apresentou 1895 trabalhos registrados e, na década de 2010, foram 3915 teses e dissertações registradas. O mesmo relatório mostra que instituições públicas de ensino superior, de dependência administrativa federal e estadual, como as que os pesquisadores entrevistados estão/estiveram vinculados, representam mais de 70% da produção acadêmica nesse período (Carvalho *et al.*, 2022).

Como colocamos no início desse tópico, as áreas nas quais foram desenvolvidos os trabalhos ao longo das carreiras dos pesquisadores entrevistados apresentam grande diversidade. Ouvimos relatos nos quais os temas apresentavam um núcleo temático mais sólido e, assim, mostravam menor diversidade de temas e encontramos, também, depoimentos nos quais os temas variaram mais durante os anos de pesquisa. Começaremos nossa exposição a partir dos primeiros casos.

Tim, desde que iniciou seus trabalhos enquanto pesquisador na área, trabalha com questões relacionados aos impactos ambientais. Em um primeiro momento, realizou pesquisas na área de licenciamento, por exemplo, olhando planos políticos municipais. Em outro foco, realizou pesquisas a partir de projetos de Educação Ambiental desenvolvidos por empresas. Até que, em certo momento, ‘virou a chave’ e o foco passou a ser o da justiça ambiental, o que se tornou uma constante em seus trabalhos. Aconteceu, relata Tim, quando ouviu certa vez de outro pesquisador: “Você perguntou para aquelas pessoas se elas acham isso mesmo?”. Assim, o ponto de vista dos impactados, digamos, passou a ser o seu foco. Em pesquisas desenvolvidas

com os alunos, e em um observatório que acompanha conflitos na região onde a universidade está inserida, o olhar é sempre o da justiça ambiental. Segundo Tim:

É na relação sociedade-natureza, né? É, nós pesquisamos aqui, nós criamos aqui, onde eu estou aqui, é, um Observatório dos conflitos urbanos e ambientais, então a gente pesquisa os conflitos, né? [...] E desses conflitos, nós estudamos quem está se mobilizando, né, qual é o tema da mobilização e quem é que está sendo demandado né, ou seja, cobrado, responsabilizado. Então nós aproveitamos isso para fazer uma discussão, é, de uma coisa que nós chamamos de reeducação para a justiça ambiental. (Tim)

Em consonância também com sua formação, a interface, a partir da Sociologia, para a relação sociedade-natureza, marca o trabalho de Tim. Segundo o pesquisador, é nesse meio que está inserido o olhar para a justiça ambiental. Assim, exemplifica:

Então pensar uma educação para a justiça ambiental, nós argumentamos que ela pode ser feita de três maneiras. Eu posso aqui na universidade pesquisar isso nos jornais, refletir, digamos assim. A partir disso, como isso impactou esses movimentos que estão sendo prejudicados pelo agronegócio, por exemplo, né? Mas eu posso também fazer uma pesquisa com eles. E eu posso fazer uma pesquisa a partir da própria ação deles. (Tim)

“Eu ‘tô’ interessado é em pesquisas que relatam conflitos... contra os antagonicos, e quem são os antagonicos? São os que estão causando a injustiça”, conclui.

Maria, em suas falas, também relatou trabalhos específicos desenvolvidos na área. Graduada, como Tim, em História, e pesquisando História Ambiental, descreveu trabalhos realizados sob o foco da relação humana com a natureza em questões práticas. Para ilustrar a ideia de sempre buscar esse olhar de sensibilização para com as questões da natureza, Maria cita um projeto de construção de hortas, desenvolvido em escolas. Essa atividade, bastante frequente em trabalhos de Educação Ambiental em ambiente escolar, não pode ter apenas uma finalidade em si mesma. Relata a pesquisadora: “nosso objetivo era, via a horta, fazer o questionamento de como o homem atua na sociedade. Como isto está interferindo, né? No nosso modo de vida, na nossa visão de mundo. Foi um trabalho assim, muito lindo”. E pontua:

Eu faço Educação Ambiental, não descolada da realidade. Não descolada do contexto histórico. Com a natureza, com o espaço, com as pessoas, com o ambiente. [...] E aí eu apaixonei por essa relação e eu comecei a fazer essa relação história-educação, sabe? Que não separa a história ambiental da Educação Ambiental. (Maria)

O tema dos conflitos na relação sociedade-natureza também aparece, segundo relata, nas atividades desenvolvidas por Milton. No entanto, a amplitude nos temas é maior em relação ao que contaram Tim e Maria.

Em sua prática, Milton trabalhou inicialmente com projetos de Educação Ambiental em escolas, mas foi, ao longo dos anos, aproximando-se da questão das políticas públicas na área.

Na carreira, tem grande influência nas políticas norteadoras no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), por exemplo. Conta o pesquisador:

Eu diria que começo por escolas e fui ampliando para a política pública. Depois ali, já final dos anos 90, começo a entrar mais na discussão da gestão ambiental por causa do Ibama. [...] E aí eu começo a construir mais todo um ferramental teórico metodológico, né, de propostas de construção metodológica para gestão de unidade de conservação, gestão de águas, né, e gestão e o licenciamento ambiental, que é o meu peso maior, assim. [...] É aquilo que eu me dedico mais a estudar, Educação Ambiental no licenciamento, né. Onde você tem essa questão do conflito ambiental, ela emerge como algo absolutamente central, né. Licenciamento é o próprio conflito institucionalizado, né. Então é, e aí eu me envolvi muito, né, com isso, e dentro disso com o público dos povos tradicionais, né, que eu fui me aproximando. (Milton)

Ao falar sobre os trabalhos desenvolvidos, João também traz questões relativas a políticas públicas. Em sua carreira, o pesquisador ocupou, inclusive, cargos públicos, no Ministério do Meio Ambiente. O caminho para essa temática dentro da pesquisa e, por consequência, até à esplanada se deu a partir de atividades em diferentes esferas, como relata:

É, tem desde Educação Ambiental em unidade de conservação, Educação Ambiental em escolas, Educação Ambiental em associações ambientalistas, Educação Ambiental na universidade, né? Instituições de Educação Superior. É, trabalhos teóricos conceituais sobre convergência entre direito e Educação Ambiental, trabalhos de fundamentos do tipo potência de agir, né? O conceito de potência de agir como um conceito importante para Educação Ambiental, o conceito de diálogo. Eu orientei já três ou quatro doutorados sobre diálogo e Educação Ambiental. Então não tem uma área única, o que talvez caracterize a minha, a minha, é, trajetória, é, em termos de Educação Ambiental, é a pesquisa engajada, pesquisa, é, comprometida com soluções objetivas, significativas. (João)

Após um tempo, no entanto, surge a percepção de que mudanças mais concretas só são possíveis a partir de políticas públicas, assim, pontua:

O que vai, é, despertando o interesse é ver que muitas vezes a gente ficou enxugando gelo, né? Com, com a pesquisa, com os projetos de intervenção, com as atividades de extensão, né? A gente faz, faz, faz e vê que não ganha em escala. Então aí é isso, né? É essa análise, é essa avaliação ao longo dos anos, que me trouxe a pensar mais em educação e política ambiental, e não só em Educação Ambiental, né? (João)

Em relação às políticas públicas para a Educação Ambiental, houve um único exemplo específico apontado nas entrevistas. Um dos pesquisadores contou ter trabalhado com Salas Verdes, um projeto do Ministério do Meio Ambiente para a EA. Segundo disse, a implementação do projeto auxiliou bastante a implementação de ações nas escolas e viabilizou muitos projetos na formação de professores.

Em recente trabalho, Lopes (2021) analisou esta importante política pública. Ao levantar dados e caracterizar o projeto, em sua concepção e em sua implementação, realizou um estudo em quatro cidades no estado de São Paulo. O principal objetivo para o projeto, segundo definição no site oficial é “contribuir com o processo de construção de uma sociedade mais justa e ambientalmente equilibrada, por meio da implantação de espaços socioambientais para atuarem como potenciais centros de informação e formação socioambiental” (BRASIL, 2002). Em sua pesquisa, a autora conclui que o projeto deve ser aperfeiçoado, ampliado e mais divulgado, pois ainda que implementado de forma incipiente, nos casos analisados, apresenta grande potencial na condução de princípios e diretrizes da Política Nacional de Educação Ambiental (Lopes, 2021).

A partir das muitas leituras realizadas das entrevistas transcritas, permito-me aqui realizar uma separação. Nada formal, naturalmente. Apenas uma percepção nas falas: a separação entre ‘Educação’ e ‘Ambiental’. Claro que ambos caminham juntos no nosso estudo e também na carreira e trajetória dos pesquisadores. Mas visto que são, originalmente, distintos, se entrelaçaram e se entrelaçam em diferentes perspectivas, entendo que, grosso modo, o foco no ‘Ambiental’ estava mais presente nos relatos acima. No entanto, nas falas de Gal, Rita e Gil, o foco maior era ‘Educação’.

Com o risco de soar redundante, pontuo novamente que nenhum entrevistado fez esta separação. Trago uma categorização, entre aspas, pouco criteriosa, apenas refletindo aspectos narrados pelos pesquisadores. Gil, em uma de suas falas, aponta esse entrelace que caracteriza a Educação Ambiental.

É claro que, como todas as áreas na educação, há uma interface, uma interface grande com muitas áreas. Do lado da ciências humanas as diferentes áreas que oferecem questões de fundamento para a área da Educação. Se é Educação, de um lado, já é muito complexo, porque é uma área interdisciplinar e depende, a sua constituição depende de várias áreas. A mesma coisa do lado do ‘Ambiental’. Então, de fato, uma área muito complexa. (Gil)

Nessa ótica, Gil conta sobre a principal característica em seus trabalhos na área. O pesquisador, de forma descontraída, mas assertiva, diz que não educamos jacarés ou beija-flores, mas, sim, pessoas. Ocorre o intuito, então, a partir desse processo educativo, de valorizar todas as outras formas de vida e a natureza, em geral, e suas dinâmicas. “Mas o nosso objetivo é isso que a gente chama de Educação”, afirma. Na fala de Gil:

Acho que já na minha tese de doutorado, o meu esforço sempre grande foi o de, eu acho, que isso pesou a balança mais para o lado de evidenciar, de compreender, de trabalhar a Educação Ambiental como sendo uma área da Educação. [...] Agora, o esforço que eu fiz durante todo esse tempo foi fundamental, claramente que, quando nós trabalhamos com a Educação

Ambiental, o fenômeno que está em pauta é a Educação. Eu estou numa prática, claramente, educativa, o que envolve trabalho com seres humanos. (Gil)

Rita, em seus trabalhos, também privilegia este aspecto. Contou-nos que, ao longo de sua trajetória, recebia, inclusive, diversos alunos de graduação interessados em desenvolver pesquisa e, aos poucos, encaminhava as ideias para a temática ambiental para a surpresa dos estudantes. Segundo a pesquisadora, havia ali uma visão de que a área era mais restrita aos alunos de cursos como Biologia, por exemplo, o que rapidamente desconstruía. Segundo a entrevistada:

Porque quando os alunos me procuravam, né, que queria ser orientado, que eu falava da temática ambiental, da Educação Ambiental, e eles tinham muita dificuldade em entender, porque eles achavam que era Biologia, e aí eu falava 'não, não tem nada a ver'. [...] E aí as possibilidades se oferecem, né. Muita coisa, trabalho na escola, como trabalho com livros didáticos, as possibilidades de pesquisa que a temática oferece, né. (Rita)

Ao longo dos trabalhos, a pesquisadora teve como foco o entendimento que temos da relação sociedade-natureza e, assim, fundamentos da Educação Ambiental. Rita entende que esse ideário no qual o homem não é parte constitutiva da natureza, e a dicotomia então criada, são suas principais áreas de interesse, no sentido de construir uma visão diferente na forma como concebemos essa relação. Relata a pesquisadora:

No meu caso, essa é a questão fundante. Quer dizer, subjacente à forma como nos relacionamos com a natureza existe a forma como a concebemos, né? Então, dependendo do jeito que a gente concebe a natureza e a relação sociedade-natureza, a gente tem um tipo de relação com ela. Então essa para mim é a questão fundamental e eu entendo que é, continuo achando, que é a grande questão do século 21. (Rita)

E conclui, pensando também no impacto que as pesquisas têm nas atividades profissionais que os pesquisadores poderão desenvolver na sequência e nos espaços em que atuarão:

Então nos trabalhos é essa ideia, né, que a gente acalenta. De que essas pessoas que nós estamos formando, eles, elas, estão também, né? Levando, trabalhando essas ideias no seu local de trabalho, né? Na escola. Principalmente no nosso caso, nas escolas. Temos alunos que são, estão na direção de escola, são professores, são coordenadores pedagógicos. Então, e aí... a materialização disso, aí por meio da Educação Ambiental nas escolas. É lá no chão da escola, como o povo costuma dizer. (Rita)

Gal, entre outras temáticas, trabalhou primordialmente com formação de professores. Graduada em Ciências Biológicas, realizou o mestrado com Ensino de Ciências e foi professora na Educação Básica durante anos, experiência que levou também para a universidade. O foco, como trouxemos em relatos anteriores, também está no processo educativo e na formação dos

indivíduos. Ao tratar sobre Educação Ambiental na escola, a pesquisadora deixa isso muito claro.

Existe diferença entre uma boa aula de Ecologia, uma boa aula de Biologia e o trabalho com Educação Ambiental? Quando você trabalha com a Ecologia, você informa as pessoas. Quando você vai trabalhar com Educação Ambiental, você forma as pessoas, né. Então, modifica a mentalidade, muda a forma de pensar, a visão de mundo. [...] Agora, a partir dali, quando leva aquele conhecimento para contextualizar com a sociedade, para levar o aluno a pensar aquilo ali como um problema ou como a solução, aí sim. Aí eu estou trabalhando com a formação de uma nova mentalidade. (Gal)

Encaminhando a conclusão deste tópico, entendemos importante pontuar mais dois aspectos para a categoria ‘trabalho’: os grupos de pesquisa e a participação em eventos. Com a exceção de Maria e João, os outros cinco pesquisadores citaram grupos de pesquisa como espaços para o desenvolvimento de trabalhos e a dimensão que têm na construção das pesquisas. Rita, por exemplo, falou sobre a importância da criação do grupo para sua maior inserção nos trabalhos com Educação Ambiental e para o desenvolvimento destes. Tim, por sua vez, caracteriza o seu grupo e pontua a relação que busca estabelecer com os alunos e com as pessoas com as quais se envolvem nos projetos, no intuito ‘de uma pedagógica não autoritária’ e para ‘ser coerente nas ações com as nossas falas’.

Gal, inclusive, cita o grupo como um local para além de estudos e pesquisas, mas, também, para a possibilidade de encontro entre pesquisadores e propostas de extensão.

Mas por que que a gente faz isso daí? Porque a gente abre espaço para os pesquisadores, tanto de iniciação científica quanto de monografia, do mestrado, doutorado, ter esse espaço para dialogar sobre a educação ambiental. É também um espaço de extensão? É, né? Mas não deixa de ser também um espaço onde os pesquisadores vão colocar suas pesquisas. (Gal)

Em relação aos eventos, todos os pesquisadores entrevistados compareceram, em seus históricos profissionais, a muitos encontros. Em tópicos anteriores, mostramos a importância desses eventos na constituição e consolidação do campo da pesquisa em Educação Ambiental, como diversos autores já pontuaram. Entre entrevistados, estão organizadores de eventos dessa natureza e, ainda, autores e autoras recorrentemente citados em trabalhos apresentados nas diferenças edições. Citamos, para simbolizar esse importante aspecto do trabalho como pesquisador, o EPEA. O evento, ao longo dos anos, ampliou seu alcance e, em suas 11 edições, recebeu pesquisadores de diferentes regiões do país e trabalhos referentes aos mais diversos aspectos da EA. Assim, possibilita o contato entre os agentes e fortalece a produção de conhecimento no campo. Na apresentação dos Anais do VIII EPEA, a Comissão Organizadora

do evento pontua tal importância ao escrever sobre a primeira edição do Encontro fora do estado de São Paulo, local de sua origem.

Pela primeira vez, o evento foi sediado no Rio de Janeiro, realizado por grupos de pesquisa de IES do Rio de Janeiro (UFRRJ, UFRJ e UNIRIO), iniciando uma nova fase, para além do Estado de São Paulo. A realização deste evento no Estado do Rio de Janeiro favorece a produção e o surgimento de novos núcleos de produção acadêmica, gerando uma expertise local, favorável à promoção da sustentabilidade socioambiental do desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro, propondo o tema “A avaliação da década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável e perspectivas futuras (EPEA, 2017).

A relevância do EPEA seguiu crescendo, como podemos ver nos anais da décima edição, realizada no estado de Sergipe, pela primeira vez fora da região Sudeste. No texto de abertura dos Anais, são citadas a consolidação das pesquisas em Educação Ambiental nos programas de pós-graduação e uma discussão sobre a participação do próprio encontro nos avanços das pesquisas em duas décadas.

A educação ambiental tem sido centro de discussões em programas de pós-graduação diante da sua emergência em tratar as questões socioambientais na formação ambiental dos sujeitos. O X EPEA, realizado em São Cristóvão, no campus da Universidade Federal de Sergipe, sob o apoio do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental de Sergipe (GEPEASE), tomou como foco a relação do atual cenário político, social e cultural brasileiro, considerando as questões contemporâneas que atravessam tais relações e discutindo sobre o papel do EPEA nos avanços das pesquisas em EA nos últimos 20 anos (EPEA, 2019).

Fechando essa categoria de análise, sintetizamos que vimos nos pesquisadores entrevistados atuações em muitas das esferas características desse universo profissional e que, em suas trajetórias na pesquisa e também na docência, trabalharam com uma grande diversidade de temas. A partir do que nos foi relatado, e inspirados em categorias elencadas por Carvalho (2021), em artigo sobre pesquisas desenvolvidas em um grupo de pesquisa o qual a outra integra, encontramos um amplo leque de temas na Educação Ambiental, por exemplo:

- a) temas de caráter sócio-político, como conflitos em questões ambientais, políticas públicas, gestão e licenciamento ambiental, e ações não governamentais;
- b) temas de caráter teórico-metodológico, como pesquisas que exploram representações e concepções entre educadores ambientais, entre estudantes ou mesmo entre grupos/comunidades fora do ambiente escolar, aspectos filosóficos, epistemológicos, históricos e metodológicos sobre Educação Ambiental;
- c) temas de caráter pedagógico, como formação de professores, projetos e currículos para Educação Ambiental nas escolas, processos de ensino e aprendizagem e recursos didáticos (Carvalho, 2021, p. 362).

Em síntese, ao nos contarem sobre diferentes experiências no trabalho, os entrevistados trouxeram questões tanto práticas, quanto teóricas. As questões de ordem prática, por exemplo, ilustramos com algumas falas que tratavam especificamente sobre um projeto desenvolvido em uma ou outra situação. Para as questões de cunho mais teórico, selecionamos trechos nos quais os pesquisadores apontavam aspectos que caracterizavam seu trabalho como um todo, aspectos por vezes fundantes e/ou norteadores para suas práticas. Esses traços, assim observamos, constituem um conjunto de visões e percepções adquiridas, moldadas e reformuladas ao longo das trajetórias, e que orientam o fazer no dia a dia do trabalho. Entendemos, à luz de Bourdieu, a existência de um *habitus* que caracteriza os pesquisadores, o qual será mais bem descrito na sequência, na categoria de análise ‘concepções’, a partir dos aspectos referentes a esse *habitus*.

Por fim, é importante salientar que as falas dos pesquisadores trazem diversidade nas abordagens e temas de pesquisas, nos projetos e orientações desenvolvidas. Essa heterogeneidade, constante na nossa investigação, também é vista nas formações, nas conversões ao ambiental e, um pouco menos, é verdade, resultado dos processos para ingresso nas IES, nos meios de institucionalização. Diversidade essa, no entanto, que se mostra menor ao ouvirmos os pesquisadores falarem sobre o trabalho e não conseguirem separá-lo de muitos aspectos do que vivem no cotidiano e dos sentidos e olhares que têm para a temática ambiental. Por esse prisma, há muitas semelhanças.

Para ilustrar, e abrir o próximo tópico, separamos trechos nas falas de Maria e Gal. A primeira, conta de afazeres comuns na rotina, como ir ao supermercado, e como as questões ambientais não se desassociam em nenhum momento dos outros contextos.

Eu não consigo fazer Educação Ambiental apenas com crianças ou com pessoas, eu faço Educação Ambiental todos os dias. Eu vou no supermercado, eu faço Educação Ambiental com a caixa, com a caixa do supermercado. Eu estou sempre, em todos os momentos eu, eu estou trabalhando isto, sabe? Não sei se é porque eu trabalhei muito com essa questão, mas se projetou tanta na minha consciência. Acho que Educação Ambiental é isso. (Maria)

E Gal, de forma semelhante:

Eu acho que eu sou um pouco educadora ambiental nas minhas horas fora da sala de aula. Eu digo uma coisa: festa aqui em casa, pode ter 40 pessoas, mas eu não boto descartável. Aqui onde eu moro tem coleta seletiva, aí eu faço. Metade do condomínio adotou a campanha, né, mas muita gente não faz, mas eu faço. Faço minha seleção, coloco meu lixo de forma correta. (Gal)



### 6.2.3 “Concepções”

Esta categoria de análise surgiu quando identificamos nas leituras determinados ângulos e visões a partir dos quais os pesquisadores caracterizavam seus trabalhos e também se caracterizavam. Em determinado momento nas conversas, perguntávamos quais eram os aspectos que eles entendiam como fundamentais na Educação Ambiental e na pesquisa na área. Em outros momentos, questionamos se havia alguns aspectos que entendiam como presentes nos pesquisadores e educadores ambientais. Naturalmente, a questão levantada não visava estabelecer rótulos e regras ou mesmo criar estigmatizações. Colocamos a pergunta, pois, ao tentar traçar perfis, entendemos ser relevante procurar características que os próprios pesquisadores enxergam como atributos dos indivíduos desse campo. Retomando a análise, os depoimentos traziam em resposta, entre outros exemplos, perspectivas relacionadas às questões políticas, valores éticos e estéticos, foco no processo educativo, consciência das questões ambientais e uma visão crítica ao olhar tais questões.

Para nos auxiliar na categorização, tomamos como referência as três dimensões consideradas fundamentais para a temática ambiental e processos educativos, colocados por Carvalho (2006). São, de acordo com o autor, a dimensão relacionada com a natureza dos conhecimentos, a dimensão dos valores éticos e estéticos e a dimensão política do processo educativo, em particular, da Educação Ambiental (Carvalho, 2006). A partir das falas dos pesquisadores, a segunda e a terceira dimensões supracitadas são relatadas, aqui, em alguns trechos, a começar pela dimensão axiológica.

Maria, por exemplo, pontua, em comparação com suas percepções, uma sensibilidade para com a natureza e com as pessoas, que entende como marcante para pesquisadores do campo.

Eu acho que tem que ser uma pessoa mais, com mais sensibilidade, é, para, para, para com as pessoas, para com a natureza, para com as pessoas em geral. Eu acho que uma pessoa quem é dessa área, é da linha da Educação Ambiental, ou da linha ambiental, tem que ser uma pessoa mais sensível a essas coisas. Uma pessoa muito materialista ou muito pragmática, eu acho que ela não se dá nessa. (Maria)

Entre outros aspectos, um dos pesquisadores entrevistados também destaca essa relação afetiva com a natureza como parte importante nas orientações e perspectivas para a Educação Ambiental. Entende que esse olhar sensível, assim como relatado acima, é uma característica para educadores ambientais, ainda que não seja uma obrigatoriedade. O trecho a seguir aponta parte dessa visão:

E acho que tem uma coisa desse mundo valorativo, dessa perspectiva axiológica, que acho que vai muito também para relação do afeto com a natureza. Quer dizer, a natureza não é algo que está sendo vista como grande recurso para ser explorado. Essa relação ética com a natureza também está posta de uma forma muito clara para o pesquisador em Educação Ambiental. E aí, o mundo da sensibilidade, a sensibilidade ética, sensibilidade estética, o valor à vida, a todas as formas de vida. (Gil)

No entanto, como ocorreu nesse contexto da fala de Gil, os pesquisadores foram praticamente unânimes ao apontar a importância de uma concepção crítica. Em muitas de suas falas, demonstram que essa visão deveria estar sempre posta e tomada como um dos princípios orientadores nas diferentes práticas e trabalhos. Seja enquanto pesquisadores, professores ou educadores ambientais em outros espaços, que não universidades ou escolas, enfim, nos mais diferentes meios que a Educação Ambiental possa estar presente, uma visão que questiona a situação de emergência ambiental que o planeta enfrenta, que atribui causalidade às atividades humanas e não dissocia seres humanos e natureza é essencial.

Gal, ao falar sobre suas práticas, coloca claramente a importância da construção dessa percepção. Assim, mostra o intuito em estimular, desde cedo, o olhar mais valorativo para com a natureza buscando uma nova forma de pensar e conceber a nossa relação com ela. Conta-nos a pesquisadora:

Então, o que eu acho importante hoje, né, é desenvolver as práticas, coisas que já se faz há muito tempo, mas que sejam práticas pra mudança do pensamento, não simplesmente ir lá, fazer e pronto. Se for um trabalho de horta, por exemplo, tem que cuidar da plantinha e não sei o quê. Mas e aí, como fica a relação com o meio social? (Gal)

Esta e outras falas que traremos a seguir mostram, na categorização supracitada, a dimensão política na Educação Ambiental. Um trecho da fala de Milton apresenta ‘com todas as letras’ essa perspectiva:

Eu acho que nenhum processo, de educação ambiental pode abrir mão de categorias centradas no conflito ambiental, né? [...] O conflito ele expressa isso: uma sociedade desigual, aonde grupos sociais, né, tem interesses e necessidades distintas que entram em conflito, por situação ou incompatibilidade ou antagonismo das formas de uso e apropriação da natureza. Se você não entender isso, o resto vira perfumaria. Se não entender o que está em disputa, quais são as formas de uso, quais são os sentidos, simbólicos e materiais dados, né, nas relações que estabelecemos, o problema ambiental, ele fica etéreo né, fica abstrato. (Milton)

A característica volátil, atribuída pelo pesquisador aos pensamentos ausentes de uma contextualização sócio-histórica, pode também ser enxergada em alguns apontamentos realizados por diversos autores ao enfoque conservacionista da Educação Ambiental. Diferentes autores apontam incoerências nessa perspectiva e entendem que ela é incapaz de promover

mudanças, pois não está comprometida com o processo de transformação da realidade socioambiental, tende a reproduzir a dissociação entre sociedade e natureza, é esvaziada de críticas à construção histórica da destruição ambiental, despolitiza o debate e "se utiliza de um discurso ambíguo que sugere e promete mudanças, mas deixa de dizer que as mudanças aceitáveis não podem ultrapassar os limites da ordem social vigente" (Loureiro, 2004; Lima, 2004).

Em contraposição a esta ideia, podemos apontar as contribuições da Educação Ambiental Crítica. A vertente crítica problematiza os contextos de sociedade e sua interface com a natureza e afirma que as causas dos problemas ambientais têm origem nas relações sociais vigentes e no modelo de sociedade alicerçada na produção e no consumo. Através dessa perspectiva e a partir de um olhar questionador para as questões ambientais, mudanças podem ser alcançadas. Carvalho (2004) traz uma leitura sobre a EA Crítica que vai ao encontro das falas expostas

Na perspectiva de uma educação ambiental crítica, a formação incide sobre as relações indivíduo-sociedade e, neste sentido, indivíduo e coletividade só fazem sentido se pensados em relação. As pessoas se constituem em relação com o mundo em que vivem com os outros e pelo que qual são responsáveis justamente com os outros. Na educação ambiental crítica esta tomada de posição de responsabilidade pelo mundo supõe a responsabilidade consigo próprio, com os outros e com o ambiente, sem dicotomizar e/ou hierarquizar essas dimensões da ação humana (Carvalho, 2004, p. 19).

Em artigo publicado em 2005, Bertolucci *et al.* (2005) buscaram uma leitura de diferentes perspectivas e denominações para a Educação Ambiental em um esforço para amadurecimento teórico e epistemológico do campo da EA e da pesquisa em EA. O estudo caracteriza distintas vertentes político-pedagógicas e se baseia em textos de diferentes autores a partir desse componente crítico (Carvalho, 2004; Guimarães, 2004; Loureiro, 2004; Lima 2004; Gadotti, 2000), pontuando as contribuições das vertentes Crítica, Transformadora, Emancipatória e da Ecopedagogia (Bertolucci; Machado; Santana, 2005).

Mais recentemente, em trabalho publicado em 2015, Silva (2015) analisou a perspectiva crítica em teses e dissertações presentes no banco EArte e também utilizou estes e outros autores para sistematizar a EA Crítica. Segundo a autora, ao mesmo tempo em que observamos diversas nomenclaturas, o discurso caracterizado como crítico fundamenta e direciona todas essas vertentes (Silva, 2015). Nesse ínterim, sem a necessidade de caracterizar de qual vertente estamos tratando, o trecho extraído da fala de Gil mostra a importância desse viés que questiona a ordem ambiental estabelecida, compreende raízes históricas para esse processo e busca, a partir desse entendimento, promover mudanças. De acordo com o pesquisador:

Agora, acho que é possível identificar, ainda no Brasil, a necessidade sentida pelo pesquisador em Educação Ambiental de uma transformação social que vá para além das aparências, que vá além de mudanças pontuais. Por isso, então, a caracterização de crítico. Quer dizer, crítico ao que está aqui. E a necessidade de caminhar no mundo, que vá um pouco ao encontro das utopias que a gente constrói, sobre o mundo que tenha como orientação a perspectiva de justiça socioambiental, por exemplo. Essa dimensão política parece que está sempre posta para o pesquisador, seja lá qual for a orientação teórico e metodológica. (Gil)

A ênfase dada a essa visão também está presente nas falas de Rita e João. A primeira demonstra este aspecto ao dizer que não se deve ter uma visão ingênua da vida e romântica da natureza. É preciso perceber a dimensão política da questão ambiental para sairmos dessa superfície que aponta consequências, mas não busca as reais causas e não questiona o modelo econômico. Para o último, inclusive, é esse compromisso político e o olhar para a causa ambiental no sentido mais amplo, para o socioambiental, que deve nos mover na prática.

Nos seus trabalhos, Gal também pontua a relevância da criticidade no intuito de alcançar uma mudança de mentalidade e da forma como interagimos com o meio. A pesquisadora conta que sempre aborda essa visão nas pesquisas desenvolvidas para contextos escolares como forma de ir além dos simples gestos ou atitudes, ambientalmente corretos, mas realizados de forma mecânica. Conta-nos:

Os meninos vão colocar o papelzinho no cesto de lixo, né. Mas será que esses meninos, eles desenvolveram uma criticidade? Então, o que eu acho importante, hoje, né, é desenvolver as práticas, coisas que já se faz há muito tempo, mas que essas práticas, elas sejam lincadas ao desenvolvimento do pensamento, com a mudança do pensamento. Isso é muito importante, como encontrar o caminho para a gente pensar diferente, né. (Gal)

Nesse ínterim, ilustramos com a fala de Milton:

Do ponto de vista epistêmico, é isso, é entender que os problemas ambientais, eles não surgem apenas... Também é abstrato da relação ser humano - natureza. São relações historicamente determinadas, são formas de relações, como sociedade-natureza, definidas, e certas relações materiais, relações sociais, relações de produção. [...] Se você não entender isso, né, do ponto de vista epistemológico, você vai para discussões que às vezes dissociam, né. Eu acho que entender a determinação social do problema ambiental, entender que o ato educativo numa sociedade desigual é um ato intencional e politicamente localizado é fundamental, né. (Milton)

Visto que a proposta para a nossa investigação está atrelada à pesquisa em Educação Ambiental, trazemos aqui uma rápida colocação sobre a presença desse tema em trabalhos apresentados no já referido GT-22 da ANPEd e também nas dez primeiras edições do EPEA. Oliveira (2015) analisou trabalhos apresentados nesse GT entre 2006 e 2013 a partir da leitura dos resumos, objetivo central e palavras-chave, classificando-os de acordo com o tema

abordado. A autora chegou a 27 diferentes eixos temáticos, sendo um deles intitulado 'Perspectiva crítica da educação ambiental'. Segundo a autora, foram classificados nesse eixo “trabalhos que articulam a produção em educação ambiental numa perspectiva crítica voltada para uma participação cidadã, para a construção de sociedades socialmente justas num sentido de educação transformadora e emancipatória” (Oliveira, 2015, p. 51). Ainda, apontou um leve aumento ao longo das edições estudadas para trabalhos com essa temática.

Em artigo publicado recentemente, Lopes e Loureiro (2022) também verificaram um aumento, substancial dessa vez, nos trabalhos com a referida temática. Para realizar o levantamento, contabilizaram os trabalhos que apresentavam as palavras 'crítica' ou 'crítico' no título, resumo ou palavras-chave. Nas duas primeiras edições, respectivamente 5% (4 de 76) e 6% (4 de 72), apareceram no levantamento. Houve grande crescimento desde então, com maior número observado na sétima edição, 46% (41 de 90), e maior número absoluto na nona edição, 52 de 117 (44%). A última edição analisada para o artigo, a décima, apresentou 38% (36 de 94) de trabalhos relacionados à temática (Lopes; Loureiro, 2022).

Silva (2015), em trabalho supracitado, observando teses e dissertações que continham a expressão 'educação ambiental crítica' também revelou essa tendência. Analisando trabalhos defendidos entre 1996, ano de defesa do primeiro trabalho com o tema, e 2009, apontou um aumento gradual a partir de 2007, com 11% dos trabalhos, 21% em 2008 e 49% dos trabalhos em 2009 (Silva, 2015). Este, então, parece ser um componente recorrentemente presente nas pesquisas.

Nas nossas entrevistas, a dimensão política foi a que mais frequentemente apareceu. Como já citamos, não necessariamente caracterizada em uma específica vertente, mas sempre qualificada desse pensamento que discute o modelo atual e atribui causas, e identificada como caminho para efetivas mudanças desse modelo. Entretanto, é importante dizer que algumas falas trouxeram a ressalva de que a educação não é esse mecanismo mágico capaz de, sozinha, transformar os cenários vigentes, ainda que, sem dúvida, contribua na construção de soluções.

Novamente nos apoiamos em Carvalho (2004) para prosseguir a discussão. A autora aponta a contribuição da EA Crítica para mudanças de valores e atitudes, formando, assim, um sujeito com valores para com a natureza e para com o outro humano capazes de orientar decisões sociais e reorientar estilos de vida individuais e coletivos. De acordo com a autora:

[...] um tipo de subjetividade orientada por sensibilidades solidárias com o meio social e ambiental, modelo para a formação de indivíduos e grupos sociais capazes de identificar, problematizar e agir em relação às questões socioambientais, tendo como horizonte uma ética preocupada com a justiça ambiental (Carvalho, 2004, p. 18).

O termo justiça socioambiental surgiu em duas diferentes falas, de Gil e Tim, e são esses recortes que trazemos para finalizar este tópico. Primeiramente, na fala de Gil, apareceu quando o pesquisador contava sobre a percepção, ao longo do tempo, dos aspectos éticos e estéticos em comparação à dimensão política que, segundo ele, já estava posta anteriormente em suas concepções. Concluiu dizendo que, posteriormente, o termo justiça socioambiental ‘caiu como uma luva’ em suas compreensões acerca das questões ambientais.

Nas colocações de Tim, que tem essa questão como condutora nos trabalhos que desenvolve, fica clara a prioridade em confrontar as possíveis causas e/ou causadores que estabelecem essa injustiça e a busca por promover a justiça socioambiental. E essa questão é colocada independente do sentido que damos e como adjetivamos a Educação Ambiental. De acordo com o pesquisador:

Educação Ambiental, a Educação Ambiental crítica, emancipatória, libertadora, popular. Todas essas aí seriam, poderiam ser enquadradas como a educação para a justiça ambiental. É, então, todas ‘essas’ Educação Ambiental aí, se estão se colocando ao lado dos injustiçados, com os injustiçados, desde a perspectiva dos injustiçados, ‘é’ uma Educação Ambiental para justiça ambiental, tá? (Tim)

Finalizando este item, também é importante pontuar que os pesquisadores demonstraram em suas falas que entendem a diversidade do campo como positiva para a sua constituição. Tim, por exemplo, em uma de suas falas, exalta a diversidade de áreas e entende que essa união de forças tem relação, inclusive, com a urgência ambiental que enfrentamos. No entendimento do pesquisador:

É a riqueza que eu acho que possibilita, que gente da Biologia, gente do Direito da História, possa entrar nesse campo, incorporar na sua formação, na sua habilitação, esse tema, o tema ambiental, a natureza, a ecologia, seja o nome que seja. Vai incorporando a questão ambiental nas suas especificidades. Isso é algo positivo, né? Porque te abre os horizontes Isso amplia, ainda mais agora dentro da catástrofe climática que a gente está vivendo. (Tim)

Outras falas também caminharam no sentido de apostar essa multiplicidade nos perfis e nas escolhas e características das pesquisas. Gil, por exemplo, apontou que “as tendências metodológicas são as mais diversas possíveis” e que uma grande marca do campo “é essa diversidade, esse mundo todo, nessas diferentes dimensões”. Um trecho da fala de Milton explicita de forma clara essa questão. De acordo com o pesquisador:

Eu acho que o que é mais singular na educação ambiental é aquilo que é um ponto forte e um ponto fraco ao mesmo tempo, talvez seja o mais forte ou mais fraco. Que é isso, assim, é a intersecção com áreas, teorias e métodos muito diferentes, né. Então, eu digo que é um ponto forte, porque abre para um diálogo que é interessante, né, enriquece. Mas, por outro lado, fragiliza porque tem hora que fica um ecletismo, assim, de uma incoerência monumental, as

peessoas juntam coisas que não fazem o menor sentido, né. E talvez isso seja uma marca na educação ambiental, para o bem e para o mal, né, assim. E também que é isso aí, convivem na constituição do próprio campo, né. Porque potencializa e cria fragilidades gigantescas ao mesmo tempo. (Milton)

Face a essa diversidade, observamos, entre os sete pesquisadores, em suas formações iniciais, quatro diferentes cursos de graduação, como citamos anteriormente. Nos estudos iniciais que trouxemos, no âmbito do Projeto EArte, apareceram dezenas de graduações iniciais na amostra levantada. Parte dessa diversidade, ainda que em um espaço amostral curto, observou-se aqui também.

No próximo item, buscamos fazer uma síntese dos perfis que apresentamos e trouxemos algumas reflexões sobre características do campo da pesquisa em Educação Ambiental.

## 7 ALGUMAS CONCLUSÕES

“Então, eu acho que a Educação Ambiental, o olhar para a Educação Ambiental é resultado da minha história de vida e a minha história de vida é resultado desse olhar para Educação Ambiental”.

Escolhemos esse trecho trazido por um dos pesquisadores para iniciar o nosso último tópico, pois traduz muito dos sentimentos e das falas que ouvimos nas entrevistas. Nas conversas, ficou nítida para nós a identificação dos pesquisadores com o objeto dos seus trabalhos: a Educação Ambiental. Entre diferentes abordagens, prioridades e especificidades, buscamos trazer com os trechos selecionados exemplos de como os pesquisadores construíram ao longo das carreiras suas identidades com a temática, como desenvolveram seus trabalhos e que características enxergam entre os agentes que compõem esse campo de pesquisa.

Retomando os nossos referenciais, buscamos, aqui, a partir das definições propostas por Bourdieu para um campo social, ilustrar parte da multiplicidade presente no campo da Educação Ambiental e, em particular, da pesquisa em EA. Layrargues e Lima (2014) observam que esse campo é composto por uma diversidade de atores que compartilham um núcleo de valores e normas comuns. No entanto, esses autores apresentam também diferenças em suas concepções sobre a questão ambiental e nas propostas políticas, pedagógicas e epistemológicas que preservam no desenvolvimento dos trabalhos (Layrargues; Lima, 2014). Com base nas falas dos pesquisadores aqui expostas, buscamos mapear, em certos níveis, tanto esse núcleo comum de valores, quanto as diferentes concepções em relação à temática ambiental e para a Educação Ambiental e pesquisa em EA.

Em relação ao primeiro ponto, trouxemos alguns aspectos semelhantes nas três categorias de análises propostas. Entre particularidades naturais da trajetória de cada um, observamos equivalências e traços similares, seja em memórias ou concepções. Essas questões, naturalmente, influenciam o dia a dia dos trabalhos e, ali, também pudemos observar correspondências. Nesse sentido, fica clara a aproximação dos educadores ambientais entrevistados com o idealizado sujeito ecológico que trouxemos anteriormente. A partir das definições trazidas por Carvalho (2004), observamos nos pesquisadores a crítica levantada aos modos de produção, a competitividade sem limites e ao crescimento sem freios que explora e abandona o ambiente e pessoas que não se encaixam neste modelo. Nas palavras da autora, tal qual conseguimos identificar e explicitar com as entrevistas, os pesquisadores são portadores dos ideais do sujeito ecológico, o qual:



[...] põe em evidência não apenas um modo individual de ser, mas sobretudo, a possibilidade de um mundo transformado, compatível com esse ideal. Fomenta esperanças de viver melhor, de felicidade, de justiça e de bem-estar. Assim, além de servir de fonte de identificação, mobiliza sensibilidades que podem ser experienciadas por muitos segmentos de nossa sociedade (Carvalho, 2004, p. 69).

No segundo ponto, por outro lado, ao tratarmos das diferentes concepções, também observamos nas entrevistas essa pluralidade. Carvalho (2009), em artigo publicado a partir dos relatos dos grupos de discussão de pesquisa nos EPEAs, considerou que "em um campo bastante sujeito à construção de consensos, muitos deles aparentes e, muitas vezes, sem respaldo empírico ou teórico, as análises de textos que se voltam para a reflexão sobre a pesquisa em EA são unânimes em apontar para sua complexidade" (Carvalho, 2016, p. 148). Esta referida complexidade incide, também, na diversidade entre aqueles que realizam essas pesquisas e configuram esse campo. Como dito acima, quando Carvalho (2009, p. 128-129) reconhece a produção acadêmica na área "ainda bastante aberta e com baixa definição" ou "com vários atravessamentos", entendemos que ali, também, está referida essa complexidade. No entanto, é em consonância com esse cenário que podemos apontar a existência de diferentes perfis entre os pesquisadores do campo.

Na tentativa de oferecer contribuições para o debate, o artigo supracitado de Carvalho (2004) trouxe algumas ideias as quais a autora adjetivou como locais onde se pode pensar uma educação que não abandona sua crença e aposta em outro mundo possível. Dos sete tópicos colocados, separamos três:

- i.* Promover a compreensão dos problemas socioambientais em suas múltiplas dimensões: geográficas, históricas, biológicas, sociais e subjetivas; considerando o ambiente como o conjunto das inter-relações que se estabelecem entre o mundo natural e o mundo social, mediado por saberes locais e tradicionais, além dos saberes científicos;
- ii.* Contribuir para a transformação dos atuais padrões de uso e distribuição dos bens ambientais em direção a formas mais sustentáveis, justas e solidárias de vida e de relação com a natureza;
- iii.* Formar uma atitude ecológica dotada de sensibilidades estéticas, éticas e políticas sensíveis à identificação dos problemas e conflitos que afetam o ambiente em que vivemos (Carvalho, 2004, p. 21).

Elencamos essas três colocações pois entendemos que convergem com as falas trazidas nas entrevistas e ajudam a explicitar, de forma geral, como os pesquisadores estabeleceram suas visões acerca do tema e no dia a dia dos seus trabalhos. Nas conversas, pontuadas por seus respectivos caminhos, relações com a temática e cotidiano de trabalhos e pesquisas, pensamentos que esses três aspectos nos ajudam a sintetizar e aparecem, entre outras particularidades, em praticamente todos os relatos, como mostramos.

Ainda, a partir dos que nos foi contado, buscamos caracterizar o campo da pesquisa em EA em suas pluralidades e consonâncias, e mapear um *habitus* entre esses pesquisadores, significativo ao campo e às questões que o atravessam. As falas nos mostram um grande engajamento para com as questões ambientais, valores éticos e estéticos em relação ao ambiente, natural ou construído pelo homem, e uma clara tendência às questões sociais que compõem a Educação Ambiental, além da busca por caminhos para justiça socioambiental. Finalizo apontando que, em nenhum momento, algum pesquisador transpareceu que o trabalho não fosse um desdobramento das suas escolhas de vida sendo evidente essa indissociabilidade nos relatos sobre hábitos cotidianos e outros aspectos semelhantes.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS E IMPLICAÇÕES PARA O CAMPO DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Quando iniciei essa investigação, ainda na etapa de formulação de um projeto de pesquisa, as informações que eu tinha sobre o universo da pesquisa em Educação Ambiental eram muito incipientes. Ao longo do desenvolvimento do trabalho, das conversas em orientações e das participações a atribuições no Projeto EArte, eu não apenas aprimorei meu entendimento sobre esse campo de pesquisa, como entendi melhor o que é ser um pesquisador e realizar uma pesquisa. Ao delimitar nosso principal objeto de pesquisa, tive dúvidas, devido às investigações semelhantes que encontrei demonstrarem uma análise encurtada, não além de um levantamento dos Currículos Lattes dos pesquisadores. Ao longo da investigação, no entanto, à medida que o trabalho encorpava, fui entendendo a relevância da pesquisa e da sistematização que fizemos. Como a relevância dos entrevistados eu conhecia há tempos, evidenciar questões apontadas por eles e, a partir disso, tentar caracterizar um perfil, revelou-se um trabalho muito gratificante.

O campo da Educação Ambiental está, como referendado por vários estudos e autores, em permanente expansão e possui diversos espaços de debate acadêmico (Linhas de Pesquisa em PPGs, GT22 da ANPEd, EPEAs, periódicos, redes de pesquisa etc.). Além disso, a Pós-Graduação é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de pesquisas e de engajamento no debate acadêmico, o que nos garante um importante recorte para a nossa investigação ao buscarmos os pesquisadores a partir da orientação de teses e dissertações presentes no banco do Projeto EArte.

As revisões da literatura nortearam esse recorte e as definições da pesquisa, assim como fundamentaram a discussão que exploramos e explicitamos com as falas dos pesquisadores. Com sucessivas leituras das entrevistas, escolhemos os três eixos temáticos na tentativa de explorar diferentes dimensões nas trajetórias e carreiras dos pesquisadores, no intuito de caracterizar os caminhos que os levaram até a atuação e como desenvolveram e consolidaram seus trabalhos. Apresentamos e procuramos discutir essas características e traçamos um perfil diverso, do ponto de vista dos enfoques privilegiados na temática e na pesquisa, mas também correspondente, em um olhar para a causa ambiental de forma mais ampla e como está incorporado em seus dias, rotinas e escolhas para além dos trabalhos.

A maior aprendizagem que levo, após os meses de pesquisa, é que não há um caminho sistematizado e plenamente pavimentado para o mundo que queremos, livre da ameaça ecológica que nos joga contra a parede a todo instante. É esse cenário que se mostra como o

maior argumento possível para revermos sempre nossas práticas e atitudes e para continuarmos questionando um modelo completamente inviável de sociedade que não culpabiliza os responsáveis e apenas amplia as já gritantes diferenças socioeconômicas entre todos nós.

O estudo deixa possibilidades para a continuidade de pesquisas sobre perfis dos pesquisadores, desse ou de outros campos acadêmicos, para aprofundar, por exemplo, com perguntas mais específicas nas entrevistas, questões como: como foram se formando as referências epistemológicas no decorrer da atividade enquanto pesquisador; qual o papel que grupos de pesquisa desempenham na formação de pesquisadores, de um *habitus* no campo e nas disputas que caracterizam o campo; como os pesquisadores articulam a pesquisa em EA com um projeto político, entre outras questões relevantes.

Em diferentes áreas do conhecimento ou da pesquisa, mapear perfis de maneira mais analítica, e não apenas descritiva, a partir de entrevistas, pode constituir uma tarefa bastante significativa e relevante para o campo. A possibilidade de obter diferentes pontos de vista e concepções, e de conhecer caminhos ao longo das trajetórias profissionais de alguns dos responsáveis pela construção e consolidação do campo, abre um leque de possibilidades para investigações. Naturalmente, as questões e aspectos que simbolizam um campo passam pelos agentes que o integram e foi a partir dessa premissa que procuramos trazer como esses perfis configuram também o campo que analisamos e podem ajudar a melhor compreendê-lo. Para a pesquisa em Educação Ambiental, este trabalho pode auxiliar na elaboração de outras questões para futuras pesquisas sobre o campo e perfis, no intuito de construir investigações que vão além dos descritores mais frequentemente utilizados em pesquisas dessa natureza, contribuindo para análises mais aprofundadas nessa área de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BERTOLUCCI, D.; MACHADO, J.; SANTANA, L. C. Educação Ambiental ou Educações Ambientais? As adjetivações da educação ambiental brasileira. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 15, p. 36-48, jul./dez. 2005.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOLFARINE, H.; BUSSAB, W. O. **Elementos de Amostragem**. Brasília: Editora Blucher, UNESCO. 2005. 290 p.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005.
- BOURDIEU, P. **Sociologia**. Organizado por Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983a.
- BOURDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b. p. 89–94.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.
- BOURDIEU, P. O esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho D'Água, 2003.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Departamento da Educação Ambiental. **Projeto Salas Verdes**. Brasília, 2002. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/projeto-salas-verdes>. Acesso em: 30 jul. 2023.
- CARVALHO, I. C. M. **A invenção do sujeito ecológico**: sentido e trajetórias em educação ambiental. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001a.
- CARVALHO, I. C. M. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 43-5, 2001b.
- CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.
- CARVALHO, I. C. M. A invenção do sujeito ecológico: identidades e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. (org.). **Educação Ambiental**: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CARVALHO, I. C. M. A configuração do campo da pesquisa em educação ambiental: considerações sobre nossos autorretratos. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Carlos, v. 4, n. 2, p. 127-134, 2009.

CARVALHO, L. M. A Temática ambiental e o processo educativo: dimensões e abordagens. In: CINQUETTI, H. S.; LOGAREZZI, A. (org.). **Consumo e resíduos**: Fundamentos para o trabalho educativo. São Carlos: EdUFSCar, 2006. p. 19-27

CARVALHO, L. M. **A Educação Ambiental no Brasil**: um campo em construção? 2015. Tese (Livre-Docência em Educação Ambiental) – Departamento de Educação do Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

CARVALHO, L. M. Demandas e agendas da pesquisa em Educação Ambiental no Brasil: sentidos construídos a partir dos relatos dos grupos de discussão de pesquisa em Educação Ambiental (GDPS-EPEAS). **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Carlos, v. 11, n. 2, p. 146-167, 2016.

CARVALHO, L. M. *et al.* A educação ambiental no Brasil: análise da produção acadêmica – teses e dissertações. **CNPq**: Relatório Científico. UNESP – Rio Claro; UNICAMP; USP – Ribeirão Preto, 2016.

CARVALHO, L. M. *et al.* Estado Da Arte Da Pesquisa Em Educação Ambiental No Brasil: Análise De Teses E Dissertações – 1981-2020. Projeto EArte. **FAPESP**: Relatório Científico. UNESP – Rio Claro; UNICAMP; USP – Ribeirão Preto, 2021.

CARVALHO, L. M. *et al.* Estado Da Arte Da Pesquisa Em Educação Ambiental No Brasil: Análise De Teses E Dissertações – 1981-2020. Projeto EArte. **FAPESP**: Relatório Científico. UNESP – Rio Claro; UNICAMP; USP – Ribeirão Preto, 2022.

CARVALHO, L. M.; TOMAZELO, M. G. C.; OLIVEIRA, H. T. Pesquisa em educação ambiental: panorama da produção brasileira e alguns de seus dilemas. **Cadernos Cedes**. Campinas, v. 29, n. 77, p. 13-27, jan./abr. 2009.

CARVALHO, M. B. S. da S. A Temática Ambiental e o Processo Educativo nas pesquisas do grupo *Ágora*: : uma trajetória de três décadas. **REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental**, v. 38, n. 3, p. 354–371, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/13449>. Acesso em: 10/jul/2023.

EPEA – Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental. Comissão Organizadora. Apresentação – A avaliação da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável e perspectivas futuras. In: VIII ENCONTRO PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UFRJ/UFRRJ/UNIRIO/FFCLRP-USP, 2017. Disponível em: [http://epea.tmp.br/epea2015\\_anais/welcome/](http://epea.tmp.br/epea2015_anais/welcome/). Acesso em: 30 abr. 2023.

EPEA – Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental. Comissão Organizadora. Apresentação – Perspectivas da Educação Ambiental no cenário brasileiro atual. In: X ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL; VII ENCONTRO SERGIPANO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2019, Aracaju. **Anais [...]** Aracaju: GEPEASE/UFS, 2019. Disponível em: [http://epea.tmp.br/epea2019\\_anais/welcome/](http://epea.tmp.br/epea2019_anais/welcome/). Acesso em: 30 abr. 2023.

DELIZOICOV, D.; LORENZETTI, L. Uma Análise da Pesquisa em Educação Ambiental Desenvolvida na Área de Ciências Humanas. In: VII SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL: PESQUISA EM EDUCAÇÃO E INSERÇÃO SOCIAL, 2008, Itajaí. **Anais [...]**. Itajaí: ANPEd/SUL, 2008.

GALLO, S. A pesquisa em educação ambiental no Brasil contemporâneo: entre o campo disciplinar e a governamentalidade democrática. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 38, n. 3, p.13-32, set./dez. 2021.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1990.

KAWASAKI, C. S. A Trajetória de formação do educador ambiental: reflexões para a constituição do campo da Educação Ambiental. **Revista Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 9, n. 16, 2001.

KAWASAKI, C. S.; CARVALHO, L. M. Tendências da pesquisa em Educação Ambiental. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 25, n. 3, p. 143-157, p. 1-16, 2009.

KAWASAKI, C. S.; MATOS, M. S.; MOTOKANE, M. T. O perfil inicial do pesquisador em educação ambiental: elementos para o estudo sobre a constituição de um campo de pesquisa em EA. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 111-140, 2006.

LAHIRE, B. Campo. In: CATANI, A. M. *et al.* (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 64-66.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. C. As Macrotendências Político-Pedagógicas da Educação Ambiental Brasileira. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 23-40, jan./mar. 2014.

LIMA, G. F. C. Crise ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S.; LOUREIRO, C. F. B. (org.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, G. F. C. Educação ambiental crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 145-163, 2009.

LOPES, F. N. **Educação Ambiental em salas verdes no estado de São Paulo**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2021.

LOPES, P. A.; LOUREIRO, C. F. B. Referências e sentidos da educação ambiental crítica nos Encontros de Pesquisa em Educação Ambiental – EPEAs. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 39, n. 1, p. 49-72, jan./abr. 2022.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, H. H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, mai/ago. 2004.

MEGID NETO, J. Educação ambiental como campo de conhecimento: a contribuição das pesquisas acadêmicas para sua consolidação no Brasil. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Carlos, v. 4, n. 2, p. 95-110, 2009.

SATO, M. **Educação ambiental**. São Paulo: RIMA Editora, 2002.

SILVA, M. C. B. **A perspectiva crítica nas pesquisas em Educação Ambiental**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

SZYMANSKI, H. (org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Educação Ambiental: natureza, razão e história**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

WACQUANT, L. Habitus. In: CATANI, A. M. *et al.* (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 213-216.



## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Luiz Felipe Costa Carvalho, biólogo, professor e aluno no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - FFCLRP e quero, por meio deste documento, convidá-lo(a) a participar da pesquisa “O Perfil do Pesquisador em Educação Ambiental”.

Esta pesquisa visa traçar, estudar, analisar e compreender características e olhares de profissionais que desenvolvem ou desenvolveram pesquisas na área de Educação Ambiental, abordando temas como formação, percursos com a temática ambiental, escolhas na trajetória que o(a) levaram à pesquisa nessa temática, identificação com o ideário ambiental no desenvolvimento da pesquisa e na atuação profissional, entre outros.

Caso decida participar voluntariamente da pesquisa, você deverá participar de uma entrevista comigo para falar sobre seus entendimentos, ligações e identificações com a temática ambiental enquanto pesquisador dessa área. Eu perguntarei sobre os temas descritos e gravarei uma entrevista para posterior transcrição. A reunião será em horário e local a serem definidos, com possibilidade de realização em via remota, de acordo com sua disponibilidade e terá duração de 1 (uma) hora.

No caso das entrevistas realizadas em via remota, é da responsabilidade do pesquisador o armazenamento adequado dos dados coletados, bem como os procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa. No entanto, observa-se as limitações para assegurar total confidencialidade e potencial risco de sua violação em função riscos característicos do ambiente virtual, meios eletrônicos, ou atividades não presenciais e das limitações das tecnologias utilizadas.

Suas respostas serão armazenadas e analisadas com um codinome, de modo que você não poderá ser identificado.

Durante a entrevista você poderá se sentir desconfortável com algumas perguntas e, nesse caso, poderá optar por não as responder, sem qualquer ônus. Importante esclarecer também que você também é livre para interromper sua participação a qualquer momento, mesmo depois de assinar este termo.

Não são previstos gastos com sua participação, mas você tem direito a ressarcimento de possíveis gastos. Ainda, você tem direito à indenização por eventuais danos causados pela pesquisa (Rs CNS 510/16).

Os benefícios da pesquisa são no campo da Educação e da pesquisa em Educação Ambiental, e você não terá qualquer benefício direto com a pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida ou queira receber os resultados da pesquisa, pode entrar em contato comigo pelo telefone (16) 99158-0232 ou pelo e-mail [luizfc@usp.br](mailto:luizfc@usp.br).

Para eventuais dúvidas sobre questões éticas do projeto, entre em contato com:

**Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP**

Rua Clóvis Vieira, casa 40. CEP: 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil

Fone: (16) 3315-4811 – Atendimento de segunda a sexta-feira, das 13h30 às 17h30

E-mail: [coetp@listas.ffclrp.usp.br](mailto:coetp@listas.ffclrp.usp.br)

Você receberá uma via deste termo e é de extrema importância guardar em seus arquivos uma cópia deste documento eletrônico.

De acordo: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

---

Luiz Felipe Costa Carvalho

Pesquisador

---

Nome:

Participante

## APÊNDICE B – Roteiro semiestruturado para entrevista

### **Trajetórias enquanto pesquisador**

- Você se considera um pesquisador em EA? Justifique. Se sim, conte-nos o seu percurso/trajetória enquanto pesquisador em EA?
- Conte-nos um pouco sobre os trabalhos desenvolvidos nessa área.
- Quais aspectos dessa temática você considera mais importantes?
- Há relações entre essa sua escolha na pesquisa e o seu cotidiano, seus hábitos, valores, atitudes, a sua vida etc.? Conte-nos a respeito.
- A realização da pesquisa (o trabalho nessa área), e os caminhos pelos quais a pesquisa (o trabalho) te levaram (levam) mudaram ou alteraram de alguma forma seus olhares e percepções sobre a temática escolhida?
- Como você vê um pesquisador em EA, enquanto pesquisador, profissional e pessoa?

### **Trajetórias/Memórias em relação à escolha**

- Como surgiu seu o interesse pela Área/Temática da Educação Ambiental? Em sua área de pesquisa, como foi o processo de escolha, quando tudo começou?
- Existem lembranças marcantes que caracterizem o interesse por essa área?
- Quais fatores e situações você considera que foram determinantes para despertar seu interesse por essa área/temática?
- Há relações entre a escolha por essa área de pesquisa e os aspectos de sua trajetória na formação educacional/escolar? Conte-nos a respeito.
- Há relações entre a escolha por essa área de pesquisa e a sua formação inicial no ensino superior? Conte-nos a respeito.

## APÊNDICE C – Transcrição das entrevistas

**ENTREVISTA 01****Entrevistado: Gil****Entrevistador:** Pronto, agora sim.**Entrevistado:** Pois é, não sei o que houve que não dava pra clicar, mas agora tá tudo certo.**Entrevistador:** Bom, primeiramente, muito obrigado pela disponibilidade. Não é tão fácil ajustar os horários, eu também não dou lá muitos opções também, peço desculpas, mas que bom que deu certo.**Entrevistado:** Deu certo, vamos lá!**Entrevistador:** Tudo bem por aí? Tudo certo com o trabalhos?**Entrevistado:** Tudo bem sim e por aí, como você está?**Entrevistador:** As coisas estão caminhando. Estou um pouco ansioso, para ser sincero, mas vamos lá ...**Entrevistado:** Fica tranquilo.**Entrevistador:** Tenho aqui umas perguntas que envolvem um pouco a trajetória enquanto pesquisador e também um pouco das memórias, para gente pensar o que leva para esse caminho ao longo do tempo. Temos então esse ramo do pesquisador e depois esse ramo das memórias. Esse foi o rumo definido para entrevista, mas claro, vamos ver por onde a conversa nos leva. Antes de começar, só avisar que envio no e-mail o termo de livre consentimento. Certo?**Entrevistado:** Certo, tudo certo. Ok. Vamos lá então.**Entrevistador:** A primeira coisa que eu gostaria de perguntar é, o senhor se considera um pesquisador na área da Educação Ambiental (EA)?**Entrevistado:** É ... quando a gente fala pesquisador na área, sempre tem uma ideia de que essas palavras trazem um compromisso de competência, né. A gente fica meio ... não sei se a gente tem que se considerar ou se outras pessoas é que precisam fazer isso. Na prática, o que eu posso dizer que faço pesquisa que envolve a Educação Ambiental. Ser um pesquisador me parece uma categoria ..., mas eu posso dizer que fiz o meu doutorado com esse tema, da EA, e o meu texto de livre docência coloca exatamente essa questão. E, claro, orientações, algumas outras

pesquisas paralelas que fui desenvolvendo, projetos. Então, com certeza eu posso dizer que tenho uma prática bastante intensa com a pesquisa em Educação Ambiental.

**Entrevistador:** Entendi, justo. Então dentre da realização de pesquisas e trabalhos nessa área, pediria que nos contasse, por favor, um pouco do caminho que o trouxe até aqui.

**Entrevistado:** Eu conto sempre essa história: toda a apresentação minha em grupo, início das disciplinas ... conto um pouco de como fui me inserindo cada vez na área da pesquisa em EA e práticas em EA. Fiz a minha licenciatura em Ciências Biológicas, e quando fiz, fiz pensando mesmo em licenciatura de forma muito clara. Eu queria ser professor em escola de educação básica e acho que sempre projetava um pouco a questão do ensino médio, talvez trabalhar com moçada nessa faixa etária. Fui muito inspirada por uma professora do Ensino Médio (EM), que dava umas aulas de Biologia que eu ficava apaixonado.

Fui fazer o curso de Ciências Biológicas, mas eu também percebia uma tendência, desde o EM, já muito marcada pelas áreas de humanas. Eu tinha muita dúvida se faria na graduação um curso de Letras, que me chamava mais atenção na época, ou de Ciências Biológicas. Acho que essa professora teve uma importância grande na definição do que eu iria fazer, mas sempre na ideia de professor. Queria ser professor. Aí fiz a opção por CB. Eu me envolvia muito no curso. Muito. Mas percebia que meu envolvimento de fato era grande, que meus olhos brilhavam muito, eu ficava entusiasmado, os olhos brilhavam, em algumas disciplinas que envolviam seres humanos, sociedade. Então me lembro bem do curso de Antropologia, me marcou demais. O curso de Evolução, quando pensava em Evolução Humana, eu ficava muito entusiasmado. Algumas marcas nas disciplinas pedagógicas, principalmente a Didática. Eu tinha uma professora que nos colocava para pensar um pouco. Não foi um entusiasmo muito grande, mas eu gostei. Mas, na minha época, a área de Educação não era apresentada pra gente como uma possibilidade de pesquisa. Talvez, se fosse apresentado, eu já tinha ali, pudesse ter tentado um passo interessante nesse sentido. Mas não. Aí o meu interesse e envolvimento maior foi quando eu fiz disciplina de Ecologia. Tratar de alterações ambientais, da relação sociedade-natureza, me marcava muito e eu então procurei, na verdade eu fazia meu curso em uma faculdade particular em [cidade], na [faculdade]. Eu precisava trabalhar durante o dia, na [universidade] não tinha o curso noturno, em [cidade]. Aí fiz a opção de trabalhar e fiz o curso noturno.

Mas eu procurei então, quando eu vi que a Ecologia e a Evolução eram coisas que me envolviam muito, eu tive a indicação de um professor na [universidade], em [cidade], que é o professor [nome próprio], que trabalhava com questões de Evolução e com questões de Ecologia. Ele era o professor de Ecologia, no curso de Ciências Biológicas, e eu então procurei para oportunidade de estágio. Ele me testou durante uns três meses para ver se, o que é que eu queria mesmo,

alguém vindo da [faculdade], que história é essa, querendo fazer estágio na [universidade]. E aí, iniciei o meu mestrado na [universidade], mas ainda numa perspectiva bastante biológica. Eu estudei, com professor [nome próprio], que ele tinha como, o que eu chamo de programa de pesquisa, que era a questão da evolução do comportamento social nos himenópteros, claro, envolvendo abelhas e vespa, tinha um trabalho envolvendo abelhas e vespas. Aí ele me propôs estudar uma espécie de vespa, do gênero *Spilomena*, né, do família *Pemphredoninae*, porque apresentavam comportamento interessante em alguns aspectos de tendência mais para o comportamento solitário, e em alguns aspectos para o comportamento social, que talvez pudesse explicar algumas dessas tentativas de compreensão dessas alterações evolutivas.

E, bom, fiz o meu mestrado com este tema, mas também, no mestrado, continuei uma busca de fazer uma ponte maior com as questões que envolvessem a sociedade, os modelos de relação sociedade natureza, causas dos impactos ambientais, da degradação ambiental. E quando eu estava mais ou menos pelo meio do caminho do mestrado, veio a chance de concursos da [universidade], porque a [universidade] oferecia curso de graduação em Ecologia, e eles estavam procurando pessoas que tivessem uma formação mais específica em Ecologia, né? Naquele momento, isso foi no ano de 1977, que eu comecei o mestrado, éramos pouquíssimos os ecólogos formados, pouquíssimos. Nós tínhamos, no Brasil, dois cursos de pós-graduação em Ecologia: na [universidade] e outro na [universidade], onde o professor [nome próprio] era credenciado.

**Entrevistador:** Entendi.

**Entrevistado:** E então, ele ofereceu a possibilidade fazer o mestrado lá, e quando abriu o concurso em [cidade], nós não tivemos muita dificuldade em ser selecionados exatamente por essa experiência de estar numa formação, embora ainda de mestrado, né, na área. Então, eu fui contratado na universidade como auxiliar de ensino, né? Com uma formação bastante incipiente, bastante inicial e fui para o departamento de ecologia. E assim que a gente chegou, eu já vinha com essa busca muito forte, e eu já manifestei muito interesse, lá no departamento, por disciplinas do curso de ecologia que faziam essas pontes. Uma delas era Ecologia Humana, e eu logo me propus, quando possível, que gostaria de trabalhar com essa disciplina, e a outra era Ecossistemas Urbanos, era uma outra disciplina dessa linha que propunham lá. E assim, eu fui me envolvendo um pouco com essas disciplinas, até que o chefe departamento vem para a gente e pergunta “Olha, cada de vocês precisa oferecer uma disciplina optativa. Os alunos vão se formar o ano que vem e nós temos, desde o começo do ano, urgentemente, ter quadro de disciplinas optativas para esses alunos cursarem.”

Eu devo confessar que nessa busca, aí eu já falava “bom, então essa é uma oportunidade de oferecer uma disciplina que faz essa ponte, eu tenho que admitir que foi pouco inadvertidamente, assim. Eu não parei para pensar demais, como se aquilo que eu fosse oferecer fosse já uma opção minha de trabalho, muito clara, muito objetiva, muito evidente para mim. Mas eu pensei, eu já tinha lido alguma coisa sobre a Educação Ambiental e não é à toa, evidentemente, que eu propus uma disciplina, então, sobre Educação Ambiental.

E aí eu digo que isso foi do ano de 80 para você ter uma ideia, né. Daí o que eu posso dizer é que, a partir dessa opção minha, de oferecer disciplina de educação ambiental, eu, o que eu digo é, não só pus um pé nessa área, como eu me enfiei de corpo inteiro, né? Até as raízes, até as últimas raízes dos fios de cabelo, né?

**Entrevistador:** Mergulhou totalmente.

**Entrevistado:** Então, foi esse o caminho. Eu, então, em 81 terminei o mestrado, e a minha, o meu vínculo definitivo, então, a partir dessa experiência, e ela foi muito positiva, eu gostei muito de dar disciplina, os alunos gostaram, era grupo de alunos que ficou muito envolvido, a primeira vez foi muito positiva. Eu pensei, então, quem sabe esse fosse caminho interessante para eu fazer meu doutorado. Isso foi consolidado, em um momento, quando eu fui convidado para participar de evento em [cidade]. Em [cidade] tinha trabalho muito forte com Educação Ambiental em um Zoológico de [cidade], com a [nome próprio], que trabalhou com isso muito, nos trabalhos dela. E eu fui chamado uma mesa redonda, e por acaso, uma das participantes da mesa era a [nome próprio], né? E aí eu fui o primeiro a fazer a minha apresentação, a professora [nome próprio] foi na sequência, e ela já comentou que tinha gostado muito das questões, de algumas questões que eu tinha levantado, e enquanto terceiro painelistas da mesa redonda fazia sua apresentação, ela conversou um tempo bom comigo ali mesmo na mesa e me perguntou se eu tinha interesse em fazer doutorado. É claro que eu não acreditava muito naquela pergunta, como é que aquela pergunta estava vindo naquele momento para mim. Quer dizer, a minha satisfação, a minha alegria de ouvir essa ...E ela me falou “não, vai e dá uma chegadinha lá no departamento de educação, a gente conversa na faculdade da educação da [universidade] em [cidade]”. Ela sempre trabalhou lá né, e eu então não demorei muito, fui para lá, continuei a conversa com ela, e no ano seguinte, eu já estava ingressando o doutorado. E aí então foi que eu defini de uma forma clara, objetiva, que seria este meu caminho e a continuidade da carreira acadêmica. Aí terminei o doutorado com ela em 90, e daí para frente, então, o grupo de pesquisa, todas as atividades que envolvem ao trabalho na universidade.

**Entrevistador:** Olha só, me identifico bastante. Também tive essa questão de professores do ensino médio que nos inspiram a seguir determinada carreira, também pensei em cursar Letras, porque é algo que eu gosto bastante.

**Entrevistado:** Ah é?

**Entrevistador:** Pois é. E tinha também essa vontade de ser professor. Mas enfim, não foi uma mudança difícil essa de deixar de ser professor, né. Em escola, digo. Até porque não desaparece, né, só tem essa alteração da Educação Básica para Educação Superior, né.

**Entrevistado:** Sim, eu sinto que sempre existia essa busca minha, e de fato na universidade eu sempre me coloquei muito como professor também. Não vivia a universidade como se ela fosse instituto de pesquisa e as aulas para mim eram apenas um pedágio que eu tinha que pagar para poder fazer pesquisa. Não, eu assumi. Porque na sequência eu comecei então, em [ano], a [universidade] não tinha departamento de educação e eles criaram departamento de educação, e aí eu fiz a proposta de passar para o departamento de educação, né. E fui para o departamento de educação para trabalhar com formação de professores de Biologia. Então aí eu juntei e de fato todos os interesses que tinham me mobilizado para fazer o curso de graduação. Aí eu comecei a trabalhar com as disciplinas de Práticas de Ensino e foram só uns 30 e poucos anos lidando com isso, né?

**Entrevistador:** Muitos professores e professoras formados nessa empreitada, né.

**Entrevistado:** É.

**Entrevistador:** Então a partir desse convite e da efetiva entrada no doutorado o senhor se vê como definitivamente nessa área né. Então, sendo um campo tão multi, não sei se multidisciplinar, mas tão cheio de possibilidades, como foram então as diferentes áreas que o senhor tem trabalhado.

**Entrevistado:** Não, é ... acho que já na minha tese de doutorado, o meu esforço sempre grande foi o de ... Eu acho que isso presou a balança mais para o lado de evidenciar, de compreender, de trabalhar a Educação Ambiental como sendo uma área da Educação. É claro que, como todas as áreas na educação, há uma interface, uma interface grande com muitas áreas. Do lado das ciências humanas as diferentes áreas que oferecem questões de fundamento para a área da educação. Se é Educação, de um lado, já é muito complexo, porque é uma área interdisciplinar e depende, a sua constituição depende de várias áreas. A mesma coisa do lado do ambiental. Seja lá Filosofia da Educação, a Sociologia, a Psicologia, as pedagógicas, a área mais pedagógica, didática etc., a parte metodológica, tudo isso. Mas é claro que quando a gente põe o “ambiental”, junto com a “educação”, me leva também. E aí muitos autores consideram isso de uma forma muito clara, né. Uma área que é constituída a partir desses dois campos, da educação de um lado



e de área ambiental. A própria professora[nome próprio] chama muito atenção disso, é uma área por si só extremamente complexa. As ciências ambientais, hoje a gente pode fazer uma analogia muito clara com a educação, que é ela se constitui a partir do conhecimento de várias outras áreas. Se voltando para um objeto específico, que é que a gente pode chamar temática ambiental, mas que também demanda conhecimentos, e aí nesse caso, tanto da área das ciências humanas, quando na área das ciências da natureza ou das tecnologias também. Então, de fato, uma área muito complexa.

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistado:** Agora, o esforço que eu fiz durante todo esse tempo foi fundamental, claramente que, quando nós trabalhamos com a educação ambiental, o fenômeno que está em pauta é a Educação. Eu estou numa prática, claramente, educativa, o que envolve trabalho com seres humanos. A brincadeira que eu faço sempre, a gente não educar jacaré, não educar beija-flor, não educar mico-leão-dourado, ararinha azul. A gente educa seres humanos e até com intuito de valorizar todas essas outras formas de vida e a própria dinâmica da natureza como tal. Mas o nosso objetivo é isso que a gente chama de educação. Extremamente amplo, como conceito, como prática, desde as não-intencionais até as intencionais, mas fundamentalmente isso. Então, eu acho que eu me voltei para essa área, nós éramos ainda, estávamos muito no início da constituição da área, eu vi uma tendência muito grande para, era uma tendência muito clara minimizar. Eu sempre dou esse exemplo, no encontro de Ibero-americano de Educação Ambiental, em [cidade], não faz tanto tempo assim. Eu vi uma figura ...

**Entrevistador:** Que ano foi?

**Entrevistado:** Eu preciso relembrar, mas foi nos 2000, com 2002, 2004, o [evento], em [cidade], e eu acho que foi o último, que foi organizado. Mas uma figura de destaque, conhecida, muito conhecida no Brasil, dizia para público de 3 mil pessoas, mais ou menos que a recomendação que ela fazia, era para que a gente não se importasse muito com as questões da educação, para a educação ambiental, que os educadores tinham muito pouco a nos ensinar. Sempre eu via muitos educadores ambientais olhar com viés muito forte, de desagrado, para as teorias educacionais, para as questões educacionais, entendendo que a educação ambiental seria algo completamente novo e apartado, daquilo que a educação até então tinha proposto. E daí você vê alguns equívocos claros, falando de tendências pedagógicas da década de 20, 1920, como se elas fossem a maior novidade. Então, o meu esforço foi esse, claro que considerando todas as necessidades de uma perspectiva interdisciplinar, todas as áreas do conhecimento, eu acho que não tem área do conhecimento que você possa dizer que não tem algo para trazer para a área

ambiental, ou da educação ambiental. Mas eu fiz esforço grande marcar essa questão, nesse meu tempo todo de carreira acadêmica.

**Entrevistador:** Ao contrário então, né, do que essa figura disse nessa oportunidade, esse é um aspecto muito importante. Você consideraria, então, esse aspecto como mais o mais importante? Nunca esquecer que se trata de um processo educativo?

**Entrevistado:** Isso, que é... Quando nós falamos em Educação Ambiental, por mais que a gente reconheça a contribuição de qualquer uma das áreas do conhecimento, e isso não tem nenhuma hierarquia de valores nessa questão, mas é só com aquela necessidade de caracterizarmos o objeto da Educação Ambiental. O objeto da Educação Ambiental é um fenômeno educativo, é o processo educativo. Na minha tese doutorado, acho que eu faço esse esforço, né. A Educação Ambiental como uma área vinculada à educação, fundamentalmente, com todas as ligações e relações com as diferenças disciplinas do campo. E uma outra é a necessidade de nós ultrapassarmos uma perspectiva, que eu sempre chamei lá na tese, muito clara, para os críticos da educação liberal, que é o chamado otimismo pedagógico, a ilusão pedagógica, o encantamento pela pedagogia, ou pela educação mesmo, como algo que fosse um caminho, ou “o” caminho, por excelência para as transformações sociais.

E aí eu marco muito isso, como educadores ambientais, na frase, por exemplo, que eu trago para a minha tese, do Curi, que eu acho lapidar, e ele é uma pessoa de expressão na área da educação, em que ele diz que “os limites e as possibilidades da educação se expressam na consciência de seus limites”. Quer dizer, enquanto nós não tivermos claramente os limites do processo educativo, nós vamos ficar rodeando pela relação e suas possibilidades, mas nunca vamos de fato é alcançar algo que seja mais significativo.

**Entrevistador:** É. Eu perguntei também essa questão da educação como principal aspecto porque a gente sabe da questão da raiz do movimento ambientalista, né. E foi algo que teve uma confluência, talvez, com a educação, para o desenvolvimento da área, né. Não sei dizer se no movimento ambientalista tinha essa relação com a educação, mas aí convergiu, né.

**Entrevistado:** É, eu acho que tem uma reflexão que tem sido feita, me parece que é muito pertinente. A própria Isabel Carvalho, deixa isso muito claro, nos textos dela, que as propostas de educação ambiental nascem muito mais vinculadas, ao movimento ambientalista, do que necessariamente é o mundo acadêmico, com certeza. Mas não necessariamente pensada, proposta, ou no primeiro momento delineada, com essa visão muito clara, por alguém que seja vinculado na educação. Ela tem razão nesse sentido. Quando você fala de raiz, de onde vem isso, acho que a educação ambiental entra tardiamente no meio acadêmico pressionada pelos movimentos sociais de uma maneira geral. Eem um caminho que é muito uma demanda social,

do que é uma escolha ou uma percepção da própria academia, de compreender que nós estávamos diante de alguns fenômenos, que embora não possamos dizer novos, mas que tinham uma configuração muito diferente a partir dos anos 1950 para cá, e a academia precisava botar atenção nisso.

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistado:** E acho que essa é uma razão muitas vezes da gente ter, em muitas situações, de termos sido um pouco ingênuos em relação às questões da educação, até nesse aspecto da própria ilusão pedagógica. Porque de uma certa forma, os pioneiros, talvez no campo, não tivessem uma experiência tão grande no campo da educação que possibilitassem ...

Não é culpa de ninguém, é a produção histórica. Isso vem da próprio contexto, no qual a Educação Ambiental vai sendo proposta para a sociedade como uma possibilidade interessante, também, uma área do conhecimento que teria algo a contribuir com a questão ambiental.

**Entrevistador:** e foi mudando com o tempo, né? Depois vem a crítica.

**Entrevistado:** Então, acho que tem também na história do movimento ambientalista, algumas primeiras incursões pouco críticas, muito mais uma perspectiva mais conservacionista, preservacionista, o que também traz uma influência grande. Os primeiros trabalhos no Brasil, os primeiros trabalhos em educação ambiental eram muito mais próximos de ensino de ecologia do que dessa perspectiva mais crítica. O movimento ambientalista, me parece que tem, claro, e é parte um pouco dos movimentos de contracultura, mas eles também têm. veio do movimento ambientalista, que era fundamentalmente conservacionista, e em uma perspectiva pouco crítica. Tanto frente à própria questão ambiental, entendendo a questão ambiental como uma questão só de alguns acertos de políticas ambientais, ou o de comportamentos individuais, muitas vezes, em alguns casos, que respinga muito claramente para a educação, então, para as propostas educativas naquele momento. Mas o movimento ambientalista também foi politizado, sempre foi politizado, mas ele também aos poucos se aproximando dessa perspectiva mais crítica. É muito interessante, porque tem textos do início do movimento ambientalista, de autores, de uma origem, de uma concepção mais marxista, de grandes críticas ao movimento ambientalista, né. Que o movimento ambientalista, na verdade, distorcia ou desviava a atenção, daquilo que era a questão fundamental, que era o sistema capitalista de produção. Então, tem, em um primeiro momento, uma certa rejeição dos grupos mais à esquerda, pelo movimento ambientalista, vendo o movimento como um movimento de classe média, de classe média alta, mas que não, que na verdade, não via as raízes das questões fundamentais, das desigualdades sociais, enfim, todo debate nesse sentido. Então, acho que, no Brasil, acho que, na América Latina, de maneira geral, a associação com uma perspectiva mais crítica vem mais rapidamente,

por conta, inclusive, do contexto político, que nós vivíamos, naquele momento, né. Era contexto claramente das ditaduras militares, nos nossos países, né, vários países da América Latina. Então, a área de educação, já sempre, de uma certa forma, foi um lugar de resistência a esses movimentos ditatoriais. E quando a Educação Ambiental, então, se dá conta dessa dimensão, né, que tudo era político em última análise, aí acho que essa perspectiva mais crítica começa a ter espaço maior, né.

**Entrevistador:** Voltando à trajetória enquanto pesquisador e os trabalhos na área, os caminhos, como o senhor comentou, que relação entre os trabalhos e o dia a dia, o cotidiano, as nossas atitudes, valores, ações. Vai existindo essa intersecção? É um tema que nos é muito caro assim, então vai entrando na nossa vida? Como o senhor vê essa relação?

**Entrevistado:** Interessante ... Eu sempre tive, já desde quando vou me dando conta, tendo a noção de que eu vou ficando adulto e que o mundo vai se apresentando com questões para a gente, as questões sociais sempre foram questões que faziam sentido para mim. As desigualdades sociais, a preocupação com qualidade de vida de grande parte da população, a questão da miséria. Então eu já, desde a minha juventude, eu já participava de movimentos muito mais voltados para essa questão da desigualdade social e não tanto em pauta para mim as questões ambientais.

**Entrevistador:** Para você, nunca faltou o componente crítico.

**Entrevistado:** Pois é, essa preocupação estava sempre presente, então já em movimentos mesmo, movimentos de jovens. Eu tive uma formação inicial muito religiosa, muito voltada para as questões muito vinculadas da Igreja Católica e aí os movimentos da Igreja, inclusive na época da ditadura militar, também de resistência, essa dimensão política. Mas de uma política sempre preocupada com as desigualdades sociais, que sempre tiveram presentes para mim. E quando eu me aproximo da questão ambiental, eu sempre fiz uma relação muito clara entre essas duas, esses dois movimentos. De lado os movimentos sociais mais amplos, voltados para essa questão política, fundamentalmente de desigualdade, de injustiças ambientais, desculpa, injustiças sociais, inicialmente. E daí, aos poucos, eu vou descobrindo que a gente pode falar claramente de uma justiça socioambiental.

Então, eu acho que associei muito rapidamente essa dimensão da educação, desculpa, da questão ambiental, com essa dimensão mais social. Isso, para mim nunca esteve desvinculado, né. E eu também, claro, alguns autores que me ajudaram muito a perceber que nós, em última análise, quer dizer tanto a pobreza quanto as ações de degradação ambiental, então vinculadas às causas que são causas comuns, né, que estão relacionadas com o modelo de relação social. E o modelo de relação social inclui a relação entre nós, seres humanos, né, os diferentes grupos,

diferentes setores sociais inclui a nossa relação com a natureza, né, modelo social, de produção.

Agora, é claro que o movimento ambientalista começou a me trazer alguns questionamentos que antes não estavam presentes para mim. E aí eu devo confessar que eles foram muito mais, me chamando atenção, ou seja, se apresentando para mim no primeiro momento, muito mais como uma questão que eu ia lendo nos livros, uma relação com o que vinha sendo produzido de reflexão sobre isso, né. Que me chamou muita atenção, por exemplo, quando estava escrevendo minha tese de doutorado, o contato com autor que escreve um texto 1930, né, do Leopold, em que ele diz “olha, na nossa história de civilização, nós construímos muitos códigos morais que regulam a nossa relação entre nós seres humanos. Mas nós não temos códigos morais que regulam a nossa relação com a natureza”.

**Entrevistador:** Pelo contrário, né. É bem imoral.

**Entrevistado:** Exatamente. Nesse aspecto, a moral não está posta. A gente pode fazer o que a gente quiser, né, a vida, né, com a dinâmica da vida de uma maneira geral.

Então e aí isso começou a me trazer essa dimensão de cuidados com a natureza, né, e aí eu vi, sim, sendo trazido para minha vida, preocupações muito concretas, muito práticas assim, com uma alimentação mais saudável, por exemplo, né, a questão dos agrotóxicos, os agrotóxicos nos alimentos, sempre foi uma coisa que fez muito parte da minha vida. A minha prática, a questão de plantio de árvores, enfim, coisas muito concretas, muito. A dimensão estética, né, comecei a ... isso sempre teve muito presente, mas é como se eu não tivesse consciência disso, né, que isso sempre teve presente.

**Entrevistador:** É aquela questão de “dar o nome”, né.

**Entrevistado:** Isso, você começa a perceber algo, “puxa vida, eu sempre tive preocupação com isso, né”. E, só que isso não parece que era a claramente articulada, né. Então, isso começa, assim, acho que tanto, nesses dois aspectos, na dimensão valorativa, né, então a dimensão, e aí entra os aspectos éticos, e os aspectos estéticos, né, a dimensão política já estava posta para mim claramente, né. Aí depois foi só associar as questões de justiça social, e o termo que caiu com uma luva para mim, né, justiça socioambiental.

**Entrevistador:** Vamos dizer, o contato com as leituras, os trabalhos parecem que traz para superfície algo que já estava ali. Não necessariamente cria, né. Já estava ali.

**Entrevistado:** Isso, ajuda a explicitar.

**Entrevistador:** Dá uma dimensão maior, né.

**Entrevistado:** Isso. É fundamental.

**Entrevistador:** Agora, olhando para ... tentando pensar em perfis de pesquisadores. Temos como premissa, pelo que estudamos, que não é um perfil, são vários perfis. Como o senhor vê enquanto pesquisador, profissional e pessoa, um pesquisador dessa área. Se tivesse um jeito de alinhar ou definir um pesquisador dessa área, o senhor conseguiria caracterizar assim.

**Entrevistado:** Não sei. Difícil, acho muito difícil.

**Entrevistador:** Ou talvez componentes, assim. Não vou dizer características que deveriam estar, mas componentes que fazem parte de pessoas nessa área. Não é um estereótipo, mas uma caracterização, por exemplo. Ou a gente possa olhar e ver realmente um conjunto de perfis que tem origem em diversas áreas e é múltiplo mesmo então?

**Entrevistado:** Eu acho que, talvez, se me sentisse mais à vontade para pensar ... eu nunca fiz esse exercício, mais sistemático, mais objetivo, com algum cuidado. Assim, hoje, aqueles que estão fazendo pesquisa com Educação Ambiental, o que a gente vê como característica como um todo, né, as mais marcantes, que a gente vê no grupo como todo. Hoje, se a gente for olhar, esses perfis todos, nós vamos ter pesquisadores com as mais diferentes formações, com os mais diferentes direcionamentos, do ponto de vista de gênero. Vamos ter perfis mais diversos nos aspectos formativos e também de tendências políticas das mais diversas. Temos pesquisadores em EA com a visão completamente conservadora. Não é prerrogativa de nenhum pesquisador em Educação Ambiental ser crítico, ter tendências mais à esquerda. Com diferentes formações ou com diferentes orientações teóricas, metodológicas etc. O interessante é a gente caracterizar esse painel todo, né. Tem gosto para tudo. Agora, no campo da Educação Ambiental, acho que é possível associar isso ao pesquisador em Educação Ambiental, há hoje quase que uma necessidade imposta pelo campo, ou sentida pelos pesquisadores, em se colocarem com pesquisadores críticos. Mas acho que isso é só uma coisa, impressão, porque a gente pode olhar. Mas temos que ter muito cuidado com essas caracterizações. Até porque hoje já tem pesquisadores que dizem “eu não sou crítico, eu sou pós-crítico”.

**Entrevistador:** Para gente ver o quanto a coisa é dinâmica né.

**Entrevistado:** Exatamente. As tendências metodológicas são as mais diversas possíveis. Então, o que marca o campo do pesquisador é essa diversidade, esse mundo todo, nessas diferentes dimensões.

Agora, acho que é possível identificar, ainda no Brasil, a necessidade sentida pelo pesquisador em Educação Ambiental de uma transformação social que vá para além das aparências, que vá além de mudanças pontuais. Por isso, então, a caracterização de crítico. Quer dizer, crítico ao que está aqui. É a necessidade de caminhar no mundo, que vá um pouco ao encontro das utopias que a gente constrói, sobre o mundo que tenha como orientação a perspectiva de justiça

socioambiental, por exemplo. Essa dimensão política parece que está sempre posta para o pesquisador, seja lá qual for a orientação teórico e metodológica. E acho que tem uma coisa desse mundo valorativo, dessa perspectiva axiológica, que acho que vai muito também para relação do afeto com a natureza. Que dizer, a natureza não é algo que está sendo vista como grande recurso para ser explorado. Essa relação ética com a natureza também está posta de uma forma muito clara para o pesquisador em Educação Ambiental. E aí, o mundo da sensibilidade, a sensibilidade ética, sensibilidade estética, o valor à vida, à todas as formas de vida. Aquilo que também não é vivo, mas que é parte desse sistema, mais amplo, um pouco da ideia da Gaia, da Terra como um grande sistema vivo. A Terra passa a ser aquilo que nós queremos que se mantenha como é. Acho que essas sensibilidades estão postas para o pesquisador. Essa é a sensibilidade ética, estética, e a sensibilidade política, de transformação daquilo que está dado, de luta contra essa atitude ou perspectiva tão antropocêntrica, de olhar para a natureza como recursos inesgotáveis.

**Entrevistador:** Não é uma regra, mas é uma característica presente, né.

**Entrevistado:** E agora, isso claro que tudo visto, analisado, pensado pelas mais diferentes perspectivas teórico-metodológicas que a gente tenha, né. O cardápio é de grande diversidade, é vasto né, de perspectivas que estão postas para nós.

**Entrevistador:** Isso é parte dos que nos chama atenção pra tentar entender melhor esses perfis. Mas ao mesmo que é instigante, é, não vou dizer difícil, mas é ...

**Entrevistado:** Desafio grande, desafio grande. Porque é o risco de buscar um pouco daquele perfil do sujeito ecológico, que a Isabel tenta trabalhar um ideal de pesquisador, corre-se o risco, também, o risco de perder um pouco dessa riqueza do ponto de vista da diversidade.

**Entrevistador:** É, tentar caracterizar, mostrar um pouco, mas sem limitar.

**Entrevistado:** É.

**Entrevistador:** Pensando um pouco nessa questão de memórias, né. O senhor colocou que a Biologia foi um ponto importante para início dessa carreira e tal, mas não sei se ela foi necessariamente um encaixe para a questão da área ambiental, mas o gosto por seguir esse caminho veio a partir que a Biologia proporcionou na graduação. Se eu perguntasse “por que a Biologia”, quais seriam essas memórias? Não sei se isso está tão dentro que não sabemos definir, ou se foi natural e deixamos passar algum motivo assim.

**Entrevistado:** Acho que não o porquê, mas assim, de envolvimento que eu fui tendo. Quando eu me pego e vou lá para o início da minha escolarização, por exemplo, é muito claro para mim que eu tinha sempre, sempre me acompanhou, na minha vida escolar, a dificuldade com a

matemática. Então, aos poucos, a gente vai eliminando aquilo que a gente percebia que a gente tinha menos envolvimento.

**Entrevistador:** É aquela coisa, né. A gente percebe primeiro o que a gente não gosta.

**Entrevistado:** Pois é! E aí, como muitas das ciências da natureza eram matematizadas, a Física, fundamentalmente, né, sempre tive muito pouco empatia. Mesmo porque os professores matematizavam, o que é uma pena, né, porque poderia ser tratado de jeito muito diferente.

Agora, por exemplo, eu me lembro bem, quando eu comecei na época minha de idade de 11 anos, 12 anos, nós fazíamos naquele momento que a gente falava de ginásio, né? A gente vinha né, tinha a escola primária, que eram os 4 anos iniciais, depois nós tínhamos o curso de ensino, hoje conhecido como ensino médio.

**Entrevistador:** Ginásio era o equivalente o Fundamental II, né? Ou anos finais do Ensino Fundamental?

**Entrevistado:** Isso, o ginásio, era o Fundamental II. E nesta etapa da minha escolaridade, eu não tenho a menor dúvida, a menor dúvida, que o que eu gostava na escola, que assim, tinha uma facilidade imensa, era a disciplina de Ciências, que era a disciplina de Ciências da Natureza, né? Gostava demais dela. Indo para o Ensino Médio, e eu gostava demais também de Português. Era claro isso para mim. E eram disciplinas que eu tinha muita facilidade, que eu não tinha problema com aquilo que era proposto, de trabalho, provas, a coisa toda, né, da vida escolar. E no Ensino Médio, isso se reforçava. Matemática foi o que eu sempre tinha mais dificuldade, e aí a Física e a Química eram mais matematizadas, então a Biologia saltava aos olhos. Do lado das Humanas, Português saltava aos olhos. Agora, a decisão por fazer o curso de Biologia, como eu comentei com você ...

**Entrevistador:** É a influência da professora, né.

**Entrevistado:** Isso, a influência da professora. Eu me lembro bem, a professora usava aquele material didático do BSCS, que era o “Convites ao raciocínio”. Ela colocava questões da Biologia para gente pensar, e conversar, e discutir na sala de aula. Então, eu acho que muito mais do que se Biologia, ou alguma outra, bom, uma outra disciplina, a questão para mim era ser professor. A minha decisão é essa, “vou ser professor”, né? E como essa professora, ela era exemplo de professora que nos envolvia demais com a matéria, aí, aí acho que as coisas se juntaram, quer dizer, pouco da minha tendência, já, para os campos do conhecimento, de gostar mais dessas áreas, né? E daí, a experiência que tive com ela. Então, não foi difícil decidir que eu ia fazer Biologia. Mas a descoberta pela questão ambiental foi na Biologia, dentro do curso, e não foi uma questão que estava posta antes. Não estava.



**Entrevistador:** Podemos dizer que a formação escolar é um caminho importante, até certo ponto determinante, para a Biologia e aí, a partir disso, vêm as possibilidades da área ambiental. Que já estava ali um pouco, mas não estava claro, né.

**Entrevistado:** Não estava tão evidente para mim. Mas acho que as experiências escolares, de fato, foram definitivas sem dúvida nenhuma.

**Entrevistador:** Pois é, conversando com pesquisadores, até pensando aqui no andamento da pesquisa, eu encontro depoimentos que falam em programas de TV, revistas, quadrinhos, foram ajudando a criar esses caminhos. Sempre ouvi isso, curiosidade com animais, com a natureza. Nem sempre tem tanta relação com escola, né. Vem de outro lugar, mas a escola acaba dando vazão para aquilo. Mas para mim é muito claro também a relação do contexto escolar com o caminho escolhido.

Bom, em relação à área escolhida e o ensino superior, o senhor comentou anteriormente, né. E também já comentamos essa questão do envolvimento com a prática o que isso vai trazendo para o nosso dia a dia, né, para nossa vida no cotidiano.

Aproveito, então, mais para o final, para perguntar se tem algo que o senhor gostaria de ter falado, que eventualmente despertou algo aí que eu não perguntei ... ou mesmo alguma sugestão ou apontamento que queria fazer.

**Entrevistado:** Acho que você conduziu bem a entrevista, né. O roteiro semiestruturado é importante, pois ele permite também que a conversa não fique travada, né.

O que eu poderia marcar um pouco mais, de toda a minha experiência, o momento da minha carreira acadêmica em que eu começo a olhar, o momento em que eu vou me aproximando tanto, tanto, tanto do mundo da pesquisa, que o mundo da pesquisa passa a ser, de fato, um mundo de investigação para mim. Aí, quer dizer, começo a entrar no mundo da metapesquisa, de investigar a pesquisa. Aí esses envolvimento foram, num primeiro momento, com um curso de especialização que a gente propôs na [universidade], em educação ambiental, mas com uma vertente de pesquisa muito forte. A partir desse curso, a ideia de pensar em espaços formais para a discussão da pesquisa, aí veio a ideia do [evento]. A partir dele a editoria de um periódico na área de pesquisa em Educação Ambiental, que é o periódico que nós editamos em parceria com algumas outras universidades. E, juntando tudo isso, o [grupo de pesquisa], né o projeto. Por essas experiências e esses vínculos todos, o convite do [nome próprio] para participar do [grupo de pesquisa].

Então, aqui olhando pouco para esse caminho, acho interessante porque eu fui do interesse com a educação ambiental, me formando como alguém que vai praticar, que vai pesquisar, que vai investigar a educação ambiental, e chegando num ponto de final de carreira, enfim, de alguém

que começa a querer olhar para a própria pesquisa em educação ambiental, a pesquisa como objeto de estudo, como objeto de investigação, né?

**Entrevistador:** Já que passei tantos anos me envolvendo com isso aqui, vamos investigar isso aqui.

**Entrevistado:**É. Vamos tentar entender pouco a história é essa, o que que a gente está produzindo disso tudo, que significado que isso tem. Então, acho que marcar pouco disso.

Te agradeço por essa oportunidade também, de reviver pouco esses diferentes momentos da vida, pouco dessa sessão “o que é minha vida”, né? Claro que são momentos significativos interessantes, e a gente sempre aprende também um pouco sobre a gente mesmo, quando fala sobre tudo isso. Muito obrigado pela oportunidade.

**Entrevistador:** Se me permite uma última questão, que pensei agora ... quando a gente fala em olhar um pouco o caminho, olhar um pouco para nós mesmos, algumas pessoas dizem que as vezes nem sempre parece claro entender que são educadores ambientais. E alguns instantes assim, de repente, podem trazer essa leitura mais clara.

**Entrevistado:**Então, só recuperando pouco quando eu disse lá no começo, a palavra pesquisador parece que implica assim, um auto reconhecimento, né? Como se eu se tivesse me colocando em um lugar. É mais ou menos quando alguém diz assim “eu sou intelectual”, né? Não se trata de você se qualificar tão assim, num lugar muito diferenciado, né?

Mas sim, eu me lembro demais de uma aula de Prática de Ensino, que eu fui para a escola com meus alunos, e meus alunos iriam começar uma aula que eles já vinham dando com a classe já de um tempo. Eu cheguei para acompanhar a aula, para observar a aula que eles iriam dar. E quando eu entrei na sala, era uma classe de sexta série, né? Então, a meninadinha de 11 anos, mais ou menos. Eles falaram “olha, esse é o nosso professor, ele trabalha na universidade, ele é professor, na universidade, ele também faz pesquisa”. E um menininho com aquelas caras das mais espertas, que você tem vontade de dar abraço, e eu estava lá no fundo da sala, ele virou com espanto tão grande, e ele me disse, “quer dizer que você é um cientista?” E aí é um pouco dessa coisa que eu te falo assim. Parece que falar “eu sou pesquisador” é um auto reconhecimento, você está qualificando. Mas eu não tenho dificuldade de falar que eu sou praticamente em educação ambiental, porque a minha carreira acadêmica foi construída com essa prática.

Eu acho que, no meu caso, embora não, isso não tenha ficado tão claro na época, mas a junção de dois momentos que me marcam como educador ambiental. No momento em que eu ofereça disciplina optativa, no curso de Ecologia, para o curso de Ecologia, e no momento em que eu

começo o meu doutorado com a educação ambiental. A partir desse momento, eu acho que eu nunca tive dificuldade de ler essa leitura.

**Entrevistador:** Entendi.

**Entrevistado:** A única coisa que eu sei que eu não sou só educador ambiental, sou também educador em Biologia, educador em Ciências da Natureza, educador da formação de professores, né? Como educador, como educador, a prática da educação ambiental, é uma das práticas que eu tenho entre outras, né?

**Entrevistador:** Achei muito legal as raízes da Biologia. O mestrado com vespas. Porque, eu sinto, que parece que tem muitos biólogos que querem negligenciar a educação, a formação em educação, sabe. Uma coisa de “eu sou biólogo”.

**Entrevistado:** É, fica meio pejorativo, né.

**Entrevistador:** É, é ... e é perfeitamente possível juntar as duas coisas, né. Não precisa fazer essa distinção. Eu gosto muito da Biologia, mas a paixão mesmo é educação.

**Entrevistado:** Claro, claro, sem dúvidas. Eu agradeço muito, agradeço muito em chamar para as lembranças e retomar essa questão da Prática de Ensino, do significado dela, para mim é muito significativo. Muito obrigado.

**Entrevistador:** Mais uma vez, muito obrigado. Grande abraço!

**Entrevistado:** Abraço!

## **ENTREVISTA 02**

**Entrevistado: Tim**

**Entrevistador:** Obrigado pelo espaço na agenda, a disponibilidade.

**Entrevistado:** Tá tranquilo. A coisa aqui é meio corrida. Em uma hora e pouco mais ou menos, a gente.

**Entrevistador:** Eu acho que resolve sim. Te agradeço mais uma vez a disponibilidade. É, quando eu comecei esse trabalho na verdade eu fiquei meio assim, se eu conseguiria falar com os pesquisadores ou não, porque a agenda cheia né, às vezes não tem uma facilidade muito com o contato, mas tem sido diferente. Eu tenho tem sido bem recebido, assim te agradeço. É só para constar, de acordo com o termo também aqui pelo comitê de ética que eu que eu envio no e-mail, é mas hoje mesmo é a entrevista. Fique à vontade para interrompê-la ou encerrá-la quando você preferir, né, quando, quando o senhor achar que, se por motivo achar

que deve ou não responder alguma questão, tudo bem também. Que a gente está gravando, está tudo de acordo ali com o que submeti anteriormente ao comitê. E começando essa nossa conversa de fato, que vai um pouco além, a memória, trajetória, caminhos, é eu sempre inicio perguntando o seguinte, né, hoje ou algum tempo você realiza pesquisa Educação Ambiental né, de fato, um pesquisador na área, e aí eu queria te perguntar isso, né? Você se considera um pesquisador? Teve algum evento que te fez considerar um pesquisador, como é que foi um pouco esse passo a passo, assim, de você olhar e falar, “nossa, eu sou um pesquisador na área de Educação Ambiental”, um pouco do caminho até você entender um pouco isso, vamos dizer assim, por favor.

**Entrevistado:** Eu recentemente eu fiz um memorial aqui da trajetória e eu posso, tu me manda o e-mail depois eu te mando ele.

**Entrevistador::** Ah, bacana? Sim, sim.

**Entrevistado:** Um pouco mais só pra ti, tu ter uma luz. Eu, na realidade comecei a pesquisar no mestrado e no doutorado em políticas educacionais. Aí, quando eu entrei aqui na [universidade], em [ano], eu estava terminando o doutorado e comecei a me inteirar dessa temática para quando terminasse o doutorado, entrar num programa de pós-graduação e comecei a me envolver um pouco mais é relacionado à questão da ecologia política, né? É, é, tenho uma formação de algum livro, alguma coisa do mar, né? É devido também a militância política anterior aí de 1981 a 2005, mais ou menos. Eu fui para Cuba, fiquei um ano fazendo atividades de formação lá e quando eu cheguei aqui em 2004, daí comecei a incluir na reflexão das políticas, é essa coisa chamada natureza, o ambiente físico. Eu terminei o doutorado e [ano] eu entrei aqui no programa de pós-graduação em Educação Ambiental. Tá? Então, há, como pesquisador, assim, digamos que eu aprendi com mestrado e doutorado. É, mas é de fato comecei a virar pesquisador quando eu comecei, entrei aqui como professor efetivo na [universidade]. É a [universidade], que em [ano], tá? E desde [ano], daí gradualmente, eu fui me aprofundando, fui ampliando aí. O quer dizer, mas. Eu diria que eu trabalho com Educação Ambiental, mas na verdade eu trabalho mais com Sociologia ambiental.

**Entrevistador:** Uhum.

**Entrevistado:** Eu tô numa linha de fundamentos da Educação Ambiental. Nós temos 3 linhas aqui, é formação de professores da Educação Ambiental, Educação Ambiental em espaços não-formais, não formal. É mais ou menos isso o título, né? E uma de fundamentos da Educação Ambiental e na de fundamentos, eu trabalho mais com a questão da Sociologia, por quê? É na relação sociedade-natureza, né? É, nós pesquisamos aqui, nós criamos aqui, onde eu estou aqui, é, um Observatório dos conflitos urbanos e ambientais, então a gente pesquisa os conflitos, né? E eu vou te mostrar aqui o pessoal que tá gravando não vai ver, mas não sei se dá para te ver, umas umas caixas em cima. Aquela caixa ali são materiais que nós mapeamos nos jornais aqui da região e também do [local], manifestações públicas relacionadas ao meio ambiente, natureza, contaminação, água, etc. E desses conflitos, nós estudamos quem está se mobilizando, né, qual é o tema da mobilização e quem é que está sendo demandado né, ou seja cobrado, responsabilizado. Então nós aproveitamos isso para fazer uma discussão, é, de uma coisa que nós chamamos de reeducação para a justiça ambiental. Nós somos vinculados à rede brasileira de justiça ambiental, então nós pensamos que existe, é, e eu já orientei muitas das pesquisas. Eu imprimi aqui, tá, a que tinha ali é o título do site, é, aEArte, né?

**Entrevistador:** Isso sim, EArte, aham.

**Entrevistado:** É, então nós pesquisamos nesses últimos 10, 15 anos, é, a Educação Ambiental das empresas, a Educação Ambiental dos governos e a partir de mais ou menos [ano], nós começamos a pesquisar a outra Educação Ambiental, dos de baixo, né? Então, a Educação Ambiental das empresas, por exemplo, deram vida a [empresa]. Que é o eu acho que é a... Vamos pegar aqui o que tem aqui. Cara, me interrompe aí, qualquer coisa, tá?

**Entrevistador:** Não, fica à vontade.

**Entrevistado:** Pegar o exemplo aqui do [nome próprio]. Ele fez um estudo de identificar qual é que é o discurso ambiental, a Educação Ambiental, as atividades de Educação Ambiental da [empresa].

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistado:** E a reflexão dele crítica é de uma Educação Ambiental tradicional. Nos últimos, não. A gente já tá pesquisando a outra Educação Ambiental com os grupos que estão se

mobilizando contra a contaminação e não necessariamente eles chamam de Educação Ambiental, entendeu? Por exemplo, tem uns indígena aqui, estão em pé de guerra aqui. Eles têm uma relação com a natureza, uma relação educativa, garantida, mas eles não chamam de educação.

**Entrevistador:** Sim, sim.

**Entrevistado:** Ela nasceu no mais ou menos dessa nessa jogada, né? Essa primeira parte aí.

**Entrevistador:** Eu vi o trabalho dele aqui agora né, é como, como você colocou, mudou um pouco o olhar, né? Saiu ali da empresa e passou para quem está na militância, podemos dizer assim.

**Entrevistado:** Quem está sendo impactado, né? Pelo empreendimento, pelo projeto de desenvolvimento, pela alguma ação ou atividade que a empresa desenvolve.

**Entrevistador:** E com esse olhar, com esse olhar da justiça ambiental, né?

**Entrevistado:** Isso, com o olhar da justiça ambiental.

**Entrevistador:** Então, assim, eu ia perguntar um pouco sobre projetos desenvolvidos nessa área atualmente, mas é isso que você falou. Mas voltando assim, um pouco da questão da formação, a sua graduação é em que?

**Entrevistado:** História. Eu fiz História, depois eu fiz um curso de especialização em História do Brasil e fiz esse curso aí de um ano em Cuba, de Ciências Políticas e coisa assim. E depois eu fiz um mestrado em educação e o doutorado em educação na área de políticas educacionais.

**Entrevistador:** Sim, sim, como você comentou, então já.

**Entrevistado:** Esta orientadora, [nome próprio]

**Entrevistador:** A gente pode dizer, então que essa questão do envolvimento com a militância política, como você colocou, vem até antes da questão da natureza, né? Na tua trajetória assim, né?

**Entrevistado:** Isso, e existia assim a preocupação assim, mais uma...

**Entrevistador:** É uma pauta correlata né para várias coisas, mas não estava sim né...

**Entrevistado:** Enquanto incorporada na saúde assim na política ou na educação, enquanto a natureza, o meio ambiente e etc não, não, não. Não fazia parte, incorporou a partir desse vínculo meu com o programa de pós-graduação em Educação Ambiental.

**Entrevistador:** Entendi. Então a gente pode dizer que o programa foi um fator importante, né, pra consolidação, vamos dizer assim. Não que não houvesse nenhum interesse, porque se não houvesse, não encaminharia dessa forma, mas foi algo importante para a consolidação dessa temática, vamos dizer assim, na sua trajetória.

**Entrevistado:** Eu diria que talvez não de consolidação, mas sim de introdução e aprofundamento e ampliação dos meus horizontes.

**Entrevistador:** Justo, boa, isso. E uma vez dentro dessa temática assim, né, falando sobre o ambiente, mas o processo de Educação Ambiental, a pesquisa, enfim, é, a amplitude da área. Tem alguma temáticas ou alguma sub temática, poderíamos colocar esse jeito, ou algo é associado a isso que você consideraria, tipo, mais importante?

**Entrevistado:** Pegando do que eu falei ali é, a gente, por exemplo, a gente não estuda até hoje, né, pelo menos, é a Educação Ambiental. Não orientei ninguém. A Educação Ambiental na escola e também por políticas educacionais. Então que teve uma, eu acho que a segunda orientanda minha, a [nome próprio]. Com exceção dessa aqui, é em uma aqui, outra ali perpassa a questão do licenciamento, como a [nome próprio], que estudou a questão do licenciamento aqui na duplicação, a [nome próprio]. E o [nome próprio], né. Que eu orientei ele no Mestrado e depois eu assumi ele no doutorado. Porque o professor foi para outro lugar, né? Antropocentrismo e crise ecológica.

**Entrevistador:** Entendi.

**Entrevistado:** Era uma coisa mais filosófica, digamos assim, coisa. Eu diria que são temas não diretamente relacionados à escola ou a política, mas sim em questões mais como eu tinha dito, relacionadas à Sociologia. E eu diria que o centro da coisa é a relação sociedade-natureza.

**Entrevistador:** Pelo aspecto social assim, né?

**Entrevistado:** Isso, exatamente, isso que eu tô indo nessa coisa da Sociologia. Inclusive eu estou conversando com o pessoal de [cidade] ali, é, virar colaborador deles, né? Trabalhando com essa questão da Sociologia, porque dentro da linha de fundamentos é uma questão de fazer parte. Então eu diria que Educação Ambiental sublinha, digamos assim, Sociologia ambiental, relação sociedade, natureza.

**Entrevistador:** Justo, e uma vez é, vamos dizer assim, com essa temática, né, fazendo parte do trabalho assim, tal, você consegue ver relações do que você hoje tem como objeto de estudo que faz parte do seu trabalho, das suas interações, das suas orientações. Como por exemplo, assim, o dia a dia, o jeito, o jeito da gente olhar as coisas, o nosso cotidiano, sei lá, olhares que a gente tem sobre sobre... Acho que sobre tudo, né? Sobre outras pessoas, sobre os ambientes, sobre relações que a gente vê, tipo, você sente isso presente no seu modo de ver as coisas? Eu gosto de falar para os meus alunos assim, eu sou professor de ensino médio, né, e tentei uma iniciação aí de pesquisador. É, eu falo que os meninos do ensino médio, eles estudam tanta Biologia que eles acabam saindo ali do terceiro ano do ensino médio, quase mini-graduados em Biologia, com profundidade pequena, mas tamanha a quantidade de coisas que eles estudam e que às vezes a gente tenta assim simplesmente colocá-los para enxergar um pouco a vida com os olhos da, com as lentes da Biologia, que vão trazer assim, alguns aspectos ali inerentes a essa formação. Então assim, enquanto pesquisador da Educação Ambiental, enquanto quem trabalha com essa Sociologia e a relação social da e com a natureza, né, relação à sociedade e natureza, tem essa questão, assim, dos seus olhares, do dia a dia. O que que isso traz de mais aspectos práticos assim da sua vida? Saberá dizer alguma coisa nesse sentido?

**Entrevistador:** Eu diria que do ponto de vista teórico, paradigmático, vamos dizer assim, eu uso um autor. Não, não desenvolvi nenhuma... Quer dizer, eu faço pesquisas, estudos, reflexões. Um autor chamado em Henri Lefebvre. Esse autor, Henri Lefebvre, ele trabalha com essa



temática aí que tu tava falando do cotidiano do dia a dia, assim por diante. Mas por isso que eu estou pensando nessa questão da [universidade] para poder trabalhar com ele. Aqui eu não tive nenhuma abertura. É um autor que ele não é do campo, da Educação Ambiental. Agora, do ponto de vista prático, do dia a dia e com os meus alunos, a partir dessa influência, mas influência mais do ponto de vista da prática da ação minha, não do texto do Lefebvre.

**Entrevistador:** Sim, sim.

**Entrevistado:** Né... Parêntese: é, nós estamos, montamos um grupo aqui com o professor daí, o [nome próprio]. É para estudar, inclusive um livro, “Ritmanálise” do Henri Lefebvre, tá? Bem, fecha o parêntese. Então o cotidiano aqui nós buscamos, eu busco com os orientandos, primeiro a relacionar essa coisa dos estudos com a vida, com o cotidiano e com essa coisa da injustiça. Né? É com os grupos sociais impactado pelos empreendimentos. Então pensar uma educação para a justiça ambiental, nós argumentamos que ela pode ser feita de três maneiras. Eu posso aqui na universidade pesquisar isso nos jornais, refletir, digamos assim, a partir disso, como isso impactou esses movimentos que estão sendo prejudicados pelo agronegócio, por exemplo, né? Mas eu posso também fazer uma pesquisa com eles. E eu posso fazer uma pesquisa a partir da própria ação deles. Então cada uma dessas que é o que nós estamos agora nesse momento, avançando aí nessa pesquisa aqui do extremo sul do Brasil e no Uruguai com os companheiros lá, é uma relação de cuidado por causa que se a Educação Ambiental tradicional ela pensa, o que que tem ser feito, né? Você já vai da Biologia?

**Pesquisador:** Isso.

**Entrevistado:** A Biologia, tem uma pesquisa aqui, ó, é, quer dar uma olhadinha, é do [nome próprio], né? Ele é da Biologia, e daí? Ele, na revisão bibliográfica, ele levantou artigos, pesquisa ali da Biologia aqui da [universidade], professores, não sei o que. Qual é a concepção? A maioria esmagadora dela é o seguinte, eu vou lá para o [local] pra ensinar os ignorantes a cuidar da natureza.

**Entrevistador:** É, sei.

**Entrevistado:** É que, do ponto de vista educativo, é uma relação pedagógica, autoritária. A daí pegar o Paulo Freire é uma Pedagogia do opressor, no sentido de que eu sei como é que funciona

a natureza, e daí tem a ver a Biologia tem uma parte muito próxima da ecologia, né? Eu sei como é que funciona, eu vou lá ensinar eles, então se casa com a Educação Ambiental tradicional. Então, pensar uma outra educação teria que pular por outro lado, mas não, não, não pode ser uma Educação Ambiental que vai lá dizer para eles como é que soube disso com as empresas, então tem uma conversa com as pessoas daqueles que estão envolvidos nos movimentos, então tem a ver com o cotidiano dela. Na nossa prática aqui no Observatório, a gente tenta construir uma relação solidária dessa coisa de no dia a dia nosso de a gente cuidar, né? Pra ser coerente com o que a gente é... E aqui é coerência, não é “Já eu sou Educação Ambiental, eu separo o lixo”. A gente separa o lixo aqui, entendeu? Mas não, não é esse é o central aqui é da coerência da pessoa do que ela está lutando com o conteúdo do que ela defende, o conteúdo da fala, então não pode ser você tá lutando contra a injustiça. Sim, e é cuidar da coisa do racismo, da homofobia, né? Nós temos aqui no Observatório, hoje tem um negro preto, o [nome próprio], que está fazendo um estudo sobre o racismo ambiental na cidade de [cidade]. Né? Tem uma garota aqui que ela é é lésbica. As duas, ela e a companheira dela são bolsistas voluntárias aqui, trabalho conosco. Tem gente que é simpático do partido XYZ, então a gente tenta ser coerente com uma coisa do Paulo Freire, que não somos freireanos assim, mas uma coisa é do diferentes, dos diversos e dos esse lado aqui, digamos, né? É contra os antagonicos, e quem é os antagonicos? É os que estão causando a injustiça. Então, nós aqui nós temos que aprender que a Pedagogia deles é autoritária, a nossa não pode ser autoritária na relação com os grupos sociais.

**Entrevistador:** Tem que ser conciliadora, né?

**Entrevistado:** Exatamente, então a gente tenta na prática, mas isso não é teorizado, é, tentamos no...

**Entrevistador:** Acaba que naturalmente vai misturando assim com valores, né? Com com atitudes nossas, ou de vocês no caso, no dia a dia, assim né?

**Entrevistado:** Exatamente, exatamente. E eu te diria mais ainda, Luiz, aqui nós temos esse laboratório, esse Observatório, há uns doze, treza anos, né. Só tem eu de professor aqui. Não consegui até esse período conquistar nenhum. Agora que eu estou conversando com dois colegas para trabalhar aqui e eu não sei se não é em função dessa dessa medida. Eu sou

professor, mas os alunos trabalham comigo, tipo, como seres humanos não são, é aluno e que o professor manda e os outros obedecem, entendeu?

**Entrevistador:** E o programa aí é tradicional, né? O programa as publicações, né? Orienta muita gente. É um programa importante, não é?

**Entrevistado:** Tradicional, não é, é bastante antigo, tem um acúmulo, é progressista, vamos dizer assim.

**Entrevistador:** Aham.

**Entrevistado:** E o mestrado surgiu em 93. As primeiras dissertações foi defendida em 94 e 95 e o doutorado começou em 2006.

**Entrevistador:** O doutorado é mais recente.

**Entrevistado:** É, o doutorado é mais recente. Nós temos duas revistas, eu já fui coordenador do programa aqui em 2015 a 2017, junto com uma colega, uma colega foucaultiana, né? E, aparentemente, vamos indo teoricamente num outro campo, mas trabalhamos junto, entendeu? Às vezes muito mais próximos do ponto de vista profissional do que alguns colegas outros aqui que tem um discurso total apaixonado do referencial crítico e não sei o quê, e isso e aquilo, mas é no dia a dia, é outra.

**Entrevistador:** Não reflete, não transfere, sei lá qual palavra usar.

**Entrevistado:** Exatamente, na verdade, uso essa categoria. Que a consciência é reflexo da base econômica, né, uma perspectiva bem positivista, digamos assim, mas voltando pro nosso esquema ali, então é o programa, tem duas revistas, né? Nós temos no banco de dados aqui mais de 500 dissertações. Eu acho que deve ter um mais de cento e tantas teses de doutorado. Essas revistas, uma delas é bem antiga lá dentro do período, a outra tem um ou dois anos depois, também fui editor de uma dessas revistas junto com um doutorando meu. E agora tem outros colegas, né? Então é, bem, o programa, assim, é o único programa de doutorado em Educação Ambiental, né?

**Entrevistador:** Nossa, eu não sabia disso.

**Entrevistado:** É o único. Tem mestrados, né, assim, mas programa de Educação Ambiental, doutorado em Educação Ambiental é o único do Brasil.

**Entrevistador:** Nossa, realmente, né eu sabia desse, mas não sabia que era o único. Mas, enfim, uma outra coisa aqui que o senhor comentou até é, a gente pode dizer que, vamos dizer assim, que a Educação Ambiental e a pesquisa em Educação Ambiental chegaram, vamos dizer assim, na tua vida, mais ou menos no mesmo momento, assim a partir da entrada no programa de pós aí.

**Entrevistado:** Cara, eu vou dizer que a pesquisa. Eu estava tentando achar aqui. Vamos ver. Se eu, se eu acho aqui... Não, eu vou ter que achar, depois eu, nesse, para a prova de professor titular, que eu fiz no ano passado.

**Entrevistador:** Memorial, né?

**Entrevistado:** Eu tive que é toda a minha trajetória. Eu diria que eu comecei e eu me fraguei disso. Eu comecei a aprender a pesquisar ali no mestrado, tá, com a minha orientadora maravilhosa, a [nome próprio]. Ela fez uma coisa parecida que eu acho que é a [nome próprio] está fazendo contigo aí. Ela me mandou lá para a biblioteca, para pesquisar o que que era a qualidade na educação, né? Quais os fatores? Ou seja, o que possibilitava e que indicadores. Eu fiz ficha de leitura e um troço de louco lá, isso foi em 96 por aí, 95 ou 96. E até investi num computador. Aqui eu aprendi lá então comecei ali aos pouquinhos, depois eu fiz o doutorado com ela também. E eu estudei ali a experiência do PT em [cidade], da qualidade e depois os 16 anos da gestão democrática ou gestão popular ali em [cidade] é de 1992 a 2006. Né? Acho que foi isso. E aprendi a fazer as coisas, tudo ali no mestrado e no doutorado, né? Mas eu, vamos dizer assim, eu me senti e comecei a me sentir pesquisador mesmo ali por 2005, 2006, quando eu virei professor efetivo aqui da [universidade], porque daí eu fiz um projeto de pesquisa com as colegas aqui e para pesquisar a educação infantil aqui na cidade. E aí foi assim a minha primeira experiência autônoma. Depois de 2006, quando eu fiz um projeto para entrar aqui no programa, eu fui aprendendo um pouco mais. Assim, eu diria que eu ainda estou aprendendo, entendendo, estou aprendendo, estou trabalhando na disciplina que estou ministrando com a

colega aqui, Metodologia e pesquisa, e daí eu diria que eu ainda tenho um monte de coisa que eu não sei, cara.

**Entrevistador:** Ainda mais em metodologia.

**Entrevistado:** É, né, então tem. Mas não me apavora, mas eu também eu busco e eu tento orientar os alunos no sentido de que é o seguinte, tem um aspecto formal da pesquisa, tá? Mas o principal é a pessoa tornar-se sujeito da pesquisa. Tem um livrinho de um cara chamado, é, “Produzir a obra”, é de uma editora de Brasília e é bem naquele espírito. Ele foi orientando do Lefebvre, tá? É, e daí o esquema é assim, o principal no processo de produzir dissertação, a tese, é do produzir uma pesquisa que tu se sente sujeito daquilo ali. Né? E não pode ser um troço de sacrifício, entendeu? Pode ser uma coisa mais limitada do ponto de vista acadêmico e não sei que, mas que tem um significado para quem está fazendo, e isso eu acho que é o mais importante, né?

**Entrevistador:** Então, assim, de um ponto de vista até cronológico primeiro as suas experiências com pesquisa, né? Como você estava dizendo. Aí depois vem a pesquisa em Educação Ambiental, junto com a própria Educação Ambiental, assim, uma coisa acabou que veio junto com a outra. Entrando no programa ou não os contatos com Educação Ambiental foram primeiro, para depois vir a pesquisa com Educação Ambiental, sim.

**Entrevistado:** E eu diria o seguinte, a História é, eu comecei a militância política em 81.

**Entrevistador:** É, às vezes não é um percurso linear e também não precisa ser, né?

**Entrevistado:** Eu comecei a ter uma preocupação maior e pra estudar a História do Brasil, a minha graduação é em História, tá? Em 84, 85 e 87 e em 88, 89 e 90, eu trabalhei uns anos de professor, na Educação Básica. Na minha trajetória, eu acho que eu tenho uns quinze anos de professor de Educação básica, né? Então, o pesquisador surgiu depois, então eu, por exemplo, voltando, eu dou aula de políticas educacionais aqui, então, eu, a minha preocupação é que a discussão das políticas e da legislação, é importante, a gente fala, mas muito mais é a relação disso com o cotidiano da sala de aula, da escola, do bairro, da realidade que eles estão vivendo.

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistado:** Ou seja a pesquisa aqui ela faz parte, mas ou seja, da pesquisa eu vou pensar as coisas, eu tento partir do próprio real, da relação, das relações, e levo isso do Lefebvre, tá? Mesmo eu não utilizando ou falando que é ele, mas tem a ver com ele, né?

**Entrevistador:** E, bom, eu tenho anotação aqui, aquele roteiro semi estruturado, né? Dizendo assim, se a realização das pesquisas do trabalho nessa área, os caminhos pela pesquisa, enfim, se alterar alguma coisa no sentido, assim da percepção sobre a própria temática, hoje você enxerga assim a questão da Educação Ambiental, a relação sociedade-natureza, é diferente do que enxergava no início, como que é caminhar por essa área e estar sempre assim, alterando constantemente os olhares a respeito disso, né? Se puder me dizer um pouco assim, por favor.

**Entrevistado:** Foi, por exemplo, eu te disse aqui é que eu entrei aqui em 2006. Comecei tateando as pesquisas. Em 2010 eu saí pra fazer um pós doutorado e daí o Soler, um orientando meu ali e a [nome próprio], eles coordenam uma ONG aqui em [cidade] e pela militância, está envolvida aqui nas questões ambientais, não sei o que. E me indicaram. E conversamos fazer o pós doutorado em [cidade] com o [nome próprio]. E eu diria que essa pesquisa, esse estudo como [nome próprio] meio que orientou a minha reflexão no sentido de, não de alterar a relação sociedade-natureza, mas a incorporar essa questão dos conflitos e a questão da justiça ambiental.

**Entrevistador:** Entendi, foi um ponto de um ponto de inflexão, assim, por exemplo.

**Entrevistado:** É, isso. E principalmente uma coisa que O [nome próprio] me falou que foi assim, ó, eu apresentei o projeto para ele, não sei o que, ele aprovou, não sei o que, depois nós sentamos um dia para discutir e eu colocava ‘não porque as, os trabalhadores bla bla bla, ‘ daí ele pensou assim, ‘tu falou com os trabalhadores para ver se eles pensam isso mesmo?’. Ou seja, é a algo que tem a ver com aquele, eu posso fazer pesquisa desde a perspectiva. Posso fazer a pesquisa com, né? E posso fazer uma pesquisa com os próprios impactados sobre o que eles pensam, né? Daí tem um aspecto aqui mais autogestionário. Não do Henri eu estou falando, né? Então essa foi uma das coisas, então eu comecei a partir disso nesse ano de experiência lá, é, primeiro, conseguiu o financiamento do CNPQ e a gente, montou aqui o Observatório. Segundo, esta perspectiva de muito menos ter a resposta do que fazer a pergunta, né, o Bourdieu, né? Ou seja, muito mais do que a resposta, ele fazia a pergunta, então é pesquisar

para investigar e saber o que os grupos sociais estão pensando e a partir disso eu reflito e construir argumentação, mas é muito menos de buscar a verdade ali ou também de falar em nome dos trabalhadores, não? Eu sou um trabalhador, eu me considero trabalhador, mas eu estou pesquisando trabalhadores, então daí não botar a palavra na boca deles do que eu tô querendo, tá? Essa é uma das coisas. E a outra coisa é que também eu aprendi que tem muito aqui no campo da Educação Ambiental. Que é a coisa do eusismo. Tu faz um ensaio reflexivo do que desde criancinha eu amei a natureza, porque não sei o que os passarinhos, bichinho, pá, pá, pá é que aparece muito aqui. Agora não tá aparecendo muito. E uma coisa que eu aprendi com o [nome próprio] é que, e daí tem a ver muito mais com a pesquisa em Sociologia, tá? Acho eu. Que é de fazer o debate da discussão de pesquisas que estão sendo feitas como muito está fazendo. E a partir dessa pesquisa, eu dialogar, fazer a reflexão do conhecimento, né. E muito menos do que é uma coisa que predomina muito aqui, né? Predomina a educação e a Educação Ambiental aqui é do, é dessa coisa do pessoal, entendeu? Então, quando é pertinente nesse campo, como por exemplo, na filosofia, talvez os cara vamos discutir mais a questão filosófica, a abstração, né? É uma coisa que não é do meu campo, digamos assim. Eu não estou interessado, porque eu não tô interessado o que o Karnal, tá pensando, entendeu? Eu acho que ele sabe, que o artigo é o que ele pensa, eu tô interessado é em pesquisa que relatam conflitos, problemas e coisas assim eu possa sustentar um debate tipo muito mais de uma coisa do estado da arte revisão da bibliografia, Discutir isso. Tanto é que compreendo um pouquinho mas depois tu vê se eu me passei. Por exemplo, você não vai encontrar na minha produção ali, nenhuma reflexão crítica ao pessoal da Educação Ambiental. Tem um artigo, por exemplo, que eu orientei aqui.

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistado:** É, a Educação Ambiental desde baixo, tá? É no artigo que ele fez depois ele faz uma problematização. Eu concordo. A gente ficou junto aí. É sobre essa política, institucionalização da Educação Ambiental no governo Lula. Então, a leitura é o seguinte, é que muitos pesquisadores críticos, antes do governo Lula, ao assumir o governo Lula, eles vão trabalhar, virar consultor e amenizam a sua criticidade. Essa aí e mais uma outra lá. Eu não, só que eu não estou me cobrando disso, entendeu? Pra fazer essa opção, porquê? Quando discute isso, tu acaba discutindo verdades, né? ‘Ah, mas a minha Educação Ambiental é mais verdadeira do que a tua’. Então é uma... Eu prefiro, nós preferimos aqui fazer essa pesquisa, com os grupos sociais, né? É da injustiça e coisa assim, que é mais produtivo de perder tempo de

discutir beleza com quem produz mais e vai nos encontros tal e tá lá nas Anped equal é esse agora mesmo?

**Entrevistador:** É o Encontro de Pesquisa Educação Ambiental, EPEA.

**Entrevistado:** Você vai ver, o meu nome, não tá em lugar nenhum, não tô...

**Entrevistador:** Tudo bem também né... Pois é. É, e eu ia até perguntar algo assim, né? Como que hoje você se vê, né? Como, como pesquisador profissional e pessoa, mas é um pouco disso que você estava dizendo, não é? É o jeito de encarar as coisas, não é um jeito de olhar essa que estão do trabalho da pesquisa e a própria vida os próprios valores, né? É, mas um pouco nessa linha, e aí eu fiz essa pergunta para outros pesquisadores e não é de, não é nenhum aspecto, assim, querer estereotipar e rotular, é mais uma uma impressão, mesmo que se não houver, não tem problema também, mas você consegue, como se a gente mapeasse assim, não consegue ver algumas características que são presentes assim, em pesquisadores em Educação Ambiental, em profissionais dessa área, né. No caso aqui estamos falando de pesquisadores, mas em pessoas que trabalham com Educação Ambiental, tem assim características? Porque às vezes você está, como a gente tá tentando escrever perfil, às vezes você vê pessoas de uma área, tem inclinação a tais e tais teoria, claro que existe uma diversidade metodológica, epistemológica ou de objetos de estudo. Mas assim, existe talvez assim, características que são comuns a pesquisadores dessa área, numa percepção sua, assim, o quê que você enxerga?

**Entrevistado:** Eu não saberia responder essa pergunta. O que eu poderia dizer algumas coisas sobre os pesquisadores, digamos, então aproveita aí. Eu diria assim que eu, com essa coisa da Educação Ambiental, a educação para a justiça ambiental, a gente inclusive está procurando um artigo, aí a gente diz isso. Essa Educação Ambiental, ela, a Educação Ambiental crítica, emancipatória, libertadora, popular. Todas essas aí seriam, poderiam ser enquadradas como a educação para a justiça ambiental. É, então, todas essas Educação Ambiental aí se estão se colocando ao lado dos injustiçado com os injustiçado, desde a perspectiva dos injustiçado é uma Educação Ambiental para justiça ambiental, tá? Ou seja, não preocupamos e nem queremos... E a gente já publicou quatro livros, tá? Hoje tem um site. Observatório de conflitos do extremo sul do Brasil, né? Os livros estão ali. E a gente não quer criar uma Educação Ambiental que o pessoal não siga, entendeu?



**Entrevistador:** Boa.

**Entrevistado:** Não temos muito muito essa coisa, agora e nesse campo aí eu diria que está todo mundo aqui, a Michelle, o Loureiro, a Isabel Carvalho. É. Bota esses é maior aqui que são daqui, tá? É mais próximos aqui, tem outros pesquisadores por aí. É, tem diferença entre eles, mas a gente não, não... Com o meus alunos, eu utilizo os textos deles. Por exemplo, uma coisa parecida que talvez pudesse ser útil aí não sei se tu já não acessou. A Isabel Carvalho, acho que em 2020, 2021 ela fez um... Na verdade ela fez um nos anos 90, e se eu não me engano, em 2020, ela fez um mapeamento da Educação Ambiental, nos encontros da IPEC, Anped.

**Entrevistador:** Eu vi, no Anped, no Anped Sul de não me engano, é.

**Entrevistado:** Isso, e daí ela fez esse enquadramento que tu... Eu usei aqui já na disciplina, um site que assim, fazia um... Eu tenho uma certa dificuldade de, naquela sistematização ali identificar o que é útil para minha pesquisa, entendeu? É porque é uma síntese de um banco de dados enorme assim. E essa é uma das características que eu utilizo. Não sei se os outros utilizam, mas que é o que é útil para a pesquisa que eu tô fazendo. Então, por exemplo, eu não sou da Antropologia, tá, mas, tem um colega meu aqui, que é da Antropologia aqui que é meu amigo, usa coisas interessantes, mas principalmente a postura antropológica é uma coisa interessante para essa relação mais não-impositiva com os grupos sociais, porque fazendo pesquisa, isso é uma coisa legal aí que a gente está utilizando, aprendendo, tá? Então voltando para tua pergunta assim das características, eu acho, é bem achismo mesmo, muito disso, eunão... Sou amigo dessas pessoas aí conhecidos, já ministraram aqui, mas eu não fico meio muito preocupado. Eu olho de vez em quando que eles estão fazendo para sugerir que os alunos pesquisar, mas não saberia se eles vivem por isso, tá.

**Entrevistador:** Entendi.

**Entrevistado:** Fulano de tal, ele tem bolsa produtividade, certo? Então ele tem que ficar que nem louco para produzir artigo e refletir aqui, lá e cá. Mas não tenho bolsa. A minha pesquisa é muito mais... Libertária.

**Entrevistador:** A métrica é não ter métrica, né? Tipo assim. Mas voltando assim, uma dúvida que ficou, que me ajuda um pouco nessa questão da trajetória é, eu até vejo diferença assim, no

seu rememorar, vamos dizer assim, e o fato de ter sido graduado em História e a militância e essas questões. E como é que veio parar né, vamos dizer assim, né, para resumir, nessa questão da justiça ambiental. Com muitos entrevistados que eu faço que vem da área da Biologia, onde é bem mais comum essa questão do, não necessariamente descambando, para esse euzismo como o senhor colocou, né? Mas que vem essa questão da memória, da infância, da natureza e tal tal tal que vai lá desaguar, né, que vai desembocar na Biologia que uma hora vai acabar desembocando na Educação Ambiental. Mas assim, independente de não ter sido esse um caminho, eu lembro que o senhor colocou agora a pouca respeito do do curso que vai fazer em Cuba. E aí quando voltou, conseguiu encaixar esse componente natureza nessa questão política e militância que o senhor já apresentava. É, tem alguma situação assim específica? Foi uma construção ou foi algo que veio a acontecer? Para esse, para esse componente, assim, virar a ser encaixado ali?

**Entrevistado:** Teve uma professora de Geografia. É, [nome próprio], era da Geografia da [universidade] e quando eu voltei de Cuba, a minha esposa na época estava fazendo Geografia, e daí ela me convidou para fazer um papo sobre Cuba. E daí papo vai, papo vem, ela me apresentou o Lefebvre.

**Entrevistador:** Ah entendi.

Entrevistado: E daí, a partir do Lefebvre tem um livrinho, “O que é marxismo?”. Bem antigo assim. Gradualmente eu fui me fragando, que inclusive eu ministro uma disciplina aqui periodicamente, que é Karl Marx e a natureza.

**Entrevistador:** Olha só.

**Entrevistado:** E nós, eu comecei a descobrir que o tema, não é a natureza do Marx, mas a natureza, o meio ambiente está ali. Inclusive algumas obras, mais explícita, seja nos manuscritos de 44, seja no próprio Capital, tem umas partes, em uma parte do Crítica ao programa de Gotha. O Engels tem um texto que é o papel do trabalho na transformação do macaco homem. Então há diversos textos do Marx, que a natureza, o meio ambiente, e traduzindo, assim, a situação é o seguinte, que o homem transforma a natureza e ao transformar a natureza, produz coisas úteis e se transforma nesse processo.

**Entrevistador:** Uhum.

**Entrevistado:** A reflexão aqui é que esse estudo me levou a... tem aqui nas revistas que a gente tem. Já publiquei nos artigos em Cuba, em outros lugar, aí, a ideia de três naturezas e Marx: a natureza humana, a natureza física e natureza produzida, né? Ou seja, é natureza produzida, não só quanta ideia, mas quanto relações, então esse trio tem a ver com o Lefebvre, né? Uma ideia de dialética, né? E agora, inclusive, o Loïc Wacquant, que é um estudioso aí do Bourdieu, é... dia 5, não, dia 28 agora, ele publicou um livro em Portugal é: Bourdieu e a cidade. E daí ele levanta uma coisa parecida, vou pedir para os cara lá para ver como é que me manda. É a ideia de uma dialética espacial, né? O espaço do vivido o espaço urbano e a natureza, né? Então foi uma conjunção, ou seja, não é necessariamente a ver com Cuba, tá? É o momento do encontro, da coisa ali e depois desses estudos do Marx.

**Entrevistador:** Sim, foi só um marco temporal no sentido, assim, você voltou de lá, e aí, a partir dali a coisa, né?

**Entrevistado:** E daí comecei a vir aqui, comecei a estudar e comecei identificar essa coisa da natureza mais recentemente, né? Como eu disse lá. Mas aparece, como essa coisa na Geografia é mais explícita porque o foco do sistema, da Geografia, é a relação sociedade-natureza, né? Na História eu até orientei que o [nome próprio], ela tem a ver com uma coisa chamada História ambiental, né? Que agora tem um outro orientando, que é o [nome próprio], também está nessa aí. E, digamos assim, se eu tivesse que reescrever o Manifesto Comunista né, a História da sociedade é a História da luta de classe, eu diria que a História da sociedade é a História da luta de classes na sua relação com a natureza. É, ou seja, é as classes transforma a natureza, produzem riqueza e essa riqueza é disputada, como também a própria terra, né? A terra e a natureza faz parte, está no centro, isso também é o discurso do... é o discurso não, é, faz parte dos argumentos do [nome próprio], num livrinho, "O que é justiça ambiental". Então, é mais ou menos esse trio assim, digamos, eu diria, incluir como é que foi aparecendo a natureza e hoje, tendo a pensar nesse trio, é a relação eu, sociedade, natureza e como é que eu explico essa relação.

**Entrevistador:** E foi a professora do curso de Geografia que te apresentou a obra do Lefebvre e que aí que o negócio foi andando.

**Entrevistado:** Lefebvre. É, ela utilizou o Lefebvre para tese de doutorado dela, que estava estudando as emancipações aqui nos anos 80.

**Entrevistador:** Uhum. Aí o Lefebvre ele já tem essa veia marxista, vamos dizer assim. Isso, e uma coisa foi levando a outra.

**Entrevistado:** Ele, o Lefebvre, nasceu em 1901 e morreu em 1991, é quase 100 anos o cara, 90 e tantos anos. Ele entrou no partido comunista em 27 e fazia parte ali da filosofia, etc., foi expulso do partido em 57, depois voltou e ele escreveu ali uns 70 livros, mas ou menos, 60, e estudou tanto a questão do marxismo, quanto a questão da cidade, quanto a questão do Estado. E essa coisa da ritmanálise, tem um texto aí que eu produzi, que é possível identificar 4 momentos da vida da obra do Lefebvre, né? O momento marxista, o momento do cotidiano e ele escreveu 4 livros sobre o cotidiano, em diferentes períodos, o último é esse Ritmanálise, é o momento da cidade e um momento que eu chamo do Estado, Autogestão, assim por diante, né? Ainda meio indefinido. Então é esse autor, depois dessa professora, contribuiu porque era um autor marxista, mas estudava temas que eu estava interessado e não era um autor ortodoxo no sentido do esqueminha... Por exemplo, utilizo o Marx, mas eu não utilizo essa coisa das leis da dialética. Não, não, não aí. Materialismo histórico dialético, sai de mim Saravá Satanás. Porquê? Porque isso aí foi o Stalin que inventou, entendeu? E não é porque é o Stalin, mas tem muito a ver com uma concepção positivista, né, no marxismo. Eu acho que não contribui para lutar contra o capitalismo, né. Porque lá em Cuba, eu briguei com os cubanos, por causa disso, entendeu. É o tudo, é tudo esquematizadinho, assim, do ponto de vista teórico, do ponto de vista explicativo, tudo, das forças produtivas, das relações de produção, é muito uma coisa do Althusser, o estruturalismo.

**Entrevistador:** Do estruturalismo. Sim, sim.

**Entrevistado:** Tá? Então é... Uma coisa assim de camisa de força é comigo.

**Entrevistador:** E aí podemos dizer, quase numa síntese, assim, sem querer cortar pedaços, mas que conhecer a obra do Lefebvre é quase determinante assim, para seguir nessa área, né? Da que foi construindo, assim, a justiça ambiental, o interesse por essa área.

**Entrevistado:** Eu diria que para mim foi fundamental, o Lefebvre, mas eu diria que no caso da justiça ambiental, é o cara, o...

**Entrevistador:** Aham, é mais o professor, o professor no[cidade], né?

**Entrevistado:** É o [nome próprio].

**Entrevistador:** Sim, sim.

**Entrevistado:** E eu vou te dar uma visão bem crítica da Educação Ambiental, porque a Educação Ambiental é essa, é que vai ensinar os outros a fazer as coisas, ou seja, um autoritarismo aí bastante forte e ele trabalha com grupos de comunidades, de ribeirinhos, pescadores, etc, que fazem estudos de impacto ambiental com as comunidades para enfrentar os relatórios de impacto das empresas. Contra licenciamento.

**Entrevistador:** Que o relatório de impacto da empresa é sempre pouco impactante, né?

**Entrevistado:** Então, as atividades que eles fazem, orienta, organiza muito no coisa do junto com os grupos sociais para enfrentar o discurso dos consultores das empresas, né? E aqui no nosso campo de Educação Ambiental, tem muita gente que faz Educação Ambiental vira consultor das empresas, tá? É muito próximo aí no teu campo, não vou generalizar, tá? Mas determina o campo, que é o estudo, e sei como é que funciona a natureza, né? Então eu tenho condições de dizer para as empresas o que pode ser sustentável ou não sustentável. Então é mais ou menos isso aí. Então a expertise da área, do conhecimento, da hegemonia dentro da área do conhecimento, ela contribui para isso. É mesmo, que tipo que nem médico, né? Ele sabe como é o corpo, então, é coisa sobe pra cabeça e existe uma certa arrogância. Todos os médicos, não.

**Entrevistador:** Não, justo, sim. Só para passar por uma pergunta aqui também, que nós conversamos até um pouco assim, então tangenciam, vamos dizer assim, mas mais relação com essa questão da temática ambiental, né? Que hoje é um dos objetos de trabalho de pesquisa já há algum tempo. Relação disso com a formação escolar... Não tem muito assim, né, só a partir, seria pós-graduação e tal. Trajetória escolar, educação básica, graduação, não tem muito essa relação, tem a militância, a questão política, mas...

**Entrevistado:** Na minha pesquisa também não, por causa que a pesquisa que a gente faz é com, por exemplo, vou dar um exemplo, nós estamos envolvido aqui com o pessoal que está lutando contra a mineradora aqui em [cidade]. Tem um outro grupo aqui no [país] que estão lutando contra a contaminação. Aqui eu tenho um doutorando e um mestrando que estão estudando aqui a contaminação pelos arroz e soja aqui no [cidade] e região, tá. Tem esse rapaz que tá lutando, tá pesquisando e estudando e faz parte do movimento negro, do racismo estrutural, racismo ambiental, tá? Então é pegar esses casos, né? O que da história aqui, que ele está estudando os conflitos durante a construção dos moles da barra aqui do [cidade]. Né? Porque no caso daí nesse caso, a história é a história dos moles é história construída para o desenvolvimento, para o progresso, é o discurso das empresas. Então, a ideia é que, a partir do conflito, é resgatar a história dos trabalhadores, de quem morreu fazendo troca, de quem perdeu a vida. Quem é que passou um monte de coisa que não aparece nenhum livro. Então é mais ou menos essa, a nossa é essa aí.

**Entrevistador:** A história é a história não contada, né? Que fica, acaba ficando não contada.

**Entrevistado:** Então, cada uma dessas é, tem uma inserção. Então e daí, como, voltando aqui, eu falei uma hora que eu falei lá no início. Ali pode não estar a Educação Ambiental, não se usa a palavra, mas há um processo educativo, um processo educativo onde a natureza, uma pesquisa no campo, digamos assim, da História ambiental, mas há uma relação educativa daqueles que estavam construindo os moles e na verdade, eles estavam transformando a natureza, né? Abrindo o canal e colocando as pedras, né? Tu depois tu olha no mapa aí o canal da barra de [cidade]. É, o troço, é 18 km, se não me engano, que vai para mar adentro, pros barcão, os naviozão poder entrar. Hoje está em torno de 18 pés no chão. É quanto mais fundo, maior o navio e, portanto, mais o lucro, né? Apesar disso, é mais.

**Entrevistador:** Sim sim, mais produto carrega, né?

**Entrevistado:** Então é esse, é esse o tipo que a gente estuda, essas relações é... De conflitos, de transformação da natureza enquanto processo educativo.

**Entrevistador:** Tipo de conhecimento de entendimento, de compreensão. Né? Nesse aspecto assim.

**Entrevistado:** Por enquanto. Tá certo, né? Tá dando certo aqui.

**Entrevistador:** É, bom, acho que... Acho que é isso. Gostaria de perguntar agora, assim, finalmente, não é nem muito uma pergunta... Se tem alguma coisa aqui que eu não tenha questionado, que você acha relevante colocar, nesse aspecto assim pessoal, profissional, trajetória, enquanto pesquisador, né? Enquanto alguém que tem objetos de estudos nessa área, alguma coisa nessa linha, assim, que você queria colocar?

**Entrevistado:** Eu gostaria de dizer umas coisinha assim, só pra complementar, não sei se ajuda, aí, vai.

**Entrevistador:** Por favor.

**Entrevistado:** Na tua pesquisa, tu tá fazendo esse levantamento das teses, dissertações mais o perfil dos orientadores. É esse banco de dados, é para entender, qual é a Educação Ambiental que vem sendo feita, é isso?

**Entrevistador:** É, a nossa premissa, na verdade, é que o perfil não tem perfil, né? São perfis, porque é uma área múltipla, né? De características assim, é, bastante distintas e de que ela acaba convergindo né, a partir de origens distintas também. Então é essa a nossa resposta, vamos dizer assim, quando a pergunta foi feita, né? Qual é o perfil ou não tem perfil, é múltiplo, né? E por isso que a gente está conversando para tentar entender um pouco disso, né? Origens, trajetórias, trabalhos com a pesquisa, algo nessa linha, assim.

**Entrevistado:** Tá, então, é sobre isso, então, pra complementar a minha jogada aqui. O nosso programa aqui, tá? É, eu diria, que é o exemplo disso que tu tá fazendo, cara, da dissertação, porque aqui nós temos aqui professores do Direito, nós temos professores, no caso meu, de educação ou políticas educacionais. Tem um antropólogo, tem professora da filosofia. Tem professores que fizeram o doutorado aqui em Educação Ambiental, tem um professor da Sociologia, tem professoras que fizeram Pedagogia. Tem agora, estou conversando com dois professores, um da Sociologia e um da engenharia ambiental, ainda não entraram, eu espero que entrem. Então, o [nome próprio] que foi a pesquisar, a formação dele era Filosofia, né? Nós, ou seja, é bem variado, ou seja, e essa, na minha opinião, é a riqueza do programa, no sentido de que diferentes áreas, isso eu já argumentei, tá? Diferentes áreas, elas entrando no programa,

elas se obrigam a pensar o tema. É isso não é um mérito, mas é positivo. A segunda questão, eu diria que, do ponto de vista do perfil, eu fui evoluindo, fui modificando, fui alterando, a minha formação é em História, né? Fiz o mestrado e o doutorado na educação, políticas educacionais. E hoje eu diria que estaria mais no campo da Sociologia ambiental, né? Mas também eu não me preocupo muito nisso, porque a preocupação é entender e estudar a relação sociedade e natureza. E entendendo isso como um processo, relacional, né, pedagógico e educativo e, diria mais, é que no centro disso, o ponto de partida é os conflitos e os problemas que os grupos humanos estão vivenciando. E esses grupos humanos talvez tenta a partir de problemas ou de conflitos. Está chamando os problemas como conflitos em potencial e os conflitos que ocorrem na rua, né? É, são conflitos manifestos, tá? Então um potencial, ou seja, existe ali, por exemplo, a contaminação. Existe um conflito em potencial ali, mas não a houve manifestação, não houve ainda discussões. Então eu diria que eu fui incorporando todas as coisas. E hoje não é um problema, tá, cara... Por quê? Por causa que nas divisões que tu tem na CAPES, CNPQ, tu tem que ser enquadrado, né? Na linha tal.

**Entrevistador:** Eles querem por dentro da caixinha, né?

**Entrevistado:** Exatamente, então é a divisão, né? Cada vez mais tá se pensando nas pesquisas de coletivas, multidisciplinar de diferentes áreas e tu fecha. Faz parte da História e da discussão que a gente tem que avançar e, digamos assim, até quando de fato, eu acho que é o pessoal que faz pesquisas tradicionais das empresas coisa assim, eles têm muito mais ‘know how’ nesse tipo de coisa. Junto, né? Coisas. Então eu diria que esse perfil tem tudo a ver com o que tu tá argumentando e defendendo essa é a riqueza que eu acho que possibilita, que gente da Biologia, gente do Direito da História, possa entrar nesse campo, incorporar na sua formação, na sua habilitação, esse tema, o tema ambiental, a natureza, a ecologia e seja o nome que seja. Vai incorporando a questão ambiental nas suas especificidades. Isso é algo positivo, né? Porque te abre os horizontes. Isso amplia ainda mais agora dentro da catástrofe climática que a gente tá vivendo.

**Entrevistador:** Pois é. Ó, então acredito que seja isso, né? Só lhe peço permissão para enviar outro e-mail, eu vou te passar o termo e pedir permissão, se eu precisar de um socorro aí, se eu posso entrar em contato contigo também, professor me ajuda nesse referencial...



**Entrevistado:** Eu demoro uns dois, três dias aí, mas manda lá. O que precisar, dúvidas, material aí.

**Entrevistador:** E aí o meu e-mail, que eu vou enviar, eu peço também o memorial pra você me enviar lá para eu poder dar uma lida, também.

**Entrevistado:** Isso, e depois que tu terminar aí o teu mestrado, vem fazer o doutorado aqui, cara.

**Entrevistador:** Ó, quem sabe. Seria uma honra. Obrigado.

**Entrevistado:** Agora a bolsa tá mais ou menos, né? E nem precisa ser comigo, cara. Nós temos gente boa que eu tenho, tem coisinhas de diferença. E conheci uma gente que pode orientar, o professor de Biologia aí, tem uma guria que são da Biologia, formada em Biologia e orienta o trabalho de pesquisa nas escolas de como trabalhar e coisa assim, pode ser bem útil.

**Entrevistador:** Ó, que bacana, obrigado, viu, o senhor é muito atencioso, muito obrigado. Assim, fiquei bastante à vontade. Às vezes a gente, às vezes, quando eu bolo a pergunta na hora que faz, você percebe que é uma coisa meio que a mesma coisa que a outra. Mas o senhor me ajudou bastante, a conversa foi muito rica. Espero conseguir agora as minhas análises aqui para minha reta final da pesquisa. Muito obrigado, viu?

**Entrevistado:** Com trabalho aí, agora que a cobra vai fumar.

**Entrevistador:** É, pois é. Um abraço, viu? Até.

**Entrevistado:** Cara, falou tchau, tchau, meu.

**Entrevistador:** Tchau, tchau.

### **ENTREVISTA 03**

**Entrevistada: Rita**

**Entrevistador:** Bom, essa primeira pergunta é uma pergunta muito aberta assim, né? Mas partiu de uma premissa, né. Você é uma pesquisadora em Educação Ambiental. De fato, desenvolve trabalhos dentro dessa área. Tem isso como objeto de estudo. Aí gostaria que você falasse de início um pouco do percurso, da trajetória, até se ver, neste momento, assim, realize pesquisas com Educação Ambiental. Quais foram os caminhos para chegar até então, por favor?

**Entrevistada:**É, então eu vou, eu não sei se você vai perguntar sobre a formação, mas eu acho que é importante eu falar.

**Entrevistador:** Sim, sim.

**Entrevistada:**Da minha formação, para poder ver é como é que foi a minha inserção, a minha conversão pra Educação Ambiental.

**Entrevistador:** É isso mesmo, por favor.

**Entrevistada:**Então, a minha graduação é em Filosofia, né? Eu fiz Filosofia na [universidade]nos anos 70, ainda vivíamos a ditadura. É o nosso centro acadêmico. Tinha sido fechado e a gente era uma luta para tentar reerguer o movimento estudantil, né? E eu então fiz a graduação de 74 a 77 e eu fiquei, estava tão envolvida, né? Com as questões das políticas e de movimentos sociais, que eu fiz, depois, então eu terminei em 77 e eu entrei depois no mestrado na [universidade]. E o meu mestrado foi sobre o movimento estudantil. Então eu trabalhei com o movimento estudantil, pegando desde 64 até a reconstituição da UNE em 80. Né? Então, e eu era professora numa universidade privada, né? Na [universidade].

**Entrevistador:**[cidade], né?

**Entrevistada:**Morava em [cidade], mas trabalhava... na verdade, era aquilo que a gente brincava que eu era a jegue do saber porque eu vivia viajando. Eu morava em [cidade], mas não trabalhava em [cidade], trabalhava em [cidade], em [cidade]e em [cidade], né? É, e ia sempre como professor horista e sempre me preparando para trabalhar na universidade pública, que era assim o meu grande sonho, trabalhar na universidade pública. E eu comecei em 79, eu trabalhava na [universidade], lá no departamento de Filosofia e eu tinha como colegas, né? Pessoas que tinham sido, pessoas muito queridas que tinham sido minhas professoras na

graduação. E pessoas também conhecidas no campo da Filosofia. Que é o [nome próprio], que era o chefe do departamento, enfim, eu trabalhei na [universidade] em Filosofia, né? E como professora horista, né? Eu lecionava disciplinas. Filosofia da educação. Disciplinas de fundamento. De 79 a 89. Aí, eu trabalhei também depois, na [universidade], mais no final, nos anos 78,79, eu assumi a coordenação do curso de Filosofia. Porque nós implantamos o curso de Filosofia na [universidade] e aí eu fui a primeira coordenadora, né? Do curso de Filosofia e a [universidade], como o curso era novo, a gente tinha que acumular, a gente tinha que acumular a função de chefia do departamento, quer dizer, o povo arrancava o couro da gente né?

**Entrevistador:** Pois é.

**Entrevistada:** Era chefe de departamento e era coordenadora. Você quer ser coordenador da Filosofia, mas você vai ter que ser chefe de departamento.

**Entrevistador:** De quebra, tem o departamento para chefiar.

**Entrevistada:** Exatamente. E aí eu trabalhava 40 horas. Aí eu deixei de ser horista e eles não exigiam dedicação exclusiva, não. Então, eu trabalhava na [universidade], aí já não trabalhava mais em [cidade], nem [cidade]. Fiquei essas 40 horas na [universidade], mas eu trabalhava num seminário em [cidade], um seminário franciscano, que era a formação, é bem interessante, os franciscanos Capuchinhos. Os postulantes, aqueles que vão seguir a carreira, eles quando terminam o ensino médio, eles fazem um curso que é oferecido pela instituição, pelos franciscanos, que é chamado de curso de formação para a vida religiosa. E aí eles têm uma série de disciplinas, tem muita Filosofia e tem muita coisa de história do franciscanismo e eu fui professora desses meninos lá né?

**Entrevistador:** Olha só.

**Entrevistada:** Uma experiência que eu estou pra te dizer que foi muito, muito boa demais. Quando, fiquei muito tempo lá né? E aí, em 89, eu fui para a [universidade], eu fiz um concurso na [universidade], né? E como é que eu fiquei sabendo? Como você sabe, eu morava em [cidade] e quando eu dava aula nesse seminário, eu tinha um quarto lá no seminário. Era um barato, eu dava aula de manhã e à noite, ou seja, a noite e na manhã seguinte, para duas turmas diferentes, duas disciplinas diferentes da turma, era a mesma e foi uma experiência incrível. Aí

fui na sala dos professores da [universidade], tinha um cartazinho falando que a [universidade] estava contratando professores e aí eu me inscrevi. Pra você ter uma ideia, eu fui, né? No intervalo, né, na [universidade] em [cidade] é muito próximo, né, de [cidade]? Eu não conhecia [cidade]. Eu fui me inscrever assim, entre o período da tarde da noite, né?

**Entrevistador:** Bate volta para fazer inscrição.

**Entrevistada:** Bate volta para fazer a inscrição, porque eu tinha que dar aula à noite, né? E aí, pois é, e pra ir lá em [cidade], era a disciplina de Filosofia da educação pra pedagogia e duas disciplinas de Filosofia para o curso de educação física, porque eles tinham acabado de reestruturar o curso e colocaram uma carga grande de disciplinas de humanas, inclusive de Filosofia. Foi até o MEC que praticamente definiu que o curso tinha uma formação muito técnica, os cursos de educação física e enfim, lá fui eu pra [cidade]. E é então em 89, eu entrei em [cidade].

**Entrevistador:** E nesse ponto, perdão pela interrupção, você tinha feito o mestrado, o doutorado, não?

**Entrevistada:** Isso, isso é uma característica importante daqueles tempos. Hoje não existe mais a condição para se inscrever era o mestrado, não era doutorado. Você vê que interessante, e eu como mestre entrei em [cidade], né em 79. Aí eu estava claro, pensando já no doutorado, né? E eu sempre gostei muito de movimentos sociais e eu brincava que os meus temas, minha... porque, fazendo um parêntese aqui, durante a ditadura, como você sabe, havia uma forte censura às artes, ao cinema e aí eles proibiam os filmes, né? E falava que era porque tinha cenas de sexo explícito, né, nos filmes, cenas de sexo explícito. E eu brincava que os meus trabalhos, tanto no mestrado quanto no doutorado, não tinham cenas de educação explícita. Não tinha, porque não era um tema de, era educação no sentido amplo, mas não era a pedagogia, né? Não era nesse sentido amplo. Eu vou, eu fiz o doutorado sobre o integralismo. Um movimento de direita dos anos 30, fascista, né?

**Entrevistador:** Qualquer, qualquer semelhança com a realidade...

**Entrevistada:** Você sabe que muita gente, o livro foi publicado, o doutorado foi publicado como livro, né? E muita gente me escreveu, sabe, falando nossa, aquelas coisas lá voltaram todas. Eu falei, é...pra nossa tristeza né?

**Entrevistador:**É. Pois é.

**Entrevistada:**Mas eu brincava que eu desisti de tentar entender a esquerda, né? E fui tentar entender a direita, né? E aí eu fui pro integralismo. Mas quando eu cheguei na [universidade], eu encontrei o professor [nome próprio]e aí o [nome próprio] estava fazendo doutorado dele. Estava finalizando o doutorado dele em 89, né? E aí ele, eu conversando com ele, eu estava chegando, conhecendo todo mundo,e o [nome próprio] eu até demorei uns dias para conhecer porque como ele estava escrevendo o doutorado, ele estava imerso lá nas coisas dele e tal, mas aí quando eu conheci mais, tivemos oportunidade de conversar, eu perguntei para ele sobre o que que ele estava, sobre o que que era o doutorado dele, e ele me falou que era sobre Educação Ambiental e falou que era mais do que isso. Era sobre a temática ambiental. E aí,veja só o que ocorreu. Eu tinha enquanto coordenadora da lá da [universidade], eu recebia revistas, periódicos para avaliar e ver se mandava para a biblioteca ou não. E eu recebi um periódico da revista filosófica Brasileira lá do Rio de Janeiro e eu folheando a revista, eu vi um artigo um do Gerd Bornheim, talvez você já tenha ouvido falar, que chama FilosofiaPolítica Ecológica, e eu fiquei muito impressionada com o artigo, né, principalmente porque eu conhecia o Gerdcomo autor da história da Filosofia, ele tem um livro clássico sobre os pré-socráticos, belíssimo, e tem muita coisa sobre o existencialismo. Então, jamais imaginei que o Gerd pudesse escrever sobre ecologia né?

**Entrevistador:**Estar nesse caminho, é.

**Entrevistada:**É, e eu não sabia disso, mas fiquei muito impressionada e claro que eu mandei a revista para biblioteca. Mas é, e fiquei com esse artigo, esse capítulo pra mim, né? E aí, conversando com o [nome próprio],falei para ele, falei, olha, eu não sei direito o que que é Educação Ambiental, o que que é essas coisas, mas eu tenho um artigo que eu fiquei muito impressionada e que eu gostei demais. E se você quiser, eu trago para você dar uma olhada. De repente é alguma coisa que possa colaborar. Ele fala que esse artigo salvou a tese dele. O artigo que salvou a tese. Então a minha inserção, né? A minha conversão para a temática ambiental que eu estava no outro verde, eu estava no verde da direita, foi esse texto do Gerd. E o que que

ele tem lá que me impressionou tanto e ainda impressiona, né? Esse é de 85. Em 85 ele já falava, né? Depois dele, muita gente falou e nunca fez referência a ele, mas ele já falava que a questão ecológica, ele fala: a questão ecológica, é uma questão eminentemente política. Então foi exatamente isso que me pegou, não é? E isso tinha me pego também para fazer mestrado e doutorado na área da educação, porque quando eu estava no quarto ano da licenciatura lá na [universidade], eu conheci Paulo Freire. O Paulo Freire ele era proibido de ser ensinado naquele tempo, pra você ter uma ideia, eu li a Pedagogia do Oprimido em espanhol. Porque a gente comprava, era como fosse droga. A gente se reunia, tinha grupo de estudo para estudar fora da universidade porque não podia, né? E a [universidade] naquele tempo era marcada por um autoritarismo muito grande. O bispo de [cidade] era um cara muito autoritário. Depois, diferentemente da [universidade], e era ponta de lança, mas lá em [universidade] o bicho pegava. E a gente então estudava, para você ter uma ideia, o professor de história da Filosofia Moderna, quando não podia nem falar o nome do Marx, aí tinha que falar aquele filósofo do século 19, quando ele falava aquele filósofo do século 19, um olhava para o outro, e a gente já sabia do que se tratava, né? E era aquele filósofo do século 19. E aí, quando a gente, eu fui fazer as disciplinas pedagógicas, porque o meu curso era licenciatura e era aquela história, outro famoso, três mais um, né? Você tem 3 anos das disciplinas específicas, que eu amava, eu amo Filosofia. E aí tem aquelas disciplinas maravilhosas, né? Ética, estética, né? Filosofia política, Filosofia da ciência, enfim. E aí, no último ano a gente tinha contato com as pedagógicas, que a gente via, eu e meus colegas, como um mal necessário. Eu preciso fazer isso porque eu preciso. É uma licenciatura. A gente também não tinha muita clareza do que significava, até porque a Filosofia estava proibida de ser ensinada. Ela tinha sido retirada do Ensino Médio, né, com a Lei 5692, de 71, então a gente não tinha perspectiva nenhuma de dar aula. Pra você ter uma ideia, durante dois anos eu dei aula em cursinho, aula de Geografia. Porque era o possível, era o destino de quem fazia Filosofia. Ou era dar Educação Moral e Cívica, quer dizer, Cívica, que eu não dava, me recusava. Isso é uma por uma questão de princípio, não dou, e aí sobrava o quê? Geografia, porque a gente precisava trabalhar. E era muito legal, e eu trabalhei, né? Antes de ir para [universidade], num cursinho de preparação, né? É supletivo, é organizado pelo sindicato dos petroleiros de [cidade] e [cidade]. Olha que legal. O sindicato tinha esse curso preparatório. E aí eles requisitavam alunos da [universidade] para ser professores lá e eu aprendi muito de Geografia ensinando os alunos? Mas enfim. Eu acho que eu me perdi, onde é que eu estava?

**Entrevistador:**É, foi o momento ali da leitura do texto, né? Uma coisa acabou, acabou trazendo essa vontade né, o lado político, por exemplo, já existia e aí...

**Entrevistada:**Aí eu fiz uma volta para a educação, porque tendo contato com as disciplinas pedagógicas, né? Claro que algumas eu não me identificava, que eu achava muito técnica, né? Mas Filosofia da educação e psicologia da educação eu gostei demais e aí eu, tal como aconteceu com a temática ambiental, também para mim a educação fez todo o sentido quando eu li Paulo Freire, que ele dizia que era os problemas da educação são muito mais políticos do que pedagógicos.

**Entrevistador:**Justo.

**Entrevistada:**E então isso pegou muito e eu revivi isso anos depois, com a questão do texto do Gerd Bornheim. Bom, e aí? Esse texto também causou um impacto, né, no [nome próprio], e aí a gente começou a sonhar com a possibilidade de levar o Gerd Bornheim um dia para lá, para o nosso grupo de pesquisa. E aí o [nome próprio], sempre muito dinâmico, montou um grupo de estudos e pesquisas. Nós não tínhamos pós-graduação ainda. Nós não tínhamos a pós-graduação. O [nome próprio] trabalhava na pós-graduação da [universidade], em [cidade]. Mas não tínhamos ainda a pós. E nós tínhamos um grupo de pesquisa, né? Que temos até hoje, o grupo de estudos e pesquisa [grupo de pesquisa]. E aí é em 2000, nós oferecemos uma especialização em Educação Ambiental. Que foi, na verdade, o embrião para o nosso mestrado, né? E nós tivemos uma recepção muito grande por parte dos alunos, principalmente porque era gratuito e a gente brigou muito para que fosse gratuito. Já estava no momento que as universidades esforçavam para cobrar curso de especialização e os alunos chegavam para entrevista, a primeira coisa que ele falava era isso que eles estavam admirados e nos cumprimentando pelo fato da gente fazer um curso gratuito. Foi muito boa a experiência, né? E aí, foi nessa especialização que eu iniciei a minha atividade enquanto formadora de novos pesquisadores. Bom, em 95, eu defendi o doutorado, que aí não tinha nada a ver, né? Com a questão ambiental. Mas eu fui entrando de cabeça nessa questão da Educação Ambiental, da temática ambiental, talvez mais do que Educação Ambiental, né? Por conta da minha formação. E aí em 2001, nós fizemos o [evento], que foi em [cidade], que nós convidamos o [nome próprio] para fazer a conferência de abertura. E o [nome próprio] foi, e foi uma sorte muito grande, porque logo em seguida ele adoeceu e ele morreu muito rápido. Para você ter uma ideia, ele não pôde entregar o texto para gente da conferência dele, mas ele autorizou a transcrição e

eu fiz essa transcrição, está lá na revista. Nós não tínhamos a revista de pesquisa em Educação Ambiental ainda, né? Era a revista, é a revista do departamento, e tá lá. Um número especial. E aí foi [nome próprio], foi, é aquele memorável, né? [nome próprio], foi um monte de gente, foi o primeiro encontro, né? Isso tudo coisa da cabeça do [nome próprio], né, que aí convidou o povo de [cidade], o povo de [cidade]. Então, eu não sei se tem algum aspecto que eu falei muito rápido e que você gostaria que eu aprofundasse, não sei se...

**Entrevistador:** Não, acho que não. Nossa, achei tudo muito interessante, assim, muito mesmo.

**Entrevistada:** Eu falo demais.

**Entrevistador:** Não, eu gosto de conversar, eu gosto de gente. Eu falo que eu escolhi ser professor porque eu gosto de gente e topei tentar fazer uma pesquisa com perfil, porque eu gosto de gente, então estouem casa.

**Entrevistada:** Eu também gosto de gente. E quando não me pede pra falar eu já falo, imagina quando pede pra falar, então aí você já vê né? Então é isso, a minha entrada, minha conversão, eu falo isso, a minha conversão pra temática ambiental foi esse texto do Gerd Bornheim que me pegou.

**Entrevistador:** Ele é praticamente um ponto de inflexão, assim né, a partir dele...

**Entrevistada:** É, exatamente, e claro, o conhecimento com o [nome próprio], a amizade com ele, a parceria que a gente estabeleceu e que tá ainda muito forte, né? E aí depois a gente montou o programa de pós-graduação e aí formalmente, quando a gente foi oferecer a segunda especialização, a gente falava, gente, mas essa especialização é praticamente um mestrado, porque ela era tão densa e aí saíram trabalhos tão interessantes. Foi aí que o [nome próprio] teve a ideia, ele falou, gente, que a gente faz com esses trabalhos, nós não temos nenhum periódico para publicar isso, olha a produção desse povo, né? E aí também uma parceria com as outras universidades, né? Com as coirmãs de [local] e com a [universidade] né, de [cidade], para criar um periódico para isso, o periódico surgiu disso, né? Dessa necessidade de ter um veículo para divulgar os trabalhos e, principalmente aqueles, porque foram muitos trabalhos, muitos, diversos, muito interessantes e a partir daí estamos na estrada, né? O nosso programa fez vinte anos agora, comemorandovinte anos de pós-graduação em Educação.



**Entrevistador:**É muito legal ouvir, ouvir tudo isso, né? Mas assim, só pra constar, com perguntas que eu tenho também. Quer dizer que essa questão da temática ambiental não tem relação com a educação básica, formação inicial, graduação, mestrado. Não houve essa relação, surgiu foi depois, né?

**Entrevistada:**É, surgiu depois. Porque eu sempre trabalhei com Filosofia, né?

**Entrevistador:**Sim. Aham. E... pode falar.

**Entrevistada:**No Ensino Superior. Eu tive uma experiência a certa altura, quando eu estava na [universidade], que eu ainda não era 40 horas, eu era horista. Eu tive uma experiência como professora de Filosofia no Ensino Médio. Porque eu tinha feito um concurso para Filosofia, quando a Filosofia voltou, porque eu participei ativamente da sociedade Brasileira, de estudos filosóficos. ACAF, que era naquele momento coordenada pelo Severino, né, que era um movimento para a volta da Filosofia para o Ensino Médio. Aí a gente falava, “ah, mas nós temos que fazer isso”. Nós temos que voltara Filosofia para o Ensino Médio. E voltou, e aí, aí a luta era aqui para abrir concurso e que te exigisse formação em Filosofia. Aí tinha um compromisso da gente de fazer esse concurso. Só que quando chamaram, eu não podia assumir que eu estava com muita coisa, não tinha como, mas depois hora que deu uma brecha eu assumi numa escola em Sumaré. Meu destino era viajar. Eu sempre viajo, eu só viajava, só viajava. Foi uma experiência incrível para trabalhar no terceiro ano do Ensino Médio com a disciplina Filosofia e aí eu já trabalhava no ensino superior e aí eu falei, eu preciso ter essa experiência no Ensino Médio. E foram, foram 2 anos só e depois aí, porque eu também tinha que fazer o mestrado, terminar o mestrado, então o meu mestrado naquele tempo não tinha tempo pra fazer. Era, você ia fazendo. Lá na[universidade] o mínimo de disciplinas eram nove. Você tinha que fazer nove disciplinas. Eu fiz doze e só não fiz mais porque o meu orientador não deixou.

**Entrevistador:**Brecou né?

**Entrevistada:**“[nome próprio], para de fazer disciplina”. Mas olha, gente, você não imagina o tanto que eu aprendi nessas disciplinas, meu Deus do céu, imagina conviver com gente como Saviani, Saviani foi meu professor. Isso não é pouca coisa, era um povo. Eu falava, “gente, eu quero é ficar o resto da vida aqui estudando”. Aí o [nome próprio] que era meu orientador,

querido, querido, falou “chega, você não vai mais trazer disciplina”. Falava, “não, só mais esse”. E eu trabalhei, né, como movimento estudantil, como eu falei. E eu trabalhei lá no arquivo [nome próprio], que é o [nome próprio] lá da [universidade], o arquivo ele é, ele tem um acervo sobre o movimento operário que ele surgiu como movimento, arquivo sobre aumento operário, mas o arquivo também sobre o movimento estudantil. E aí, só que o acervo não estava ainda organizado, não estava organizado. Eu tenho uma sorte danada que eu conversei com um monte de gente que me autorizaram a consultar o arquivo antes dele estar organizado, sabe? Então eu tive acesso a coisas. A Entrevista da primeira geração do movimento estudantil até as últimas e foi, tinha uma menina, uma historiadora, que conseguiu uma bolsa para organizar o arquivo, aí ela me franqueou esse aqui, então você imagina eu, cadernos e cadernos de copiar, porque não pode fazer xerox, né? Porque danifica os documentos, não estava microfilmado. Olha, era uma loucura fazer pesquisa de copiar. Caderno, eu passava, o dia que eu podia ir lá pro arquivo, eu ia e passada o dia lá, né? Passava o dia copiando, copiando. A mesma coisa aconteceu com o integralismo, só que aí em [cidade] e é lá no acervo do [nome próprio] que tá lá em [cidade]. Então uma loucura. Mas essa essa inflexão, né, foi pra temática ambiental foi esse contato com o Gerd, que já era meu conhecido, mas não nessa temática e aí a ideia da gente montar um grupo de pesquisa e essa especialização. E de lá para cá, não parou mais.

**Entrevistador:** Então, assim, desse de lá pra cá, né? Fale um pouco, por favor, sobre os trabalhos então desenvolvidos, né? A partir de então, nessa área, né? Com a temática.

**Entrevistada:** As orientações, você diz?

**Entrevistador:** Isso, é, ou trabalhos também que que não foram uma orientação, mas fazem parte do arcabouço, vamos dizer assim.

**Entrevistada:** Bom, é. Essa, a grande questão aí para mim é que me pegou sempre, e que me pega ainda é essa relação que nós estabelecemos, né, com a natureza. A relação sociedade e natureza. Então isso sempre me pegou e na medida do possível, os trabalhos que eu oriento é, claro que eu, isso está sempre presente, e eu coloco isso para os alunos, é a grande temática, né? Que me pega, né? É essa, a história do pensamento ocidental, como que o pensamento ocidental foi construindo um ideário, né? Um pensamento, um conjunto de ideias no qual a natureza, o homem, não é parte constitutiva da natureza, né? Isso desde a antiguidade grega, com exceção dos pré-socráticos, que eles, pré-socráticos, a ideia de physis era muito forte. E

physis, era totalidade de tudo o que é, isso eu aprendi como Gerd Bornheim. Né? A physis é a totalidade de tudo que é, então, fora da physis, não existia naquele momento nada que pudesse interessar aos homens. Então, os deus, as pedras, as plantas, os bichos, tudo fazia parte da natureza, e o próprio homem. Isso se perde, né? Já no período clássico, ainda lá na antiguidade, com Platão, Aristóteles. É, começa com Platão, porque como Platão valoriza a ideia há um desprezo do mundo físico, né? O Aristóteles recupera um pouco isso, mas ainda é uma física muito metafísica, você deve ter estudado isso com a [nome próprio]. E aí é isso é acentuado depois, na modernidade, com Descartes, principalmente, Bacon, né? O Descartes é o grande vilão da história para a maioria, embora as pessoas não reconheçam a grande contribuição que ele dá para a questão da razão, né? Claro que a exacerbação disso vai dar no antropocentrismo exacerbado, num racionalismo exacerbado, mas naquele momento era importante para se livrar do jogo da igreja, né? É, então a valorização da razão fantástica, né? A modernidade e depois as tentativas de superação. Né? Dessa dicotomia, sociedade, natureza, isso tem sido a minha, minha área de interesse e eu fiz a livre-docência com esse tema, né? Foi em 2018, eu fiz a livre docência, trabalhando com isso, uma Filosofia da natureza, né? A ideia de uma Filosofia da natureza. Então, as orientações, elas se divergem um pouco, né, por conta dos interesses dos próprios alunos, mas tá sempre, eu sempre busco trabalhar a questão dos fundamentos, né? E dessa, como essa, esse pensamento, né, chamado pensamento ocidental, como é que ele é se constituiu, se arraigou de tal forma. E eu entendo que a contemporaneidade é um esforço, né, pra superar isso. E aí a gente tem várias posições, a fenomenologia, o marxismo, né? E particularmente, a que mais me interessa é a teoria crítica da escola de Frankfurt, né? E aí faz uma crítica, à razão, à razão exacerbada, a razão instrumental. E a proposta né, de um outro jeito de nos relacionarmos com a natureza.

**Entrevistador:** Entendi.

**Entrevistada:** A [nome próprio] trabalhou com Adorno né. E outra coisa, né, que eu acho muito importante, mas muito importante, muito importante, são as minhas orientações na graduação. Eu tive muitos orientandos na graduação, que sempre o povo que me procurava, né, seja da Pedagogia, da Ecologia, da Geografia, eu sempre levava para a Educação Ambiental e para a temática ambiental, principalmente para a temática ambiental né, que não é tão específico do campo da educação. E foi numa dessas que eu orientei a [nome próprio] desde a graduação. Ela trabalhou, olha que trabalho bonito de graduação, A Concepção de Natureza no Pensamento de Monteiro Lobato. Monteiro Lobato foi, agora ele foi lacrado.

**Entrevistador:**Cancelado.

**Entrevistada:**Foi sei lá o quê, mas a contribuição dele é muito interessante, né? Muito boa, tem todos os problemas que têm, mas não dá pra jogar a criança com a água do banho, não dá pra jogar tudo fora né? Então, esses trabalhos todos na graduação, aí o trabalho a gente montou um grupo que você deve ter conhecido. Para alunos de graduação, [grupo de pesquisa], que é chamado [grupo de pesquisa]. Você chegou a ler, você lembra do [grupo de pesquisa]?

**Entrevistador:**Sim.

**Entrevistada:**O [grupo de pesquisa], quem deu esse nome foi o menino da Biologia que foi orientando do [nome próprio], o [nome próprio]? O apelido dele era [nome próprio], porque ele fez um trabalho na floresta e ficou tão encantado na floresta que ele não falava outra coisa, e não falava. E os alunos, colegas dele botaram o apelido nele de [nome próprio].E aí, porque uns dos primeiros trabalhos, né, que foram feitos, foi lá na floresta. Ah, tem outra coisa interessante. O primeiro trabalho que nós fizemos no grupo, acho que antes da especialização, depois o [nome próprio] pode confirmar, antes da especialização até, foi um trabalho de assessoria. Nossa, que coisa mais interessante e doida. Uma empresa de [cidade], que hoje não existe mais, ela estava querendo o selo verde, na verdade, mas ela queria um grupo de pessoas que pudessem assessorar, porque eles queriam montar e oferecer para os professores da rede de [cidade] um curso, uma capacitação em Educação Ambiental. E nós, o [nome próprio], que foi convidado e levou a equipe. Nós trabalhamos, todos nós trabalhamos nisso. E o projeto Ecoar. Daquela [ONG], né, que foi um trabalho também grande, bastante interessante, que era analisar materiais didáticos de Educação Ambiental. A [nome próprio], que era uma, ela era funcionária da [ONG], ela acabou se tornando orientando do [nome próprio] no doutorado, né?

**Entrevistador:**E olha só.

**Entrevistada:**É, tenho o projeto alfa, que é América Latina, formação acadêmica, que é um projeto que envolveu universidades da Europa e da América Latina. Aí [cidade] também participou dele. É além, dessa coisa mais formal, né, do mestrado, doutorado, esses outros trabalhos. São os que eu lembro agora.

**Entrevistador:** Justo. E sempre, sempre para com esse olhar: relação sociedade e natureza, seria o aspecto fundamental. Assim, no seu entendimento, né...

**Entrevistada:** No meu caso sim.

**Entrevistador:** Não sei se o mais importante, não sei nem se a gente precisa dessa prateleira assim, mas é o aspecto fundamental.

**Entrevistada:** No meu caso, essa é a questão fundante. Quer dizer, subjacente a forma como nos relacionamos com a natureza, existe a forma como a concebemos, né? Então, dependendo do jeito que a gente concebe a natureza e a relação sociedade-natureza, a gente tem um tipo de relação com ela. Então essa para mim é a questão fundamental e eu entendo que é, continuo achando, que é a grande questão do século 21. Pretensão e água benta, né? Mas assim, é a grande questão do século VI. Que que a gente faz fazer, né? O que é que nós vamos fazer enquanto civilização.

**Entrevistador:** É, não, eu compartilho...

**Entrevistada:** Que resposta nós vamos dar. E agora essa relação está se complexificando com uma participação dos não humanos, que estão aí, estão aí chegando e exigindo. Eles não exigem, né? Mas pedindo. Sei lá o quê.

**Entrevistador:** É, então, assim, dando sequência, como fica então assim essa questão da... é esse o tema, vamos dizer assim, de trabalho, né? É a temática ali presente no trabalho, né? Seja com as orientações, seja com outros projetos. E qual as relações que a gente acaba traçando assim com o dia a dia, de forma até um pouco, até um pouco mais pragmático, pragmático assim, né? Com valores, com atitudes, com o jeito que a gente leva a vida tem. Fala um pouco, por favor dessa relação assim.

**Entrevistada:** Então, é exatamente nesse sentido, né? De que assim, dependendo da forma como eu concebo essa relação, eu tenho um tipo de comportamento. E esse tipo de comportamento ele se manifesta de fato em todas as nossas atividades.

**Entrevistador:** Não dissocia, né?

**Entrevistada:** Atividades profissionais, pessoais, existenciais. Então como é que a gente, e aí, de novo. A dimensão política disso. Aí a questão, a questão política, que vai muito além da partidária, claro. Claro que você tá entendendo eu estou falando né. É muito além da partidária. Partidária, até pode, em algum momento, fazer parte, mas não é essa questão. Então tanto nos trabalhos e aí essa ideia, né, que a gente acalenta, né? De que essas pessoas que nós estamos formando, eles, elas, estão também, né? Levando, trabalhando essas ideias no seu local de trabalho, né? Na escola. Principalmente no nosso caso, nas escolas. Temos alunos que são, tão na direção de escola, são professores, são coordenadores pedagógicos. Então, e aí... a materialização disso, aí por meio da Educação Ambiental nas escolas. É lá no chão da escola, como o povo costuma dizer.

**Entrevistador:** E aproveitando, não é? É, quando eu trouxe essa pergunta em algumas outras situações. Não é ideia assim, de um rótulo, não é de um estereótipo, nem nada disso. Mas aqui, separamos, assim como você vê um pesquisador em Educação Ambiental, enquanto pesquisador, profissional, pessoa. E se tem características, assim, que fazem parte, né? Não necessariamente que a pessoa tem que ter tal característica, mas se quem está dentro dessa cena, vamos dizer assim, né. Olhando para os parceiros aqui, existem características assim que você enxerga, a partir dessa questão da concepção e de praticar esses valores, de formar novas, novos estudantes. Então seria essa a pergunta né, como...?

**Entrevistada:** Eu não sei se eu vou saber que características ele deve ter, mas eu vou dizer as que eu penso que não deve ter.

**Entrevistador:** Entendi. Boa.

**Entrevistada:** O que é que não deve ter, uma visão ingênua da vida. Uma visão romântica de natureza. É, uma ideia né. É exatamente não perceber, né, a dimensão política da questão ambiental, da temática ambiental. Né, porque senão a gente fica nessa superfície, né? Nessa superfície mesmo, de apontarmos as consequências, mas a gente não vai na real causa, né? E aí, quando a gente chega naquela na questão, né? Do próprio modelo econômico. Né? Não, não, não quero reduzir tudo à economia, mas é fundamental, a gente sabe que não adianta. Agora, também procuro trabalhar isso muito com os orientandos. Enquanto o sistema não muda, o que que a gente faz? O que que a gente pode fazer, né? É, o que, qual é o nosso papel? Porque,

sem dúvida nenhuma a gente sabe que é um modelo que é insustentável. Então falar em sustentabilidade é assumir um discurso ideológico. Já sabemos que essa sustentabilidade é conversa mole para boi dormir, ela é chave para abrir cofre de financiamento, ela é...ela vai. É assim, usou a palavrinha sustentabilidade, está garantido, né? Nos seus projetos né. Olha que algum trabalho que eu orientei na especialização, que trabalhou com a SOS mata Atlântica, a gente já falava isso lá, né? Que a menina tinha uma visão muito, muito, muito crítica e ela falava que muitos daqueles projetos era muito interessante, mas muitas vezes as a sustentabilidade entrada ali, né, como uma chave para abrir o cofre de financiamento. E é, são as condições que são que as ONGs têm. Ela não estava desqualificando o trabalho da ONGs, pelo contrário, mas é uma constatação. Enfim, o quê que eu penso, não é que... Que características que que não deve ter, né? Essa visão em ingênua da vida, né, de não...E aí eu acho que é a minha formação marxista que pesa, de não valorizar as contradições, né? Porque de fato, o real é contraditório e muito contraditório. Se não levamos em consideração essas contradições, a gente não consegue avançar porquedentro desse referencial do método dialético, né? A realidade se transforma exatamente a partir da luta de contrário, né? Então, levando em consideração isso, se não levamos em consideração, acho que a gente não vai muito longe. Enfrentar essas contradições, o real é contraditório, né? Acabamos de dizer isso agora. Olha, faz uma concessão de usar um discurso de sustentabilidade, porque quer executar um projeto que possivelmente vai resultar em coisas mais efetivas.

**Entrevistador:** E talvez não seria executado se não houvesse essa concessão, né?

**Entrevistada:** É, exatamente. Então, assim. É, é viver, buscar entender que o real, né, é síntese de múltiplas determinações. Então, assim, primeira característica, né, não ter uma visão ingênua das coisas. Entender essa dimensão política. Enfim, é por aí, viu? Que me ocorre agora.

**Entrevistador:** Bom, a Educação Ambiental chegou antes para você, vamos dizer assim, ou a temática ambiental do que a pesquisa em Educação Ambiental, né?

**Entrevistada:** Foi, foi mais ou menos junto, depois mais ou menos juntos porque quando começamos, né, não teve um período muito longo de uma coisa e outra não, né. Porque aí a pesquisa, ela, quando começamos a orientar já na graduação, porque eu orientava bastante na graduação, já quando abriu o mestrado, então já, considerando, né, tanto iniciação científica, e aí é muito engraçado, porque as pessoas têm um estranhamento, um estranhamento. Por

exemplo, porque quando os alunos me procuravam, né, que queria ser orientado, que eu falava da temática ambiental, da Educação Ambiental, e eles tinham muita dificuldade em entender. Porque eles achavam que era Biologia, e aí eu falava ‘não, não tem nada a ver’. E eu sentia que algumas pessoas, era, sem falsa modéstia, era muito mais porque queria ser orientado por mim do que necessariamente pela questão. E aí as possibilidades que se oferecem, né? De muita coisa, tanto trabalho lá na escola quanto trabalho com livros didáticos, as possibilidades de pesquisa que essa temática abre, né e oferece.

**Entrevistador:**Trabalhar com o tema ali.

**Entrevistada:**Mas aí a gente levava pro grupo de pesquisa, porque na graduação é o [grupo de pesquisa]. Então eu diria que foimeio simultâneo. O start foi mesmo essa descoberta dessa dimensão política e da Filosofia, porque eu já tinha antes disso eu tinha um interesse, né... Como que eu posso juntar essas coisas, né? Como que eu posso juntar questões ambientais, com a Filosofia, porque sempre houve uma hegemonia da ciência nessa questão, é a ciência e algumas ciências, né? Algumas ciências da natureza e assim, mas como que é possível a gente pensar filosoficamente, a questão ambiental. Então foi essa, eu acho que esse caminho, essa trajetória aí, que me persegue, eu ainda não cheguei, viu? Eu não cheguei ainda não e a livre docência também não... Ela deu uma base, uma apaziguada, né? Mas ela não resolveu não, viu? Eu quero dizer que eu estou no caminho ainda.

**Entrevistador:**Acho que tudo bem, estar no caminho também, né? Acho que acho que ele faz parte.

**Entrevistada:**Com muito mais perguntas do que respostas. Muito mais perguntas.

**Entrevistador:**É, pois é.

**Entrevistada:**A beleza é estar no caminho.

**Entrevistador:**Então acho que a gente, a gente segue no caminho, mas é isso, né? Enquanto lembrança essa questão do texto né, é muito importante aí o contato com o pessoal em [cidade], depois, a especialização que vocês começaram a oferecer e uma coisa foi levando a outra, né?



As orientações na graduação. Bom, acho que isso é um ponto importante aqui, que desperta e acho que não necessariamente desperta, mas consolida também, né, o interesse aí na área.

**Entrevistada:** Você sabe que às vezes, eu em alguns momentos me pus a pensar. O que teria sido a minha trajetória acadêmica, se eu não tivesse ido para [cidade].

**Entrevistador:** Ah, pois é, eu imagino o esse exercício, né?

**Entrevistada:** Muito interessante, né, porque eu poderia... Eu iria continuar com a Filosofia, isso é inegável, mas é porque assim, a descoberta do Gerd foi assim fundamental, mas as condições, né? É tem um pensador espanhol, talvez você conheça, que ele chama Ortega y Gasset, não sei se já viu, é existencialista. Ortega y Gasset. A gente brincava que parece nome de Secos & Molhados, de loja de Secos & Molhados antiga. E o povo pensa que são dois e não, é um só. (risos). Ortega y Gasset é assim: eu sou eu e a minha circunstância. Eu sou eu e a minha circunstância. Então, assim, essa circunstância, essa possibilidade que eu tive de ter contato com isso, da gente montar um grupo e depois uma especialização e tal. Isso foi abrindo caminhos e tal que eu tenho muita clareza, que não sei se eu posso afirmar que eu não teria conseguido que consegui, mas eu acho que teria sido muito mais difícil, porque assim, deu muito certo da gente chegar num momento lá de juntar um povo que tinha. E que era um povo, né, particularmente o [nome próprio], que lutava muito contra diversidade lá, porque [universidade] é um campus conservador, era o departamento de educação. Foi um oxigênio novo lá no campus porque era, e ele, vocês sabem, que no começo eles não nos aceitavam. Eles achavam que a gente ia descaracterizar o [instituto]. Onde já se viu, vem esse povo para cá, e mais do que isso, né, é um povo que não tinha laço nenhum com [cidade], era tudo estrangeiro. Eu nunca tinha estado em [cidade]. Como é que te disse, eu fui lá para fazer inscrição, depois fui para fazer o curso, né, e assim vai.

**Entrevistador:** Eram forasteiros, né?

**Entrevistada:** É, é, os metecos, como diziam os gregos, né, os estranhos, né? Nós éramos os metecos, coincidiu de ir um bando de meteco para lá, né? Então, disso tudo, né, a importância dos grupos de pesquisa, né, na constituição de novos pesquisadores.

**Entrevistador:** Quem vai, vai retroalimentando, né? Vamos dizer assim, né?

**Entrevistada:**É, e esse trabalho com a graduação, né, que quando eu comecei no mestrado eu já tinha uma trajetória lá na grande orientação, na graduação, e essa é outra coisa, uma das coisas, é difícil dizer o que eu mais gosto. Você sabe que eu estou aposentada, mas eu adoro dar aula, eu adoro orientar, então o trabalho de orientação pra mim é uma coisa muito prazerosa. Claro que tem hora que você tem vontade de torcer o pescocinho dos orientandos, de alguns deles. Eu dou muita sorte, meus orientandos são muito bons, eu dou muita sorte, mas é, e as aulas, né? O quanto que a gente cresce, né? A gente se retroalimenta o tempo inteiro.

**Entrevistador:**E as orientações da graduação você sempre foi puxando para a temática ambiental, né?

**Entrevistada:**Sempre, sempre as minhas primeiras orientações na universidade, era, por exemplo, eu orientei, acho que o primeiro trabalho que eu orientei foi na educação física e ali, com aquele tema, né? Mas como eu dava aula de Filosofia lá na educação física, alguns alunos se interessavam também por isso e queria fazer essa ponte. E aí depois, quando, à medida que a gente foi constituindo o grupo e tudo, aí aparece sempre, é aquilo que eu falei pra você, o povo me falava assim, “ah, professora, pode me orientar”, eu falava “vamos marcar um horário, o quê que você está pensando em fazer?”. Quando a pessoa falava, né, aí eu falava “olha, isso é interessante, mas você já pensou em fazer tal e tal”, e aí eu ia para a questão. E aí também nós começamos a divulgar, né, o trabalho, então, o povo quando vinha já sabia que eu orientava na temática ambiental. Porque que os alunos não conheciam. Era puro desconhecimento, mesmo. Achavam que é Biologia que é ecologia, que ele vai ter que entender de Biologia pra fazer o trabalho, né. Aí assim, ó, o mantra “Educação Ambiental é Educação”, não é Biologia, não é ecologia, não é jogar... É também a contribuição dessas áreas do conhecimento são fundamentais, mas não é, não se reduz a isso aí.

**Entrevistador:**Não tá fechado ali, né. É, acho que é isso porque aqui coloquei também, né, sempre falar essa questão da relação da temática escolhida com formação inicial, com ensino superior e tem gente tem memória lá da escola que fala “ah, uma professora ou um professor”. Mas no seu caso não teve, necessariamente, esse caminho assim, veio mais para frente, essa questão do dia a dia, né, dos hábitos, dos valores. A gente falou um pouco sobre isso, né? A concepção que a gente tem é o que vai, vamos dizer assim, né, é o que vai guiar o jeito que a gente...

**Entrevistada:**É que vai fundamentar nossa prática, né? É, não, não é uma dicotomia, teoria e prática, mas é uma relação dialética. Aí a prática fundamentada numa teoria, ela, ela nunca é mais a mesma, né? Pra já é uma prática, revisitada, né, como diz o Saviani.

**Entrevistador:**Pois é.

**Entrevistada:**Então, eu insisto muito com os alunos, tanto nas aulas quanto nas orientações nesse trabalho mais direto, né? Nessa, na importância de que as nossas ações sejam fundamentadas, porque a gente não vai, eu brinco com isso, não vamos mudar o mundo só com palavras de ordem, só com slogan. Eles podem, num primeiro momento, ajudar, arregimentar, mas nós temos que fundamentar.

**Entrevistador:**E você sente que se olhar, essa visão, foi transformando assim ao longo dos anos, não necessariamente de um lado para outro, mas ganhando assim novos contornos, algo por aí, assim.

**Entrevistada:**Qual, questão?

**Entrevistador:**Essa questão assim dos olhares e a prática, né? Como se diz, fundamentando assim as atitudes, isso se mantém? É porque, claro, né, é algo muito caro para nós, para quem se envolve com isso, mas você sente do mesmo jeito? Assim, com essa mesma, vamos dizer assim, pegada, ou isso foi para um outro viés, sei lá, transformou, deu vazão para outras coisas. Assim, ao longo dos anos, assim como que é esse caminho, assim, imaginando. Só dando, dando um exemplo assim.

**Entrevistada:**Eu penso que houve uma perda, como diz o caipira, houve uma perda. Houve uma perda, até porque houve uma perda na formação na graduação, acho que houve. Eu tenho muito medo de falar isso, que fica parecendo coisa de velha, velha saudosista.

**Entrevistador:**De no meu tempo, era melhor.

**Entrevistada:**Exatamente, é, isso é um negócio muito complicado, mas eu não estou sozinha nisso, né? Vários autores que se propõem a estudar universidade tem apontado isso, né? Houve

uma perda, né, na formação, então, de um modo geral, uma formação mais aligeirada, uma formação que não busca tanto os fundamentos, busca mais saberes práticos para serem colocados em prática logo, logo, de preferência. E de preferência que que renda, alguma coisa, muito pragmática.

**Entrevistador:** Caindo para a escola é o bendito das competências e habilidades, né?

**Entrevistada:** Pois é, as benditas competências e habilidades. E aí você fala gente assim, é... Essa busca pelos fundamentos, né? Pra mim é redundante, né? A busca pelos fundamentos é fundamental, mas é fundamental mesmo, né? As nossas ações, ela, eu penso, eu continuo acreditando nisso, que elas serão muito mais eficazes e profícuas se a gente souber onde é que a gente está pisando, né? No que que a gente está, no que que a gente está, com qual o solo, né? E aí entra o solo epistemológico, né? Em qual solo epistemológico eu estou ancorando essa minha prática? Não só epistemológico, obviamente, né, axiológico, político etc.

**Entrevistador:** Ó, mas do que eu separei aqui, né, as questões são essas mesmo. Eu falo pro pessoal no final, assim, tipo, alguma coisa que queira colocar nesse aspecto, assim, né? Os pesquisadores, o perfil, os caminhos e trajetórias ou algo que você entende que faça parte assim desse grande grupo de pessoas, vamos dizer assim, que às vezes eu não perguntei. Você queria falar algo assim, é um espaço aberto, né, que não necessariamente tendo uma pergunta que queira colocar assim, no final.

**Entrevistada:** Eu não sei se eu entendi a proposta, mas assim eu acho que nós estamos vivendo um momento muito difícil. A gente teve uma grande conquista quando a gente conseguiu agora, né, voltar a recuperar, sair do obscurantismo.

**Entrevistador:** Minimamente assim, para um campo democrático, né?

**Entrevistada:** É nesses quatro anos, então a gente é... A gente... Foi, foi muito bom, foi muito sofrido, foi muito sofrido. Mas foi muito bom. E agora eu estou começando a me angustiar com isso, porque assim, e agora, né, o que que significa a gente está num país que parece que está tentando voltar aos trilhos, né? E vou falando das questões ambientais. E assim, um governo que tem Marina Silva como ministra, né, que tem lideranças indígenas como ministros. É, e agora? Particularmente em relação à questão ambiental, a demarcação das terras indígenas. Eu

fico... Isso não dá para pensar, né, num país sem desigualdade ou que se diminua a desigualdade e que se alcance níveis maiores de democracia, sem esse reparo, que é fundamental que já devia ter sido feito, então eu, falando do campo, aí falando do campo, da Educação Ambiental e da temática ambiental, e agora, o que que nós vamos fazer? Porque eu não sei. Às vezes eu acho que parece que a gente baixou a guarda. Parece que a gente ficou tão feliz, né? Que foi assim, ah agora a gente respirou, mas e agora, em relação a essas questões ambientais do nosso país, que estão refletindo as que estão acontecendo no mundo, né? De novo, né? A questão da desigualdade, da pobreza. As questões ambientais. Relacionados a isso, o que que nós vamos fazer enquanto esse grupo de pesquisadores?

**Entrevistador:** Educadores ambientais, o pesquisador, é o pesquisador de Educação Ambiental, um educador ambiental, ou deve ser? Eu entendo que deve ser, né?

**Entrevistada:** Exatamente. Eu tenho ficado angustiada com isso, né, para onde vamos agora que a gente, nós conquistamos, eu acho que a gente tem que comemorar, mas eu estou meio... Aflita! Mesmo porque o demônio está à espreita.

**Entrevistador:** É? Pois é, tem sono leve, como diria minha mãe. Mas é isso. Eu falei para outros, que eu tive a oportunidade de entrevistar, eu falei, olha eu agradeço, né, novamente e tento deixar aberta, assim, a possibilidade de um pedido de socorro, né, entre em contato, falar “ô, me ajuda com isso aqui, ou você poderia me dar um insight ou outro a respeito aqui, dessa questão”, caso as minhas análises aqui e tal tragam alguma urgência, se eu posso entrar em contato assim, pedir socorro?

**Entrevistada:** Ó, vai ser um prazer, viu? Você não tem que agradecer, não, de fato, eu agradeço. É muito bom a gente ter essas oportunidades de rever. Quando eu fiz a livre-docência eu tive que fazer um memorial lá e essa nossa eu falo, gente, por isso que para mim fez muito sentido fazer esse essa livre-docência mais tardiamente, porque eu tenho colegas que entram numa universidade, daí a pouquinho está fazendo.

**Entrevistador:** Tudo um atrás do outro.

**Entrevistada:** É, eu falo, gente, é uma questão de maturidade, né? Maturidade acadêmica e maturidade existencial também. Então você tem oportunidade, né, de fazer isso, né, de fazer

esse, esse balanço, né, esse memorial é, nossa, eu gostei demais de fazer o memorial porque você começa lá desde a infância e eu como sempre, gostei muito de política, né? Fui colocando as coisas que eu me lembrava da ditadura que a gente vivia, né? A minha família, uma família pobre e que aprovou o golpe, aprovaram o golpe e eu só fui entender isso muito tempo depois. Mas era coisa, né? E assim eu, particularmente fui para uma missa lá em [cidade], na catedral, que era um Monsenhor, lá, muito conservador, fez uma missa e eu fuirezar nessa missa, muito, muito confundida, né? De que para Nossa Senhora Aparecida salvou o Brasil das garras do comunismo, né? E eu fui lá alguns anos depois eu estava na rua, na marcha. Mas naquele tempo, era aquilo que... Então poder lembrar essas coisas, né? “Eu sou eu e a minha circunstância”, é poder lembrar essas coisas e agora, é claro que não é muito menos do que isso, mas eu acho que é legal sim. Se eu puder contribuir de alguma forma, eu vou fazer isso com *mucho gusto*.

**Entrevistador:**Muito obrigado.

**Entrevistada:**Tá bom?

**Entrevistador:** Um abraço e até!

**Entrevistada:** Outro! Até!

## **ENTREVISTA 04**

**Entrevistado: João**

**Entrevistador:**Bom, primeiramente questões iniciais, assim, protocolares mais importantes, né? O contexto, professor, pelo qual eu lhe procurei, foi aquele que eu escrevi no e-mail, né? Eu sou aluno de mestrado, e a gente tem tentado, é... investigar um pouco essa questão do perfil do pesquisador em educação ambiental, no contexto do projeto EArte, né? Que estuda e faz a pesquisa da pesquisa, vamos dizer assim. E aí com o banco do projeto e os trabalhos que lá estão, quatro mil, cento e sessenta e dois trabalhos, para ser mais preciso, a gente selecionou os pesquisadores que mais orientaram trabalhos, né? Essa ideia veio da banca de qualificação, porque inicialmente a gente pensou em entrevistar pessoas que fizeram mestrado e doutorado na área, e a banca disse o seguinte, falou "se você quer olhar o perfil do pesquisador, você precisa buscar os orientadores". E aí, olhando para o banco EArte, a gente fez um top dez. É, no caso do top 10 que o senhor consta, inclusive, né? Eu pensei já em um top 20, porque eu não

ia conseguir ter acesso a todos aqueles pesquisadores, alguns já não trabalham mais, pararam as atividades, estão aposentados. E aí subimos para um top 20. Eu estou tentando entrar em contato com essas pessoas, com esses pesquisadores, e foi nessa que eu mandei o e-mail pro senhor. Então lhe agradeço muito pela, pela disponibilidade na agenda cheia, né? E lhe peço permissão, é, para poder gravar essa conversa. O anonimato está mantido e o termo de livre consentimento que o comitê de ética da universidade aprovou, eu envio no e-mail do senhor.

**Entrevistado:** Tá bom.

**Entrevistador:** Pode ser?

**Entrevistado:** Pode.

**Entrevistador:** Beleza. Acredito que, pelas outras experiências, não que exista um limite também, mas acho que, não num espaço muito grande de tempo, a gente, a gente resolve aqui a nossa conversa. É uma entrevista, a partir assim, de questões que falam um pouco dessa, dessa experiência enquanto pesquisador, né? Na área da educação ambiental. Trabalhos desenvolvidos nesse, nesse campo, é. E, e um pouco sobre tipo, memórias, trajetórias e como que, como que vamos dizer, assim? A vida foi caminhando para convergir nesse, nessa área de atuação, assim, ou nessa área de interesse. É algo assim que eu tenho, que eu tenho tentado fazer. E aí o senhor fique à vontade também para falar sobre o que quiser, né? Não necessariamente, é, super ligado à pergunta, e também interromper a entrevista se preferir, ou preferir não responder alguma coisa. Está tudo tranquilo. É, mas, se me permite, o nosso, o nosso primeiro ponto aqui é o seguinte, né? Posso lhe chamar de senhor, você? O que você prefere?

**Entrevistado:** No jeito que você quiser.

**Entrevistador:** Tá bom, obrigado. E aí eu pergunto assim o seguinte, pra, pra dar essa, essa introdução e ouvir um pouco da... do caminho aqui do, do, do pesquisador entrevistado, né? O senhor se considera, não necessariamente no momento, mas ao longo aí da carreira, um pesquisador em educação ambiental? Se sim, quais os caminhos, assim, as trajetórias que, que levaram até esse momento?

**Entrevistado:** Sim, me considero. É, tenho praticamente toda a vida profissional relacionada a esse campo da educação ambiental. E nos últimos... quase quarenta anos, é, como pesquisador na área, né? E os caminhos que me levaram foi a militância ambientalista, foi a militância estudantil, de movimento estudantil, a sensibilidade para a problemática ecológica nos anos setenta, do século passado, quando a gente percebia, né? A evolução da degradação ambiental, extremamente associada a um regime autoritário que governava o país nos anos setenta. A gente vivia plena ditadura militar e procurávamos expressar o nosso descontentamento e indignação com a degradação do meio ambiente, e íamos compreendendo a indissociabilidade entre a opção política, que é a opção ou a falta de opção política.

**Entrevistador:** É.

**Entrevistado:** E a degradação socioambiental. E aí fui me envolvendo, né? Em setenta e sete nós criamos uma Associação para Proteção Ambiental de [cidade], né? E nessa associação isso foi vivenciado de forma muito intensa, as lutas políticas e as lutas ambientalistas e os trabalhos de educação ambiental. Então aí já, não, estamos em setenta e sete, setenta e oito, setenta e nove, nós temos diversas atividades, né? De, de educação ambiental. A minha, até a minha dissertação de mestrado, que eu fiz em oitenta e... acho que oitenta e cinco. É, comecei em oitenta e cinco, terminei em noventa, ela era já uma dissertação. Não, terminei em oitenta e Comecei em oitenta e três, terminei em oitenta e oito. E ela já era uma dissertação, é, sobre esses dez primeiros anos de existência da associação que comentei.

**Entrevistador:** Entendi.

**Entrevistado:** E o papel educador ambientalista que a associação cumpria, né? Educador ambientalista não formal, né? Mas que era extremamente importante na formação de pessoas, né. Então é isso, a minha, a minha trajetória é essa.

**Entrevistador:** A graduação do senhor foi, foi em que área?

**Entrevistado:** Eu fiz, eu iniciei uma graduação em biologia, depois iniciei em pedagogia. Naquela época, universidades federais permitiam fazer mais de um curso.

**Entrevistador:** Entendi.



**Entrevistado:** Então, no fim, eu cursei as duas, me formei em pedagogia e em biologia.

**Entrevistador:** E depois o doutorado foi nessa linha também, né? Os outros.

**Entrevistado:** Depois mestrado e doutorado foram, né? No campo da educação ambiental.

**Entrevistador:** Entendi. E o senhor entende que, que, não sei se eu posso usar essa palavra, né? A apropriação da temática ambiental, até por conta da, das lutas do movimento ambientalista, por parte da academia, foi assim, de fora para dentro? Era uma questão social que a academia acabou abraçando assim, nesse momento final da década de setenta, oitenta, ou será que vem um movimento interno assim, da própria academia, de dentro para fora, assim?

**Entrevistado:** Não, o movimento é de mão dupla. Certamente a sensibilidade internacional para a questão ambiental, é... o partido verde, na Alemanha, já estava em pleno vapor, né? Nos anos setenta. A denúncia da degradação ambiental já acontecia no início dos anos setenta aqui no Brasil, já havia, é, diversas manifestações contra corte de árvore, contra poluição, contra agrotóxico. Então isso tudo, é, estava fermentando desde os anos sessenta, final dos anos sessenta, início dos anos setenta no Brasil, em especial. E aí a universidade começa a se apropriar, se apoderar, dialogar, discutir essas coisas e fomentar na sociedade a formação de pessoas que se sensibilizavam com isso. Então eu diria que é uma mão de via dupla, se tiver, que, é, finalizar de onde que começa, talvez da sociedade.

**Entrevistador:** Uhum.

**Entrevistado:** Mas certamente, tem gente que finaliza a história da educação ambiental a partir dos documentos internacionais.

**Entrevistador:** Entendi.

**Entrevistado:** Certamente é equivocado. Os documentos já são resultado de um movimento de opinião pública, de percepção nas universidades etc.

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistado:** Então, se a gente tem um primeiro documento internacional de referência, do início dos anos setenta, talvez setenta e cinco, né, de Belgrado, né? Acho que é.

**Entrevistador:** Acho que é Belgrado, é.

**Entrevistado:** Então, ou setenta e dois, Estocolmo, né? Esse, esses documentos, essa, esses acordos internacionais já são resultado de uma sensibilidade que vem dos anos sessenta, até, talvez, pós Segunda Guerra Mundial.

**Entrevistador:** Verdade. É, professor, e aí uma vez trabalhando, né, enquanto pesquisador, orientando outros trabalhos, é, quais foram mais ou menos assim, as áreas de atuação? Porque, é, no próprio Ipea, né, que estivemos, é, na última semana, os GDPS ali. E aí tem trabalho de educação ambiental na formação de professores com movimentos ambientalistas. Na, na trajetória, na carreira do senhor, assim, quais foram mais ou menos as áreas trabalhadas, né? Nesse sentido, assim, na pesquisa?

**Entrevistado:** Ah, são muitas, viu? É, tem desde educação ambiental em unidade de conservação, educação ambiental em escolas, educação ambiental em associações ambientalistas, educação ambiental na universidade, né? Instituições de educação superior. É, eu, é, trabalhos teóricos conceituais sobre convergência entre direito e educação ambiental, é, trabalhos de fundamentos do tipo potência de agir, né? O conceito de potência de agir.

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistado:** Como um conceito importante para educação ambiental, o conceito de diálogo. Eu orientei já três ou quatro doutorados sobre diálogo e educação ambiental. Então não tem uma área única, o que talvez caracterize a minha, a minha, é, trajetória, é, em termos de educação ambiental, é a pesquisa engajada, pesquisa, é, comprometida com soluções objetivas, soluções, é, significativas, sei lá. A pesquisa, a pesquisa não extrativista. Por isso que em geral, meus trabalhos, meus orientados, trabalharam com pesquisa ação, pesquisa participante e pesquisa e intervenção, né? E não apenas com uma perspectiva extrativista de grupo controle, grupo experimental, e pré-teste.

**Entrevistador:** Entendi.

**Entrevistado:** Isso nunca foi a minha, a minha pegada, né?

**Entrevistador:** E, e qual o senhor considera, ou quais considera assim, os aspectos mais importantes dentro, dentro dessa questão, né? Da temática ambiental e da, da pesquisa em educação ambiental, tem aspectos assim, claro, que tudo tem a sua relevância ali, dependendo do contexto, claro, que você está trabalhando. Mas o senhor saberia me dizer, assim, é, alguns que você considera mais importantes nesse, nesse ponto?

**Entrevistado:** Na pesquisa em educação ambiental?

**Entrevistador:** É, acho que na educação ambiental, mas especificamente na pesquisa. Porque, por exemplo, quando eu trouxe essa pergunta para outros pesquisadores, tem quem fala assim "Ah, para mim o importante é ter esse olhar da relação ambiente-sociedade, e entender que a gente está sempre, sempre precisa buscar, é, melhorar essa relação". Outros falam, é, "Ah, o que pra mim não pode sair de vista em ponto nenhum, que é o aspecto mais importante, é que estamos falando de educação, é ambiental, mas é um processo educativo". Outros já me responderam que essa questão mais do, do movimento e da luta, né? Então, nesse, nessa temática assim, quais seriam esses aspectos, que o senhor apontaria como os mais importantes?

**Entrevistado:** Eu acho que é o compromisso político. É a paixão do pesquisador, da pesquisadora, com a causa ambiental no sentido amplo, né? O socioambiental. Então, se a pessoa tem uma questão genuína de pesquisa, uma questão que empolga o seu coração, empolga a sua, o seu pesquisar, para mim, todas as demais questões são contornáveis.

**Entrevistador:** São inerentes, né?

**Entrevistado:** Adaptadas, né?

**Entrevistador:** Aham. E, e aí, ao longo da carreira, né? Enquanto pesquisador, é... na área, é... o senhor consegue, assim, relacionar, é... ou perceber no dia a dia assim, né, como que a gente consegue perceber isso? A escolha do tema e as questões nossas, assim, do cotidiano mesmo, né? Hábitos, valores, atitudes. Tipo, o dia a dia e o, a nossa vida mesmo no dia a dia. Qual a

relação que o senhor traça, assim, né? Entre ser um pesquisador da área, trabalhar com isso e essa questão cotidiana, valores, atitudes que a gente vai trazendo no dia a dia, assim? Isso foi crescendo, era algo que já estava com o senhor, e aí, ó, trabalhar com a pesquisa só deu vazão? Como que é um pouco essa relação, por favor?

**Entrevistado:** Eu não sei dizer, viu? Eu acho que, é, é tão orgânico.

**Entrevistador:** Aham.

**Entrevistado:** A minha vida, a minha existência com o fazer educador ambientalista, que eu não sei te dizer se, se há um momento em que isso foi deflagrado.

**Entrevistador:** Entendi.

**Entrevistado:** Talvez eu possa te apontar como um movimento que, é... desperta essa organicidade quando, aos meus quinze anos de idade... não, mas dá para dizer antes, quando eu li Rousseau, o Emílio, de Rousseau, aos quatorze anos, né? No ensino médio, eu acho que no primeiro ano do ensino médio. Colegial, que falava antigamente.

**Entrevistador:** Aham.

**Entrevistado:** E fiquei absolutamente sensibilizado com o que o Rousseau colocou ali. Ou quando a professora de biologia do ensino fundamental, do ensino também primeiro colegial. É, falava sobre Darwin, sobre a questão, né? Da evolução. É, são, são, ele é... Ou quando meus pais mudaram, saíram do Belenzinho, da zona leste de [cidade] para [cidade], né? Que fomos morar no meio do mato. E aí trabalhar com a terra, plantar árvore e fazer as coisas. Ou quando eu li, é, uma literatura de, é, pessoas importantes sob o ponto de vista filosófico, né? Como Maomé, Buda, Zoroastro, é... Jesus, é, né, esses, é, grandes religiosos, né? Hoje chamado de religiosos.

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistado:** Mas esses seres humanos revolucionários, sob o ponto de vista humanista, também entra. Tudo isso é um mosaico, né? Que vai ficando imbricado e vai construindo o meu

compromisso educador ambientalista. E aí a gente procura ir mantendo a coerência, né? Entre o que pesquisa e o que faz na vida, né, nem sempre a gente consegue, né?

**Entrevistador:** Sim, sim.

**Entrevistado:** A gente tem, tem uma série de contradições, né? Mas eu acho que, não sei se te responde, mas.

**Entrevistador:** Não, sim. E só de, só de buscarmos manter esse compromisso, já é, acho que ser minimamente vitorioso, né?

**Entrevistado:** Aham.

**Entrevistador:** Estar sempre tentando. É, mas é isso. Eu tenho, eu tenho é, ouvido, né? Tirado respostas um pouco nessa linha, essa questão das memórias é algo que nos chama atenção assim, e dá para puxar, no caso o senhor descrevendo assim, vários aspectos então, né? Algumas coisas relacionadas à escola, outras leituras assim, que foi interessante, você foi lendo, uma questão vai mais, mais pessoal, da questão da mudança de cidade, em um novo ambiente ali, é, morando e podendo ter mais contato com a natureza. Uma junção de coisas, né? Acho que mosaico foi uma palavra que definiu bem, podemos, podemos colocar dessa forma, então. É, vamos dar sequência. E aí eu queria lhe dizer o seguinte, é, ao longo, né, da carreira e... Na verdade, uma pergunta fica meio dentro da outra, às vezes eu sinto que eu estou sendo repetitivo, mas é bom que, que talvez vá, vai proporcionando que as pessoas falem também. Mas ao longo da carreira assim, e de trabalhar diretamente a educação ambiental, e praticá-la, né? No dia a dia, como a gente comentou agora, é, isso te alterou alguma percepção, assim? Mudou a forma de olhar para algumas coisas, ou só, sei lá, reforçou algo que você já trazia? Como, tem algo mais ou menos estabelecido nesse sentido assim? Você sente algo nessa linha?

**Entrevistado:**Então, eu acho que, é, a educação ambiental, o olhar para a educação ambiental é resultado aí da minha história de vida e a minha história de vida é resultado desse olhar para educação ambiental.

**Entrevistador:** Retroalimenta, né?

**Entrevistado:** É, retroalimenta.

**Entrevistador:** É, e bom, é nessa linha também, né? Não dá para dissociar uma coisa da outra, mas, mas se o senhor puder traçar, né, algumas palavras, assim, é... como se, como você se vê enquanto pesquisador em educação ambiental, profissional, pessoa, tá tudo isso ligado, né? É exatamente dessa forma, né?

**Entrevistado:** É, tá tudo isso ligado. É, eu vejo muitos colegas que falam "ah, tenho que tirar férias, tenho que, é... descansar, não posso trabalhar de sábado e domingo, não posso trabalhar à noite", é... pra mim, é tudo uma coisa só, trabalho, estudo, é... diversão, passeio. Então eu não tenho essa, essa, é, divisão entre as coisas, né? "Ah, você tá aposentado, e tá trabalhando?", mas eu, eu fui aposentado a vida inteira, ou eu trabalhei durante toda a minha aposentadoria.

**Entrevistador:** Trabalhou a vida inteira, aham.

**Entrevistado:** É isso. Pra mim, é tudo secundário.

**Entrevistador:** Sim.É, bom, essa questão de, de como surgiu o interesse, né? O senhor, o senhor comentou, tem memórias ali da época de escola ou até antes disso, leituras. É... aí eu tenho uma pergunta aqui de lembranças marcantes, né? Que caracterizam o interesse por essa área, o senhor até citou algumas. Tem algo mais que queira citar nesse sentido, assim, do que vai despertando o interesse para a área?

**Entrevistado:** Não, acho que é isso.

**Entrevistador:** É...

**Entrevistado:** Talvez para área de política pública, de educação ambiental.

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistado:** O que vai, é, despertando o interesse é ver que muitas vezes a gente ficou enxugando gelo, né? Com, com a pesquisa, com os projetos de intervenção, com as atividades de extensão, né? A gente faz, faz, faz e vê que não ganha em escala.

**Entrevistador:** É.

**Entrevistado:** Então aí o que, é... é isso, né? É essa análise, é essa avaliação ao longo dos anos, que me trouxe a pensar mais em educação e política ambiental, e não só em educação ambiental, né?

**Entrevistador:**É, essa questão da escala é uma coisa curiosa, porque, porque por exemplo, assim, a gente escuta de quem trabalha na escola, que aí a universidade você tem, né? Dá mais escala. E o senhor fala, por exemplo, que, que, que na universidade você muda para uma questão do envolvimento maior ali de, de construir políticas públicas e aí a escala é maior. Então, então, às vezes assim, né, sempre existem espaços para você construir de forma talvez mais, mais potente, né? Vamos dizer assim, respeitando, claro, é, cada espaço. Se, se me permite, foi no, no governo Lula um, que o senhor foi, passou a trabalhar também em parceria com o governo, foi isso?

**Entrevistado:** Isso.

**Entrevistador:** E aí o convite...

**Entrevistado:** Dois mil e três.

**Entrevistador:** Isso, o convite vem, vem do Ministério do Meio Ambiente e o senhor passa a trabalhar.

**Entrevistado:** Da própria, da própria Marina Silva.

**Entrevistador:** Entendi, ah, que bacana. E aí o senhor fica os dois mandatos ali desenvolvendo essa questão, né, de políticas.

**Entrevistado:** Não, fiquei até dois mil e oito.

**Entrevistador:** Ah, é verdade.

**Entrevistado:** De dois mil e três a dois mil e oito.

**Entrevistador:** É verdade, dois mil e oito.

**Entrevistado:** Quando... no segundo mandato, a Marina saiu.

**Entrevistador:** É verdade.

**Entrevistado:** E logo depois eu saí, a pedido de companheiros que achavam que eu era muito anarquista.

**Entrevistador:**Entendi. É, por favor, professor, eu, eu te pediria o seguinte, é, em relação às memórias escolares, tem? Dá para traçar uma relação assim, entre a temática escolhida e o que foi vivido na escola? Era a biologia a área de maior interesse ou sempre foi uma questão mais humana, assim, social, talvez ligada à própria filosofia, à história? Tem alguma marcação nesse sentido, assim?

**Entrevistado:** Eu acho que sim. Tem alguns professores que influenciaram, né? Esse, esse sonhar com, com um agir ambientalista, né? Então, assim como tem alguns acontecimentos fora da escola que contribuíram para isso. Na escola eu posso mencionar, é, eu já falei, né? Uma professora de biologia.

**Entrevistador:** De biologia. Sim, é.

**Entrevistado:** Um professor de história.

**Entrevistador:** História.

**Entrevistado:** Né, que ele me levou a ler Rousseau.

**Entrevistador:**Uhum.

**Entrevistado:** E, acho que... Ah! Até um professor de matemática que era cearense e, é, falava do Ceará, e aí eu e dois amigos pegamos um ônibus e fomos até o Ceará.



**Entrevistador:** Foram conhecer.

**Entrevistado:** Até Fortaleza. Então aí conheci um pouco do Brasil. É, não, professor de português, ele era. É, então aí depois, né? Eu já no terceiro ano do ensino médio, uma professora de francês e de teatro, né? E eu só estudei em escola pública, né?

**Entrevistador:** Aham.

**Entrevistado:** Mas você vê como que a escola pública, é...

**Entrevistador:** Proporcionava, oportunizava, né?

**Entrevistado:** Então com a escola pública. Então, com essa professora de teatro, a gente fez intervenção no, no cotidiano da escola. Nos apropriamos, né, do espaço escolar de uma forma diferenciada, né, daquela que era só ir para assistir aula, né?

**Entrevistador:** Uhum.

**Entrevistado:** Então isso tudo eu acho que contribuiu para ir fazendo essa opção.

**Entrevistador:** Contribuiu. E o, e o primeiro contato mais formal, vamos dizer assim, com educação ambiental, né? Até por conta dos movimentos e tal, era, é na graduação, né? É isso?

**Entrevistado:** O primeiro contato com o movimento ambientalista foi, na realidade, foi antes, foi em setenta e cinco. Em setenta e três tinha uma associação de, é, [nome da associação], que pediu pra, para as crianças, jovens, né? Eu devia ter, em setenta e três... eu devia ter treze anos. Setenta e três? Eu tinha. Nasci em cinquenta e sete, dezesseis anos ou antes, então. Não sei, eu sei que com quinze anos eu escrevi uma carta em defesa das baleias, contra a caça das baleias, a pedido, né, do pessoal da associação.

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistado:** E aí, a partir dessa carta, foi publicada no jornal, acho que no diário. Não lembro mais o nome do jornal, um jornal de menor circulação que o Estadão, né? Mas que, é, também era jornal para grande público, e aí saiu na coluna do leitor a minha carta.

**Entrevistador:** Nossa, bacana.

**Entrevistado:** Isso acendeu minha vaidade, né, das pessoas virem cumprimentar.

**Entrevistador:** Aham.

**Entrevistado:** Aí eu escrevi para FBCN, né? Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza e em setenta e quatro, setenta e cinco, eles mandaram vários livros, é, que a FBCN e uma cartinha do almirante [nome próprio], cumprimentando e incentivando a criar uma associação de proteção ao meio ambiente. E aí, quando eu entrei em setenta e seis na universidade, uma das primeiras atividades que eu me envolvi foi pela criação da Associação, né?

**Entrevistador:** Exato.

**Entrevistado:** Associação Protetora para [cidade].

**Entrevistador:** Aí já... quando senhor comentou em [cidade], aí já é no contexto da graduação, né?

**Entrevistado:** É, aí já é no contexto de graduação.

**Entrevistador:** E o termo educação ambiental estava sendo criado ali? Ou era usado nesse, nesses momentos assim?

**Entrevistado:** Era usado, era usado. Não lembro a partir de quando.

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistado:** Mas setenta e seis com certeza.

**Entrevistador:** Entendi.

**Entrevistado:** A gente falava em educação ambiental.

**Entrevistador:** Aí, se fosse, pode falar, perdão.

**Entrevistado:** Em setenta e três, quando a gente publicou essa cartinha, não lembro se a gente nomeava como ecologia ou como educação ambiental, alguma coisa assim.

**Entrevistador:** Entendi. Mas ali, ainda nos anos setenta, o termo já estava, vamos dizer assim, na universidade ao menos, né, popularizado. Se a gente fosse, se a gente fosse apontar uma cronologia assim, o senhor entra em contato primeiro com, com o movimento, com a educação ambiental, aí depois a pesquisa em educação ambiental, que, que vai para a tua carreira aí mais adiante, né?

**Entrevistado:** É, é isso. Exatamente. Só em oitenta e três que eu começo a fazer o mestrado em educação, em educação com a temática da educação ambiental.

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistado:** Até oitenta e três eu fiz iniciação científica, mas aí não era. Era com escola, a escola de tempo integral, com horta, com implantação de horta. Mas já tinha, né? A atenção.

**Entrevistador:** Tem a temática, né? Tem a temática.

**Entrevistado:** É.

**Entrevistador:** An.

**Entrevistado:** Já, já havia uma identificação, é, minha, com o campo ambiental, né.

**Entrevistador:** Entendi.

**Entrevistado:** E educação.

**Entrevistador:** É, e aí, é, quando eu, quando eu coloquei, né, aspectos importantes da pesquisa educação ambiental, esse, esse compromisso político com a pesquisa foi o que o senhor apontou, né? Acho que essa parte também está, tá dita.

**Entrevistado:** Exato.

**Entrevistador:** É, uma outra questão, né. É, a nossa pergunta na pesquisa é essa, né? O perfil do pesquisador educação ambiental. A gente entende que são vários perfis, na verdade, é parte disso que a gente está tentando mapear, porque é um campo, é um campo, né, plural que, que tem pessoas de diferentes origens. Eu, por exemplo, entrevistei pessoas que fizeram a graduação em biologia, em história, em filosofia, em história natural. É. e olhando ali para os, para os trabalhos, é referidos no banco, por exemplo, a gente vê isso também. E aí eu pergunto assim, tem alguma coisa que, que a gente consegue medir e pontuar, enquanto característica de um pesquisador educação ambiental? E não é um rótulo assim, né? Mas é algo que, é o que faz parte dessas pessoas, é possível? E aí já dou a deixa, porque fazendo essa pergunta em outras ocasiões, é, me disseram o seguinte "ó, não sei se eu consigo dizer o que essas pessoas têm, mas, mas acho que eu consigo dizer o que elas não têm", né, algo, algo nessa linha assim, que o senhor poderia me ajudar?

**Entrevistado:** Não, eu acho que no campo da educação ambiental tem de tudo, como tem em todos os cantos. Tem gente bom caráter, mau caráter. Tem gente, é, de formação biológica, formação filosófica, tem gente rica, gente pobre, tem brancos e negros. É, eu, eu acho, acredito que em todos os campos, em todos os, os recortes possíveis a gente encontra a diversidade. Homens, mulheres, indígenas, é, alguns se automeando como educadora, havia educadores ambientais, outros sem se automear, mas fazendo educação ambiental.

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistado:** Ailton Krenak. Ailton Krenak não se nomeia como educador ambiental, mas ele é um educador que contribuiu muito para a educação ambiental do nosso país, né?

**Entrevistador:** Pois é. É, acho que do que eu queria, do que eu queria trazer, acho que era isso mesmo, né, nessa questão das memórias e a questão da escola.

Se havia algo que remetesse à infância ou algo, é, pré escolar, vamos dizer assim, ou concomitante ali com escola. Um pouco da carreira e dos trabalhos desenvolvidos, características, assim, pontuar aspectos importantes na pesquisa ou em relação à temática, como que trabalhar com a temática traz, né? O que traz, como traz para o nosso dia a dia. Acho que o senhor respondeu. É, normalmente no final, eu, eu digo o seguinte, né, peço licença para eventualmente gritar um socorro aqui quando passar a parte das análises e tal, falar "professor, o senhor me ajuda numa fala, não sei o que, podemos desdobrar para isso? Quer dizer, isso e tal". É, peço, peço licença para deixar esse canal aberto e digo também se há alguma coisa, é, às vezes relacionada assim, que eu não perguntei, você acha um aspecto importante, queira pontuar, né? Seria esse, esse final. E também se houve algum momento que deu um clique assim sobre ser um educador ambiental ou se foi natural.

**Entrevistado:** OK. Não, não. Acho que não.

**Entrevistador:** Foi uma construção mesmo, né. É como o senhor disse, é muito orgânico, né?

**Entrevistado:** É. Não dá pra dizer que tem uma chavinha. Pode ser que pensando mais, eu, eu encontre algum momento que eu me identifiquei como educador ambiental. Mas eu acho que foi tão, é, naturalmente, enfim, incorporando na minha atuação, que eu não consigo identificar. É, eu me coloco à tua disposição, assim que você precisar ou quando e se você precisar de alguma retomada na conversa, é só chamar.

**Entrevistador:** Tá bom. Muito obrigado, viu, professor? Te agradeço imensamente pela disponibilidade, por ter me ajudado aqui. Espero tocar e caminhar com a minha pesquisa aqui.

**Entrevistado:** Legal, boa sorte. E parabéns aí pela iniciativa.

**Entrevistador:** Muito obrigado. Bom final de semana, viu? Um abraço.

**Entrevistado:** Um abraço pra você também.

**ENTREVISTA 05**

**Entrevistado: Milton**

**Entrevistador:** Sim. Vamos lá.

Bom, com um roteiro aqui semiestruturado, né, acaba que assim, às vezes uma pergunta se parece bastante com a outra. Num outro momento, talvez assim, a pergunta que eu faria meio que foi respondida na resposta anterior. Aí vamos, vamos tentando estruturar baseado no temos aqui. Mas como eu tenho dito para os pesquisadores que estou entrevistando, fique à vontade e, claro, se preferir deixar de falar de um aspecto ou outro e interromper a entrevista em algum momento que achar adequado, essas são todas as premissas aqui do trabalho submetido inclusive ao comitê.

Mas no primeiro momento, eu queria dizer o seguinte, eu faço a pergunta: O senhor se considera um pesquisador em educação ambiental? É isso que você parte do teu trabalho na carreira, certo?

**Entrevistado:** Certo, né? Sem dúvida. Minha trajetória toda, né, é ligada à educação ambiental. Comecei adolescente, participando de algumas organizações ambientalistas e, na época, estava começando a se falar em educação ambiental. Isso é início dos anos 80, né?

**Entrevistador:** Exato

**Entrevistado:** E ali a gente, começou a, enfim, a se identificar já como educador ambiental, como ambientalista, né? Participava aqui, como eu disse, de algumas organizações e aí passei a me envolver com isso e, ainda na graduação, eu organizei um projeto de extensão com amigo meu, o [nome próprio], chamado “Educação Ambiental e Grupos Marginalizados”. Foi um trabalho que deu bastante repercussão, [anos] 80 e alguma coisa... Me lembro até que a [nome próprio], né, nossa querida, falou comigo, falou pô, quando ela me conheceu pessoalmente, falou: “Eu acompanho você desde a época que você trabalhava com meninos de rua e tal”.

**Entrevistador:** Olha só!

**Entrevistado:** Achava impressionante, né, que foi primeiro meu trabalho foi com meninos de rua né, meninos e meninas que vivem em situação de rua. É, foi realmente assim ali que começa, né? E ali eu começo a crescer e já começo a ter uma inserção nacional razoável já, que explode ali nos anos 90, né. E é nessa época que eu entro para a [universidade]. mais ou menos uma

trajetória comum a algumas pessoas, né, que vinham de movimento ambientalista, que depois entram na universidade. E logo que eu terminei meu doutorado, em 2000, eu entrei para o programa de pós-graduação e comecei a efetivamente fazer uma pesquisa mais orientada. Eu tenho muita facilidade, sempre tive né, para leitura e escrita, né. Eu transitei minha vida toda por áreas muito diferentes, então eu tenho o domínio teórico e além da minha prática em inserção em projetos mais variados, né, ao longo da trajetória facilitou muito essa minha inserção na pós-graduação.

É, e aí logo depois tem um livro meu que tem uma repercussão muito grande, nem esperava que um livro, foi um livro meio desprezível na época, né. Ia ser uma coletânea... Porque eu vinha de uma sequência de coletâneas com [nome próprio] né, e aí ele estava enrolado, outras pessoas que a gente tinha convidado também e aí falei: “Já escrevi aqui 70 páginas, vou acabar fazer um livro logo”. Foi o [livro]. E aquele livro realmente assim foi um estouro, né?

**Entrevistador:** Virou handbook praticamente assim né.

**Entrevistado:** Quando a gente lançou, só para você ter ideia, foi num Fórum Brasileiro, se não me engano em [cidade], assim, a [editora] levou 400 exemplares e venderam todos e mesmo assim ficou gente querendo.

**Entrevistador:** Querendo, olha só...

**Entrevistado:** Então assim foi realmente. Ali a procura cresceu enormemente por mim. Eu já tinha isso, já tinha essa inserção nacional. Viajava muito, né? Para participar de muitas discussões, não só no mundo acadêmico, né, mas de formação de políticas públicas e enfim, um monte de questões né, ligada à educação ambiental. E aí, assim, eu consolidei muito rápido, né. Começou uma procura muito grande por mim, para orientação. Eu tenho essa facilidade né, assim, de realmente transitar por assuntos muito variados e aí foi o que foi, né, assim. E de publicações, de orientação, e aí o número foi crescendo...

**Entrevistador:** Vai consolidando, né, cada vez mais.

**Entrevistado:** É, é na verdade assim, né? Se você olhar no banco, eu nunca olhei assim, com muita calma, o banco, né? Mas eu acho que tem umas 50 e poucos trabalhos que eu orientei, se eu não me engano.

**Entrevistador:**É por aí mesmo.

**Entrevistado:**É, pois é. Na verdade eu tenho 80 e alguma coisa. Se você olhar pelo Lattes eu orientei... São 80 e poucos, né?

**Entrevistador:**Entendi.

**Entrevistado:**É, de alguma forma, nem todo mundo está lá, mas talvez pelo título, palavra-chave, não sei? Talvez não tenha preenchido algum critério, né? Então, mas é isso, né, meu número real de orientação até de 80 e alguma coisa no mestrado e doutorado. Que é um número realmente muito, muito alto, né? Não sei, dos top qual eu sou, topsei lá 10, 20 ou 30, né?

**Entrevistador:**É top início da lista, vamos dizer assim, né?

**Entrevistado:**É imaginei.

**Entrevistado:**E a [nome próprio]

**Entrevistado:**É, a gente teve muito, uma trajetória similar nesse ponto, assim né. É, não foi um negócio que eu pensei assim, não foi uma coisa planejada, né? Eu tinha sempre que realmente muita facilidade como eu disse, né, de ser muito metódico. Então, para estruturar a pesquisa, para estudar, para escrever, né. Eu tinha muita facilidade de escrita, né. Realmente eu escrevo muito rápido, né. Então isso me permitiu, aí, são mais de 300 publicações, enfim. Mas assim para mim era muito fácil. Tem artigo aí que é badalado, que se eu for contar para você aqui você não acredita, né.

**Entrevistador:**Os processos de escritos aqui, é isso.

**Entrevistado:**Às vezes foi de um dia, assim “há pensei no assunto tal...”. Que eu percebo que o que motivava muito eram esses embates nacionais né. Ah, eu vou escrever sobre tal coisa por causa disso. Então, assim, aí eu sentava, às vezes, um dia, né? Um dia...

**Entrevistador:**E foi... Foi bem... Bacana



É de fato, um... uns chamam de dom, outros chamam de facilidade, outros chamam de treino também né, estar sempre estimulando, mas certamente facilita, né? Ajuda bastante.

**Entrevistado:** Sim, sim

**Entrevistador:** E só contextualizando né, você disse [estar] sempre envolvido com movimentos ambientalistas. Aí é contexto assim é na [cidade] e contexto assim, do final do ensino médio, graduação, como é que é, assim, final da época de escola ou já início da graduação?

**Entrevistado:** Ao final da época de escola, né? O que me motivou muito... Tem até dissertação sobre isso, viu? Tem uma pessoa que fez um estudo das trajetórias de pessoas, que na cabeça dela eram referências principais na educação ambiental, e eu fui incluído aí. Isso aí ainda, acho que em 1993, essa dissertação.

**Entrevistador:** Vou procurar porque eu não conhecia, não viessa.

**Entrevistado:** Ah, é uma dissertação bem antiga da [universidade]. [nome próprio], se não me engano. Ela fez doutorado comigo depois. Essa dissertação de mestrado dela é um pouco a trajetória de pessoas... Ela queria identificar o que que tinha em comum com as pessoas... É uma dissertação interessante, está bem antiga, né, 93, né. Mas de alguma forma ela me considerou já uma pessoa de referência na época. Era um menino, né, mas, enfim. E aí, assim, ali eu conto bastante. Aliás, nesse último livro meu, não sei se você já leu ...

**Entrevistador:** Não, não tive oportunidade

**Entrevistado:** Leia, [risos]... Porque a terceira parte é a minha vida, né? Pronto, é mais fácil do que você achar essa dissertação. É [livro], né. Eu falei de vida em três aspectos, né? É aí vida, depois você lendo você vai entender, né? Tem a minha vida, e aí eu conto isso assim... Eu começo muito novo, né, garoto. Garoto mesmo assim, pré adolescente, que eu fui criado na [local], na [local]. Então o processo de preocupação meu desde novo com as espécies nativas da região e a destruição, que já era visível, né, que estava começando a acontecer, sabe, 50 anos atrás, é, me faz movimentar bastante. Eu também era morador da [região], então ali a [região], no debate tinha um movimento forte, que era o “[organização]”, ainda existe até hoje, né, mas na época era muito forte. Foi ali que conheci [nome próprio], enfim, [nome próprio], que até

faleceu, o[nome próprio], enfim, né. Uma galera aí, [nome próprio], [nome próprio], enfim, galera grande, que fazia esse debate da [região], né, viva, pensada, assim como vida, née a vida dos povos ali que habitavam a [região]. Então, ali eu comecei era adolescente, era moleque, né, isso era antes de entrar na universidade, né. E aí, motivado por isso e também ali pela discussão da [área], eu identifiquei assim, ah a minha questão é a questão ambiental, né. E aí fui fazer Biologia, por causa disso, né, achando que a Biologia ia resolver o meu problema, né.

**Entrevistador:**É, pois é

**Entrevistado:**E aí, começo na Biologia eu percebo que não, né. Mas, enfim, também considerava importante, né. Mas vários professores já falavam “ah, o teu o lugar não é aqui”, para mim e para esse amigo meu, né. É que eu queria era ver na ponta o que estava acontecendo, né. Então trabalhava com a ecologia aplicada, assim, para mim faltou aérea eu tinha que ir lá ver, saber por que que estava desmatando, porque que houve uma invasão, qual era o conflito, quem eram os agentes envolvidos, enfim. Isso desde garoto, né. Era um interesse meu. E aí, eu fui parar nessa discussão de grupos, né marginalizados, ou seja, meninos e meninas que vivem na rua. E aí eu me aproximei da educação nessa época, né, ainda na graduação, né. Que eu fiz licenciatura e bacharelado junto, naquela época permitia. E aí eu fui mergulhando na educação e quem orientava a gente na época era uma professora da sociologia da educação, que é quem me faz inclusive ter um contato, isso e a própria escola[escola] né, que era a escola experimental que trabalhava com essas crianças, esses jovens de rua. Uma galera com uma formação teórica impressionante. Assim, porque era um pessoal, escolhida a dedo pelo [nome próprio], assim, era elite da elite da Secretaria de Educação, porque era um trabalho experimental com esse público, né. E aí, assim, era super elite, assim, eram os tipos topvinte dos professores da rede pública, né, escolhida a dedo por ele. E aí, eu tive contato, né, com uma formação marxista bem forte dessa galera, todos ali eram marxistas, então. E aí eu me encantando né, porque eu começo a encontrar a teoria que vai me ajudar a entender o que eu estava vivenciando desde adolescente.

**Entrevistador:**E que você estava buscando para além da Biologia, né?

**Entrevistado:**Pois é, exato. E aí pronto, aí eu mergulhei nisso e realmente me encontrei do ponto de vista teórico prático, né, também. Então assim, foi antes da chegada na Biologia, né. Biologia foi o caminho que eu procurei. E aí eu fui procurando, né. Então eu fui me aproximando da educação na própria Biologia, né, fui estudando coisas na Filosofia, eu ia fazer

disciplinas eletivas na Filosofia, para estudar assim. E aí eu fui me metendo em um monte de coisa, né, para poder dar conta da realidade que eu estava trabalhando, né? Que era essa realidade da[região] e a realidade dessas crianças que viviam na rua, né. Então assim, não é, não é qualquer corpo teórico que dá conta disso daí.

**Entrevistador:** Ah, pois é. A gente vê às vezes na Biologia assim, esse... porque parece que o estudo de Ciências Biológicas fica ali no meio do caminho, né, entre Ciências Humanas e Ciências mais ali, entendendo para o lado de exatas, ainda que a gente, sei lá, matematize muitas coisas, né. A galera chama Física de Ciências Exatas, sendo que é a Ciência da Natureza. Mas tem esse tem esse biólogo lado humanas, né, que vai para a educação, está nesse meio isso aí, certamente.

É, e aí desenvolvendo trabalhos na área, como o senhor comentou, diferentes temas assim, segue com essa relação, às vezes com grupos marginalizados, igual o início o senhor estava contando e vem, sei lá, a formação de professores ou ensino... Como é que foram os trabalhos? Igual, da quantidade de trabalhos que você orientou, o senhor disse que tem facilidade para transitar com diferentes assuntos assim. Tem um eixo assim, claro, dentro da temática ambiental ou foi variando, assim...

**Entrevistado:** Foi variando ao longo do tempo. Diria que nos últimos dez anos eu demarqueei mais, né? Então, assim, como é que isso foi sendo feito, né. Foi sendo feito pela... por isso, [com o] que a realidade trazia para mim... eu não tinha... Eu começo muito com esses grupos, a situação do conflito de uso na [região], e com esses grupos, né, urbanos aí de favelas e de rua. E trazendo para a questão ambiental, que é, de fato, exigia um referencial, né, que entende as determinações da questão ambiental, uma questão social, né. E um referencial, como é um referencial muito vasto, né, assim ele entra por áreas muito diferentes, né, reconhecidamente. Para uns, para o bem e para outros, para o mal [risos]. Segundo uns para o bem, segundo outros, para o mal. Mas é uma referência muito potente, que é isso, né, a leitura a partir de Marx e os infinitos desdobramentos, são assim, praticamente tem em todas as ciências, né? Dificilmente você tem uma ciência que não tem alguma influência do marxismo em alguma medida, né. Isso realmente me facilitou muito, até criar ferramentas. Aí fui me envolvendo com escola, até porque já vinha desse envolvimento por causa das crianças, né, essa escola experimental, que era esse top vinte aí dos professores da rede pública. E me facilitou muito fazer o debate de escolas, né? Eu diria que começo por escolas e fui ampliando para a política pública. Depois ali, já final dos anos 90, começo a entrar mais na discussão da gestão ambiental por causa do

Ibama, que eu me aproximo muito do [nome próprio], né, que é meu irmão mais velho. É, todo mundo sabe da ligação minha com [nome próprio], né. Para afinidade teórica, ideológica e também disso, assim, de construção de um projeto de educação ambiental que foi a base de tudo que existe hoje no Ibama e no ICM Bio, né, praticamente. Inclusive, todas as pessoas do Ibama e ICMBio que trabalham com educação ambiental passaram por mim em alguma medida, né, e ou pelo [nome próprio]. E aí eu começo a construir mais todo um ferramental teórico metodológico, né, de propostas de construção metodológica para gestão de unidade de conservação, gestão de águas, né, e gestão e o licenciamento ambiental, que é o meu peso maior, assim. Ainda que em termos de orientação isso não apareça tanto, né, mas assim, é aquilo que eu me dedico mais a estudar, educação ambiental no licenciamento, né. Onde você tem essa questão do conflito ambiental, ela emerge como algo absolutamente central, né. Licenciamento é o próprio conflito institucionalizado, né. Então é, e aí eu me envolvi muito, né, com isso, e dentro disso com o público dos povos tradicionais, né, que eu fui me aproximando. De 2006 mais ou menos pra cá, fui me aproximando. Isso aparece, não sei se de forma tão clara nas orientações, né, mas é assim, as minhas prioridades foram sendo essas, né. Em orientação eu procurei ir agregando as pessoas que, dentro do possível, né. Mas assim, realmente tinha época que orientava um número absurdo, né, absurdo, absurdo de pessoas. Tinha que orientar 16 ou 18 ao mesmo tempo. É, meu grupo de pesquisa era um negócio cavalariço, sala parecia assembleia, parecia uma assembleia, né? Depois, assim, ultimamente eu reduzi bastante por vários motivos pessoais assim, né. Primeiro porque eu me casei de novo, né, assim, tenho um filho pequeno.

**Entrevistador:** Outras demandas, né.

**Entrevistado:** É. E também tem um problema assim, minha filha do meio, né, é uma adolescente com muitos problemas, muitos, mesmo. Então, assim, demanda também uma atenção e também assim, comecei a priorizar outras coisas que eu gosto na vida e já entrei num ritmo meio de me aposentar, né, assim que possível.

**Entrevistador:** Faz parte, né?

**Entrevistado:** É. Hoje se você olhar o número reduziu muito, né, muito. Para o que era, para o que é hoje, caiu muito, né.

**Entrevistador:** Realmente, 18 simultaneamente é muita coisa, de fato.

**Entrevistado:**É, hoje eu no máximo fico 5, no máximo.

**Entrevistador:**E olha que ainda é bastante, viu?

**Entrevistado:**É, olha que tem muita gente que já acha que é um absurdo [risos]

**Entrevistador:**E é o seguinte, né. Então vamos pensar assim dentro da questão da temática ambiental, né. E por tantas vertentes assim, que a gente pode transitar, e que de fato se transitou ao longo da carreira e transita... Tem algum aspecto, assim, que você consiga apontar como de suma importância? Não digo assim, o mais importante, mas talvez algo assim que você olha e fala: “Pô, a gente não pode falar de educação ambiental sem falar nesse processo ou nesse processo”. Tem algo assim?

**Entrevistado:**É, eu diria, do ponto de vista... Eu vou colocar em diferentes níveis, tá, assim, mas é... Pode me achar metodológico. Eu acho que nenhum processo, de educação ambiental pode abrir mão de categorias centradas no conflito ambiental, né? Conflito é... Aliás, você leu o livrinho do Paulo Freire, que é pouco lido, “Pedagogia do Conflito”, que é uma conversa dele com Gadotti? Ele fala exatamente disso. Assim, o conflito ele expressa isso: uma sociedade desigual, aonde grupos sociais, né, tem interesses e necessidades distintas que entram em conflito, por situação ou incompatibilidade ou antagonismo das formas de uso e apropriação da natureza. Se você não entender isso, o resto vira perfumaria.

**Entrevistador:**Ou jardinagem, como dizem, né?

**Entrevistado:**É, pois é, né, como eu postei aí... Já até postei isso, né, Chico Mendes, né. “Ecologia sem luta de classe é jardinagem” né. Aí é exatamente isso. Se não entender o que está em disputa, quais são as formas de uso, quais são os sentidos, simbólicos e materiais dados, né, nas relações que estabelecemos, o problema ambiental, ele fica etéreo né, fica abstrato. É aí que leva essas apropriações que tem por aí, né. Assim, a água como uma coisa, né assim. É isso aí, olha só, é barragem, usina hidrelétrica, é agronegócio. Isso é água real. É a disputa por essa água, né. É o quanto você paga na conta, né. São os serviços privatizados, né. É isso que é a água real. É, então acho que do ponto de vista metodológico seja, né, seja no mundo escolar ou fora, esse é um ponto básico. Do ponto de vista epistêmico, é isso, é entender que os

problemas ambientais, eles não surgem apenas... Também é abstrato da relação ser humano - natureza. São relações historicamente determinadas, são formas de relações, como sociedade - natureza, definidas, e certas relações materiais, relações sociais, relações de produção, que definem, né, ou determinam no sentido mais exato da palavra, né, no sentido do determinismo, mas determina o sentido daquilo que é condição de, né, e que dá o leque de alcance das possibilidades...

**Entrevistador:** Vai encaminhando o processo, né?

**Entrevistado:** Exato, né. Que dá o tom da coisa, digamos assim. Se você não entender isso, né, do ponto de vista epistemológico, você vai para discussões que às vezes dissociam, né. Então, do ponto de vista epistêmico, eu acho que entender a determinação social do problema ambiental, entender que o ato educativo numa sociedade desigual ali é um ato intencional e politicamente localizado, é fundamental, né. Dissocia discussão econômica, outro dissocia discussão ética ou dissocia discussão moral, dissocia não sei o quê, e a discussão técnica, enfim. E ficam... e soluções milagrosas, né? E do ponto de vista mais de Direito, eu diria que é entender que as diferentes ações de educação ambiental são balizadas por políticas públicas, né, que tem institucionalidades próprias. Então, é, por exemplo: eu vejo muita gente discutindo educação ambiental na escola, sem discutir a própria escola, né, discutir as políticas de educação. Isso é uma coisa que eu cansei de reclamar na educação ambiental, né. Mesmo no tempo áureo do MEC, né, eu criticava, porque se pensava educação ambiental como uma política em separado das políticas de educação, né, e não faz sentido, porque não adianta discutir para mim, comigo, interdisciplinaridade, transversalidade, sequência didática, sem você entender a escola real.

**Entrevistador:** É, concordo 100%.

**Entrevistado:** E não entender que tem uma disputa por direito aí, né. O direito maior é o direito à educação, né. Educação ambiental entra aí, assim como direito maior, o direito à gestão ambiental pública, onde tem o licenciamento, a unidade de conservação etc., né. Educação ambiental entra aí, né. Então você tá dentro de políticas públicas, de direitos, de reconhecimentos, né, exercício da cidadania, que definem a materialidade do projeto que você está desenvolvendo ou da pesquisa que você está desenvolvendo. Sem isso, você fica num idealismo, né. Assim, eu vejo muito isso, né. Outro dia mesmo eu estava numa banca, que é isso, a pessoa desenvolvia uma sequência didática, que era interessante enquanto proposta

metodológica, mas é isso, assim. Foi possível porque ela era uma pessoa que veio de fora, porque tinha uma universidade por trás, porque era uma coisa experimental, mas no dia a dia da escola, aquilo não se realiza, não tem menor possibilidade. Não estou dizendo que a experimentação não tem validade; ela tem, né. Mas a pessoa precisa mediar em relação a essas outras questões, senão fica parecendo que tudo é muito simples, bastava fazer isso ou aquilo, né.

**Entrevistador:** E a gente vê muito, né? Acaba que encontra muito assim, de fato. E talvez falte essa maior substância, vamos dizer assim, né, nesse sentido que o senhor colocou. Mas é isto, muito obrigado, foi esclarecedor.

Veio também na minha cabeça uma outra coisa... Eu vou pra ontem o livro, esse último [incompreensível] que comentou. Por que talvez o jeito que você dividiria os aspectos, né, talvez me ajude até com as referências para separar aqui nas minhas análises, memórias, trajetórias e por aí vai.

**Entrevistado:** Ah, legal.

**Entrevistador:** O nosso estudo faz parte disso, né? Então está previsto aqui, né, está marcado uma pergunta assim: que é essa questão da escolha, né. Acaba que os caminhos na pesquisa, né, pela educação ambiental, têm relações, assim, com hábito cotidiano, com os valores, né, seus assim, no dia a dia? Quando eu digo isso para as pessoas, parece meio uma questão retórica, né? Pra falar, “pô, não consigo desassociar”. E de fato é isso mesmo que acontece, né. Não é, não é algo assim “ah, do meu trabalho para fora”. É algo que está comigo, está no meu trabalho, está para fora e está tudo junto.

**Entrevistado:** Eu acho válida a sua pergunta, porque às vezes, é assim, é... um parêntese: assim, eu dou muito uma disciplina na pós graduação, duas, é, que são chamadas Seminário de Dissertação e Seminário de Tese, que na [universidade] tem um caráter de olhar os projetos, né, de quem... E eu, há muitos anos eu dou essa disciplina porque ela é uma disciplina difícil, né, porque a educação tem campos teóricos e temas muito variados. Só no nosso programa são 6 linhas.

**Entrevistador:** É, bastante

**Entrevistado:**Então assim, né, tem professor que tem muita dificuldade de dialogar com outros referenciais ou com outros temas que não nos seus, né. E eu não. Tenho muita facilidade.

**Entrevistador:**Exato, eu ia falar, essa facilidade permite dar a disciplina, né, muito bem.

**Entrevistado:**Exato, isso facilitou muito, né. Mas eu estou falando isso porque, na verdade, o que me facilita é porque eu conheço, acabo conhecendo todo mundo que está no programa, né. E eu percebo às vezes isso, uma certa dissociação, né. Claro que, de um modo geral as pessoas, elas vêm numa coerência de trajetória que leva ela a um certo, tipo de entrada acadêmica e de pesquisa. Mas nem sempre isso é regra, né. Às vezes tem questões de vida que a pessoa não faz exatamente aquilo que queria, né, é uma oportunidade que surge, enfim, né? É, então acho que sua pergunta é pertinente, porque é isso, às vezes acontece, mas de certa dissociação, né? Na educação ambiental, pelo menos eu diria para o pessoal, em relação ao pessoal mais antigo, hoje em dia, não sei, né, a gente tem outros processos, né, teve muita coisa que mudou aí, enfim, até pós Bolsonaro, enfim, né? Mas eu diria que o pessoal mais antigo certamente tem uma coerência muito grande. Porque isso, porque de um modo geral são pessoas que se inseriram no debate ambiental e na educação ambiental antes de entrar na universidade. Então a universidade, ela foi um contínuo, né. E aí, obviamente, o universo de pesquisa e de disciplinas que atuou no modo geral, tem uma coerência muito grande e tem uma coerência isso com a postura da pessoa, né, com aquilo que ela faz, né. Então eu diria que para mim, sim, né? E acho que posso generalizar aí, pelo menos com o pessoal mais antigo, né. Ainda que isso não possa ser tomado como uma regra, né. Mas pra mim foi, né. Foi muito, foi muito a minha, minha, minha inquietação de vida e aquilo que eu busquei na vida que me levou, né, a essas procuras e caminhos pela educação ambiental.

**Entrevistador:**Eu já tive relatos, né, de que, também de pesquisadores, já com carreira, né, consolidada e longa, que o processo na universidade é de fora para dentro, né, é a universidade meio que olhando falou, “pô, o que que está acontecendo aqui? A gente tem que discutir isso também”. A gente sabe das origens, né, no movimento ambientalista. E aí, não sei, estou aqui divagando, né. Mas, naturalmente, o jeito que a universidade vai se estruturando com as disciplinas e com os programas de pós-graduação e com a pesquisa... Quem estrutura são essas pessoas, né. E aí elas trazem essa bagagem e, naturalmente, o negócio vai sendo construído. É daí que me vem à cabeça aqui também, né, parte do que eutento pôr no trabalho, o referencial



da Isabel Carvalho, né, do sujeito ecológico, né. Acho que é um pouco, é um pouco nessa linha, assim, né, de não estardessociado, né, prática daquilo, daquilo que eu trabalho e a pesquisa. E ao longo do tempo, assim, você sente alguma mudança, algo que foi que te fez enxergar de uma outra forma ou simplesmente foi uma construção assim, crescente que vai naturalmente trazendo coisas ou teve momentos, assim, que o trabalho e a pesquisa, né, e o contato com educação ambiental, com a pesquisa te fez falar: “Pô, isso aqui não é assim, né? Eu pensava de um jeito e, de fato, estou descobrindo que é outro”. Tem essas passagens assim, alguma coisa?

**Entrevistado:** Olha, rupturas maiores...

**Entrevistador:** Não necessariamente algo assim, né? Obtuso, mas talvez...

**Entrevistado:** É, é, teve assim, é...

Os projetos, então, são as pesquisas feitas, os projetos que eu desenvolvia, inserções, enfim, nacionais... Me levou, sim, a repensar prioridades, aí, definindo nessas prioridades o que que pesava mais na discussão e alterando temáticas também, né. Esses caminhos de temática, foi isso, eu ia percebendo no debate nacional, assim, coisas que, né... Eu sempre fui muito motivado por isso, às vezes eu falava em algum lugar e surgia uma questão, falava: “Putz, esse troço, aí, olha, isso aí a gente precisa aprofundar”, aí eu aprofundava, entendeu? Ou instigado, né, por exemplo, esse último livro foi isso: foi num evento lá na [universidade], a pessoa chegou assim, do nada, uma moça preta, soltou de uma moto e veio falar comigo, tipo: “Você tem que falar sobre povos tradicionais numa abordagem crítica, tá faltando”. Eu falei, “Pô, é verdade, não é mesmo?” [risos] E aí eu escrevi esse livro.

**Entrevistador:** Você não conseguiu devolver isso aí praela, falar: “Eu escrevi o livro muito motivado pelos seu...” Quem sabe ela perceba isso lendo o livro e fale: “oh, foi minha ideia”.

**Entrevistado:** Então assim, eu diria que sim, com certeza. Assim, temáticas, ênfases, ênfases teóricas, né, eu fui mudando em função da interpelação do mundo real, né. E sempre, assim, no ponto de vista teórico sempre uma coerência interna, né. Então, qualquer que fosse a temática ou ênfase, era dentro de um mesmo referencial, né, que é isso, é muito vasto né também; nem significa muita coisa dizer isso porque, né, as interfaces do Marx são gigantescas, então assim, né, e se você olhar, eu também transitei por interfaces variadas, né. E mais recentemente, o que me marca de fato é essa entrada minha com povos tradicionais, né, que é

uma opção de vida, naverdade, né, e aí não foi uma opção teórica não, foi uma opção de vida mesmo. Que é o meu encantamento, né, a minha inserção com tradições e, particularmente, com tradições africanas e quilombolas, enfim, pescadores também muito, né, caiçaras, enfim, mas muito quilombola, né. E isso muda, muda muita coisa, assim, no sentido de, disso, de ênfase né. Por exemplo, nesse último livro você vai ler, tem uma parte central que é só povos tradicionais, né. E aí você vai ver ali, eu falo: “tem categorias que precisa trabalhar com povos tradicionais, são indispensáveis”. E aí você vai ler lá, vai ver que eu falo de ancestralidade, né, do diálogo, da necessidade de usar linguagens variadas, porque são povos muito baseados na expressão do corpo, na linguagem do corpo, na linguagem do alimento, enfim, né, e aí eu trago esses elementos, que são muito mais de vivência do que qualquer outra coisa né.

**Entrevistador:**É, pois é.

**Entrevistado:**E aí dá um diferencial, sem dúvida alguma.

**Entrevistador:**E para a gente fechar esse primeiro momento assim, né, a questão da trajetória, se bemque a gente mistura, né, memória, trajetória. Mas uma pergunta assim, sem nenhum limite, também muito aberto, né. Como você se vê, né, enquanto pesquisador né, pessoa profissional... É ter tudo, na verdade, uma coisa só né porque vai juntando, assim como o senhor está colocando, a experiência de vida, e aí nossos contatos, aquilo vai te encaminhando, vai trocando algumas percepções, sei lá... Todo mundo vai ficando mais velho, assim, a gente sempre conversa com pessoas, assim, que tem mais essa experiência, carreira, fala assim: “ó, você vai escolhendo algumas lutas que você quer lutar, outras você vai percebendo que talvez não seja ali o momento”. Então hoje, assim né, depois de tantos anos da prática, né, essa visão é isso mesmo, cada vez, talvez, mais... não sei como dizer assim, mas, não sei se mais... Sei lá, abraçando muitas coisas, mas assim, com uma percepção geral, sobretudo talvez assim, com um olhar bastante, não vou dizer crítico, né, porque até porque essa palavra tem um sentido ali, mas com esse olhar, sei lá, amplo, né, completo, talvez pleno, não, sei nesse sentido, assim. É isso que a gente está buscando também, talvez, né, vai trazendo para nós, essa maturidade.

**Entrevistado:**É, eu me sinto muito... Se tivesse que resumir isso aí que você falou, né, eu diria assim, me senti muito realizado, né, sou muito realizado em muitos, muitos sentidos na minha vida, muitos. A minha espiritualidade, que eu tenho uma raiz forte de matriz africana, né, uma

pessoa iniciada em tradições africanas, mais de uma, né. Até estive África, enfim. Esse é um lado que pouca gente conhece, né.

**Entrevistador:** Não vai sair um livro sobre essa viagem aí? Tem que sai aí um livro sobre isso [risos]

**Entrevistado:** [risos] Pois é, deveria, né? Eu sou realizado, né, na minha família, né. Eu tenho um primeiro casamento, foi muito bom, né. Depois a gente ficou muito amigo, né, tive duas filhas. Agora estou casado de novo, com uma moça 20 anos mais nova que eu, tenho uma filhinha, enfim. Uma vida absolutamente realizada e profissionalmente, então, não posso nem, né... Porque é isso, entrei muito cedo na [universidade], né, conquistei muito cedo meu lugar de destaque nacional. Se eu não me engano aí essas últimas análises de balanço de [evento] eu sou a pessoa mais citada, né. E trabalhos do [evento], acho que também na [evento], mas da [evento] com certeza. Criei um grupo gigante, né, que agora tá meio desmobilizado porque EU estou nesse movimento, né, não é por falta de interesse das pessoas, né. Mas então é isso aí, né. Às vezes a gente ia para um evento, ia com 30 pessoas, 40 pessoas. Sempre tive muita, muita audiência na universidade, todas as disciplinas que oferecia, com um público enorme de pessoas, né. Então assim, né, como pesquisador, né, fui bolsista CNPQ por duas décadas, larguei agora porque eu enchi o saco, não foi nem porque...

**Entrevistador:** Sim, se dependesse deles, você continuaria né.

**Entrevistado:** É, entendeu. E é isso né, tenho uma vastíssima obra publicada, né, muito lido. Então assim, né, do ponto de vista acadêmico, sou uma pessoa completamente realizada; cheguei aonde tinha que chegar. Desde muito novo passei a titular da [universidade].

**Entrevistador:** Então, teve algum momento que foi difícil entender isso aí? Sei lá, como você disse, ter muito novo as coisas, acontecendo muito rápido... Ou naturalmente, assim, você foi entendendo seu papel, porque, naturalmente, como você está dizendo, influencia muita gente, né, seja com a disciplina, seja com as publicações... É quase impossível ler um trabalho, uma tese, uma dissertação que não tenha lá uma referência a algum texto já produzido, né. E foi tranquilo, esse processo, assim, também, você entender o seu lugar e o quanto aquilo queria dizer para a área, né, para outros pesquisadores e tal?

**Entrevistado:** Não, para mim foi muito tranquilo, porque no fundo, no fundo, eu tinha uma motivação. Eu já falei disso algumas vezes, né, você pode botar isso aí lá na sua dissertação com todas as letras. É, assim, como eu comecei na minha vida, vendo o conflito ambiental e o sofrimento, né, da destruição, o que significava isso, né, porque não só vi a [região] sendo destruída, como eu vi os povos sendo destruídos e depois eu vi essas crianças e muitas delas no ano seguinte eu não ia haver mais, porque ia morrer, né. Então isso gerou em mim uma radicalidade muito intensa, no sentido da responsabilidade histórica. Tanto é que eu me lembro, uma vez perguntaram para mim: “porque as suas falas (foi até em [cidade] isso, por acaso até estava com uma blusa vermelha, na época) essas suas falas são sempre muito duras, muito críticas, muito contundentes”. Hoje em dia, não, já estou velho, não tenho idade...

Mas realmente, assim, tem uma época que eu muito, muito... Olhou, falou assim: “Porque eu não e estou aqui para passear, entendeu. Eu estou aqui porque nesse exato momento alguma criança morreu em algum lugar do mundo porque não tinha um prato de comida e eu tenho a exata medida disso porque eu já vi pessoas morrendo na minha frente. Então, eu sempre fui muito motivado por uma extrema responsabilidade naquilo que eu fazia. Eu nunca cumpri tabela, assim, “ah vou fazer isso aqui porque...”. Então eu sempre fiz com muita dedicação, muito empenho. E aí o que foi acontecendo é resultado disso, entendeu. Nada me surpreendeu, não porque eu faço melhor do que qualquer outra pessoa, mas é porque eu sabia da minha inserção, né, da minha experiência, que era diferenciada, e da minha capacidade intelectual, que sempre também foi diferenciada, né. Não, não no sentido que eu seja melhor, mas assim, eu tinha real medida, né, do que eu era capaz de gerar da minha capacidade, não só de fazer, mas de estudar, entendeu. Me lembro quando iniciei Biologia quando eu peguei primeira vez a “Crítica da Razão Dialética” do Sartre, entrei em desespero, né. Assim, olhar não entendia nada, né, não conseguia passar da primeira página, mas eu li o livro todo, são 800 páginas, que consegui entender, que depois ficou fácil entender, entendeu. Então eu tenho essa capacidade. Então, para mim realmente, assim, não foi nada surpreendente ter alcançado tanto destaque. E na verdade, para mim, ao alcançar o destaque, quando eu falo em realização, é no sentido pessoal, é no sentido disso, assim: eu cumpri meu compromisso com aquelas crianças lá de trás, entendeu. É... aquilo que eu podia fazer por elas, eu fiz, né. Naquilo que eu pude trazer para o mundo, que é a minha vida acadêmica, né. Poderia ser por outros caminhos, né, pela religiosidade, pela política, qualquer um, né. Mas o que eu encontrei foi por aqui, né. Então, assim, poder ter cumprido isso, para mim, é um alívio, né.

**Entrevistador:**É, acho que essa última fala denota mesmo o quão pesado, né, e transformador pode ser vivenciar isso, como o senhor colocou, que vivenciou de perto porque, é uma realização, como o senhor colocou, mas também um alívio, tamanha a responsabilidade que a gente carrega, né, como aconteceu. Não tem como, olhando assim de fora, não tem como não fazer disso um propósito de fato, né, pelo que você conta.

**Entrevistado:**É... Eu circulei muito, né, assim, então eu vi muita coisa, né. Então, não só na [cidade], nas favelas, nas ruas. Mas eu me lembro de uma cena que me marcou muito, né, assim, num trabalho desses com o IBAMA, com o [nome próprio], um curso que a gente foi dar em Tucuruí, é uma miséria infinita entre Belém e Tucuruí, né. Eu me lembro, nunca mais esqueci da cena, que a gente parou para beber água, num “pé sujo” daqueles, um lugarzinho bem... Etinha uma criança lá, ajoelhada, descalça, sem camisa, com um short rasgado, brincando com pedrinhas. Eu me lembro que sentei do lado dele e fiquei olhando e vendo aqueles caminhões carregando aquelas toras de madeira. Daí eu falei assim: “Caramba, né. O que a gente está fazendo aqui, né. Que a gente vai deixar pra essa criança?”. Então isso é uma coisa que mexe comigo profundamente, entendeu. Você veja, tem uns vinte anos ou até mais, nem me lembro quantos anos, acho eu tinha cabelo preto ainda né.

**Entrevistador:**E ainda mexe, né. Ainda toca.

**Entrevistado:**É, mexe, entendeu? Mexe porque é isso, entendeu. Assim, a gente não está produzindo dissertações, teses, orientações, aulas para só para ter emprego, né, ou para ter a bolsa de produtividade e dizer que é bom, né.

**Entrevistador:**Pois é, né?

**Entrevistado:**A gente está fazendo porque o mundo precisa, né. E essas crianças merecem, né.

**Entrevistador:**Sim. Isso a Biologia de fato, acho que nos ajuda. Eu trabalho com ensino médio, né, essa época que você vai empurrando, entre aspas, dificuldade, eu falo: “olha, acho que a Biologia hoje ainda é uma ciência que tem muito potencial para explicar muitas demandas que a gente tem enquanto sociedade né”. Para falar o consumo, lixo, produção, produção de alimentos, né, toda a questão ambiental. Claro que estou reduzindo infinitamente, né, você tem contribuição de todas as áreas. Mas a Biologia traz umas visões bacanas para gente, quem

sabe, fomentar isso nas pessoas né. Porque a gente precisa de mais gente, na verdade, com esse tipo de proposta, sempre, né, se a gente objetiva mudança, assim, mais significativas de fato. Bom, acaba que aqui agora a gente mistura um pouco as coisas, porque muitas das potenciais perguntas foram, né, as potenciais respostas foram abordadas anteriormente. Mas só para dar um “check” aqui no nosso roteiro, né. Essa questão do interesse pela área. Foi algo natural desde a tua infância, adolescência, né, como disse, onde viveu, o que conheceu, todo o cenário ali e tal. Porque eu já tive alguns relatos que tem a ver com a escola, né. “Ah, foi um professor, foi uma professora. Foram as aulas de fulano que me levou para a Biologia”. Aí é mais o fora da escola do que na escola, porque a gente sabe que a vida da criança, do adolescente, tem muito a ver com a escola. No teu caso é mais o que está fora da escola do que dentro da escola propriamente, né?

**Entrevistado:** Sim, sim. Com certeza, foi a minha vida ali, convivência, mar, pescador, aprender a nadar no mar. E cuidar de tudo ali, né. E, enfim, isso que foi me levando a isso.

**Entrevistador:** E aí, seriam essas também, de fato, as lembranças mais marcantes que caracterizam o interesse pela área? Se bem que, se a gente for o caminhar um pouco mais, já assim, enquanto já na carreira, aí não é só essa lembrança, entra também como você disse, né, o início da graduação e o projeto de extensão que você desenvolveu, né, com o teu colega lá, André, você comentou, né. E aí essas lembranças são pontos chaves assim, né, para quase, para inserção assim, de forma institucionalizada, vamos dizer assim, né, “ah, estou trabalhando com isso”.

**Entrevistado:** Sim, sim, claro.

**Entrevistador:** Aí seriam esses pontos?

**Entrevistado:** Minha entrada mais institucionalizada, digamos, foi aí, foi esse projeto de extensão que fez a [nome próprio] se encantar por mim? [risos]. E esse trabalho com essas crianças, né, que viviam na rua, né, na escola experimental. É aí que tudo começa.

**Entrevistador:** É, porque às vezes a gente tem, eu tenho visto, assim, que existem esses pontos de inflexão assim, né. Não é algo que necessariamente determina, mas que dá uma boa encaminhada, né. Eu tive um relato de uma vez também de um professor entrando na

universidade, naquela época contratavam apenas mestres, não era necessário ter o doutorado, ele falou: “De repente, chegou lá a coordenação da universidade e disse: ‘Precisamos de disciplinas optativas pro ano que vem, uma turma vai se formar, tem que fazer’”. E aí ele criou uma disciplina optativa de educação ambiental, que era algo que o interessava e a partir daí, o negócio fluiu bastante. Então é algo mais ou menos semelhante com o relato que você traz, né. Essa questão de relações entre, né, a escolha por esse tema e trajetória da formação educacional escolar, você comentou também, não somente a escolar, mas educacional como um todo, né. E aí a relação da escolha por esses temas, enquanto carreira e pesquisa, com o ensino superior já estava meio estabelecido também, né.

**Entrevistado:** Estava, estava.

**Entrevistador:** Foi a Biologia por essa origem e era dali para frente assim, né.

**Entrevistado:** Isso, isso.

**Entrevistador:** Ou seja, você procurou a Biologia pela questão ambiental, né. Não foi a educação ambiental que surgiu na Biologia, não é?

**Entrevistado:** Não, não. Foi o contrário. E tudo aquilo que eu vinha estudando depois, né. Que é onde eu vou parar na licenciatura. Depois vou estudar na Filosofia, na Sociologia, na História, né. Depois eu fui fazer um mestrado na Educação, né. O doutorado no Serviço Social. Isso tudo correndo atrás das questões que...

**Entrevistador:** Então eu estava olhando ali o currículo, né. Aí eu vi o doutorado no Serviço Social e falei: “Realmente, ele está escalonando assim, né, a graduação, aí a Educação, o Serviço Social... Está abraçando a causa humana, vamos dizer assim, né, cada vez mais”.

E aí uma outra pergunta, que eu cheguei a fazer outras vezes já, né, e às vezes falam assim: “Ó, não, não é que está rotulando”, mas, assim... Tem características que você enxerga, assim, “Ah, um pesquisador em educação ambiental é... ou, sei lá, barra, apresenta...”. Tem característica que você entende para essas pessoas da área ou de fato, assim é tudo muito múltiplo, difícil apontar alguma coisa... Tem algo nessa linha assim, tipo: “caracterizando um pesquisador educação ambiental, acredito que são pessoas com esse e esse...”. Tudo bem que tem a resposta ali, né, do que seja importante para a área, que o senhor comentou no ponto de vista alido

direito, da epistemologia, do método. Mas, caracterizando, assim, o pesquisador, como se fosse um ente, né., tem ali alguma coisa que a gente possa traçar?

**Entrevistado:** Rapaz... difícil, viu? Eu acho que o que é mais singular na educação ambiental é aquilo que é um ponto forte e um ponto fraco ao mesmo tempo, talvez seja o mais forte ou mais fraco. Que é isso, assim, é a intersecção com áreas, teorias e métodos muito diferentes, né. Então, eu digo que é um ponto forte, porque abre para um diálogo que é interessante, né, enriquece. Mas, por outro lado, fragiliza porque tem hora que fica um ecletismo, assim, de uma incoerência monumental, as pessoas juntam coisas que não fazem o menor sentido, né. E talvez isso seja uma marca na educação ambiental, para o bem e para o mal, né, assim. E também que é isso aí, convivem na constituição do próprio campo, né. Porque potencializa e cria fragilidades gigantescas ao mesmo tempo, as duas coisas. Porque é isso, tem que ter domínio, né. Porque, como a questão ambiental ela puxa para essa intersecção da sociedade e natureza...

**Entrevistador:** Educação e o ambiental, né, vamos dizer assim, literalmente

**Entrevistado:** Pois é. E aí são universos teórico-práticos muito variados, né? E dificilmente uma pessoa consegue ter domínio, assim, de transitar. E aí gera isso, né, o ecletismo às vezes frágil, e às vezes gera também uma multiplicidade, que por vezes é rica de possibilidade, né. Acho que isso é um diferencial.

**Entrevistador:** E talvez seja parte da construção de um campo autônomo, né.

**Entrevistado:** É, exato.

**Entrevistador:** Estamos nesse meio aí, né.

Olha, professor, do que estava estabelecido aqui previamente, é isso. Eu fiz das outras vezes o seguinte: primeiramente eu falo: “ó, tem algo nessa linha assim, que talvez tenha te despertado aí uma lembrança”. Ou tipo: “ah ele poderia ter perguntado isso”, e de fato, não perguntei, que você acha que seja relevante colocar, pensando em me ajudar com essa pesquisa, né, que é isso, o perfil dos pesquisadores. Então eu digo, está aberto aí a fala, caso tenha algo que o senhor considera importante e não perguntei.

E também já finalizando aqui da minha parte, né, pelo menos por ora, eu faço o pedido, né, deixar a comunicação em aberto, quase eu preciso de um socorro. “Professor, me ajuda aqui



com essa fala. Podemos dizer que isso que o senhor diz que nos desdobra para esse pensamento...”. Só pra não ficar colocando palavra, também, na boca de ninguém, na hora que o texto de fato for sendo feito. Mas, é isso.

Tem algo, assim, que o senhor, queira colocar? Que a gente, sei lá, chegou perto, mas não falei definitivamente, não perguntei? Porque, confidenciando aqui, algo Sumi e eu discutimos bastante, assim, é o que nós vamos perguntar. Mas a ideia era também deixar assim, “pô, fala da tua experiência e fala o que te levou para essa área, o que você gosta de fazer nessa área? O que faz, o que deixou de fazer?” Só que isso varia muito também. Uns falam muito, outros falam quase nada.

**Entrevistado:**[risos]

**Entrevistador:**E aí você precisava ter umas perguntas pra ir levando a conversa, né, senão, às vezes ela não ocorre, né. Mas é isso.

**Entrevistado:**Não, eu acho que você cobriu um espectro interessante. Também não é assim, não quero abrir outras coisas, porque senão você não vai conseguir fechar a sua dissertação.

**Entrevistador:**É, pois é, tem esse lado também... Para o bom e para o mal

**Entrevistado:**É, é. É, posso criar um problema para você. Enfim, você tem um limite aí no tempo também, né. E tambémvocê está pegando trinta pessoas, não é pouca coisa, né? Quer dizer, não sei se você vai conseguir todo mundo, né.

**Entrevistador:**É, acabou que alguns estão aposentados, outros eu nãoconsegui contato, outros não me responderam. Então, assim, estou tentando. A banca até falou para mim: “Não, entrevistando cinco pessoas está de bom tamanho”. Mas já passei disso. Vamos ver o que a gente consegue. Mas os trinta, de fato, não vou conseguir.

**Entrevistado:**É, talvez você consiga aí uns dez, quinze, enfim. Então, assim, também tomar cuidado, senãovocê vai ficar com material muito... Talvez você tenha até que delimitar coisas.

**Entrevistador:**É porque muita coisa pode acabar se perdendo, no sentido assim, não usar de fato, né.

**Entrevistado:**É. É provável. Então não vou fazer essa maldade com você, não, né. É, mas dizer assim, que eu acho que sua pesquisa, é importante, né, nesse caminho que algumas pessoas aí em [região]estão trilhando, de analisar esses materiais, né. Então, acho que é interessante para ter, serve de conhecimento da própria área, né e para a própria área, então, acho isso realmente muito relevante. E colocar à disposição, assim, fica à vontade, né. Tem alguns textos meus, que eu não sei se você leu, que acho, marcam muito coisas que falei, particularmente este último livro né. Tem um livro, tem um texto também que saiu, acho que na REMEA, nem sei mais aonde, né, só de artigos, sei lá, são 120, 130, né.

**Entrevistador:**Não é pouca coisa, não é?

**Entrevistado:**É, mas que era: “[artigo]”, ou contrário, “[artigo]” ou educação ambiental...

**Entrevistador:**Eu creio que eu passei por esse, já.

**Entrevistado:**É... São textos que vão te ajudar, né. Porque tem um posicionamento muito claro dessa discussão epistemológica que falei, né? E esse meu último livro, acho que sintetiza muita coisa, assim, tudo que eu falei, né, muita mesmo, né? Acho que vai te ajudar. Mas, assim, você fica à vontade, porque às vezes surge alguma outra, algum outro aspecto ou alguma coisa que eu falei e não deupra entender, né. Porque quando vai passar para o papel a gente vê que a gente fala mal pra caramba, né? [risos]

**Entrevistador:**Pois é [risos]

**Entrevistado:**Fala entrecortada, cheia de reticências.

**Entrevistador:**A escrita que flui, que é fácil de entender, de fato, é uma dádiva. Mas tem, quando ela acontece, é muito mais fácil do que esse papo aqui, né. Parece que lê está tudo estruturadinho, assim, faz muito sentido. A conversa, às vezes, vai para lá e para cá. Mas aí na transcrição eu estou fazendo assim, eu falo: “Opa, que que foi isso aqui mesmo?”. E aí você fica se encontrando ali.

**Entrevistado:** Sempre me pergunta, fica à vontade. Eu costumo responder muito rápido. Você viu, né. Estou sempre ligado.

**Entrevistador:** É, pois é, eu ontem à noite eu falei: “Pô, será que eu mando essa mensagem segunda, essa hora?”. Aí passou um minuto: “Combinado”. Falei: “Bom, então tá tranquilo”. Está ótimo.

**Entrevistado:** É, eu não costumo ter muita hora, não, né. Minha vida, é meio assim. Apesar de que eu melhorei muito, né? Mas ainda faço esses absurdos, né.

**Entrevistador:** É, mas acho que se a gente vê um limite é até legal. Porque aquela coisa, eu sou trabalho, trabalho faz parte de mim e, claro, dentro de um limite, sabendo separar os momentos ali, acho que faz parte, como dizem, faz parte da nossa verdade, aí do que a gente é fato, né.

**Entrevistado:** É.

**Entrevistador:** Pode ser uma leitura muito positiva, assim, sei lá, às vezes que talvez um pouco de ilusão, mas acho que faz parte.

**Entrevistado:** Mas é isso. Um prazer te conhecer.

**Entrevistador:** Oh, muito obrigado, viu professor? Eu não tinha tido oportunidade de ouvi-lo em evento nenhum, assim, já. Já ouvi, sei lá, já ouvi a própria Michele Sato, já ouvi o Sorrentino, né, o professor Luís Marcelo várias vezes, o teu colega né o Philippe Layrargues. E dá para ver de fato, assim, o quanto o trabalho é da tua vida, né. E a carreira assim, o quanto isso lhe é caro, né. Me é muito caro, ainda que eu esteja dando primeiros passos, vamos dizer assim, nessa área né. O mestrado é um início de uma vida de pesquisadores já muito complicado, mas, de fato, ainda é o início. Te agradeço muito, assim, a oportunidade, né, para além do meu trabalho, poder ter esse momento de troca é muito importante e agradeço também essa comunicação aberta, né. Se eu precisar, eu mando sem mensagem, viu? De verdade.

**Entrevistado:** Combinado.

**Entrevistador:** Grande abraço, boa semana aí. A gente se vê. Até tchau, tchau.

**ENTREVISTA 06****Entrevistada: Maria****Entrevistador:**Boa tarde! Obrigado pela disponibilidade e pelo encontro. Primeiro, umas breves explicações.**Entrevistada:** Certo.**Entrevistador:**Mandarei no e-mail, o termo de consentimento que passou pelo comitê de ética da universidade.**Entrevistada:** Tá bom.**Entrevistador:** É, eu conversei, né, com alguns pesquisadores, de diferentes universidades. E estou ainda na realização das entrevistas. Então, tenho trocado essa ideia primeiramente e aí logo no início eu digo o seguinte, né? Você se considera um pesquisador em Educação Ambiental? É, ou que já tenha trabalhado com Educação Ambiental, né? Quecaminhou por por essa temática? E eu digo o seguinte, é, a partir disso, né? Conte-nos um pouco da, da trajetória nesse, durante esse percurso, assim, ou ainda nesse percurso, né? Quais os trabalhos envolvidos, como que isso foi, como que a carreira foi levando a esse, esse momento, assim? Por favor.**Entrevistada:** Bom, eu sou historiadora, né? É, a minha formação é história, história e depois eu fiz também especialização e, e mestrado eu fiz em história, mas o pós-doutorado, doutorado também fiz em História, História e antropologia, já no doutorado. E o pós-doutorado, eu fiz sempre na área da antropologia. É, aliada a História, mas eu fiz em duas universidades da Itália. Depois eu fiz uma, um pós doutorado na [universidade], em Portugal. Daí esse, esse pós doutorado, foi daí que eu entrei nessa área, né? É, é, esse pós-doutorado, ele foi na área da Educação, História Ambiental e Sustentabilidade.**Entrevistador:**Uhum.

**Entrevistada:**Então eu comecei a entrar, digamos assim, vi a História Ambiental. Porque eu já fazia, de certa forma, a História Ambiental desde que eu fiz os meus pós-doutorados na Itália, porque eu trabalhava com a imigração italiana aqui no Sul, e a, a imigração, o, o imigrante, quando ele chega aqui no sul, ele só encontra florestas, para ele se adaptar, para ele se instalar, ele tem que desmatar, né?Ele desmata. Então eu, mas muito antes dos imigrantes, os imigrantes chegaram em final de 1800 aqui, a nossa colonização aqui no sul é muito recente, né?É final de 1800, 1858 pra, meados em diante, né? Mas lá por 1700 já havia um desmatamento muito grande aqui, que foi quando se instalaram as armações de pesca de baleia.

Então eu comecei a trabalhar já nessa área de História Ambiental, quando eu comecei a trabalhar então, com a questão da, da, da instalação, das armações de pesca, da baleia, né, de como que isso se instalou, e daí como que se deu a pesca, que também é História Ambiental?

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistada:** Né? A pesca. E depois eu entro quando eu vou para, quando eu vou para a Itália e que eu sou de origem italiana e tal, eu tenho um orientador lá que trabalha com isto, lá na Itália, uma pessoa com quem eu trabalhei, e ele me sugeriu, já que você, porque você não trabalha com História Ambiental, sobre a ambientação dos imigrantes, né? Que eles, além de terem que desmatar, eles também é, digamos assim, escravizaram indígenas.Ou mataram indígenas e isto tudo é História Ambiental, né?

Bom, tendo feito, tendo ingressado nisto, na universidade onde eu, eu trabalhava. É, é, eu quase não conseguia trabalhar com os alunos, com História Ambiental, assim, eu passava por História Ambiental, mas mesmo assim, digamos assim, de contorno, né? Porque os alunos queriam mesmo era Educação Ambiental.

**Entrevistador:** Uhum.

**Entrevistada:** Então eu ingressei, digamos assim, quando eu fui para [universidade], aí eu já trabalhei diretamente, então, com a Educação Ambiental. E aí quando eu voltei de, de [cidade], eu peguei firme nas orientações e no trabalho, na pesquisa com Educação Ambiental. Então, quer dizer, a minha trajetória para entrar na Educação Ambiental foi assim, nos contornos, né?

**Entrevistada:** E quando eu ingressei, daí passei a fazer projetos de Educação Ambiental e orientar dissertações e teses no doutorado e dissertações do mestrado sempre nessa, nesse, nessa linha da Educação Ambiental. Foi essa, mais ou menos a minha trajetória.

**Entrevistador:** Entendi. Foi, é um movimento até claro que a questão ambiental já estava, né? Como, como bem colocado, mas a questão da Educação Ambiental foi mais um movimento de fora para dentro, vamos dizer assim, né?

**Entrevistada:** Exatamente, exatamente. É, digamos assim, foi o amadurecimento do trabalho, que foi levando a esse encaminhamento, né?

**Entrevistador:** Sim, justo, sim. E, e uma vez então dentro da temática, né? Orientando dissertações e teses, quais foram mais ou menos as, a, os temas trabalhados, assim? Porque a gente sabe, ah, tem, tem, sei lá na educação infantil, na formação de professores, no ensino de Biologia ou Geografia ou sei lá, políticas públicas ou questões epistemológicas, né? Quais são mais ou menos as, os trabalhos assim?

**Entrevistada:** E, eu sempre, como eu sou historiadora e tem esse viés da antropologia, eu sempre trabalhei com a questão relacionando a História Ambiental com a Educação Ambiental. Então, por exemplo, eu orientei uma dissertação de mestrado onde, é, a aluna, ela fez um levantamento de uma empresa que tem tambores, que ela, ela recolhe os resíduos sólidos e líquidos das empresas em tambores, e depois ela, é, purifica, entre aspas.

**Entrevistada:** Esses tambores, né? É, tendo lá todo um critério de guardar esse, esses resíduos de uma forma que não polua o meio ambiente, mas que no início poluía, não é? E então, é, eu trabalhei com ela a História Ambiental na, no sentido de que eles fizeram um desmatamento muito grande e jogavam o lixo ali. Quer dizer, aí eu trabalhei com a Educação Ambiental, no sentido de educar e fazer um planejamento para essa empresa. No sentido de como, é, digamos, reaproveitar os, os tambores, porque eles é, no meu entendimento, porque nós fizemos um trabalho de participação dentro da empresa, né?

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistada:** É, porque daí a gente fez a Educação Ambiental mesmo, a gente foi dar Educação Ambiental para os proprietários da empresa e para os funcionários da empresa na questão do, do descarte, é, desse material que eles recebiam. Porque veja, eles recebiam esse material nos tambores, tanto líquido, quanto sólido, das diversas empresas, e depois jogavam ao léu. Então quando a gente, quando a menina quis fazer essa, é, pesquisa com isso, até porque ela era esposa de um dos proprietários, então por isso nos foi até facilitado e ele até quis, ele até gostou.

**Entrevistador:** Entendi.

**Entrevistada:** Se fosse outros, talvez até não quisesse, né? Não deixava.

**Entrevistador:** Não quisesse.

**Entrevistada:** Mas ele, mas ele permitiu, porque ele queria realmente, an, aprimorar-se, modernizar-se e tudo mais, né?

Então assim, nós fizemos todo o trabalho, de qual, de, de fazer uma empresa também de depuração;

**Entrevistada:** Desse, desse, do, do, do descarte desse material, do resíduo. Então, aquele, aquele material, aquela área que havia sido desmatada e morta, em vista da, foi, houve um replantio, né?

**Entrevistador:** Uhum.

**Entrevistada:** O reflorestamento, e então isso é História Ambiental que a gente fez a história daquela área, né? E ao mesmo tempo, a Educação Ambiental.

**Entrevistador:** Sim, sem dúvida.

**Entrevistada:** Porque a gente trabalhou com eles a, como, é, como armazenar, como descartar o resíduo, inclusive, eles criaram a empresa para isso. Então foi um trabalho que era mestrado e depois acabou virando também o doutorado, porque foi um trabalho de muitos anos, né?

**Entrevistador:** Sim, sim.

**Entrevistada:** Foi longe. Mas foi uma coisa muito gratificante e ela, essa empresa se situa, a, na margem da BR-101 Sul, e essa semana ainda, essa semana passada ainda eu viajei pela BR, por essa área e vi lá a empresa. E vi o cartaz e vi as placas, e vi lá a oficina, fiquei muito gratificada, sabe? Mesmo.

**Entrevistador:** É uma conquista, de fato. E uma transformação, né? Porque é o que a gente busca, né?

**Entrevistada:** É. Esse foi um só, né, uma só. Outra vez nós fizemos um trabalho também muito grande, que levou também mestrado e doutorado, foi um, um, uma implantação de, de como a escola poderia trabalhar a Educação Ambiental, é, com as crianças. Mas primeiro nós trabalhamos com os professores e a direção.

**Entrevistador:** Uhum.

**Entrevistada:** Então nós temos todo um trabalho de conscientização. É, nós, a, a direção foi muito aberta, né? Ela me cedia tantas horas, duas horas por semana para esse trabalho de conscientização ambiental, onde nós fazíamos estudos teóricos mesmo da questão ambiental, com os professores, havia discussão. É, eles também questionavam bastante, porque diziam assim “como que nós vamos fazer Educação Ambiental, se a própria prefeitura ou o próprio estado não nos possibilita?” Então, nós fizemos também um trabalho junto à prefeitura, é, continuando com isto, né? E aí foi assim quando, teve uma época que teve uma moda muito grande aí de as escolas fazer hortas, na escola.

**Entrevistador:** Uhum.

**Entrevistada:** E então nós, é, na prática da horta, não que a horta fosse o fim. Mas na prática, da, da horta, é, se trabalhava os conceitos de Educação Ambiental e de uma Educação Ambiental crítica, no sentido de mostrar para as crianças. Daí junto com as professoras, é, não essa, ah, então vamos fazer uma horta. Não. Isso, isso, isso é uma Educação Ambiental ingênua, né?

**Entrevistador:** Que bacana.



**Entrevistada:** Isso é uma Educação Ambiental ingênua. O nosso objetivo não era este. Nosso objetivo era via a horta, era fazer o questionamento de como o homem atua na sociedade. Como isto está intervindo, né? No nosso, no nosso modo de vida, na nossa visão de mundo. Foi um trabalho assim, muito lindo. Começamos com dissertação de mestrado e acabou virando doutorado.

**Entrevistador:** Que bacana.

**Entrevistada:** Foram muitos trabalhos, muitos mesmo, mas estou lembrada agora, rapidamente.

**Entrevistador:** E, e aí uma outra, uma outra pergunta que eu trago é, dentro da temática ambiental, né? E da, das inúmeras possibilidades que ela traz, ou a própria Educação Ambiental, né? É, tem algum aspecto ou alguns aspectos que, que a senhora considera assim mais importantes? Ou tipo, mais relevantes? Ou são questões, assim, que estamos trabalhando com Educação Ambiental, essa ou essa questão não podem estar de fora de forma alguma. Tem algo assim?

**Entrevistada:** Bem, é, quando eu trabalho com Educação Ambiental, eu, como eu te disse, eu sempre relaciono com a História Ambiental, né? Bom, aqui no Sul, é, nós temos, é, a Araucária, é, não sei se você conhece. É uma árvore belíssima e que está em extinção. Então eu vou dar só um exemplo.

**Entrevistador:** Aham.

**Entrevistada:** Para responder essa tua pergunta, vou dar um exemplo de como que a gente tem trabalhado com isto, que é uma forma de dizer que não é só este objeto. Também tem, tenho depois um exemplo belo da questão da pesca das baleias. É, mas assim, com a questão da Araucária, então nós trabalhamos com a, com as professoras, é, e com o, os meus orientandos, né? Trabalham. E, e com as crianças nas escolas, quando a gente tem pesquisa nas escolas, porque nem sempre tem, né?

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistada:** Essa nós pesquisamos com a, nós temos uma, como se fosse o Ibama nacional, nós temos a Fátima, que é estadual. Então é esse, essa questão das Araucárias, nós fizemos um trabalho de Educação Ambiental e História Ambiental associadas com a Fátima, que é o nosso órgão aqui, né? Então nós, é, nós trabalhamos no sentido de mostrar para esses técnicos, porque ali são todos técnicos, são biólogos, são, é, ornitólogos, são, é, de todas as, né? É, agrônomos, veterinários. Nós trabalhamos com esses técnicos no sentido de mostrar pra eles que a Araucária não é só “ah, vamos preservar a Araucária para termos opinião”, não é neste sentido. Preservar a Araucária, é preservar a identidade, é, do homem e do indígena do sul, não é?

**Entrevistador:** Uhum.

**Entrevistada:**Então, é, partindo deste âmbito histórico, é, nós fizemos todo um trabalho de Educação Ambiental com esses técnicos e esses técnicos, eles vão, eles depois possivelmente farão.É, porque eles ficaram muito é, participaram muito e, e acharam muito interessante. Mas nós levávamos textos específicos de Educação Ambiental, por exemplo, do Loureiro, a gente levou muito. É, é, não lembro mais agora, da Martha Tristão. Eu levava muitos textos desses professores que trabalham essa educação crítica, né? É, então eu, a gente levava esses textos, fazíamos debates, discussões. E eles diziam como viam, se havia não possibilidade de introduzir aqueles aspectos teóricos, pelo menos os pontos teóricos levantados, no trabalho deles. A maioria dizia que era possível.

**Entrevistador:** Uhum.

**Entrevistada:** Principalmente os biólogos, ornitólogos, alguns, por exemplo, os agrônomos, os veterinários eram mais, é, resistentes a, a isto, né?Mas os biólogos, eles, é, eles eram muito acessíveis, né? E então nós trabalhamos muito essa questão, é, de que a preservação, é, da Araucária é, digamos, a constituição, é, manter a constituição histórica do homem do sul, né? A identidade do homem do sul.

**Entrevistador:** Uhum.

**Entrevistada:** Como também manter a nossa qualidade de vida, porque a, a Araucária, ela além de nos dar, nos proporcionar um, um visual belíssimo, né? Que, que faz bem para o espírito, né? E ela serve de alimento para nossa população também, né?

**Entrevistador:** Exato.

**Entrevistada:** E então, é, foram trabalhados muitos pontos, é, não lembro mais exatamente agora que já faz algum tempo, né? Mas enfim, todos esses, todos foram levantados muitos pontos pertinentes ao tema e relacionados à época. Que nós estávamos, e há ao espaço que nós estávamos, né? E o outro trabalho também. Esse foi um exemplo, né?

**Entrevistada:** O outro trabalho também que eu posso te dar exemplo é a questão de nós, é, termos trabalhado com os sítios, é, arqueológicos das armações de baleia. Ali, as ruínas, né, das armas, das antigas armações de baleia. Aí também nós fizemos todo um trabalho muito interessante de resgate histórico e Educação Ambiental na preservação, na preservação da história também, né? Na preservação daquele espaço. Principalmente porque, de uns dez anos para cá, [região] tem sido o berçário da baleia Franca, né? Ela viu nascer. Há duzentos anos, [região], era a fonte de alimentação das baleias Francas. Como elas foram, é, pescadas, na verdade elas foram caçadas.

**Entrevistador:** É.

**Entrevistada:** Porque então, né. É, elas são cetáceos, né? Foram caçadas de forma muito cruel e, e, e em demasia, elas foram se afastando e ficaram, levaram 200 anos para voltar. Veja o que é o DNA, e isso também a gente tenta trabalhar com as crianças. Mostrar, veja o que é o DNA do animal, né? Somente 200 anos depois, há mais dez, doze anos atrás, que deu mais de duzentos anos, começaram a vir poucos exemplares, um ou dois. Tipo assim, somar, sondar como é que está o ambiente.

**Entrevistador:** Aham, ver como é que tá, né?

**Entrevistada:** É, como é que está o ambiente. E aí depois começaram a vir com mais abundância. Hoje, há toda uma legislação que as protege, né? E então, hoje [região], principalmente em [cidade], é onde tem uma praia belíssima, é onde ele, é, é o berçário delas,

é onde elas vêm ter os bebês. E aí os bebês ficam, é, isso é de setembro, final de agosto, até novembro, os bebês nascem e crescem. Novembro já estão crescidos, aí eles voltam para a Argentina. Então, an, isso graças, essa lei, que ela protesta, graças ao movimento que nós aqui fizemos.

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistada:** Nós temos um grupo grande aqui que faz todo um, um movimento de proteção. Agora nós estamos resgatando as ruínas das antigas armações. Porque essas antigas armações, é, depois elas viraram freguesias, depois elas viraram vilas. Hoje elas são cidades do litoral de [região]. Então a gente tem, a gente busca junto com o, os habitantes de cada uma dessas cidades, não todos, evidentemente. Mas, é, professores, alunos, pessoas interessadas, né? É, a gente faz a Educação Ambiental com as crianças no sentido de, é, trabalhar a importância das baleias. O que as, é, o que as baleias davam para, quando da pesca, né? Por isso, elas eram tão caçadas. É que, na verdade, historicamente, no Brasil, no Brasil colônia, quando que se começou a pescar a baleia, se falava que a baleia era o maior peixe do rio. O maior peixe do mar.

**Entrevistada:** Então ela ficava assim, vamos pescar o maior peixe do mar, Então a palavra, a, o termo “pesca da baleia”, ficou caracterizado historicamente, como, como um fato que acontece no, no Brasil. Mas do resto do mundo e, e corretamente, se deve dizer “caça às baleias”, né? Mas como historicamente, é, ficou registrado como pesca, porém, é, elas foram extremamente caçadas, e, e são até hoje. Os japoneses estão terríveis nessa, nessa. Aqui no Brasil, eles até tentaram alguns anos atrás, andaram fazendo umas caças absurdas. Mas muitos movimentos, inclusive o nosso, nós fizemos muitos protestos e nesse eu fico muito feliz porque os meus alunos orientandos estavam todos nesse protesto, mostrando, e as crianças que faziam parte do nosso projeto também estavam lá. Quer dizer, isso também é Educação Ambiental.

**Entrevistador:** Sim, sem dúvida

**Entrevistada:** Conscientização ao que o animal, é, o animal é um ser que precisa do espaço como nós precisamos, né? Que, que é importante, tem a sua importância e como nós temos também. Então, a, o meu trabalho tem sido sempre nessa linha de conscientizar e de atuar na conscientização sempre, sabe? E o resultado, sempre de alguma coisa positiva.

**Entrevistador:** É. É isso, né? Parece que, que, que às vezes a gente esquece que, que a Educação Ambiental é um processo educativo, né? Às vezes foca muito no ambiental e, e talvez esqueça assim que, que a parte da origem é essa, né? Educar, conscientizar, e, e, é isso, né? Cada um vai olhar de algum jeito, mas no caso que a senhora está trazendo, né? Sempre com relação à uma questão histórica, sempre com essa relação da, é, da, da, da gente entender e ajudar a manter, né? A identidade, né, das pessoas que ali vivem. Então assim, é isso. É um processo de conscientização, né? Que seria talvez a, como perguntei, um aspecto mais importante. Não sei se mais, mas um aspecto que tem que estar presente ali, né?

**Entrevistada:** No meu ponto de vista, eu faço Educação Ambiental, não descolada da realidade, não descolada do contexto histórico. Com a natureza, com o espaço, com as pessoas, com o ambiente. Eu não consigo fazer educação ambiental com crianças ou com pessoas. Eu faço Educação Ambiental todos os dias, eu vou no supermercado. Eu faço, eu faço Educação Ambiental com a caixa, com a caixa do supermercado. Eu estou sempre, em todos os momentos eu, eu estou trabalhando isto, sabe?

**Entrevistador:** É isso.

**Entrevistada:** Não sei se é porque eu trabalhei muito com essa questão, mas se projetou tanto na, na minha consciência. Acho que Educação Ambiental é isso. Não sei se é das baleias, se é a questão da, da Araucária. Uma época, a questão dos tambores lá, que foi assim, um trabalho fantástico.

**Entrevistador:** E te conecta com o local que você vive, com as pessoas, né? Com origens e tal.

**Entrevistada:** Exatamente, é, é. Então eu sempre fiz isso e acho que a Educação Ambiental é isto. Porque se você dispuser da Educação Ambiental para dizer assim “ah, nós temos que preservar as árvores?”, sim, nós temos que preservar as árvores. Mas qual é a consciência do indivíduo? Quando eu era criança, meu irmão, que era 2 anos mais velho que eu, tinha, é, a alegria dele e dos amigos dele, da idade dele, e mesmo até os da minha idade, era pegar funda, que a gente chamava funda, e ir no mato caçar passarinho.

**Entrevistador:** Uhum.

**Entrevistada:** E, e isso quando eu era criança. Não tinha Educação Ambiental no meu período. Porque, é, então o que eles faziam, o que é que, o que é o que a criança fazia naquela época, era sair no mato pra caçar passarinho. E ele achava que era natural, era normal. Então hoje, hoje a gente já tem um, a gente já passa outra visão para as crianças.

**Entrevistador:** É, exatamente.

**Entrevistada:** Né? Então, é um outro processo, né?

**Entrevistador:** É. Até uma pergunta que está aqui na sequência, mas ao longo da nossa conversa, eu, eu fui pensando, né? E agora ficou ainda mais claro. Falei “ó, essa pergunta tá sendo respondida”. Porque eu, eu digo o seguinte, né, trabalhar com essa, trabalhar nessa área, né? Ter contato com essa temática e fazer, de fato, como, como a senhora tá me contando, Educação Ambiental. É, acaba, acaba trazendo, isso tudo acaba vindo para, para o nosso dia a dia sim, né, pra, pra, tipo, pros hábitos, para, para valores, para atitudes, para, para, para nossa vida como um todo.

**Pesquisador:** Tem jeito de desassociar? Não, é só um trabalho. Ou aquilo, vem e fica, fica presente? Como a senhora está dizendo, é isso, né? Faz Educação Ambiental, é, sem nem saber que está fazendo, de tanto que aquilo faz parte. É isso?

**Entrevistada:** É. Tanto que projeta. Outro, é, que eu fiz também de Educação Ambiental é que nós, aqui no Sul, é, nós temos, principalmente o Rio Grande do Sul, não tanto Santa Catarina. Santa Catarina tem um outro tipo de folclore, mas o folclore do Rio Grande do Sul é muito daquelas músicas gauchescas, daquele, daquelas danças do facão. Então eu fiz um trabalho também com, com os meus orientandos também, até a menina ela era de Caxias do Sul, essa menina. Mas ela vinha, né, para ser minha orientanda aqui. E, e aí a gente trabalhou, é, como que esses grupos folclóricos, em caso era do Rio Grande do Sul, mas não é muito diferente, que nós temos um folclore diferente aqui em Santa Catarina, não tanto quanto este do Rio Grande do Sul, embora também seja muito presente, porque Santa Catarina eu acho que metade, acho que 50% de Santa Catarina é gaúcho.

**Entrevistador:** Entendi.

**Entrevistada:** Né? É, é 50%, é, Santa Catarina é um estado muito pequeno, com muito, uma população muito pequena e ainda eu acho que 50% dessa população é de gaúcho, é gaúcho que veio do Rio Grande. Então um folclore gaúcho muito forte aqui também, né? Muito forte. E aqui no litoral, de cá, de Santa Catarina, é mais esse folclore açoriano, né? Então, e nas regiões, pequenas regiões, aí tem o folclore italiano, folclore alemão, folclore polonês, folclore japonês, porque aqui é um, é um estado que é uma pequena, um pequeno mundo, né?

**Entrevistador:** Uhum.

**Entrevistada:** Cada região é um, uma colonização diferente, né? Mas, enfim, é, nós fizemos esse trabalho no sentido de mostrar com as crianças que o folclore, né, que faz parte da nossa história, né? Que faz parte da nossa cultura, é, ele também tem pontos de Educação Ambiental. Então, por exemplo, quando o gaúcho toma o chimarrão, é, e porque eu, eu, no caso, a minha orientanda era do Rio Grande do Sul, né? Então, então ela trabalhou isso, né? Quando o gaúcho tomou chimarrão, o que ele faz, ele cortou, é porque já alguém cortou a erva.

**Entrevistador:** A erva.

**Entrevistada:** Fato. É porque alguém já beneficiou, é porque, então tudo isso a gente trabalhava, é, para mostrar para a criança que o, a importância da preservação do espaço. É, a importância da preservação do meio, porque se nós cortarmos a bel prazer, pode ser que amanhã ou depois não tenha mais a erva para chimarrão, né? Entrevistada: Então foi assim, um trabalho muito bonito. E assim, é, quando um dançarino faz o boleio, né? É, bom, se um boleio daquele escapar, pode ferir alguém, pode ferir um animal, pode ferir, é, pode dar um prejuízo, quebrar uma janela, é, tudo isso é impacto. Então a gente fala, e o impacto, é, a-assim, atrapalha, perturba a vida da gente, dá um, um, um *tchan*, e esse *tchan* nós podemos resolver com calma. Daí a gente também falava assim, da questão da pessoa se harmonizar, ser harmônico.

**Entrevistador:** Sim. Que envolve, envolve que pesquisadores de Educação Ambiental também tratam, né? Uma questão ética e estética também, né?

**Entrevistada:** Também. Ética e estética. Principalmente, por exemplo, é, nós estávamos trabalhando com a cultura, com as tradições, Educação Ambiental com a cultura e com as tradições.

**Entrevistador:** Pois é. É, bom, nessa linha assim, da, da, do interesse todo pela área, né? Tem algum momento, é mais em relação à memórias agora da, da, que a gente carrega assim, né? Não necessariamente, é, no trabalho, na carreira. Mas a senhora consegue enxergar alguma coisa, algumas vivências que, que acabaram convergindo assim para trabalhar nessa área? Algum, algum fato que tenha sido, não sei se um fato, mas um conjunto de coisas que, porque a senhora comentou comigo, né? “Ah, fiz o meu pós-doutorado na Itália, sou formada em história e pós-graduação, sempre esse lado histórico e aí a História Ambiental. Depois assim, passei por Coimbra e veio alunos, né? Orientandos que queriam Educação Ambiental”. Tem alguma coisa que, que nos ajuda a migrar, a dizer assim, a, a, aqui eu fui migrando pra educação? Foi essa questão da universidade e das orientações, assim?

**Entrevistada:** É, é, por exemplo, quando eu estava em [cidade], é, eu fui fazer uma pesquisa com aquela, é, hoje ela é pró-reitora de ensino lá da [universidade]. Na época, ela era professora e era minha colega, né? Era minha amiga e aí eu fui trabalhar lá com ela e ela trabalhava muito com a questão, é, da sustentabilidade. E eu nunca havia trabalhado com a questão da sustentabilidade. Então, quer dizer, eu trabalhava com História Ambiental que também tem toda a sustentabilidade, né? Eu, eu trabalhava com a questão do desmatamento da mata Atlântica, né? Que, aqui, aqui em Santa Catarina, você sabe que agora mesmo os deputados aprovaram uma lei ali, a pedido de um fazendeiro aqui, catarinense, para desmatar mais ainda a Mata Atlântica, né? Então, nós sempre tivemos essa briga muito grande de proteção da Mata Atlântica, eu sempre fui muito atuante nessa área, assim. Qual, pode ver, ó, preservar pinheiro, ou preservar Araucária. É, era a questão da sustentabilidade. Só que eu não levava para esse campo.

**Entrevistador:** Aham.

**Entrevistada:** É, é, entendeu? Aí quando eu fui lá para [cidade], a minha amiga disse assim “Nelma, mas o que você faz é sustentabilidade, ninguém faz sustentabilidade como você.” Ela disse. Daí é que eu me conscientizei que realmente, ao fazer de História Ambiental, preservando



a mata Atlântica, preservando a Araucária, tentando preservar e resgatando a história das baleias, eu estava fazendo sustentabilidade.

**Entrevistador:** Pois é.

**Entrevistada:** E aí, lá, nós fizemos uma pesquisa muito grande junto com os alunos da [universidade], sobre a questão da sustentabilidade e no campo da sustentabilidade, entrou a Educação Ambiental. E aí eu apaixonei por essa relação e eu comecei a fazer essa relação história-educação, sabe? Que não separa a História Ambiental da Educação Ambiental. E nem da sustentabilidade, né?

**Entrevistador:** E às vezes nem do movimento ambientalista, que é parte da origem.

**Entrevistada:** É, exatamente. E aí eu voltei e tive tanta sorte, e quando eu voltei, eu já tinha uma lista de, aliás, eu quero, eu sempre não, não quero ser exibida, mas sempre tive uma lista muito grande de alunos, né? Para serem meus orientandos, eu era até assim a mais procurada. Até os meus colegas tinham inveja. Então, quando eu voltei, eu já tinha uma lista de alunos que queriam ser meus orientandos, e queriam trabalhar nessa, nessa área, sabe? Então daí comecei a trabalhar direto, já né.

**Entrevistador:** Aí, como dizem, enveredou de vez, né?

**Entrevistada:** De vez, de vez. Escrevi muitos artigos, livros, a gente escreveu, meus alunos escreveram muitos artigos, participaram de muitos congressos nacionais, internacionais, na França, na, em Portugal. Foram na Bélgica, meus alunos, na Argentina, meu, Uruguai. Meus alunos foram para o Chile. Agora eu lembro, foram no Chile. Então assim, foi muito na, na Amazônia, foram muitos, é, a gente, eu acho que eu contribui muito.

**Entrevistador:** Claro, não tenha dúvida.

**Entrevistada:** Eu tenho a consciência, assim, muito tranquila, que eu acho que eu, eu, eu, eu já fiz bastante e continuo fazendo.

**Entrevistador:** Sempre fazendo, bacana.É, nessa questão das memórias, assim, tem alguma relação com, com época de escola? De quando estava na escola, assim, de, de construir interesse por essa área? De algo chamar atenção ou algo assim?

**Entrevistada:** Quando, na escola primária não, eu era muito criança, né? E, como eu te falei, quando eu era criança, nós não tínhamos essa consciência, porque nós morávamos numa, numa cidade do interior de Santa Catarina, eu morava, né? Com os meus pais. E atrás da propriedade dos meus pais tinha uma grande floresta. Uma grande que era propriedade de outras pessoas, e nessa floresta tinha até rio, era uma floresta imensa. Mata Atlântica, claro. E aí, eu passei a minha infância brincando nessa floresta, porque era só levantar o arame da cerca e passar para outro. Enfim, mas que é, era o que fazia na época, né? E então, quando criança, não, não tive essa percepção, tá? E nem quando eu fazia o ensino médio também, mas quando eu entrei na universidade, a primeira coisa, uma das primeiras coisas que eu me antenei, digamos assim, foi a questão da Mata Atlântica, porque eu cresci ali.

**Entrevistador:** Pois é. Estava ali, né? Fazia parte.

**Entrevistada:** Então assim, eu, meus irmãos, a gente passou a infância brincando naquela floresta. E como eu te falei, meu irmão saía com os amigos para caçar passarinho. Não havia, é, hoje eu converso, hoje já ele é falecido, mas quando ele ainda era vivo, a gente conversava. Ele dizia “nem me fala, você nem me fale, eu não quero nem que meus filhos ouçam isso”.

**Entrevistador:** É.

**Entrevistada:** Indo nas árvores, pulando cipó, é, a gente brincava de Tarzan e Jane. Então assim, é, na, na Mata Atlântica. Daí foi a primeira coisa que me tocou, e daí também a Araucária, tá? A Araucária me tocou muito. Então foi a primeira coisa, depois uma outra coisa que também, que me levou, que, digamos que foi me despertando, foi a questão da guerra do contestado, que aconteceu aqui em Santa Catarina, né? No contestado também foi por questão de terras, então aquilo já foi me levando também para a questão da conscientização, porque foi a primeira vez que se usou avião numa guerra, né?

**Entrevistador:** Ah, eu não sabia disso.

**Entrevistada:** É, foi, até Santos Dumont se suicidou depois que ele soube disso. É, isso é um fato histórico, né? Santos Dumont quando soube que o avião havia sido usado pelo exército para de dizimar caboclos, né, é, que mataram todos, não sobrou nenhum. É, então ele se, ele, claro que não foi naquele dia que ele se suicidou. Mas foi um dos motivos que o levou a entrar em depressão e se suicidar. É, então quando houve essa guerra, foi uma guerra, assim, é, terrível. Várias cidades foram queimadas e tudo mais, é, isso foi no início do século, 1912. Então, an, aquilo também foi me despertando, né? Para trabalhar essa questão. E depois, quando eu já estava, é, para fazer o tal do TCC, da universidade.

**Entrevistador:** Uhum.

**Entrevistada:** Que na minha época não tinha TCC, era outra coisa, era, a gente tinha que fazer um trabalho, né? Não se falava, não se dizia TCC né? E também não era, não tinha as exigências do TCC de hoje que tem que apresentar. É só fazer um trabalho, né? Aí eu resolvi fazer o trabalho, caiu nos meus livros, nas minhas mãos, um livro da, da escritora, professora da [universidade],[nome próprio], que falava sobre a pesca da baleia no Brasil, caiu nas minhas mãos, já estava na biblioteca da universidade e puxei aquele livro e comecei a ler aquele livro. E aquele livro me despertou demais para a questão das baleias. E aí foi então que eu comecei a trabalhar, então, com essas questões, sabe?

**Entrevistada:** Baleias, é, Mata Atlântica, Araucária, porque isso também fazia parte do contexto da guerra do contestado, né. E aí depois eu fui fazer mestrado, já fiz também na, nessa linha e aí fui embora, sabe?

**Entrevistador:**Entendi. Às vezes eu pergunto, ó, a temática escolhida, né? É, trabalhar com a temática ambiental ou trabalhar a Educação Ambiental, tem relação, é, assim, com, com essa formação, né? Não só na escola, mas enquanto pessoas? Falam “tem, eu morava dentro da mata Atlântica”, então.

**Entrevistada:** É. Na verdade, eu nasci dentro da mata Atlântica. Você já ouviu falar na Serra [local]?É, eu nasci no meio da serra. A Serra, ela é uma montanha enorme, imensa, lindíssima, no meio da mata Atlântica e foi lá que eu nasci.

**Entrevistador:** Aham, olha só.

**Entrevistada:** Eu nasci, cresci no meio da mata, né? Então tem. Foi lá que eu aprendi a nadar, porque tinha lá, né? Caindo do cipó para a lagoa, e assim foi.

**Entrevistador:** Bom, é, vamos, vamos terminando, né? Até porque a gente tem a questão do tempo. É, e também o que, o que eu tenho aqui, a gente tem o famoso roteiro semiestruturado, né? Para fazer entrevistas.

**Entrevistada:** É.

**Entrevistador:** É mais ou menos isso mesmo, mas eu queria dizer o seguinte, eu, eu pergunto sempre também, às vezes alguns outros pesquisadores falaram, “ó difícil e tal”, mas a pergunta estabelecida inicialmente foi assim, é: como você vê um pesquisador educação-ambiental? Tem, tem características assim que fala, pô, faz parte? Mas não é assim, rotulando, ou nem também ditando regras, né? Tem que ser isso, tem que ser aquilo. Mas como a ideia nossa é tentar traçar um perfil, e a gente até parte de uma premissa que são perfis, né? Porque vão convergindo várias áreas e diferentes interesses e tal. Mas já que estamos todos nesse campo, né, um campo aí que, que vai construindo a sua autonomia, têm, têm características assim da gente olhar e falar “pô, isso faz parte de, de uma pessoa, um pesquisador educação-ambiental”, que a senhora saiba dizer, ou queira dizer?

**Entrevistada:** Olha, eu acho difícil caracterizar assim, né? Porque, como você diz, são pessoas das mais diversas áreas.

**Entrevistador:** Sim, sim.

**Entrevistada:** Né? Mas em princípio, em princípio, eu acho que tem que ser uma pessoa mais, com mais sensibilidade, é, para, para, para com as pessoas, para com a natureza. Para com os seres humanos em geral. Eu acho que uma pessoa que tem que, quem é dessa área, é, da linha da Educação Ambiental ou da linha ambiental, tem que ser uma pessoa mais sensível a essas coisas. Uma pessoa muito materialista ou muito pragmática ou muito, eu, eu acho que ela não se dá nessa.

**Entrevistador:** Não vai se encontrar, vamos dizer assim.

**Entrevistada:** Não, não vai se encontrar nessa área, é, é o que eu penso. É o que eu penso. Não sei se é porque eu, eu sou muito sentimental assim nessa parte, né? Então eu fico achando que os outros também têm que ser. Não, não é que eu acho que os outros tem que ser. Mas eu acho que tanto trabalhar com Educação Ambiental, tem que ter uma sensibilidade.

**Entrevistador:** Sem dúvida.

**Entrevistada:** Maior do que ser, é isso. Essa é uma característica que eu acho que tem um, tá?

**Entrevistador:** Bom, é, acho que o que eu, que eu planejei, a gente, a gente meio que cercou, é isso mesmo. É claro, a gente transcreve a entrevista e vai analisando, você vai olhando as outras, outras coisas vão surgindo.

**Entrevistada:** Claro.

**Entrevistador:** Então o que, o que eu falo no final, já entregando a palavra aí, finalizando aqui da minha parte é o seguinte, se tem alguma coisa dentro desse contexto, né? Ah, memórias, trajetórias, pontos de inflexão, que às vezes me fizeram seguir para cá ou para lá, é, o perfil, né? Se tem algo nesse contexto que, que eventualmente eu não perguntei, a senhora queira comentar. E, eu peço também, se possível, para deixar esse canal aberto, se eu precisar mandar um e-mail, professora, eu tô transcrevendo aqui, foi isso que a senhora quis dizer? Eu posso, eu posso intuir dessa fala, tal coisa?

Se me permite esse contato futuro, hora que eu for tocar as análises, assim.

**Entrevistada:** Pode, pode contar comigo, sem problema algum, pode encaminhar, sem problemas. Se tiveres alguma dúvida, pode se encaminhar sem problema. E quanto às perguntas, assim a, ao, digamos, ao encaminhamento da nossa fala, eu acho que foi muito, muito sincera, muito regular, muito, eu acredito que você me perguntou muitos pontos que, que são pertinentes. Eu não, não acho que, no momento, pelo menos, não me ocorre que você tenha, que tenha mais alguma coisa.

**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistada:** Assim, que eu preciso estar a se dizer, eu acho que eu falei tudo. Eu falei temas que me levaram a isso. Como me levou a isso e o que eu fiz e o que eu faço.

**Entrevistador:** Sim. Exato, é o que a gente está buscando com as entrevistas mesmo.

**Entrevistada:** É o que eu sinto, né?

**Entrevistador:** Que é super importante, né. Pois é.

**Entrevistada:** Eu quando, como eu acho que as pessoas devem ser para trabalhar com essa linha, né?

**Entrevistador:** Aham. Não, tudo bem, está ótimo. Eu, mais uma vez agradeço, né? Que bom que a gente não, não estourou o nosso limite de tempo aqui, porque as agendas estão sempre cheias, né?

**Entrevistada:** É, é verdade! Acabou agora, daqui a pouco já tenho um compromisso.

**Entrevistador:** Pois é, e muito obrigado também pela, pela possibilidade de quem sabe, novas, novas trocas aí, te agradeço muito, viu?

**Entrevistada:** Muito obrigado, tá?

**Entrevistador:** Bom trabalho aí, bom final de semana, até.

**Entrevistada:** Obrigado. Boa tarde pra você também, bom final de semana.

**Entrevistador:** Tchau, tchau. Muito obrigado, até.

**Entrevistada:** Tchau.

## **ENTREVISTA 07**

**Entrevistada: Gal**

**Entrevistador:** Boa tarde, tudo bem? Obrigado pela disponibilidade, viu. Muito obrigado mesmo.

**Entrevistada:** Olá. Tudo certo.

**Entrevistador:** Depois vou enviar por e-mail o termo que passou pelo comitê de ética, ok?

**Entrevistada:** Tá bom.

**Entrevistador:** Bom, a primeira pergunta é meio essa, né? A pergunta em si é o seguinte, eu digo, né. Você se considera uma pesquisadora em Educação Ambiental? Se sim, né, conte um pouco dessa história, dessa trajetória que trouxe assim até esse momento, por favor.

**Entrevistada:** Às vezes a gente fica com certo receio, né, de dizer, de se assumir né, de se rotular como pesquisador, né. E como pesquisadora. Eu tenho uma trajetória já bem, bem grande na Educação Ambiental. Eu comecei, o meu mestrado, não foi Educação Ambiental, eu não trabalhei com um objeto de pesquisa de educação ambiental. Mas já no mestrado eu já tinha algumas ações paralelas em grupos de Educação Ambiental, né? Então, há, eu tinha um projeto de pesquisa realizado numa cidade aqui próxima, que é a [cidade], em que eu participava. Primeiro, participei como membro, como uma pessoa que estava compondo a equipe, o grupo. E em seguida, eu coordenei esse projeto, né? Então, isso foi em torno de 1994, 1995... Em 95 eu já estava coordenadora, então foi antes, então. Meu contato com Educação Ambiental foi em 1992, quando o Brasil todo fazia as reuniões na preparação para a Rio 92, né, e aqui houve. Mas até então, eu participei. E resolvi fazer o doutorado. Então meu doutorado foi em 2000. A partir daí eu posso dizer assim: “bem, agora eu comecei a pensar na Educação Ambiental”. Achava assim, a Educação Ambiental aquilo que eu acho que é educação. Desde o início, talvez porque eu li logo o livro, o livreto de Reigota, logo de início, eu sabia que a Educação Ambiental era uma educação com qualidade, né. Uma educação que promovia o cidadão, né, o indivíduo, o cidadão daquele ambiente dentro, né, fazendo parte e interagindo com todos os elementos daquele ambiente. Não se eu estou divagando um pouco.

**Entrevistador:** Não, mas é isso mesmo.

**Entrevistada:** Mas desde o início, eu pensava assim. A partir daí né, como eu falei, o meu

mestrado não foi trabalhando com as questões da Educação Ambiental, foi trabalhando com o ensino de ciências. Trabalhei, primeiro, com calor e temperatura; então foi com ensino de ciências. Quando, e a partir daí, então, eu já estava sensível às questões da Educação Ambiental. Trabalho de extensão, vários trabalhos, vários trabalhos e divulgando, né, Educação Ambiental aqui em [cidade], em [região] também. Agora, veja como.... Eu tive vários conflitos, né. Por isso que eu digo assim, eu não sei se eu sou uma pesquisadora em educação ambiental. Porque, enquanto processo a gente vai fazer uma pesquisa com as pessoas e com essas mudanças e com a presença de alguns conceitos e com o nível de conscientização que essas pessoas têm, né, com relação à Educação Ambiental. Então considero realmente a Educação Ambiental como um processo. Se pesquisar, ser pesquisadora da Educação Ambiental é ver como as pessoas encaram, como as pessoas estão interagindo com a Educação Ambiental ou estão formando, estão... Aí eu sou [pesquisadora] porque a minha pesquisa sempre visa assim quais são as concepções que as pessoas têm, que os professores têm, como é que esses professores elaboram essas concepções para promover seus alunos, né, a uma conscientização. Não tanto uma conscientização, mas a sensibilização, principalmente né, porque a gente sabe que conscientizar é uma coisa mais difícil, cabe a cada um, né, se conscientizar. Então os meus trabalhos foram mais nesse sentido. Eu trabalho com a educação formal. É um desafio muito grande, você inserir o processo educativo com base na questão ambiental ou tendo como sendo a Educação Ambiental, é um desafio você levar essa proposta para uma escola, porque a escola é toda formal, ela tem todo o sistema e aí então você fica... Eu lembro que em 1995, eu fiquei responsável por uma disciplina lá no departamento de Biologia, em que era estágio em Educação Ambiental, né. Então eu usei várias formas para tentar trabalhar a Educação Ambiental, implementar, né, a palavra seria essa, implementar a Educação Ambiental nas escolas. Então, pequenos projetos, aí eu via que não atendia ao conceito principal da Educação Ambiental, que é a continuidade. Então, um grupo de alunos ia lá fazia o projeto e parava ali. Aí tinha que dar continuidade. Aí outro grupo, vai lá... Aí então eu disse: “bem assim, então agora eu vou começar a fazer eu mesma vou escrever o projeto, eles vão desenvolver esses projetos; quem entra, vai ter que assumir”. Foi o que deu mais certo, né. Então trabalhei com um grupo no manguezal, numa região de mangue. Trabalhei com o projeto, né, em uma comunidade... Esse aí ficou meio “partidozinho”, porque eles iam lá e eu sempre partindo do início, ia perguntar a comunidade, o que é que a comunidade queria, quais os problemas e aí então isso realmente... E na escola foi o grande problema, assim. Tem o sistema escolar, né. Então o aluno chega lá, vai ter que ir para uma sala de aula que nem sempre dá uma sequência naquele do projeto em si. Então, foi meio difícil. Mas nós fizemos uma coisa assim que deu resultado depois, né, assim saiu um resultado mais tarde. Bem, já em 95, 96, eu já era da universidade. Aí então era mais fácil de fazer



alguns trabalhos. E aí eu participei de vários cursos, organizei vários cursos. Consegui o projeto Sala Verde, que também me deu uma margem para a gente trabalhar essa formação de professores nos municípios, espalhei um pouco, né, a Educação Ambiental no estado. E sempre com uma preocupação. Então quando você monta uma Sala Verde... A Sala Verde é mais de extensão. E aí eu percebi que a extensão sozinha não daria conta. Eu teria que ter um grupo de pesquisa. Foi aí que eu montei um grupo de pesquisa, né, para dar suporte às ações da Sala Verde.

**Entrevistador:** Isso em que ano?

**Entrevistada:** E foi realmente foi acertado.

**Entrevistador:** Em que ano que foi que montou o grupo?

**Entrevistada:** Foi 1997, acho, 97.

**Entrevistador:** Ah, perto até, foi perto aí

**Entrevistada:** É, foi mais ou menos isso, porque... deixa eu ver, viu...

**Entrevistador:** E aí, você já estava na universidade, já estava na universidade, mas ainda não tinha o doutorado, era professora, com mestrado, né.

**Entrevistada:** É.

**Entrevistador:** Entendi.

**Entrevistada:** Foi, foi realmente antes do doutorado. Então assim... Não sei se você conhece [nome próprio], conhece?

**Entrevistador:** Não.

**Entrevistada:** [nome próprio] foi um parceirão nessa... Eu tinha recém chegado aqui na universidade e aí nós nos aproximamos, fizemos um trabalho bem legal, bem bacana. Eu estou

aqui pensando, mas foi em 97 mesmo.

**Entrevistador:** Mas, basicamente, assim, a Educação Ambiental, né, naturalmente veio, vamos dizer assim, na tua vida, antes da pesquisa em Educação Ambiental, né?

**Entrevistada:** Sim

**Entrevistador:** E aí a pesquisa podemos pensar nesse momento assim, né... A disciplina de estágio, depois o curso extensão e aí o grupo de pesquisa, aí vai nascendo nesse momento assim, né?

**Entrevistada:** Sim, sim, sim. Eu nunca separei a extensão da pesquisa.

**Entrevistador:** É, justo.

**ENTREVISTADA:** Eu sempre faço, é... Mesmo porque o [grupo de pesquisa], ele ali também propõe encontros, né. Nós temos o [organização], que está promovido pelo [grupo de pesquisa], então é um trabalho de extensão ali. Mas por que que a gente faz isso daí? Porque a gente abre espaço para os pesquisadores, tanto de iniciação científica quanto de monografia, do mestrado, doutorado, ter esse espaço para dialogar sobre a Educação Ambiental. É também um espaço de extensão? É, né? Mas não deixa de ser também um espaço onde os pesquisadores vão colocar suas pesquisas.

**Entrevistador:** Com certeza

**Entrevistada:** Eu nunca tive, assim, um projeto guarda-chuva em Educação Ambiental. Sempre tentei, mas não... Eu tenhoo meu projeto e eu oriento os meus alunos, né, nos projetos que eles têm. E também eu não modifico a forma deles pensarem, assim “O que que vocês querem?” Então é isso, o que é que é viável, como é que a gente caminha, né? Mas eu não tenho, assim, um projeto guarda-chuva que todos vão ser...

**Entrevistador:** Entendi.

**Entrevistada:** Mas, querendo ou não, quando eles me procuram eles procuram para pesquisar professores, escolas, metodologias, né. Então meio que cai naquilo que eu faço, naquilo que eu

venho trabalhando.

**Entrevistador:** E aí o seu doutorado seguiu com ensino de ciências ou aí já inclinou mais para Educação Ambiental?

**Entrevistada:** Foi para a Educação Ambiental. Eu trabalhei a dimensão ambiental na formação de professores de Biologia da [universidade].

**Entrevistador:** Entendi

**Entrevistada:** Dos professores do curso de graduação em Biologia.

**Entrevistador:** Aham.

**Entrevistada:** Então o que eu fiz... Eu olhei, eu acho que é o que você mais ou menos você fez, né. Eu dei uma estudada no nos planos, nas ementas e aí fui vendo quem realmente se aproximava da Educação Ambiental, das questões ambientais e ia, fui lá entrevistar. Foram dez, né. Eu sei que obtive bastante informações, né, eu tive muitas informações para transformá-los em dados. E aí então eu via mais quem se aproximava, quem estava mais próximo, né, da Educação Ambientale como é que eles trabalhavam. Tem uma disciplina na [universidade] que que é “fauna, flora e ambiente” que até hoje eu tenho vontade de dar uma disciplina como aquela, porque a proposta é muito boa. É um trabalho interdisciplinar, porque ele mesmo sendo dentro de uma disciplina que é Biologia, mas você tem a botânica, você tem a zoologia e você tem a ecologia, junto ali, sabe, no trabalho que eles fazem. Eu não sei se eles ainda fazem isso, em 2000 eles estavam fazendo, vai para uma ilha e aí na ilha dividia a turma toda em grupos e cada grupo vai ajudar alguma coisa; depois, eles trocam, no final de noite, né, com os dados, eles vão e trocam. Eu fiquei assim. Mas não encontrei com quem fazer aqui, a minha universidade é pequena, ainda não deu. Mas essa disciplina eu gostaria de dar, de oferecer.

**Entrevistador:** Quando eu estava na graduação, eu fiz uma disciplina que chamava “ecologia de comunidades”, que acho que deve ser semelhante... pelo que a gente fez, era mais ou menos isso. Mas eu fiz enquanto eletiva “fitogeografia e zoogeografia” que foi bem legal também. Mas essa, só o nome já chama atenção de qualquer um que gosta de estudar Biologia, né, “fauna, flora e ambiente” né, certamente. Mas os trabalhos então desenvolvidos pela senhora, de pesquisas, são

mais nessa área, então, na formação de professores, concepção, como você disse, sensibilização, a maioria dos trabalhos, assim, orientandos que você teve foi nisso, né?

**Entrevistada:** Isso, isso. E metodologia, né. Mas é mais isso... é mais a questão de sala de aula mesmo, de como é que as coisas acontecem em sala de aula e, partir daí, como é que esses professores fazem as representações, como é que os professores concebem, né, a Educação Ambiental, as questões ambientais, questões socioambientais, políticas, Educação Ambiental, então são assim, foram os trabalhos, né, que eu orientei. Eu nem achava que eu estava, tanto. que eu tinha tanta orientação assim para estar no grupo tão seletivo aí porque ...

**Entrevistador:** Não, pois é.

**Entrevistada:** Eu não só oriento na Educação Ambiental né, tem outras coisas que eu oriento também. Como disse, eu não seleciono aluno por um projeto guarda-chuva, mas sim pela ideia dele. Então ele quer, então a gente vai atrás e aí eu aprendo mais, porque aí eu vou ter que estudar, meio, correr atrás do prejuízo. Aí aí vou.

**Entrevistador:** De acordo, até para passar o dado aqui, de acordo com a minha pesquisa aqui, né, o banco apresenta trabalhos que você orientou, são dezesseis trabalhos presentes aqui no banco, que foi meio que a nota de corte nossa, quinze trabalhos orientados.

**Entrevistada:** É. E mesmo assim, como eu tenho a característica de não orientar só aquilo que eu já sei, né, aí eu tenho que estudar outras coisas aí, eu realmente...

**Entrevistador:** Dando continuidade aqui... Eu converso com os pesquisadores, né, a gente fala: “ó, tem essa questão da sensibilização, conscientização, tem essa questão da formação dos professores, né, educadores, têm políticas públicas”. E aí eu pergunto, assim: tem algum aspecto dessa temática, né, dentro da temática ambiental, da Educação Ambiental, tem algo que você considera, assim, salutar? É, tipo, mais importante? É claro que tudo tem a sua importância, mas na sua visão, assim, no seu olhar, o que você considera, talvez essencial, assim, né, que não pode faltar quando a gente está falando de Educação Ambiental?

**Entrevistada:** Vou começar com o que pode faltar, viu? E não, o que é...

**Entrevistador:** Que é descartável, assim.

**Entrevistada:** Porque chegou um momento que todo o trabalho de mestrado e doutorado trazia a história, né. É não, minha gente, vamos avançar, vamos avançar. Agora o que é que eu acho salutar, né. Essa visão de mundo de cada pessoa, de cada professor. Porque se esse professor não tiver uma visão de mundo compatível com uma Educação Ambiental, com um processo educativo crítico, né, então não vai adiantar nada, né. Porque a gente vai até ficar repetindo as coisas, achando que está evoluindo, mas está dando uma boa aula de ciências ou de Biologia. Eu acho importante que... e eu sou chatinha em banca para isso, né. Então, quando alguém vem “antes”, não, isso aí é inatingível, isso aí você ainda não chegou no que é que a Educação Ambiental propõe, que é a criticidade, né. E essa criticidade, ela vem com a concepção, com o pensamento, com a mudança de mentalidade dessas pessoas, né. Então assim, ah eu vou mudar minha forma de interagir com o meio. Sim, eu vou levar isso para a sala de aula, mas uma forma mecânica. Os meninos vão colocar o papelzinho no cesto de lixo, né. Mas será que esses meninos, eles desenvolveram uma criticidade? Então, o que eu acho importante, hoje, né, é desenvolver as práticas, coisas que já se faz há muito tempo, mas que essas práticas, elas sejam lincadas ao desenvolvimento do pensamento, com a mudança do pensamento. Então, isso é muito importante. É como encontrar o caminho para a gente pensar diferente, né. Não simplesmente ir lá, fazer e pronto. Quer ver uma coisa que eu acho que já está esgotado? Essa coisa de horta. O que é que é um trabalho de horta? É um simplesmente fazer. Onde é que o menino vai, a criança vai avançar ou evoluir seu pensamento né? Tenho que cuidar da plantinha, tenho que regar, eu tenho que [dar] o meu amor por ela e não sei o quê... Mas e aí, como fica a relação com o meio social? Que é uma outra coisa que eu acho que é muito importante dentro da pesquisa em educação ambiental é inculcar essa questão da sociedade, da não linearidade, de não deixar a coisa linear. Não deixa essa coisa linear né. Então é importante que o professor saiba que existem vários aspectos a serem levados em consideração. Mas não simplesmente: “O que é o meio ambiente? É um conjunto de aspectos sociais, por exemplo”. Isso aí sai da boca para fora. Mas na hora, quando você está trabalhando ali... Como é que você vai articular todos esses conceitos para ter um estudo do objeto mais complexo? Então, essa é uma tarefa difícil. Eu acho que a Educação Ambiental ela vai avançar quando a gente encontrar uma forma de... Bom, ontem uma ex-aluna, agora minha colega, me pediu que eu desse opinião sobre uma oficina que o menino ia fazer. E aí ele vai trabalhar em uma região que tem conflito. O que é que ele vai fazer: para aproximar a problemática aos alunos, ele vai levar um vídeo. Eu disse: “Por que você não leva lá no local?”.

**Entrevistador:** Pois é.

**Entrevistada:** Então, e lá no local mesmo já começa a discussão, né. Por que que vai voltar para a sala de aula? Vai fazer uma nuvem de palavras do que eles viram ali. Sim, mas será que o professor, ele vai ter condição de lembrar? Não, leva lá no local, discute... E outra coisa, por mais que a gente trabalhe a questão do ouvir, né, professor tem mania de falar. E aí a gente escuta muito pouco, né. Então é aquela necessidade de dizer o que sabe e o que é que o menino tem que aprender.

**Entrevistador:** É. É.

**Entrevistada:** Eu já penso diferente, então. Meus alunos, eles.... Eu até tenho isso já... Eu fui professora de supervisão em estágio, e aí eu digo assim: “você tem que fazer uma aula prática e deixar que o menino fala sobre a aula prática, que ele construa o conhecimento ali, a partir dessa aula prática”. Aí ele fazia isso, porque se ele não fizesse, e ele me disse isso com a maior cara de pau, ele me disse isso: “Ó, eu fiz, porque se eu não fizesse a senhora me reprovava. Mas eu fiz isso, e depois eu vou lá e dei minha aula expositiva para sentir segurança”. Por mais que a gente estuda, pode acreditar, por mais que a gente estuda, a gente acha que é dono do saber. Porque eu acho que eu tenho que saber mais do que os meus alunos, né. Isso, eu tenho que é, justamente, esse saber que a gente tem é pra assessorar o aluno a ir desenvolvendo o raciocínio, desenvolvendo a crítica, aquilo ali, crítica nem sempre é uma coisa pejorativa, né. Crítica é você olhar com as indagações. Mas se não fosse assim, se fosse desse jeito, né... Então é você tentar ver além e ver o significado de cada coisa daquele... Que eu acho que falta. Eu respondi a sua pergunta?

**Entrevistador:** Sim, sim, é que, na verdade nos leva...

**Entrevistada:** Se não respondi, diga, viu?

**Entrevistador:** Ah, pode deixar. Que nos leva um pouco a outra aqui, né, porque eu separei aqui uma pergunta que é o seguinte... Essa escolha, né, de ter essa carreira, né, de trabalhar com isso, naturalmente tem relações, assim, com o seu cotidiano, com seus hábitos, né, com seu dia a dia, com atitudes, do jeito que você que você olha, né, entende a vida e o nosso papel enquanto, né, pessoa, cidadão. Então, falar um pouco desse aspecto, assim, né. A maioria das vezes eu estou

colocando isso para os pesquisadores e falo: “pô, dá para separar, né?” Porque a gente imagina que não dá. Então contar um pouco disso, assim, por favor.

**Entrevistada:** Se dá para separar o profissional da pessoa?

**Entrevistador:** É porque é um tema que vem muito, talvez para... cada vez mais para dentro da gente. Não sei também, às vezes vai de dentro pra fora. Às vezes vem de fora para dentro, mas você internaliza aquilo, passa a fazer parte, né, da tua vida. Um pouco dessa relação assim, né. O trabalho e a gente enquanto pessoa, como é que é mais ou menos isso. O trabalho com Educação Ambiental, né.

**Entrevistada:** Acho que você me pegou. Acho que você me pegou, mas eu acho que é mais ou menos isso. Você está ouvindo o barulho das crianças lá fora?

**Entrevistador:** Não, não, não estou.

**Entrevistada:** Não? Tá. É porque eu tenho que deixar a porta aberta pra ventilar um pouquinho e aí está vindo barulho lá de fora, mas tudo bem.

**Entrevistador:** Não, tudo bem, fique à vontade.

**Entrevistada:** Então, veja... Eu acho que eu sou um pouco educadora ambiental nas minhas horas fora da sala de aula. Eu digo uma coisa: festa aqui em casa, pode ter 40 pessoas, mas eu não boto descartável. É tudo... Contrata uma pessoa para lavar, porque, né, não uso descartável. Aqui onde eu moro tem coleta seletiva, aí eu faço. Metade do condomínio adotou a campanha, né, mas muita gente não faz, mas eu faço. Faço minha seleção, meu, coloco meu... Eu gosto de ouvir também as pessoas e dar uma razão para eles, né. Agora, não posso dizer também que eu sou 100%. Tem coisas que ainda não abri mão, de algumas coisas.

Então eu lembro que frequentava no pós doc, eu fiz uma fala que foi, assim, que eu não esperava a repercussão, mas foi muito boa. Porque eu cheguei, falei assim: você. Primeiro, digo, eu não abro mão da minha máquina de lavar, eu acho que ninguém abre. Eu acho que a ciência está aí pra dar este conforto. Agora, o que que eu faço? Eu junto um pouco de roupa e lavo tudo de uma vez. Ou seja, já contribuo, né, reduzindo a quantidade de água e de energia. Na minha casa, moro eu e minha irmã; eu morava sozinha, mas agora estou eu e minha irmã. Não precisa de energia solar,

porque o custo é muito baixo, mas a gente botou a energia solar para reduzir um pouco...

**Entrevistador:** Reduzir o impacto da geração, né.

**Entrevistada:** O impacto. Então são coisas, assim, que a gente avalia não só pela questão financeira, mas também pelo... Costumo dizer que eu não sou... Aí eu dou um exemplo do presente. Você chega lá numa loja razoável, então eles pegam um papelzinho, enrola o presente, depois pega aquele presente enrolado, bota dentro de uma sacolinha, depois bota dentro de uma caixinha e bota mais um saco fora. Ah, quanto material, né.

**Entrevistador:** Ah, pois é.

**Entrevistada:** Aí eu digo, assim, eu ainda não consegui dizer: “ei, pare, pare, pare, pare; basta botar na caixinha que já tá bom”. Ainda não consegui fazer isso, porque o outro que vai receber, se eu entrego um presente bonito, né, geralmente quando você vai dar um presente, parece que a embalagem mais bonita que é mais importante do que o material, né. Aí eu ainda não consegui fazer isso. Só acho que eu só fiz uma vez, assim mesmo porque eu meio que me treinei. Eu disse: “eu vou, eu vou recusar, hoje eu vou recusar”. Eu não falo todo dia assim: recuse, reaproveite e depois, por último recicle, né. Então eu vou recusar aqui para ver se dou conta. Então é... eu tento. Eu tento, algumas coisas eu consigo outras coisas, não. Mas eu sou amante também da natureza, gosto, se me chamar para um passeio no parque, eu vou com o maior prazer. Eu gosto de interagir com esses ambientes. Eu sou mais rural do que urbana, mas também curto as coisas urbanas. Vamos dizer assim, é aquela coisa, assim, se a ciência veio, mostrou e eu posso usar de uma maneira consciente, então vou usar, para o meu bem, né, então. Até que ponto isso pode ir de encontro aos princípios, né, da Educação Ambiental. Mas a própria [nome próprio] uma vez, ela ficou aqui em casa, e ela mesmo diz assim: “não é porque eu estou defendendo que eu vou pregar um voto de pobreza, não; eu tenho que aproveitar, mas eu vou ter que ter consciência de como usar”. Aí eu tenho uma máquina e servi pra ela.

**Entrevistador:** Café da cápsula...

**Entrevistada:** Eu disse: “aqui, cafezinho, você vai adorar”. E ela tomou. E quando chegou na conferência, ela falou que era contra, né, a Nestlé, e não sei o quê, alguma coisa, assim, que tem a ver com a Nespresso. Aí eu disse: “lamento, mas eu fiz você romper com seus princípios; você



tomou café da Nespresso”. São essas coisas assim, né, até mesmo falta de conhecimento. Então, quando eu sei que tal empresa, ela utiliza trabalho escravo ou devastação de ambiente para... Pronto! Tem aquele que tem um animalzinho que ele ficava o tempo todo, ele mudou acho que o Brasil todo, numa posição, porque quando ele ficar naquela posição, ele produzia uma secreção que era importante para fixar o perfume. E essa aí, quando soube disso... não. Quem utiliza esse animalzinho para ficar... Você vai para missa, você fica uma hora da missa porque não tem mais banco para sentar, você fica mudando de perna em perna, né? Fica ali, né? Agora você imagine um animalzinho ficar numa posição o tempo todo para produzir... ou você pegar e injetar uma comida na boca de um pato para crescer o fígado e aquilo ali virar uma comida muito cara.

**Entrevistador:** É. É cruel.

**Entrevistada:** É isso aí. Então essas coisas ainda eu tento evitar, né.

**Entrevistador:** Seria até nessa linha a próxima pergunta nossa aqui, né. Porque eu digo o seguinte... A trajetória mesmo, né, durante o trabalho e anos trabalhando, né, na universidade, todos os projetos, enfim. O caminho pelo qual, os caminhos pelos quais o trabalho, a pesquisa, vai levando alteraram de alguma forma, assim, alguns olhares e percepções? Que é um pouco do que você está falando, né, algumas coisas a gente carrega já com a gente. Outras, talvez, assim, vão alterando, né. A gente vai mudando os olhares no caminho, mas dá pra ter assim, dá para perceber essa influência, né, do que a gente está estudando, pesquisando e de fato fazendo com o que a gente faz fora do trabalho, vamos dizer assim, né? Dá pra gente ir percebendo essa influência?

**Entrevistada:** Então, minha família, meu pai, minha mãe, eles eram, bem, eles não tinham muita instrução, mas eles eram muito conscientes, assim, com as questões. Meu pai era espírita e ele tinha uma forma de ver o mundo. Minha mãe era católica mesmo, mas ela também tinha... Ela educou a gente para, talvez, para economia, para o respeito, né, para o cuidado com os animais, porque quando... Nós nos criamos em uma espécie de uma chácara, que tinha... criava galinha, tudo né. Então, essa relação foi criada, desde de cuidado com os animais; tínhamos cachorro. Então toda essa parte de respeito à vida já vem por parte dos meus pais. Então eu tive essa formação, meus irmãos também, todos pensam dessa forma. Só que na universidade a gente começa a ver mais cientificamente, né. Por quê isso, né, o respeito é importante, é a partir daí que a gente começa um estudo científico mostrando que tudo na vida tem a sua razão de ser. Aí então a gente começa a,

cientificamente, a comprovar algumas coisas, né, e a fortalecer a sua forma de ver o mundo e de se relacionar com ele, né. Então, é lógico, eu aprendi bastante e eu mudei também. Então, já usei descartáveis na minha casa, é muito mais prático porque depois você joga ali fora, se livrou de um trabalho. Já rasguei muito papel também... Ah, tá errado; rasgava, né. Hoje em dia, até mesmo por causa do computador, também, hoje mudou bastante, porque a gente tenha apaga e só vai imprimir... Mas mesmo com o computador e com a impressora, lá no início, a gente imprimia e rasgava. Agora, só no último, está na hora, agora que não vai mudar mais nada, aí que eu imprimo, né, para entregar, para passar para alguém. E fico chateada quando ainda tem um errinho e eu tenho que corrigir. Então dentro da universidade, dentro dos estudos, né, eu mudei, né, mudei. Mas eu tenho uma formação familiar muito forte para mim nesse sentido. Tive, né. Era essa, a pergunta?

**Entrevistador:** É isso. Até porque eu meio que vou tentando relacionar uma com a outra aqui para a gente ir pegando alguns ganchos. Mas, essa questão da escolha pela área, então, né, talvez não pela Educação Ambiental si, mas até antes disso. A graduação que você fez foi Biologia, né?

**Entrevistada:** Biologia.

**Entrevistador:** E aí assim, tem uma memória, como é que é, escolar ou essa questão da infância, do meio onde viveu ali na época de criança e adolescente, teve influência de escola? Como foi um pouco desse processo assim? Aí a Educação Ambiental surgiu, institucionalizada, vamos dizer assim, né, na graduação em Biologia, como é que foi um pouco isso, assim?

**ENTREVISTADA:** Então, eu fiz vestibular para Biologia. Por que? Desde criança que eu queria ser médica. Queria ser médica e... Aí quando eu estudei no Colégio de Aplicação, que é um colégio da universidade, e lá, minhas colegas... Para você tem uma ideia, hoje eu tenho vinte colegas do Colégio de Aplicação que são médicas. E aí elas estudavam mesmo, elas tinham um rendimento melhor do que o meu. E aí eu, assim, desse pessoal eu conhecia quase todo mundo, que era cidade pequena, né, então eu conhecia quem ia fazer do Colégio Arqui, que era de [cidade]. Então, eu disse: “não, eu não vou meter aí agora, porque senão, eu não vou passar em medicina; eu vou fazer Biologia e no próximo ano eu faço medicina”. Aí fiz, passei, dava para ter passado no segundo semestre, mas aí... Quando chegou a hora de fazer para medicina, eu ainda fiz para enfermagem. Passei. Mas, assim... Comecei a cursar, depois eu vi que não era aquilo que eu queria... Aí logo deixei. Eu sempre fui, assim, eu sempre fui muito inquieta. E aí todo curso que aparecia, eu fazia: curso de metodologia, era curso de conceito de educação, de citologia, histologia... Esses cursos,

assim, de especialização, né? Curso de especialização. Aparecia, eu fazia. Aparecia outros cursos aí, eu fazia também, com muitas horas, então eu sempre estava estudando. Era aluna profissional, né. Não trabalhava, só fazia isso, então, dava para me ocupar. Aí, eu fui ver e disse: “vou fazer agora para medicina”. Aí eu digo assim: “Mas, poxa, mas eu gosto tanto de Biologia... Vou ficar aqui na Biologia”. E nessa época eu já fazia, trabalhava, era estagiária, né. Já trabalhava com Biologia, nos laboratórios ou na pró reitoria de pesquisa. E aí então eu digo assim: “não, então não, eu vou ficar por aqui mesmo, pela Biologia”. E eu acho que fiz a opção certa. Então na graduação eu fiz toda a minha formação em professora de Biologia, eu quero trabalhar como professora de Biologia. Terminei. Meu primeiro emprego foi depois que eu terminei. Terminei, fui para o interior trabalhar como professora. Mas querendo ou não, quando você faz Biologia, você tem aquele lado de meio ambiente, né, de trabalhar as questões ambientais, mas não na questão educacional, mas de mostrar para as pessoas que a ecologia é importante. Lembra que eu falei, que que existe diferença entre uma boa aula de ecologia, uma boa aula de Biologia e o trabalho com Educação Ambiental? Quando você trabalha com a ecologia, você informa as pessoas; quando você vai trabalhar com educação, você forma as pessoas, né. Então, modifica a mentalidade, muda a forma de pensar, a visão de mundo, né. Aí no mestrado, eu trabalhei com Piaget, a questão estrutural, conceitual, né, as concepções. E aí a gente para na hora que a criança ou o adolescente entende que conceito é aquele. Que conceito é esse? Através da experiência, através da relação que ele tem com a estrutura. Eu acho que essa é uma parte importante para a Educação Ambiental. Mas ela não para aí. Então se eu fizer isso, estudando o objeto em ecologia, estudando o objeto em Biologia, botânica, zoologia, genética, é uma boa aula, né. Agora, a partir dali, quando leva aquele conhecimento para contextualizar com a sociedade, para levar o aluno a pensar aquilo ali como um problema ou como a solução, aí sim. Aí eu estou trabalhando com a formação de uma nova mentalidade. Aí, quando foi que isso aconteceu? Aconteceu quando eu já estava no mestrado, quando estava fazendo aquele... participando do grupo de pesquisas, o grupo. Era bem interessante... Era interinstitucional. Então tinha o Ibama, tinha a Embrapa e a [universidade]. Eu trabalhava pela [universidade], trabalhava com essa parte da educação. Mas tinha outro grupo dentro da [universidade] mesmo, que trabalhava com questões mais biológicas, né. E tinha também o pessoal da química, o pessoal da Embrapa, que o projeto era deles, né. E o pessoal do Ibama que vinha com essa questão. Mas mesmo assim tinha gente do Ibama que trabalhou comigo na Educação Ambiental. Eu acho que o despertar foi aí.

**Entrevistador:** Aham

**Entrevistada:** O despertar foi aí, porque aí eu fui... trabalhei muito no campo. Procurando ver como é que os problemas... Ó, quer ver outro lugar que também, eu já trabalhei nessa perspectiva... Estava trabalhando os conceitos de ciências, mas eu introduzi a perspectiva da Educação Ambiental... Foi com o ProNEA (Programa Nacional de Educação Ambiental), com os sem terras. Ali eu apanhei demais. Apanhei, porque eu tentava entrar com o argumento, eles vinham com argumento sólido e me derrubava. Foi meu primeiro trabalho, que me desafiou bastante. Então eu digo assim: “meu Deus, como é que eu vou me sair daqui? Dizer, tentar sensibilizar esse pessoal?” Aí não tinha como... “Não... tenho que desmatar mesmo, porque senão, a terra ali, eu tenho que produzir, né”. Essa... eu não tenho argumento... porque os meus argumentos, eram argumentos de livro. E eles não, eles me vinham com o argumento da realidade deles, né. Eu preciso ver isso. Então, ali eu apanhei, eu apanhei... Aí quando eu fui para o Crasto, que aí foi essa outra pesquisa, eu já não encontrei essa resistência. Porque [cidade] fica perto de uma mata e o dono da mata, ele não deixava ninguém tirar a madeira viva, só aquilo, a árvore que caiu então eles tiravam. Só que depois a gente descobre, quando você entra na mata, você encontra as clareiras, né. Quem é que tirou ali? Que aí ele deixa tirar, faz aquela abertura dentro da mata. Então, mas aí eu não estava trabalhando com o dono da mata, eu não estava trabalhando com o fazendeiro, eu estava trabalhando com os pescadores. Que aí eles me diziam assim: “Não, porque tem gente que joga uma bomba e os peixinhos ficam todos tontos e aí é fácil da gente pescar”. Mas meu Deus, que crime, né. Porque vai todo tipo de peixe, que vocês estão pegando aí, vai acontecer que mais tarde vocês não têm mais esse, não vai ter como pescar. É difícil, são coisas assim. Estou falando demais, né?

**ENTREVISTADOR:** Não, não, é isso que eu estou buscando. Porque se a ideia é olhar para a memória, trajetória, acho que... eu gosto desses relatos mesmo. É que eu fico olhando aqui, eventualmente, para ver o que eu posso juntar para puxar outro assunto. Porque se a gente for pensar, assim, em fatores e situações que quase que determinaram a inclinação para essa área, acho que a gente pode falar disso então, né... Esse tempo no projeto seria um desses casos, né. O [projeto] foi o que você entrou trabalhando e depois, passou a coordenar. Foi esse?

**Entrevistada:** Foi, foi esse. Eu entrei como participante, né, da equipe e logo depois eu... Aí eu ainda não era nem professora na universidade; era substituta, se não me engano. Não era efetiva, né, porque eu passei um tempo como substituta. Eu também fui requisitada. Eu trabalhava no estado e no município; eu fui requisitada para lá. Então eu trabalhei também no Colégio de Aplicação. E no Colégio de Aplicação eu já trabalhava com essas questões. Para você ter uma ideia, eu fiz um trabalho que eu ainda nem sabia que era sobre Educação Ambiental e que depois eu aproveitei,

como exemplo. Eu fiz um curso, falei, né, o curso que aparecia, eu fazia

**Entrevistador:** Ia fazendo.

**Entrevistada:** Aí fiz um curso, aí quando eu chegava na escola eu ia aplicar, ainda como estagiária. Porque eu fui estagiária no Colégio de Aplicação, depois fui requisitada e depois eu fui... é, fui requisita. Quando eu entrei, já entrei no departamento de educação. Então, quando eu cheguei na sala de aula, disse: “Não. Então agora nós vamos estudar [cidade]”. Aí dividi [cidade], a questão do saneamento. Aí eu dividi [cidade] em várias regiões: um grupo que foi para o mercado, um grupo que ficou na zona sul, outro que ficou na zona norte e outro que ficou com a [universidade]. A [universidade] não fica em [cidade], fica em [cidade]. Mas era um contra senso da minha parte, eu estar ali naquele meio e não colocar, né, a [universidade] como...

**Entrevistador:** Não colocar, né.

**Entrevistada:** Aí, foram estudar. Resultado? Os outros, foi tudo certinho, porque eles olharam como é que era feita a coleta, se era regular, se não era regular, se havia separação do lixo, né. Falaram com os moradores, né, como é que eles viam aquilo ali; então, viram as reclamações. Aí teve um grupo que foi o mercado... E qual a fama do mercado? É que era um lugar sujo, né. Aí eles foram, na segunda-feira. Aliás, aqui, terminou o expediente, entra a prefeitura com aquele jato de água e limpa. Aí eles foram num dia, que foi na segunda-feira, que estava limpa. Porque feira é sábado, domingo, tem muita gente. Mas na segunda-feira estava limpo. E eles chegaram com uma carinha tão desconsolada. “Ah professora, não tinha lixo. Não teve nada pra fotografar”. Aí eu disse: “É? Então vá no sábado”. Aí eles foram no sábado e voltaram felizes da vida, porque encontraram muito lixo.

**Entrevistador:** Transformou né

**Entrevistada:** Aí, eu digo: “Mas e aí, qual é a conclusão?” Aí eles disseram: “É realmente é difícil você limpar quando está muito cheio de gente e as pessoas não têm ainda essa educação de colocar as coisas nos devidos lugares, né?” Então foi beleza. Agora, o que eu mais gostei foi do grupo que trabalhou com a universidade. Que chegou na lanchonete, a lanchonete tinha uma janela e colocaram um queijo no peitoril da janela e embaixo da janela tinha uma lata de lixo. As mosquinhas... Quando eles chegaram lá, indignados: “Professora, não acredito que eu como

sanduíche naquela lanchonete”. Aí eu disse: “O que que vocês vão fazer?” Aí... pensou, pensou... [eu disse:] “Não, eu quero que vocês deem uma solução, porque isso aí vai prejudicar a saúde de muita gente. Que vocês vão fazer?”. Aí eles pensaram, ficaram de me dar a resposta no outro dia. Aí quando foi na aula seguinte e aí eles disseram: “Professora, olha aqui, ó. Fomos à prefeitura; a prefeitura já autuou a lanchonete, eles vão retirar o lixo do lugar. Eles vão mudar a posição”. Então, quer dizer, é um... alento, né.

**Entrevistador:** Sim, sim.

**Entrevistada:** Foi além. Então, assim... Todo mundo sabe que mosca, tem um caminho que a gente não sabe por onde anda. Ela pode passar por um lugar que não tem nada de sujeira, mas ela pode passar por um lugar, principalmente, quando você tem uma lata de lixo embaixo.

**Entrevistador:** Muito sujo. É, pois é.

**Entrevistada:** Então são experiências, assim... Realmente tem muita memória, viu? Tem muita coisa assim, foram trinta e seis anos de profissão. Desse tempo, dezesseis não foram tanto com a Educação Ambiental, porque eu ainda estava no estado e no município, mas uma parte mesmo, porque quando eu estava no Colégio de Aplicação eu trabalhava... Então, isso que eu queira chamar à atenção. Quando eu fiz esse trabalho de estudo do meio, eu não imaginava que “estudo do meio” era uma técnica, uma prática, né, adequada para a Educação Ambiental. Porque a gente pode utilizar na educação e eu não sabia. Mas depois eu fiquei... Tanto é que quando a gente montou um curso para formação de professores, então a gente coloca o “jogo do mercado”. Já ouviu falar no “jogo do mercado”?

**Entrevistador:** Não.

**Entrevistada:** É [nome próprio]. Pronto! Foi a [nome próprio] que passou para o [nome próprio] e passou para mim. É... Estudo do meio, que é esse aí, quando você divide as pessoas e vão estudar depois. Que que é o princípio também daquela disciplina, “fauna, flora e ambiente” né? Tem a oficina do futuro. A oficina do futuro, é o que esse menino que está fazendo, a oficina, está fazendo e escreveu para que eu desse dar uma olhada. Primeiro você observa o ambiente, depois você... vou botar “levantar” porque eu não estou lembrando a palavra ... Mas você vê quais são os

problemas daquilo ali, depois você senta para ver como resolve e por fim você faz a trajetória, faz um projeto para resolver aquele problema. Só instante, porque eu estou botando aqui, a bateria está...

**Entrevistador:** Tá bom.

**Entrevistada:** É... pronto! Aí, então a gente monta o curso de formação nesse sentido, mas a gente chama atenção, dizendo: “olha, você não pode simplesmente fazer por fazer e deixar parado, não, tem que ter uma resposta”. E a oficina do pão? Que interessante. Que é quando você começa a discutir conceito de educação, conceito de Educação Ambiental... Você tá lá, metendo a mão na massa, está fazendo pão, né. Depois você vai discutindo, vai surgindo, daí você bota o pão lá para assar e aí depois você vem, conversa, vai continua aquela conversa. Depois pega um pão, quando você chega já está com muita coisa, assim... avançada. Muito pensamento avançado, porque existe uma troca entre as pessoas. A atividade do fazer o pão, meter a mão na massa, é uma coisa interessante, então vou buscar também questões relevantes, né, para discussões. É uma coisa assim.

**Entrevistador:** Então assim, acabou que a escolha, né... Estou usando essa palavra, mas nem sempre é uma escolha. Simplesmente as coisas vão acontecendo. Mas tem mais relação com essa potência que você encontrou na sala de aula, né, e desenvolvendo isso com os alunos, para depois ir para a universidade e tal... do que talvez um caminho, assim, né, desde a época de escola ou na época da graduação, porque a Biologia apareceu meio que sem querer, né? A ideia era uma, acabou tornando outra. Então, talvez o grande momento tenha sido isso, né? Formar-se e ir para a sala de aula e entender a possibilidade, sei lá, grande que tinha ali, né, de trabalhar esse tipo de temática na sala de aula, assim... Podemos pensar mais ou menos dessa forma?

**Entrevistada:** Você tem razão, quando você diz, assim, que não foi uma escolha. Eu fui fazendo. Como eu falei, assim, aparece um curso, eu faço; aparece outro, eu faço. E aí eu fui enveredando... Chegou o momento que eu disse, assim: “eu não quero ser...”. Pronto! Quando eu resolvi fazer Biologia, eu resolvi porque o colégio proporcionou um seminário para que os professores, para que os profissionais dissessem o que é ser engenheiro, o que era ser professor, o que era ser biólogo, né. E aí tem uma professora, que ela entrava sete horas da manhã do laboratório e saía ninguém sabe que horas; ela ficava até meia-noite, não sei o quê, e isso me encantou. Aí, a outra professora de genética, essa era de vertebrados, a outra professora de genética, também, quando você

conversava com ela... sabe aquela pessoa que soltava sabedoria, né? Aí também me encantou. Aí eu disse: “vou fazer Biologia”. Agora, passar para Educação Ambiental acho que foi realmente... eu fui abduzida. Mas eu fiz sensibilizada. Ou então quando eu já estava terminando o mestrado, eu já não achava tanta graça, naquilo que eu estava fazendo. Até um dia que eu cheguei para o meu orientador na época: “Mas, por que eu quero saber o que é que esse pessoal sabe sobre calor e temperatura? Vai adiantar em quê?”. Aí assim, então o próximo trabalho que eu vou fazer, que eu for fazer, vai ser a interdisciplinaridade. Vou trabalhar a interdisciplinaridade. Já era um pezinho na Educação Ambiental, né. Vou fazer sobre a interdisciplinaridade. Por quê? Porque eu estou trabalhando com as oitavas séries, que ainda não era o nono ano, era oitava série. Lá eu tenho Química, Física e Biologia, então por que é que eu não junto tudo e trabalho numa coisa só? Mas aí não teve que me orientasse isso aí, deixei pra lá. Que era o doutorado, né. Aí, quando eu entrei na universidade, eu fui trabalhar com o curso de pedagogia. E eu sempre defendi que o professor da Biologia, com o professor da pedagogia, das séries iniciais, eles deviam trabalhar não as disciplinas. Porque, não sei se você sabe, o mesmo professor dando a todas as disciplinas, ele tem duas horas para falar de português, duas horas para falar de matemática, duas horas para falar de ciência, então eu digo: “vou tentar juntar”. Mas é muita gente pra gente mudar a cabeça, então ficou difícil, sabe?

**Entrevistador:** Pois é, vai esbarrando as coisas, né?

**Entrevistada:** É, aí, foi com a Educação Ambiental. Mas aí também, se eu queria é falar para meus alunos, né, o que era a Educação Ambiental, como é que eles iam trabalhar, eu não poderia dar, assim, mudar um pouco, né.

Eu teria que dizer da história, do conceito, da epistemologia, tinha que passar por tudo né. Então foi... as metodologias mais adequadas... E todas as metodologias podem, todas práticas, elas podem ser utilizadas. Mas você tem que ver quando termina, não parar no meio do caminho, tem que ir mais adiante. Agora, realmente, eu não escolhi; eu fui, né.

**Entrevistador:** Só para eu pensar um pouco a linha do tempo aqui, quando você terminou a graduação e foi dar aulas na educação básica, que ano que é? Mais ou menos, assim.

**Entrevistada:** Terminei em 81. Dezembro de 81. Aí em 82 eu já estava em sala de aula.

**Entrevistador:** Quer dizer, até o tempo ali de metade dos anos 90, quando começa uma atuação



mais, assim, concreta, vamos dizer, né, com Educação Ambiental, tem esse tempo em sala de aula que as coisas vão, vamos dizer assim, maturando, né, na cabeça vai... entendi...

**Entrevistada:** Isso. É. Então, mas sempre eu trabalhei nessa questão...

**Entrevistador:** Nessa perspectiva, né?

**Entrevistada:** Porque nessa época já se trabalhava a questão de poluição, de sustentabilidade, né? Já se falava nisso, né.

**Entrevistador:** Sempre naquela perspectiva de que, tipo, aula de ecologia não é só conceito, né...

**Entrevistada:** Isso. É, era. Eu tentava fazer uma boa aula de Biologia. É, mas eu não tinha preocupação de sensibilizar, né. Eu tinha de informar os problemas que a atitude do homem pode causar. E sempre com aquela ideia de que o homem é que está acabando, que não sei o que, não sei o que... Hoje eu já penso diferente, eu vejo, assim, que o homem, ele pode destruir, mas ele também pode construir. Então... Teve uma época, até mesmo lá na [universidade], que eu fui entrevistada, aí eu disse: “Não, a coisa já tá mudando, as pessoas estão mudando e eu acredito na humanidade. Eu acho que vai mudar”. Tem coisa ruim? Tem. Tem muita coisa ruim? Tem. Tem coisas que a gente nem acredita no que o ser humano é capaz de fazer, um negócio desse, né? Mas tem muitos outros seres humanos que estão fazendo coisas boas, e estão sensibilizando.

E as escolas hoje também já levam, já estão inserindo de uma maneira, talvez, porque é moda ou... mas eles já começam a inculcar, né, no aluno uma nova forma de se relacionar, né. Então, ou mesmo pelo achismo ou porque o momento pede. Mas alguns professores já dizem: “Olhem, vocês têm que ter esse tipo de comportamento para o futuro, né. Vocês terem isso, aquilo...”. Tem criança que chama atenção de pais, viu?

**Entrevistador:** Pois é.

**Entrevistada:** “Ô papai, você fez isso errado”. Aí eu acho legal. E chama atenção principalmente de professor. Eu tenho, lembro que eu, como aluna, né, tinha uma professora que ela fumava bastante e ela fumava e botava as pitoquinhas, assim, não botava no lugar certo. Eu sei que nossa turma chamou a atenção dela. Dissemos: “Professora, isso não é comportamento, né”. Aí, primeiro falou com ela. Mas, eu estudei em um colégio diferenciado. No Colégio Aplicação era uma turma

de trinta alunos, né, que tanto [os alunos] tinham acesso aos professores, como os professores tinham acesso aos alunos. Então a gente tinha uma relação também de respeito, mas também de desrespeito, como todo adolescente quando resolve aprontar. Imagina, tinha uma professora, a professora [nome próprio], né. Ela era bem velhinha, bem velhinha. Porque quando ela faleceu eu já era professora, já estava quase me aposentando. Então ela era frágil, né. Eu sei que os meninos fizeram um jeito lá dela cair da cadeira, botaram em falso, mas ela não se machucou, não. Mas é uma falta de respeito. É uma brincadeira, uma brincadeira de muito mau gosto, né. A gente imitava um professor de matemática que oprimia a gente ao máximo... [risos]

**Entrevistador:** É... nós estamos caminhando aí para o para o final, pelo menos, do nosso roteiro aqui, né. Mas ainda tem algumas questões. E aí eu tenho uma pergunta, assim: como que você enxerga um pesquisador em Educação Ambiental, né? Assim, enquanto pesquisador, profissional, pessoa. Aí quando eu trouxe isso para outros pesquisadores com os quais eu conversei, eu dizia o seguinte: a ideia não é, assim, um rótulo, “ah, tem que ser assim”. Mas, talvez, por trabalhar no meio por ter contato com outras pessoas que também trabalham nesse meio... Tem alguma coisa, assim, que você enxergue. Eu pergunto, para tentar me ajudar nesse processo de mais ou menos delineamento, assim, de um perfil, né. E às vezes, falei para outras pessoas também, às vezes falam coisas que teve gente que me respondeu assim: “ó, eu não sei como é que é um pesquisador em Educação Ambiental, mas eu entendo alguma coisa que ele não tem que ser”. E ele falava lá o que ele acha que não. Naturalmente, assim, tem alguma coisa nessa linha, assim, como você, não vou dizer definiria, porque, de novo, né, não é um rótulo, mas enxergaria, assim, um pesquisador, uma pesquisadora?

**Entrevistada:** Eu vou dar dois exemplos, que eu acho que são pesquisadores de Educação Ambiental. A [nome próprio], né, e o [nome próprio]. Acho que os dois. O que é ser pesquisador de Educação Ambiental? É aquela pessoa que mergulha mesmo nas questões e que defende... Como eu posso dizer, que que é ser professor de Educação Ambiental? Eu gostaria, aí é uma coisa. Eu gostaria que os professores, que os pesquisadores, eles não fossem preconceituosos, eles não fossem arrogantes. Mas é a coisa mais difícil. Então todos eles querem mostrar, saber né, querem saber mais do que o outro. E o pior que o discurso é diferente da prática, né. Então, em termos de, enquanto pessoa, né, então eu vejo, assim, que tenho vários colegas que não se dão com o outro justamente por isso, porque eles querem delimitar o espaço da sua sabedoria, do seu conhecimento. Então isso para mim, não. Agora, é difícil. Como eu te falei no início, né, como Educação Ambiental para mim é um processo, né, então, a gente estuda, pronto! Ah, como é o nome dela,

que eu esqueci? Era [nome próprio], não tenho certeza. Eu esqueci o nome dela. Uma pessoa que eu amava, gostava demais dela. Ela, ela falava assim: “Ser pesquisador em Educação Ambiental é você estudar tudo, é ver todo. Como é que aquela coisa está acontecendo - ela não usou “coisa”, não; ela usou outra palavra - está naquele meio, naquele contexto, né”. Então, é você tentar dialogar com os vários aspectos em que aquele objeto está sendo inserido. E nesse caso, como você trabalha com o processo, então você vai ver o quê dentro do processo você vai pesquisar, né. Então, o comportamento, a ética, o uso, o respeito, os valores, né. Então, quando eu penso em um pesquisador em Educação Ambiental, eu penso um pesquisador de valores. Então, quais são os valores que eu vou discutir aqui, né. Então, não preciso botar a terminologia de valores, a denominação de valores, mas eu sei que eu estou estudando a forma como esse indivíduo está se relacionando, né. Porque a gente estuda o indivíduo, não estuda a cabeça do indivíduo, não estuda o processo assim. É meio complicado pra mim dizer... Mas é assim que eu penso...

**Entrevistador:** É. A gente sistematiza tanto, né, educação, natural, às vezes precisa, né. Mas tem hora que a gente perde... assim, não perde, mas desliga um pouco dessa perspectiva que um processo educativo é um processo essencialmente humano, e aí caminha, como você disse, né, de forma não linear. Então a gente está sujeito a essas mudanças também, né.

**Entrevistada:** É, então. Quando eu digo: “eu vou pesquisar Educação Ambiental”. Eu vou pesquisar a pessoa, porque a Educação Ambiental só acontece na pessoa.

**Entrevistador:** Exato.

**Entrevistada:** Então, aí. Mas é importante que a gente faça pesquisas teóricas, por exemplo. Os conceitos, a epistemologia... Então é importante a gente pesquise isso também, como é que a coisa acontece. Mas quando, digo assim, é Educação Ambiental, é pesquisar pessoa, como essa pessoa está inserida naquele ambiente.

**Entrevistador:** É, pois é.

**Entrevistada:** É complicado para mim. Eu não vou dizer que estou certa, não.

**Entrevistador:** É. Mas pelo menos a minha perspectiva aqui, tentando me tornar um pesquisador,

é meio essa. Eu não me enxergo, sinceramente, fazendo um trabalho muito diferente, assim... Me envolver com pessoas e poder escutar esses relatos... Não é o que eu pensei quando eu entrei no mestrado, para ser sincero. Mas foi algo que foi caminhando com coisas que eu me interessei, assim, tenho curiosidade e gosto de fazer.

**Entrevistada:** Então, esse trabalho que você está fazendo agora é uma pesquisa em Educação Ambiental, porque você está querendo saber como é que eu penso a Educação Ambiental, né. E a partir de como eu penso a Educação Ambiental, você vai formular alguma coisa sobre o que é essa Educação Ambiental. E você daí... é doutorado, né?

**Entrevistador:** Mestrado

**ENTREVISTADA:** Mestrado. Então no doutorado você já vai fazer alguma coisa que... Rapaz! Então é muita coisa, viu.

**Entrevistador:** Pois é, né?

**Entrevistada:** Está de parabéns! Mestrado com esse volume de informação... Está de parabéns! Então quando você for fazer o doutorado, aí você já vai se apoiar em tudo o que você aprendeu agora, que você estudou agora, pra fazer algo que você está querendo, que é estudar a cabeça de alguém. Ou a mudar o pensamento de alguém, mudar a mentalidade. Como eu vou mudar, né? Eu sempre tive como pano, não sei se é pano de fundo, eu sempre tive como orientação principal, a Declaração de Tbilisi. [nome próprio] até quase me mata - “mas não é possível” - porque tem tantos outros trabalhos, né, recentes, né. Mas eu digo, assim, foi lá que eles definiram o que é a Educação Ambiental: uma prática social contínua, né. Ele tem que estudar o objeto como um todo, através da interdisciplinaridade, ou numa perspectiva interdisciplinar; não falava nem em interdisciplinaridade. Então, como ele fala interdisciplinar, eu digo, assim: se você trabalhar numa perspectiva multidisciplinar, está valendo, porque você está vendo. Paulo Freire mesmo, o Paulo Freire, ele trabalha com o tema gerador. Ele não trabalha com interdisciplinaridade, mas ele junta uma ciência com outra, né, para ter uma visão do objeto um pouco mais complexa. E tem uma função. Para que que eu quero saber? Para que que eu quero conhecer esse objeto de maneira complexa, através da interdisciplinaridade? Para que que eu quero saber isso? Para ter ação de sustentabilidade. Então afinal, qual é a função? É sustentar. O que é ser sustentável? Então, para mim vai ter vários conceitos, né. Então, eu. Então, eu quero estudar violência na favela, né? Mas o que é sustentável para mim? É acabar com a violência. Como é que eu faço para acabar com essa violência na favela. Ah, eu quero manter os peixes no rio. Como é que eu vou manter? Acabar

com a prática da pesca predatória. Bom, acabar com algumas práticas que prejudicam a permanência ou a perpetuação das espécies ali.

**Entrevistador:** Sim, sim, é. O jeito que eu finalizo a conversa aqui, que eu ia trazer é justamente esse. Eu pergunto assim, se tem alguma coisa nessa linha de memória, trajetória, perfil, né, que você gostaria de falar, que eventualmente eu não trouxe, né, não dei nenhuma “deixa”, assim, não perguntei. Peço um socorro, falo: “eventualmente eu posso entrar em contato caso eu tenha alguma dúvida e tal...”.

**Entrevistada:** Pode, pode.

**Entrevistador:** Meio nesse sentido. Então, se tem alguma coisa que você queira falar, porque das perguntas que eu tinha para trazer, é isso mesmo. Mas tem algo nessa linha, né, que a gente conversou, que você queira acrescentar, por favor...

**Entrevistada:** Já notou que eu falo demais, né?

**Entrevistador:** Ó, mas para mim está bom desse jeito também. A transcrição dá trabalho, mas depois rende bastante coisa.

**Entrevistada:** Vai dar, vai dar trabalho porque eu não só falo sobre o objeto, mas também isso acontece também na aula. Isso qualquer lugar. Eu começo a falar, daqui a pouco já pensou de outra coisa, já dou um exemplo, não sei o quê, então eu sou bem, isso. Não sou formal, não sou formal. Mas aí eu sei que na fala algumas coisas podem não ter dado sentido. Até mesmo porque esse negócio de você parar para pensar, né. Você fica à vontade, o que você não entendeu, você pode... e se tiver alguma outra pergunta, assim, que apareceu nas outras em que eu não abordei, você diz: “olha, com relação a isso, como é que é?” Procurei lembrar de tudo, né, de como é que foi. Mas até cronologicamente, eu acho que algumas coisas eu posso ter mudado de lugar, por exemplo, quando a Sala Verde foi criada. Eu disse 2007, não foi?

**Entrevistador:** Acho que foi.

**Entrevistada:** Foi 97. Mas eu acho que não... Foi 2007. Acho que foi 2007 foi quando eu voltei do... Agora, então, é justamente isso que eu fiquei sem lembrar, porque antes... Ah, tá... foi 2007 mesmo, viu? Pode corrigir, não foi 1997 não, foi em 2007. Eu vou explicar porquê. Eu estava fazendo uma relação com o tempo que eu trabalhei na pró reitoria de extensão. Mas quando eu

trabalhei, antes do mestrado, antes do doutorado, eu trabalhei na pró reitoria com o PAS, programa de alfabetização solidária. Trabalhei um outro programa do governo, e por conta disso, né, eu meio que... Porque, assim, porque um dos fatores que me fez a formação foi trabalhar na extensão. E aí, então, me deu uma certa folga para ir para o doutorado. E aí foi quando eu voltei do doutorado é que eu criei o [grupo de pesquisa], criei a Sala Verde, a Sala Verde também é um programa nacional. E eu lembrei de outra coisa aqui. Tem o PIBID, de formação professores, então, no meu departamento, cada professor que era coordenador, ele tinha uma área, tinha um projeto. Então o meu projeto no PIBID era também um projeto de pesquisa e era voltado para as questões do meio ambiente. Era educação, formação de professores, mas eu sempre... E quando reunia todos os pibidianos, os alunos, para formação geral, eu era encarregada pela Educação Ambiental, né, de fazer o trabalho. Tem outro professor que era de tecnologia, e outro professor que era de gêneros, linguagem e gêneros. Então sempre... A partir de quando eu entrei na universidade, porque eu entrei na universidade, eu era ainda mestre, depois que eu saí para ser doutora. Mas quando eu entrei já na universidade, eu já entrei com esse viés na Educação Ambiental.

**Entrevistador:** Aham

**Entrevistada:** Eu entrei na universidade em 1997. Meu mestrado foi de 94 a 96. Em 95 eu era substituta. Em 97 eu entrei efetivamente já como mestre. Então eu já trabalhei nessa perspectiva da Educação Ambiental, porque eu já tinha sido fisgada, né, pelo projeto em 95.

**Entrevistador:** Pelos trabalhos...

**Entrevistada:** 94 ou 95.

**Entrevistador:** Bom, acho que acho que é isso. Muito obrigado!

**Entrevistada:** Eu que agradeço